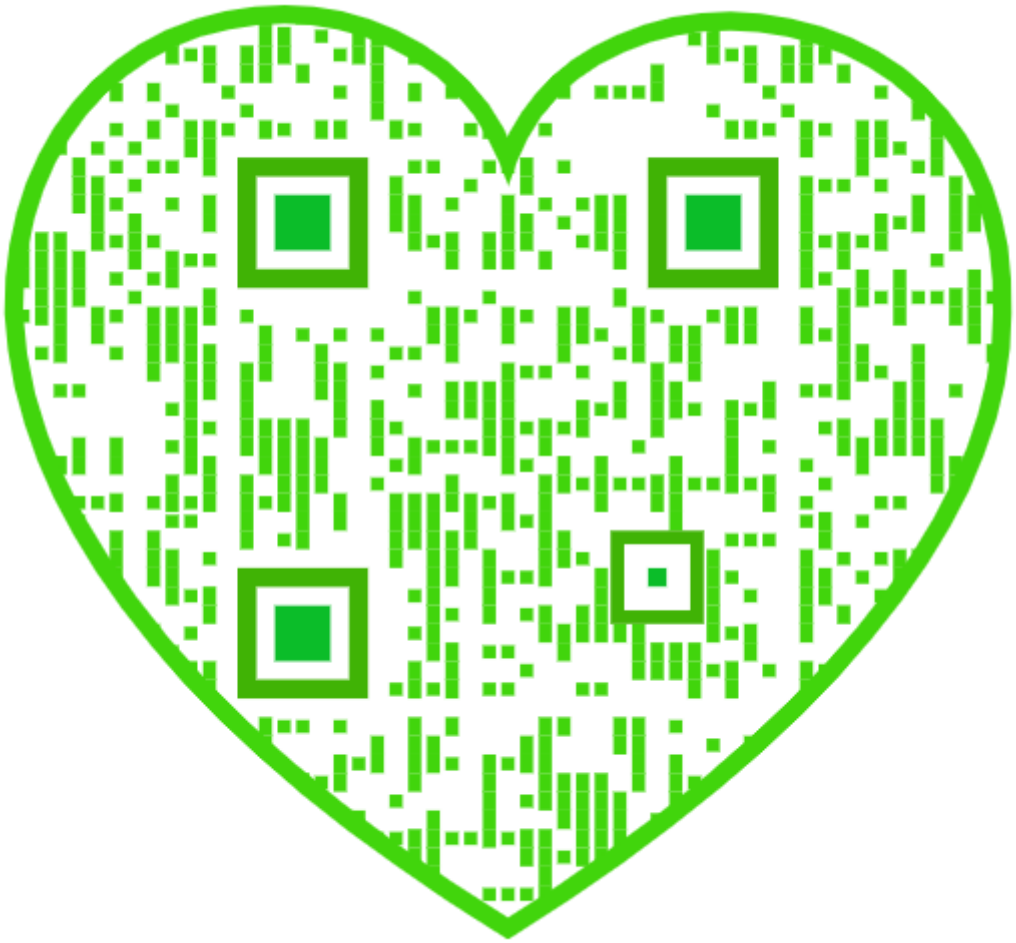
ANGELA MORRISON

O AMOR PODE ACOMPANHAR SEUS PENSAMENTOS PARA SEMPRE,
COMO UMA LINDA CANÇÃO,
REPLETA DE SAUDADES.

cante para eu dormir

PandorgA



Cante

para eu dormir

Prólogo

Nossa, como é feia

As primeiras palavras do meu pai biológico quando me viu. É a única imagem que tenho dele. Uma figura indistinta debruçada sobre minha mãe, que vestia uma camisola de hospital e segurava um pacotinho embrulhado em flanela nos braços.

Ela é muito feia, Tara. O que foi que você fez?

Como se ela tivesse comido ou bebido alguma coisa estranha que me fez nascer vermelha, empolada e com uma mancha roxa na testa. Sem cabelo. Cabeça cônica, por causa do parto. Meu rosto de bebê contorcido e gritando para ele.

Mamãe não o odiava tanto a ponto de contar-me essa história. Ela não fala sobre ele — não comigo. Ele tocava em uma banda de rock. Não dessas famosas. É tudo que sei. Mas vi a foto. Está em nosso álbum de família, com minhas outras fotos de bebê. A única em que ele aparece. Mas o ódio da minha mãe era suficiente para contar a história inúmeras vezes para a irmã dele, sua melhor amiga desde o segundo grau, sempre que o nome do meu pai vinha à tona.

É minha primeira lembrança nítida. Estava empilhando potes de creme *chantilly* e margarina no chão da cozinha e ouvindo mamãe falar ao telefone, sintonizando na intensidade silenciosa de sua voz.

— Nossa, como é feia. Nosso lindo bebê. Foi só o que ele disse.

Eu era o lindo bebê dela. Chamava-me assim o tempo todo.

Linda? Agora eu sabia a verdade. Eu era feia. Muito feia. Não me admira que ele tenha ido embora. Nem olhou para trás. Não viu sua filha feia construindo uma torre de contos de fadas com potes de plástico brancos e amarelos, e cantando baixinho a primeira música que ela mesma compôs.

Co-omo é feia, co-omo é feia.

Ao menos sei cantar. Puxei ao lado da mamãe. Posso não ter a aparência de um pássaro canoro — pareço mais uma cegonha —, mas se você fechar os olhos, vai achar lindo.

Capítulo 1

A oferenda

Droga. Tem um calouro nu, acorrentado ao meu armário.

Não. Não está nu. De cueca.

Uma cena nada bonita, garoto. Pernas finas e brancas, peito magro, braços tremendo. Meias pretas. Talvez sua mãe não tenha lavado as roupas durante as férias de primavera, e ele só tinha isso para vestir hoje.

Uma corrente de bicicleta coberta por um plástico verde-limão passa pela maçaneta do armário, desce pela cueca do pobre garoto até a perna e sobe, prendendo-se com força. Ele podia escapar se quisesse correr despido na frente de todos.

Risos abafados atrás de mim. Eu não me viro. É o que eles querem. Os sons multiplicam-se. Amplificam-se. Ganham a dimensão de uma plateia.

Eu não desconfiei de nada ao andar curvada pelo corredor, afundada em uma calça Levi's e um blusão de moletom largos, os

olhos acompanhando as linhas regulares do piso, escondida atrás da minha cabeleira castanha e crespa, com uma expressão rígida no rosto, só para garantir.

Meu percurso estava estranhamente calmo. Nenhum garoto apareceu de repente para mandar-me "tirar minha cara horrível" do caminho. Ninguém gritou: "Protejam-se. A Fera está solta". Nenhum gemido de animal agonizante ecoou dos armários enquanto eu passava. Só silêncio. Um silêncio mortal. Pensei que hoje tinha escapado. Devia saber. Os caçadores estavam preparando o ataque.

Mas não fui à única que atacaram desta vez. Olho para o garoto trêmulo.

— Eles o machucaram? — Sem querer, toco seu braço de leve.

Ele recua, olha para o ponto em que encostei como se fosse explodir em chamas ou transformar-se em pedra e virar poeira. Não posso culpá-lo. Afinal, sou Beth, a Fera. Alta demais para ter uma postura ereta. Pele e osso. Rosto cheio de espinhas. Olhos saltados e aumentados pelas lentes "fundo de garrafa". Tirei o aparelho há três anos, mas nunca mostro meus dentes brancos e alinhados. Só os caninos, compridos e amarelos. Pingando sangue.

— Eles mandaram — o garoto estremece e engole em seco — dizer a você que eu sou a oferenda.

Eles. Ambos sabemos quem são *eles*. Colby Peart, Travis Steele, Kurt Marks. Os Cavaleiros. Não devia ter quatro? Acho que está na

Bíblia. Irônico. Não há nada bíblico em Colby e seu séquito de atletas veteranos que mantêm o colégio Port High School sob seu domínio. Apocalípticos? Funciona. Mas o fim do reinado está próximo. Os veteranos vão se formar. A não ser que, por um movimento doentio dos dados e do destino eles sejam reprovados, no próximo ano estaremos livres. Os Cavaleiros vão cavalgar em direção ao pôr do sol. Espero que os guerreiros ocultos atrás das colinas os alcancem e acabem com eles.

O garoto está falando de novo. A turma atrás de mim, perto o bastante para ouvir.

— Disseram que a Fe..., que você exige um sacrifício — estremece novamente e olha para o chão. — Toda lua cheia.

A multidão urra. O riso deve ser saudável, edificante. Mas não em Port, Michigan.

— Tudo bem. Ia dar uma tapinha no ombro dele, mas me contive. — Vamos pedir ao Sr. Finnley que corte a corrente.

Ele não cala a boca. Levanta a cabeça e faz uma careta para mim.

— Falaram que você me arrastaria para sua toca.

Mais risos.

O calor toma conta do meu rosto, e eu resmungo:

— Não como calouros no café da manhã.

— Comer? — confuso, ele chega a juntar as sobrancelhas. — Não é isso que eles disseram que você faria.

A baderna aumenta atrás de nós. Parece que metade da escola está abarrotando o corredor.

Não virei para olhar.

— Não vou machucá-lo.

— Pode me nocautear primeiro?

As risadas cruéis e escarnecedoras ricocheteiam pelo corredor, batendo nos armários de metal.

O garoto deve ter engolido cada palavra da lenda da Fera. Sou um gigante. Abominável. Mas uma besta enlouquecida que violenta calouros esqueléticos?

Levanto as mãos e recuo.

— Pegaram você, tudo bem. — Meus olhos ardem. — Eles me pegaram também. Você está salvo. — Viro para trás e tento abrir caminho entre a muralha de corpos inflexíveis para procurar o zelador. Meus olhos estão embaçados. Droga.

Não se descontrole. Não se descontrole. Não se descontrole.

— Com licença. Por favor.

A parede ondulante de gargalhadas continua firme.

Então vejo a cabeça do senhor Finnley. Scott está lá também, conduzindo-o em meio à aglomeração de alunos. Engulo com dificuldade.

— Sinto muito, Beth. — Scott morde o lábio. — Eu queria acabar com isso antes que você chegasse, mas o garoto não quis deixar a cueca.

— Tem gente demais aqui. Vocês não tinham que estar em suas classes? — o senhor Finnley olha furioso e todos voltam correndo para as fendas e os bueiros de onde saíram. O "Finnster" balança a cabeça e começa a cortar a corrente. — Terei que fazer um relatório.

Era só o que me faltava. Outra sessão na diretoria. Perguntas que não sei responder. "Quem fez isso?" Silêncio. "Quem você acha que fez isso?" Quem você acha que fez isso? Todos sabem. Colby e seus clones estão por trás de toda a imundície que acontece aqui. Ninguém diz nada. Temos mais uma palestra sobre bullying. E tudo continua igual.

Olho para baixo e vejo o fichário que estava levando para a primeira aula. Rabisquei as palavras, mas sei o que está escrito:

Suas palavras

Por que elas me definem?

Por que acredito em você?

Seu rosto,

Seus lábios e seus dedos

Não os despeje em mim.

Sou de carne, osso e sangue,

Não de barro para ser triturada

E queimada no fogo

Que seu ódio faz arde,

Assim como as garotas bonitas,

Precisa de um refrão mais otimista. Não consigo criar nenhum grunhido assim para completar a equação. Nem a melodia. Só essas poucas linhas que me fazem soar tão zangada. Acho que estou zangada. Mas não quero que todos saibam. Estou acostumada a apagar, queimar, rasgar, esconder, sofrer. Sempre volto para o "Co-omo é feia, co-orno é feia" e permaneço lá.

O fim do ano não chega rápido o suficiente. Se andar na ponta dos pés no ano que vem, conseguirei respirar. Como quando eles terminaram o ensino fundamental.

Scott lê meus pensamentos.

— Faltam só três meses, oito dias, treze horas e vinte e nove minutos para a formatura deles.

— Por que você me ajuda? — Scott e eu éramos grandes amigos na pré-escola, e ficamos na mesma classe novamente na terceira série. Ele era magrinho, e no almoço tinha que ir à enfermaria para tomar um remédio contra a hiperatividade. Eu já era mais alta que os outros e usava óculos redondos e grossos, que me faziam parecer um bebê cabeludo que crescera demais. Meu cabelo era curto na época. Cortá-lo agora? De jeito nenhum. Onde eu me esconderia?

Scott não tem que se esconder. Não precisa me ajudar e condenar-se a pertencer eternamente ao grupo dos perdedores. Ele é bonitinho desde que ficou livre das espinhas. Acho que ele não percebe. Continua baixinho, capitão nos concursos de perguntas e respostas, enfim, um *nerd*. Ainda é meu amigo.

Ele dá uma risadinha, indiferente, abnegado, um perfeito Clark Kent.

— Não faço mais Educação Física. Não podem roubar minhas roupas e jogá-las na privada.

— Mas podem machucá-lo.

— Você está preocupada? — Ele dá um tapinha em meu ombro.

— É muito gentil, Beth. Vejo você no coro.

Coro. Coro da escola. Não o meu verdadeiro coro, em Ann Arbor. Não o coro para o qual implorei que mamãe me deixasse fazer um teste quando tinha 13 anos. Não o coro só de meninas que participa de competições, no qual me sento discretamente no fundo e

acompanho os contraltos. Não aquele que me faz dirigir cento e sessenta quilômetros, atravessando o trânsito de Detroit no horário de pico pela 1-94 todas as terças e quintas, para ensaiar em uma igreja gelada. Não é as Cantoras da Juventude Bem-Aventurada de Ann Arbor. O coro para o qual vivo. O coro que me afasta do que sou e me leva para o que desejo ser. Bonita? Acho que sim. Não é o que todos querem? Provavelmente querem amor, também. Vivo com tanto ódio que nem sei ao certo o que é o amor. Não vejo nenhuma dessas possibilidades em meu horizonte.

Scott está falando do coro esforçado de nossa escola. Uma espécie de piada. A Banda Marcial é a toda-poderosa aqui. Mas o coro faz sua parte. Nota A, sem dificuldades. Música é música. Cantar é cantar. Uma trégua na loucura. Atletas veteranos não são permitidos. Em uma escola de quase dois mil alunos, há apenas oito meninos no grupo, por isso fico ao lado de Scott e canto com os tenores. Minha voz baixa é muito boa e eu tenho a audição aguçada, portanto as partes da leitura à primeira vista saem naturalmente. Consigo cantar alto também. Posso cantar tão alto quanto qualquer pessoa se quiser. Ajudo os sopranos e contraltos quando passamos as vozes. Eles ficam desolados quando volto para os tenores.

Scott não sabe cantar, mas tenta. Uma vez perguntei por que ele participava do coro. Todo garoto que se inscreve é instantaneamente rotulado de *gay* por Colby e seus "soldados"; e pelo resto da escola.

Scott ficou meio vermelho.

— Para ouvir você cantar.

Essa provavelmente foi à frase mais amável que um garoto já me disse. Não que ele estivesse sendo sincero.

Entrei na brincadeira.

— Tenha cuidado. — dei um cutucão em seu braço. — Você vai destruir sua reputação.

Ele ficou sério.

— Não sou gay, Beth.

— Eu sei, claro que não.

Ele ia dizer mais alguma coisa, mas apenas balançou a cabeça e foi embora.

Eu o desafio a dizer que não sou feia.

Bom, voltando a esta manhã. Scott já está na metade do corredor, mas eu o alcanço com facilidade. As pernas compridas das bestas avançam rapidamente.

— Obrigada, Scott. De verdade. A escola seria um inferno sem você.

Ele estica o braço como se estivesse acompanhando uma é princesa em um baile.

— Foi um prazer, madame.

Uma risada fraca e trêmula sai da minha boca. Ponho o braço em cima do dele e deixo-o conduzir-me pelo corredor, grata pelo apoio.

Ele sorri para mim. Também está sem aparelho. Dentes recém-branqueados. Um pouco ofuscantes.

— Imagino o que as pessoas pensam ao ver-nos andando juntos. — eu rio, com mais força desta vez.

— O Belo e a Fera. O doutor Namar fez um ótimo trabalho em seu rosto — vamos ao mesmo dermatologista. Até agora o milagre da pele lisa não aconteceu para mim. Mas o doutor Namar continua tentando. Diz que ficarei com poucas marcas. Mas eu tenho olhos.

Scott para e olha para mim. Tem uma expressão sonhadora no rosto.

— O Belo e a Fera? Então se dançarmos a luz da lua...

— É melhor você trazer um banquinho.

— Como aqueles de rodinha, da biblioteca?

Perfeito. Importa-se se eu conduzir? Então me sinto urna boba. Uma menina gigante estorvando o doce e pequeno Scott. Solto seu

braço e sigo em frente, cabeça baixa e introspectiva mais uma vez. Os ombros curvados como sempre.

Scott abre caminho aos empurrões para alcançar-me.

— O que quero saber é — ele segura meu cotovelo para impedir- me de continuar andando — se eu a beijar quando a música parar, — fica na ponta dos pés e sussurra em meu ouvido — você será minha princesa encantada?

Solto um muxoxo.

— Continue sonhando. Nenhuma mágica pode consertar isso. — recolho-me ainda mais em minha caverna bestial.

Scott sorri.

— Não me importaria em fazer uma experiência.

Não gosto quando ele age assim.

— Você não vai querer desperdiçar seus lábios virgens comigo. Pode arranjar coisa melhor para dar uns beijos. Vou para a aula. — *olhe-se no espelho.*

Ele vem correndo ao meu lado, com cara feia.

— Queria que você esquecesse essa coisa de aparência.

Faço cara feia também.

— Olhe para mim, Scott. — divido meu cabelo com as duas mãos e afasto-o do rosto o bastante para proporcionar-lhe uma boa e

assustadora visão. — Como eu poderei algum dia, esquecer essa coisa de aparência? Sou a Fera.

— Se acreditar nisso, eles terão vencido.

— Acorde. Olhe em volta — cruzo os braços, tentando controlar a reação atrasada que me faz estremecer — eles já venceram há muito tempo.

Capítulo 2

A feiosa do contralto

Scott não está no coro,

Procuro por ele depois da aula.

Sem sorte. Tenho prática no Cantoras da Juventude em Ann Arbor, não posso perder tempo. Mas preciso falar com ele. Sei que ele está tentando ser simpático, mas ouvi-lo dizer coisas sobre beijos e danças dói mais que ver "A Fera" pintado, com spray verde-claro no porta-malas do meu Ford laranja.

Queria ser beijada tanto quanto qualquer outra garota de 17 anos. O gênio da feiura deu-me uma grande quantidade de hormônios. Mas por que vou pensar nisso? Quando tiver 40 anos, algum careca cego pode apaixonar-se por mim. Minha visão é péssima, então teríamos isso em comum, algo em que poderíamos basear nosso relacionamento. Sou repugnante demais até para ser tocada por um cara que enxerga. Li em algum lugar que o pico sexual das mulheres ocorre aos 38, portanto vai dar certo para mim.

Podemos nos casar e ter filhos feios e cegos. Nem me importarei se ele for gordo.

Gosto de crianças. É triste que mamãe não tenha se casado novamente e tido mais filhos. Às vezes fico pensando se ela ainda ama meu pai depois de tanto tempo, de tanto sofrimento. A única coisa que lhe restou em tudo isso fui eu. Não foi um prêmio muito bom. Uma irmãzinha para cuidar teria sido legal. Trabalho na biblioteca durante o verão. Um monte de bebês e mães exaustas. Tentei ajudar algumas vezes, mas as crianças se assustaram. Seria melhor se fossem cegas.

Eu podia procurar uma escola de cegos para trabalhar como voluntária e dar uma chance ao amor. Ou talvez eu apenas vá para casa, engula um sanduíche e pegue a estrada para não me atrasar para a aula.

Agora vou de carro sozinha. Mamãe sempre odiou levar-me até lá. Tinha que sair do trabalho mais cedo toda terça-feira. Dava para aguentar quando ensaiávamos apenas uma vez por semana, mas no outono passado nossa diretora, Terry, decidiu que tentaria inscrever-nos na Olimpíada de Coros este ano e aumentou para duas práticas semanais. Mamãe decidiu que minhas habilidades de motorista eram excelentes e comprou-me um Ford velho para que eu fosse dirigindo. Ao menos o laranja não é muito reluzente. Parece uma abóbora apagada. Perfeito para ser a carruagem da meia-irmã feia. Chamo-a de Jeannette, um nome bonito e agradável, para não ferir seus

sentimentos. A desgraça adora companhia. Veja Scott e eu, por exemplo.

A chuva e a neve me perseguem enquanto atravesso Detroit. Estou muito atrasada. Odeio o clima de março. A primavera aqui é escura, fria e suja. Montes de neve podre e cinza que perduram o máximo possível. Granizo e gelo, não a neve branquinha do inverno.

O trânsito está caótico esta noite, e a pobre e velha Jeannette tem medo. Todos cortam nossa frente. Nunca ouso fazer isso. Aqui é Detroit. Posso ser feia, mas ainda quero viver para cantar mais uma canção.

Finalmente, fico livre do trânsito da metrópole e entro na tranquila Ann Arbor, cidadezinha elegante de universitários, adormecida às margens de um silencioso riacho. A igreja de pedra em que cantamos, a que é tão velha quanto à cidade. Entro sutilmente no santuário, no meio do aquecimento.

Não tem problema. Já estou aquecida. Pratiquei as canções da lista durante todo o trajeto. Cantei do começo ao fim. Todas as músicas. Baixei todas as partes, não apenas meu contralto. Adoro o solo de tomo soprano da canção gospel que usamos no teste da Olimpíada de Coros; *Leve-me para casa.* Girei a manivela do aparelho de CD moribundo de aula. Jeannette até que os alto falantes estourassem e cantei o solo. Era uma até verdadeira estrela no carro.

Adoro quando podemos cantar músicas gospel. Nenhuma de nós é tão purista a ponto de preferir as peças religiosas clássicas.

Todos imploraram à Terry por mais Broadway. É o que há de melhor para cantar. A maioria das meninas fica entusiasmada com as bobagens de *pop* que Terry inclui nas apresentações para alegrar o público. Eu não admito que tenho minhas divas contemporâneas favoritas gravadas no iPod. Quem não tem? Mas quando estou me apresentando, quero mais que isso. Quero que a música tenha corpo e alma, desolação e alegria. Algum sentido, pelo amor de Deus. É tão difícil encontrar algo que signifique alguma coisa. Terry está meio deslumbrada com a Olimpíada. Não tem como sermos convidadas. Arrasamos na peça clássica quando gravamos para o teste, mas *Leve-me para casa* é muito difícil. Até o contralto é incrível. Todas aquelas coisas lindas sobre *o doce, doce Rio Jordão.* Tem um clímax incrível com todas cantando algo diferente em uma espécie de roda. Celebração e angústia ao mesmo tempo. Fantástico. Mas Meadow, nossa solista soprano, engasgou. Ela fez aula de canto à vida inteira e aproveita ao máximo o fôlego e a voz pop que tem. Mas *Leve-me para casa* exige força e emoção. Terry tentou fazer com que Meadow conseguisse inúmeras vezes, até que todas estivéssemos irritadas e esgotadas. Meadow ficou aos prantos, e simplesmente desapareceu. Terry teve que emendar alguma coisa para enviar ao comitê.

A Olimpíada de Coros é em Lausana, Suíça, em julho. Terry fica colocando fotos dos Alpes e lagos e castelos e casas suíças cheias de gerânios vermelhos e bandeiras no site. Será tão deprimente quando ela receber a notícia. A resposta deve chegar esses dias. Também nos

candidatamos a um festival perto de Vancouver, Canadá. Entramos fácil. Melhor que nada.

Mas a Suíça é outra história.

Pego um lugar no final da fileira de contraltos e entro no ritmo dos *oohs* e *aahs*, que ficavam cada vez mais altos. Que bom. Perdi os agudos.

— Ótimo, meninas. Continuem cantando. Ah-ah-ah-ah-ahhh. — o piano dá o tom para a elevação da próxima nota. — Virem-se todas para a direita. Ponham a mão no ombro da menina a sua frente.

Viro-me e começo a massagear Sarah, a garota ao meu lado. Seu cabelo loiro natural, não tingido, desce até as costas. Liso como seda. Nem sinal de ondulação. Mataria por um cabelo assim. Não há ninguém atrás de mim. Terry se adianta e massageia meu pescoço e meus ombros.

— Estou feliz que tenha vindo. Estava preocupada com você.

— O tempo está feio lá fora.

— Tenha cuidado, Beth.

— Mais algumas semanas e será só chuva.

— E você consegue dirigir em qualquer situação?

— Mais ou menos. Mamãe não me deixou vir umas duas vezes no mês passado. Tempestades horríveis. Esta noite não é nada.

— Talvez as ruas fiquem cobertas de gelo mais tarde — eu sei que posso ficar no lugar dela. Ela oferece o tempo todo. Nunca tive coragem o bastante para assumir o posto. — Eees, meninas. E não quero ouvir nenhuma bruxa. — o coro continua subindo a escala.

— Comprei pneus novos. A interestadual deve estar boa.

Terry aperta meus ombros uma última vez e grita:

— Agora todas para a esquerda! — corre até o outro lado da sala para massagear a menina na outra ponta da fila.

Cantamos algumas peças. A primeira é uma daquelas canções pop antigas usadas como "tapa-buracos". Chato. Há um coro de meninas na Europa que canta músicas loucas de rock. Parece estranho, mas elas são um sucesso. Gostaria de experimentar um desses números.

A segunda canção é nossa terceira peça na competição.

Dá destaque aos contraltos, e nós participamos da música inteira.

Carregamos toda a apresentação.

— Excelente. — Terry sorri em direção a minha seção. — Foi maravilhoso, contraltos. Bom trabalho — põe a mão na testa. — Sopranos. Vocês não estão acertando a harmonia.

— Não sei por que temos que cantar a harmonia — conheçam Meadow. Linda. Graciosa. Uma pele tão perfeita que você tem vontade

de tocar para ver se tem alguma cobertura. Olhos grandes e escuros, cílios pretos e longos, sobrancelhas desenhadas com primor, lábios rosados sempre com brilho. Cabelo loiro com luzes, comprido, em camadas perfeitas. Nem um sinal de raízes negras. Seios pagos pela mãe. Jeans de marca, tamanho trinta e seis. Saltos o tempo todo. Jeito de Diva. — Primeiro as sopranos têm que cantar a melodia.

Terry é paciente demais com ela.

— Os contraltos carregam a melodia nessa seção. São apenas oito compassos. Vamos repetir.

Os pais da Meadow são ricos. Mantêm as finanças do coro em dia. Terry tem que ser paciente.

— Estou cansada desta música — Meadow folheia as partituras em sua pasta.

Terry morde o lábio inferior.

— Você gostaria de praticar *Leve-me para casa*?

Um burburinho de aprovação espalha-se entre as meninas. Todas ficam eufóricas com essa canção, e não a cantamos mais desde aquela sessão de gravação desastrosa. Ela faz o sangue fluir. Batemos palmas e os pés no chão. Algumas tocam instrumentos de ritmo e percussão. Uma menina até grita "Aleluia". Um coro de meninas não fica mais selvagem que isso.

Meadow balança a cabeça e tenta retratar-se o mais rápido possível.

— Não precisa. É melhor acertarmos esta primeiro.

Devo concordar com Meadow. Cantar *Leve-me para casa* agora seria uma tortura. Não entraremos na Olimpíada, e Meadow não consegue cantar essa música. É estranho que Terry tenha tocado no assunto.

Terry tira o cabelo da testa. O que eu não daria por aquelas maçãs do rosto.

— Se prefere assim. Quando nos apresentarmos na Olimpíada de Coros, sua parte deve estar perfeita — ela sorri para encorajar Meadow. — Os contraltos estão fazendo um trabalho sensacional. As sopranos precisam melhorar.

— Certo meninas. — Terry amplia o sorriso para incluir as outras sopranos. — Vamos treinar essa parte.

É tão fácil. Posso cantar dormindo. Elas finalmente conseguem, mas erram quando juntamos as vozes. Sopranos podem ser tão irritantes. Cantamos essa parte vinte vezes. Apenas oito compassos chatos. Agora são elas que podem cantá-la dormindo.

— Excelente. — Terry faz as sopranos comemorarem com aqueles cumprimentos do tipo "toca aqui". Não consigo entender por que ela mantém a Meadow como solista. Quem se importa se a mãe dela prometeu comprar figurinos novos se entrarmos na Olimpíada?

Nossos velhos ponchos ainda dão para o gasto. O meu está um pouco curto, mas eu fico no fundo, bem no fundo. Olho para as outras meninas. Acho que Meadow é a melhor que temos.

— Descansem um pouco, meninas. — Terry olha para Meadow.

— Vamos praticar *Leve-me para casa* em seguida — soa meio frustrada. Ela sabe que Meadow canta muito mal essa música. Sabe que a Olimpíada de Coros é uma ilusão, mas não pode deixar que as meninas vejam sua preocupação. Eu vejo. Uso óculos megagrossos. Vejo tudo.

Pego minha garrafinha de água, bebo metade, espreguiço e afundo no banco de madeira atrás de mim. Nós ensaiamos em pé entre os bancos da igreja. São oitenta meninas, portanto não cabemos no tablado próprio para o coro. O santuário é repleto da boa e velha madeira. Ótima acústica. Perfeita para *Leve-me para casa*. Principalmente quando todas começamos a agitar. Então, Meadow se perde e temos que voltar ao início.

Terry se agacha na frente da Meadow para conversar e tentar animá-la. Então se levanta novamente.

— Leah, distribua os instrumentos.

Leah é a presidente do coro. Garota simpática. Seu cabelo longo e liso é castanho escuro, quase preto. Combina com os cílios e o rosto de bailarina.

Confusão e falatório. O tinido do triângulo. Alguém bate no tambor. Sarah empurra para mim o chocalho de som áspero que costumo tocar. Terry olha zangada pedindo silêncio, levanta as mãos e faz sinal para a pianista. As notas voam pelo ar, absorvendo-nos com seu som triste. Oitenta pares de olhos fixos em cada movimento de Terry.

Agora é o solo da Meadow, na abertura. Terry abaixa a mão para fazê-la começar e...

Nada.

Meadow corre até a frente da sala e sai pela porta lateral.

— Leah, vá atrás dela.

Terry cruza os braços, estuda a música, batendo o pé no chão.

Estou paralisada, assim como o restante do coro. Não se ouve nem o chocalho.

Leah volta com seu rosto de boneca, sem fôlego.

— Ela está vomitando.

Gemidos e confusão. Todas estão desapontadas. Terry parece muito chateada.

Minha mão sobe lentamente. Não sei muito bem o que ela está fazendo. Nunca tinha levantado a mão no coro antes.

— Beth?

Engulo em seco e olho para os contraltos, buscando força. Posso fazer isso. Eu posso.

— Eu sei o solo.

Meu murmúrio se perde na desordem das garotas ao meu redor.

— Silêncio, meninas. O que você disse?

Agora todas estão ouvindo, encarando, questionando. Obrigo-me a endireitar apostura, puxo os ombros para trás tentando ganhar coragem e respiro fundo.

— Posso cantar se você quiser. A parte da Meadow. Para ensaiarmos.

— Você é um contralto.

— Mas eu sei o solo.

— Consegue alcançar as notas?

Dou de ombros.

— É claro — um sorriso brota do poço turbulento de covardia em meu estômago.

Terry me olha por um instante e sorri.

— Está bem, então. Obrigada, Beth.

Sarah pega meu instrumento. Seus olhos estão arregalados — assustados em solidariedade a mim.

Fecho os meus. Respiro fundo. Inspiro e expiro. Estou no carro. Sozinha. Aquela não é nossa pianista acariciando delicadamente as teclas que iniciam a música. É apenas o CD de prática. Fiz isso cem vezes.

É minha deixa, e começo a cantar:

Vou descendo o rio,

O doce, doce rio Jordão,

Olho para a água turva

E anseio chegar ao outro lado.

Minha voz flui pura e forte em toda a estrofe andante do solo de abertura. Tenho um refrão só para mim, lento e triste. Várias passagens maravilhosas.

Leve-me para casa, doce, doce Jesus.

Envolva-me em seu abraço,

Onde meu amo não possa encontrar-me.

Senhor eu anseio chegar ao outro lado.

Então o coro entra: "*Leve-me para casa, Leve-me para casa, Leve-me para casa".* Minha voz voa alto acima delas.

Estrofe dois. Sem solo nesta seção. Abro os olhos e canto com os contraltos.

Deito-me na margem do rio,

O doce, doce rio Jordão,

Meus dedos tocam a água turva.

Á grama é farta do outro lado.

O andamento acelera no refrão. As coisas começam a esquentar. Estamos cantando com toda a energia, dando o máximo de nossas vozes, fazendo tremer as vidraças.

Ah, a glória daquele dia lindo

Em que cruzei o rio Jordão.

Os anjos tocando banjo

E o bom Senhor no violino.

Terry é toda sorrisos. Nunca esteve tão feliz. Está pulando, transmitindo sua energia a todas. Ai, droga, sou eu de novo. Alta e fluida sobre o emaranhado harmônico do resto do coro.

Lá estão meu pai e minha mãe...

Cantando como nunca cantaram antes...

Fico de olhos abertos desta vez. O coro responde. Eu me solto e insiro outra passagem no final do verso.

O rapaz moreno que disse que me amava

E preenche meus sonhos à noite.

O lugar está fervendo, chegando ao clímax. Todas, a plena voz, cantam: *"Leve-me para casa, Leve-me para casa, Leve-me paracasa",* como nós nunca fizemos antes. Som mágico e eletrizante. Música pairando em todo o ambiente. O tom muda e entramos na ponte entre as estrofes:

Mas meu bebê, Senhor minha doce criança, que usa os olhos do meu mestre,

Envolve meu coração em seus doces, doces dedos com tanta força...

Cada seção desvia para um caminho próprio e intricado, até que nos juntamos novamente em um acorde perfeito: *"ele não está pronto para o Jordão!"*

Sentimos a dor daquela menina tão distante no tempo e no espaço. Um monte de garotas brancas encontrando suas almas.

Terry pede calma para que possamos reverenciar o próximo verso.

Ás mães respiram porque precisam.

Como minha mãe, que seguiu em frente quando meu pai partiu. Por mim. Ela continuou respirando, continuou trabalhando, magoada demais para conseguir amar de novo. E eu olho para ela com os olhos dele, a altura dele, o rosto dele, as espinhas dele. Todos os dias, estou lá para lembrá-la. A Fera encarnada.

As meninas ao meu redor cantam *"Puxa-me de volta, puxa-me de volta, puxa-me de volta".*

Minha voz encontra seu rumo, alheio à harmonia. Sozinha. Uma única menina escrava buscando a salvação.

Digo adeus ao rio,

O doce, doce rio Jordão,

Dou as costas à água turva,

Fecho os olhos para aquele lado.

Não sei como continuo cantando o refrão final. Estou tomada pela agonia dela. Minha voz falha quando canto *"Onde meu amo não possa encontrar-me"*. Controlo-me, e o coro se junta a mim em um harmonioso e estonteante *"Senhor, eu anseio chegar ao outro lado"*.

Estou chorando na última nota. Terry também. Assim como Sarah e a outra menina em minha frente. Todas estão enxugando os olhos. O acorde final do piano vai sumindo devagar. Terry abaixa as mãos.

Pandemônio.

As meninas se aglomeram ao meu redor. Abraçando-me. Puxando meus braços. Dando palmadinhas em minhas costas. Todas estão felizes. Por mim. Uma emoção poderosa e inédita espalha calor em meu rosto.

Terry abre caminho entre elas e atira seu ser minúsculo em meu corpo gigante.

— Por que não me disse que sabia cantar assim?

Eu fungo e enxugo os olhos.

— Sou um contralto.

Então, eu a vejo. Meadow. Parada na porta. Seu rosto combina com as paredes verde-claro atrás dela, no salão de entrada.

— O que está acontecendo?

Capítulo 3

Tomada dois

O que Terry diz em seguida fica quicando em meu cérebro, mas não consigo assimilar.

Ela limpa a garganta e diz novamente:

— Meadow, vou dar à Beth o solo da música *Leve-me para casa.*

Eu? A solista? É Minhas pernas viram gelatina. Caio no banco atrás de mim.

— Mas é meu. — Meadow segura à guarnição de madeira da porta. — Você não pode dá-lo a essa...

Besta horrível. Não precisa dizer. Todas sabem no que ela pensou.

— Você não pode sair correndo para o banheiro quando estivermos no palco em Lausana.

— Não faço de propósito.

— Precisamos de uma solista para essa peça, querida. Você tentou várias vezes. Eu sei disso. Beth consegue. Você a ouviu, não foi?

Meadow bate o pé no chão.

— Desista, Terry. Não vamos estar no palco em Lausana.

Suas palavras frias correm a sala, silenciam o calor da música que soldamos no meio da noite. Todas se lembram da gravação patética que enviamos.

Não posso acreditar que Terry está finalmente sendo franca com Meadow. Estou cheia dessa atitude infantil, mas Meadow tem razão. É tarde demais. Não tem importância agora. Acho que vamos usar essa peça em Vancouver. Cantar é cantar. Serei a solista lá. Talvez a viagem não corresponda aos padrões da Meadow e ela perca a coisa toda.

Meadow me olha furiosa.

— Devíamos jogar fora essa peça estúpida. Odeio essa música.

— Infelizmente, Meadow, acho que precisaremos dela. — Terry sobe em um banco para que todas possam ouvi-la. — Vocês não vão acreditar, meninas.

— Fiquem quietas. — Leah pula para cima do banco e agita as mãos. — Ouçam. Silêncio.

— Recebi a resposta da Olimpíada de Coros ontem.

Silêncio mortal.

Por favor, que seja sim. Por favor, que seja sim. Por favor, que seja sim.

— O arquivo MP3 que enviei a eles, com nossa apresentação para o teste, estavam corrompidos. Precisam de outra cópia. Eu ia reenviar à gravação que fizemos em janeiro, mas não tive tempo hoje. Deixei para depois.

Uma das garotas dá um grito estridente. Em seguida outra. Está ficando barulhento. Terry tem que gritar para ser ouvida.

— Que tal nos reunirmos no sábado e gravarmos de novo, com a Beth?

— Espere aí — é a Meadow. Parece estar pior que antes. — quem vai dizer a minha mãe?

Vou flutuando para casa. Flutuo até o quarto da mamãe, completamente arrebatada por poder proporcionar isso a ela. Recordo um fragmento de *Leve-me para casa* quando bato à porta. *As mães respiram porque precisam*. Minha mãe é assim. Sem duvida. Ela respira por mim.

Conto tudo, e ela fica entusiasmada.

— Você vai ser a solista?

— Sim. Eu. Terry tem certeza que se eu cantar, entramos na Olimpíada. Você tinha que me ouvir no ensaio — caio na cama e me enrosco ao lado dela, ainda tentando acreditar que é verdade.

— É uma pena que vovó Lizzie não esteja aqui — mamãe acaricia minha cabeça. — Ela adoraria ver isso — foi da vovó Lizzie que herdei minha voz. Ela tinha uma banda famosa, e cantou para as tropas na Segunda Guerra. Faleceu logo depois que nasci.

—Talvez ela tenha visto. Talvez estivesse lá essa noite. Segurando minha mão.

Mamãe fica toda chorosa e me abraça.

Vou para a cama, mas não consigo dormir. Levanto e encaro meu reflexo no espelho. A garota que me olha não é uma solista. É aquela que você esconde atrás do arranjo de flores. Isso funcionaria. Eu posso cantar em qualquer lugar. Não quero que esse rosto estrague a musica. Ainda sou aquela filha muito feia, ainda sou definida por aquela palavra, ainda acredito nelas.

Continuo flutuando na escola no dia seguinte, mas estou com tanto sono. Não paro de cambalear. Finalmente, sou despertada pelo coro. Scott está sentado ao meu lado. Estou feliz demais para voltar ao ponto em que paramos ontem. Ele nunca mais terá que me alegrar. Pode dizer meiguices, e tolices se quiser. Estou tão radiante. Nada me magoará. Ao menos nenhuma das ideias sonhadoras do Scott. Colby provavelmente conseguiria, mas ele já deu o pior de si e pode sossegar por um tempo. Terá que ficar quieto depois da façanha do calouro nu.

Apenas alguns meninos lançaram comentários cruéis em minha direção quando eu me arrastava pelo corredor esta manhã. A vida é boa. Muito boa.

— O que há com você? — Scott ainda está zangado. Ele precisa mesmo encontrar uma namorada baixinha e bonita. Está começando a encorpar. Agora ele tem pescoço. Não tinha um pescoço como o dos outros rapazes antes. E está deixando crescer o cabelo, loiro como um bebê. Chega de corte militar. Quase tem cachos. Combina com o pescoço.

— Está levantando pesos?

— Vou à academia com meu pai.

— Deve ser legal.

— Ele precisa de estímulo. Quer vir conosco... no sábado?

— Tenho gravação no sábado.

— Você assinou com a Motown enquanto eu não estava olhando?

— Longe disso. Mas... — não posso evitar um sorriso bobo e pujante, daqueles que dizem "não acredito na sorte que tive". — Sou a nova solista do Cantoras da Juventude.

— Aquele coro sofisticado, só de meninas? Já estava na hora.

— É um acontecimento e tanto. Isso é tudo que tem a dizer?

— Parabéns. Avise quando assinar com a Motown.

Tenho vontade de agarrar aquele pescoço sensual e estrangulá-lo, mas a aula começa e ele precisa da garganta para cantar.

Acordo cedo no sábado. Saio pela porta. Estou tão cheia de vida e energia. Fico pensando se o amor é assim. Quem precisa dele quando se pode sentir essa emoção, essa euforia? Talvez seja por isso que as divas trocam tanto de namorado. Que homem proporcionaria sentimentos tão elevados?

As ruas estão tranquilas, para variar. Sem trânsito, sem neve derretida, sem construções. O sol chega a fazer uma breve aparição. Vou singrando a via expressa, cantando meu solo com o CD de prática acionado à manivela, bajulando a Jeannette para alcançar os cento e dez por hora. Ela sacode e estremece, mas eu não diminuo até o limite de velocidade voltar a ser noventa.

Chego ao coro cedo o bastante para ajudar Terry a montar o equipamento de gravação. Aparelhos alugados. Microfones enormes. Um gravador de bobina dupla dessa vez para dar suporte ao digital. Ficamos atrapalhadas com os fios e não notamos a chegada de Meadow e seus pais.

O pai limpa a garganta com elegância.

— Posso ajudar? — ele tira as luvas de couro marrom, pega um monte de fios de microfone das minhas mãos e organiza habilmente a

bagunça. Esta usando um casaco de lã de tom camelo e corte impecável. Muito bonito. Não só o casaco.

As bochechas de Terry ficam vermelhas quando ela fala com ele.

— Depois do que aconteceu com nosso último arquivo, já não confio tanto na tecnologia digital — diz indicando o equipamento extra com a cabeça.

Ele vira para ligar os microfones no sistema de gravação.

— Sim. Meadow contou-me que vocês regravariam hoje.

— Isso mesmo. A Olimpíada de Coros não conseguiu reproduzir o arquivo que enviamos com a apresentação de teste. Então, temos uma chance rara. As meninas estão muito melhores agora do que em janeiro.

Meadow lança um olhar penetrante em minha direção.

— Mas isso é trapacear. Vocês deviam enviar a mesma gravação.

— Não dá para ouvir muito bem — queria saber o que ela fez com o arquivo. — Liguei para o comitê e expliquei que precisávamos regravar. Eles disseram que não há problema — olha de relance para mim.

Viro para o outro lado, mordendo a parte interna das bochechas para manter o rosto sob controle.

O pai de Meadow gira alguns botões na placa de som, fingindo estar absorto.

— Meadow disse que você dará o solo dela à Beth — dirige um olhar significativo à Terry.

Achei que ela fosse desfalecer. O homem sabe como usar seus poderes. Ele vende carros. Milhares de carros. Terry engole em seco e começa a mexer nas partituras.

— Meadow estava muito doente para cantar na quinta-feira.

— Doente? — ele olha para a esposa.

Ela ajeita a gola de pele do casaco, ajustando-a melhor ao pescoço.

—Meadow não estava doente. Você a fez cantar quando ela não estava preparada — ela tem casacos inteiros de pele no guarda-roupa.

Já a vi com eles em nossos concertos.

Terry continua. Acho que ela memorizou o discurso.

— Beth a substituiu. As meninas acham que devemos gravar com as duas solistas, ouvir as gravações e votar em qual será enviada.

Muito bem, Terry. Palavras astutas. Como podem contestá-las?

A mãe da Meadow me encara com uma expressão subjugante.

— Beth pode ir primeiro. Querido — dirige-se ao marido — é melhor você ficar.

É visível que o poderoso pai da Meadow não pretendia passar o sábado em uma sessão entediante de gravação, principalmente com a filha cantando, mas se prepara para obedecer.

— Posso cuidar disso para vocês — diz ele à Terry com um sorriso cintilante, daqueles que vemos em filmes. — É um velho hobby.

Imagino o sistema de som que eles têm em casa e sorrio para mim mesma. Aposto que a Meadow adora um karaokê.

Por volta das oito e meia, os bancos da igreja estão lotados.

Aquecimento e massagens no pescoço. Todas estão despreocupadas e animadas. Parece uma festa. As sessões de gravação costumam ser tensas, mas esta não. Sussurros correm pelo salão. Parece que nenhuma das meninas consegue manter o instrumento parado. Terry deixa rolar. Normalmente ela fica irritada e olha zangada para qualquer uma que fizer um único barulho indesejável.

Todas as meninas estão ansiosas para ver o que a mãe da Meadow fará quando me ouvir cantar. Sarah acha que ela vai embora, levando consigo o talão de cheques. A garota na minha frente diz:

— De jeito nenhum. Ela é tão iludida. Vai achar que a Meadow é melhor.

Terry pede nossa atenção. Silêncio. Dá um sinal para que o pai da Meadow comece a gravar. Eu devia estar nervosa, mas há um desejo feroz dentro de mim que não deixa espaço para isso. Aprumo a

postura para inspirar uma grande quantidade de ar com o diafragma e fecho os olhos. Começa a introdução do piano. Quando a pianista der minha deixa, serei novamente aquela escrava solitária que suplica ao Senhor que a leve para um lugar melhor. O coro me acompanha. A música cresce e dá uma guinada. Perco-me dentro dela. Sem microfones. Sem gravadores digitais captando cada detalhe e nuance da minha voz. Sem a Meadow sentada nos bancos do coro com a mãe, que assiste a tudo com uma expressão aturdida no rosto. Sou transportada. Concentro-me nas palavras, na tragédia e no heroísmo silencioso que elas expressam. Eu sou esta canção. A celebração ascende, chega ao ponto máximo, e então estou sozinha, minha voz pulsando de emoção, santificando a música quando canto:

Dou as costas à água turva,

Fecho os olhos para aquele lado...

Senhor, eu anseio chegar ao outro lado.

Mais uma vez, meu rosto está molhado. Não sei em que momento as lágrimas caíram.

Faz-se silêncio. Ninguém respira. Todos os olhos fixos nas mãos erguidas da Terry. Ela faz um sinal com a cabeça para o pai da Meadow. Ela aperta uns botões, e pronto. Tomada perfeita.

Primeira vez.

Isso nunca acontece.

Nossos olhos giram na direção de Meadow e sua mãe. Estão cochichando. Ainda estamos quietas. A mãe dela fica em pé. Espere. Aí vem o ciclone. A mulher balança tristemente a cabeça, com seu penteado e maquiagem perfeitos, e ajuda Meadow a levantar-se.

— Eu disse que elas sairiam — murmura Sarah. — Digam adeus aos figurinos novos.

Dou-lhe um cutucão com o cotovelo para fazê-la ficar quieta.

A mãe da Meadow a conduz até o pódio em que o ministro faz os sermões. Estamos todas olhando para ela. O rosto da Meadow está rígido, a boca forma uma linha imóvel.

— Quero muito ir à Suíça — tira o brilho labial com a língua. Aponta para mim. — Com isso conseguiremos entrar — olha para a mãe. — Mamãe disse que está tudo bem. Não preciso fazer o solo.

Silêncio atônito.

Ela não pode estar desistindo. Não tão fácil. Esperava que ela tivesse um acesso de raiva e saísse após perder a votação. Mas prefere ficar e deixar-me cantar? Não entendo.

— O que foi? — Meadow olha ao redor. — Vocês acham que é fácil cantar os solos todas às vezes? Vocês acham que eu gosto dessa pressão? — dá de ombros. — Vamos deixar que ela faça dessa vez.

Pandemônio, tomada três.

Que bom que não vamos gravar novamente com a Meadow, pois ninguém tem voz depois de gritar tanto. Terry passa um saco grande de pastilhas de mel para a garganta, então nos sentamos e ouvimos a gravação.

Nunca me ouvi assim antes. Fico arrepiada. Esse som lindo e magnífico dançando acima do coro sou eu? Não parece real. Vamos enviar isso para um comitê de seleção internacional. Sou eu. Serei enviada. Perco-me na fantasia. Estou cantando em um palco com luzes brilhando por todos os lados.

Sou eu mesma?

Um microfone em minhas mãos.

Lâmpadas rutilando,

Pessoas gritando quando assumo o comando.

Sou eu mesma?

Conquistando o palco com sonhos dourados.

Uma verdade ira princesa

Alcançando a glória como nos contos

Eu posso...

Sou eu?

Depois de ouvirmos a música, evito olhar para a Meadow. Ela está lidando com a rejeição melhor do que jamais imaginei. Talvez esteja dizendo a verdade. Se eu tivesse a voz dela, também não ia querer cantar os solos. Ela tem ouvidos, assim como nós. É compreensível que ela queira ir para a Suíça, sejam quais forem às condições; assim como nós.

A mãe dela já é outra história. Ela está no fundo, rodeando o marido e sussurrando-lhe sem parar, enquanto ele enrola os fios dos microfones.

— Certo, meninas — Terry ignora a mulher irritada no fundo do salão. — Se vamos preparar nosso número para os palcos do mundo, temos muito trabalho a fazer. Vejo vocês na terça.

Fico mais um pouco para agradecer à Terry, mas a mãe da Meadow surge no caminho.

— Se você vai mesmo continuar com isso, precisamos falar sobre as roupas. Elas precisam de algo elegante. Minha filha não vai aparecer em um palco internacional com uma dessas capas velhas.

Saio de perto dela. Acho que nossas capas estão condenadas. As flores pintadas à mão na frente são meio bregas, mas são bonitas. E ainda podemos usar calças pretas confortáveis e uma camiseta de algodão do coro por baixo.

Ela continua com a voz alta:

— Precisarão de um guarda-roupa de viagem completo.

Terry ergue as sobrancelhas.

— É melhor não exagerarmos. A maioria das meninas não tem como comprar um guarda-roupa novo.

— Não se preocupe com isso. Tenho fornecedores — ela está ficando entusiasmada. — Algumas peças clássicas. Podemos compor e combinar.

— Confortáveis — Terry não vai vencer.

— Roupas bem feitas sempre são confortáveis — a mãe da Meadow começa a listar exatamente o que devemos ter.

— Muito obrigada — diz Terry finalmente. — Vou deixar isso por sua conta.

Boa estratégia, Terry. Vencemos a guerra. Deixemos que ela ganhe essa batalha.

— Eu insisto. Ao menos todas ficarão bonitas — seus olhos me encontram. — Bem, quase todas.

Não posso agradecer à Terry como gostaria com essa mulher no caminho. Terry me vê. Ela sabe. Eu desisto, penduro a pasta de músicas no ombro e viro para ir embora.

Lá está Meadow. Bem na minha cara.

Eu murmuro um "oi" meio tímido.

Ela franze as sobrancelhas.

— Não vou mordê-la.

Estico o braço.

— Pegue um pedaço se achar que se sentirá melhor.

— O quê? Estragar minha dieta?

— Obrigada por...

— Esse solo estava me enlouquecendo. Nunca consigo acertar. Terry está sempre reclamando e dizendo que devo correr atrás e praticar, praticar, praticar. Tenho coisas melhores para fazer.

— Melhores que cantar?

— Achei que diria isso — ela ri e joga o cabelo loiro falso para trás. — Há muita coisa na vida melhor que cantar.

Imagino que Meadow dê mais importância ao amor que à música. Talvez ela não possa julgar imparcialmente. Sem dúvida, é muito mais fácil para ela conquistar os garotos que cantar um solo. Seu namorado superlindo vai buscá-la às vezes com aquele carro esporte vermelho, maravilhoso. Pode ser que ele cause nela exatamente a mesma sensação que eu tenho quando a música corre por meu corpo, envolve o coro e se transporta a outro plano.

Sarah ri atrás de nós.

— Vocês viram quem está no programa? O Amabile é um dos coros anfitriões.

O Amabile é um coro de tenores e baixos de Ontário, logo depois da fronteira, mas a anos-luz de distância de nós no universo dos coros de jovens. Toda a organização é assim. As Cantoras Jovens do Amabile inventaram, de certa forma, todo o movimento. Hatfield compõe para elas. Tenho todos os CDs. Elas definem o padrão de qualidade. As garotas são lendas.

Os garotos?

Estrelas de *rock*.

Tenho os CDs deles também. Não acredito que teremos a chance de conhecê-los. Todas as meninas coristas do mundo são apaixonadas por eles. Não porque sejam incrivelmente bonitos. Alguns até são.

Na maioria, são apenas adolescentes desengonçados. Fofos e meigos.

Como o Scott. Mas quando cantam... É maravilhoso. Incrivelmente maravilhoso.

Meadow volta-se para Sarah.

— Verdade? Tem certeza?

Sarah suspira.

— É engraçado, termos que ir até a Suíça para encontrá-los.

Leah está no banco atrás de nós, ordenando os instrumentos de ritmo. Entra na conversa.

— Vocês viram as últimas fotos deles na galeria do *site*? As do concerto de Natal? Sou louca por caras de *smoking*.

— Que sabem cantar — todas dizemos ao mesmo tempo. Ai eu, Beth a Fera, que nunca teve namorado na vida, sei disso.

Sarah tem uma espécie de contorção.

— Ai, por que será que isso os deixa tão lindos?

Meadow me encara com as lentes de contato azuis.

— Então, senhorita solista, o que vamos fazer?

Olho em volta à procura de ajuda.

— Hã... — Leah e Sarah estão olhando também. — Praticar bastante, como a Terry disse.

— Não, bobinha. Ouça, não sei como você apareceu com essa voz extraordinária de repente, mas... — Meadow encolhe os ombros e torce o rosto inteiro, não apenas o nariz. — O resto de você é um desastre.

Olho para a minha Levi's surrada e tento cobrir o buraco do joelho.

— Tenho certeza que sua mãe vai arranjar roupas ótimas para nós.

— Não se preocupe com o guarda-roupa. Vamos resolver esse problema. É fácil. Ao menos você não é obesa também. Você tem um busto em algum lugar aí embaixo, certo? Mas...

Abaixo a cabeça e olho para suas sapatilhas pretas e reluzentes.

— Estava pensando em ficar atrás de alguma coisa. Flores.

Cortinas.

Sarah e Leah riem.

Sorrio para Meadow.

— Eu canto nos bastidores, e você pode dublar.

— Seríamos expulsas por isso, com certeza — diz Leah.

— Sem medalha de ouro — acrescenta Sarah.

Leah fecha a tampa da caixa de instrumentos com um estalo.

— Sem coletiva de imprensa.

Sarah fecha os olhos.

— Sem apresentação final com os caras do Amabile.

Meadow ergue as sobrancelhas com um ar provocador.

— Não vamos arriscar tudo isso, não é? — examina meu rosto. — Largue a bolsa. Tente endireitar a postura anda ao meu redor. — Porte de estátua. Belas maçãs do rosto. O maxilar é um pouco grande — pega uma mecha do meu cabelo. — Ao menos temos bastante

cabelo para trabalhar — tira meus óculos. Não consigo enxergar muito bem, mas posso afirmar que Meadow está à vontade agora, muito mais do que quando está cantando. — Podemos fazer muita coisa com seus olhos. Já tentou usar lentes?

— Espere um pouco. Você acha que pode dar uma de Glinda comigo? Não vai funcionar. Sou à prova de mágica.

— Ah, querida... Meadow esfrega as mãos. — Glinda não tem os poderes que eu tenho.

Capítulo 4

Transformação

O que aconteceu com seu cabelo?

Scott mexe nele com o dedo e faz uma parte inflar ao sentar-se ao meu lado no refeitório.

— Ser solista tem seu preço — sinto-me nua. Ainda está crespo. De modo algum vou acrescentar horas a minha rotina matinal alisando o cabelo com aquela ferramenta horrível de tortura que me deram. É apenas a escola. Mas ele está cortado em camadas, uns trinta centímetros mais curto. No salão estava fantástico. Hoje sou a Fera em terapia de choque.

— Fizeram você cortar o cabelo? — Scott enfia uma garfada de espaguete na boca. — Eu gostava do seu cabelo.

Só o Scott poderia gostar daquele cabelo medonho.

Assim que chegou o convite oficial para a décima quarta Olimpíada Anual de Coros, Meadow começou a trabalhar no meu visual. Ela organizou o que chamou de festa do pijama e da

remodelação, e convidou Sarah, Leah e o restante das meninas mais lindas do coro — e eu. Não preciso dizer quem seria remodelada.

Largo meu sanduíche.

— Elas armaram uma emboscada.

— Um grupo de coristas magrelas e frágeis armaram uma emboscada para você?

— Meadow me fez sentar em seu banheiro deslumbrante — ela tem um espelho como os de Hollywood. — E maquiou meu rosto. Rebocou, na verdade — todas as meninas respiraram com certa dificuldade e disseram que eu estava linda. Pus meus óculos para ver do que estavam falando. Estragou um pouco o efeito. Então, tive que contar a elas sobre as lentes que quis usar quando tinha 12 anos, o quanto estava entusiasmada, e como tudo acabou desastrosamente. Lembro-me de dizer a minha mãe que meus olhos vermelhos e hipersensíveis não estavam doendo. Ela jogou-as no vaso e deu descarga.

— Nossa, Bethie, que chato. Explica a nova erupção — ele volta ao espaguete.

— Que legal você notar — a safra de espinhas induzidas por hormônio do mês passado está sendo substituída por uma nova remessa de protuberâncias vermelhas em todo meu rosto. Não só na zona habitual.

Ele engole.

— Fedelhas estúpidas. Quem elas pensam que são?

— Bonitas. Elas não entendem o feio — parto meu sanduíche em dois.

— Você não é feia, Beth — ele abre o leite.

Eu só queria ir para casa e lavar o rosto dou uma mordida e mastigo. Elas me fizeram dormir lá.

Scott põe a caixinha de leite na mesa.

— Elas esperaram você pegar no sono e arrancaram seu cabelo?

— Ficou tão ruim assim?

— Está todo irregular.

— Camadas. Dizem que tem estilo. Meadow nos acordou cedo e fomos a um salão.

— Credo, Beth — ele pega minha mão. — Você está usando esmalte.

— Eu sei. Não consigo tirar. Você tinha que ver os dedos dos pés. depilaram minhas sobrancelhas peludas e deixaram só uma linha bem fina. Não vou dizer os outros lugares que foram depilados. Tentaram colar duos postiços em mim, mas depois da depilação fiquei um pouco histérica, e bati o pé.

— Você devia pedir de volta o dinheiro do corte de cabelo — ele bebe o leite como um esfomeado, e olha para minha maçã.

—Foi à mãe da Meadow que pagou — rolo minha maçã para ele. — Ela é a idealizadora de toda essa loucura. Pediu ao próprio cabeleireiro para dar um jeito em mim. Ele lavou, condicionou, hidratou com óleo aquecido, relaxou e despejou um vidro inteiro de desembaraçante em meu cabelo, como se eu fosse uma mendiga que nunca usa o pente. Depois alisou com a chapinha, cortou em camadas longas e uma "franja" que não consigo tirar dos olhos. Ela queria que ele tingisse, mas não havia mais tempo.

— De que cor? — Scott clã uma mordida generosa na maçã.

— Talvez loiro — afasto a franja dos olhos, mas ela cai de novo. — Saí correndo de lá no meio do debate. Não quero ficar loira. Você consegue me imaginar loira?

— Não — ele estica o braço e tira a franja dos meus olhos. — A cor do seu cabelo é bonita.

— Castanho cor-de-rato? Pode dar adeus a essa cor. Como acha que ficarei com luzes?

Ele põe a maçã na mesa e fica sério.

— Como todas as outras.

— É essa a intenção.

— Mas não é você — olha no fundo dos meus globos oculares hiperampliados. — Pensei que elas queriam você.

— Querem uma estrela. A mãe da Meadow diz que meu nariz não é feio. De qualquer forma, não teríamos tempo para mudar o nariz.

— Meadow deu-me um pacote de enchimentos para sutiã. Desde que fez a cirurgia, não precisa mais deles. Que desagradável. Não quero os enchimentos usados dela. No sábado vamos tirar as medidas para o guarda-roupa novo que ganharemos para a apresentação. Então, Meadow, sua mãe e eu — implorei a Leah e Sarah que fossem junto para manter a sanidade — vamos às compras para encontrar o sutiã perfeito, jeans de grife e blusas com decote redondo que mostrem minha "clavícula marcante"

Scott põe a mão em meu braço.

— Vou reconhecê-la quando terminarem?

— Basta procurar uma menina alta com luzes no cabelo esbarrando em tudo.

— Não planeja cortar suas pernas? — olha para meu jeans.

— Shhh. Ela tem espiões por toda parte. Não queremos dar-lhe ideias — meu celular toca. Dou um pulo.

— Pobre Bethie. Nunca a vi desse jeito. Tem certeza de que vale a pena?

— Para cantar em um palco internacional? O que você acha? — tiro o celular do bolso da minha Levi's e olho para a tela.

— É ela?

Faço que sim.

— A equipe de estética da mãe dela pode me atender na quinta de manhã. Quer ir comigo? Segurar minha mão?

Ele pega meu celular e examina a tela.

— O que ela quer dizer com *laser?*

— Serve para eliminar as cicatrizes.

— Você confia nesses caras?

— A mãe da Meadow podia se passar por irmã dela. Eles devem ser muito bons.

— Você quer mesmo que eu vá? — desliza a mão por meu braço e aperta a minha mão. Seu lado doce está aflorando. Estou gostando hoje. Preciso de um pouco de doçura.

— Não, só pioraria as coisas — puxo a mão e pego o celular de volta. — Não farão nada tão drástico. Apenas tratamento a laser no rosto. Uma técnica nova para marcas de espinha. Nada de injeções de colágeno nos lábios ou algo do tipo.

— Seus lábios são muito bonitos — ele observa minha boca com um olhar ávido. —São tão expressivos quando você canta — contorna meus lábios com a ponta do dedo. Sua voz fica rouca. — Não deixe que mexam em seus lábios.

Fico atordoada e sem fala.

Scott precisa urgentemente de uma namorada. Eu devia dizer isso a ele. Sabe derreter corações. O meu está agindo de forma estranha. Tenho que encorajá-lo a encontrar alguém, mas não quero estragar o momento. Aposto que ele não percebe o que está fazendo comigo. Que efeito tem aquela fina mecha de cabelo loiro sobre seu olho esquerdo.

Tenho que falar. Ele precisa saber. Nunca se dará conta sozinho, mas precisarei dele nas próximas semanas. Algo real em que me apoiar enquanto a mãe maluca da Meadow entalha o resto do meu corpo. Se Scott se envolver com uma baixinha atrevida, o que acontece comigo? Lamentável. Egoísta. Eu sei. Ele merece ser feliz. Usar um pouco os lábios uma vez na vida. Se usasse essa cantada com qualquer outra garota, eles já estariam se beijando.

Mas preciso dele.

Ele se importa comigo. É uma das poucas pessoas, aliás. Quer me ajudar, ser meu amigo. Isso é usá-lo? Injusto? Não mereço alguma coisa? Alguém para ser meu melhor amigo. Conhecer-me por dentro e por fora e, ainda assim, gostar de mim. Todos são amados por alguém. Só estou pedindo que esse garoto encantador continue sendo meu amigo.

Até que eu esteja pronta para voar.

Parece uma música *pop*, não é? Levante-me até que eu possa voar *Em seus ombros chegarei até o céu.*

Uma música *pop* sinistra.

Preciso dizer ao Scott que ele é um garoto bonito. Tenho que dizer a ele para não se preocupar comigo. Pode ter uma namorada e outra garota que seja sua amiga. Tenho que falar.

Não, não tenho.

Chego mais perto, beijo sua testa e limpo a bandeja para ele. É o mínimo que posso fazer.

No dia seguinte estou espreitando nas sombras, tentando ir da entrada da escola até meu armário. Consegui domar meu novo cabelo com um elástico esta manhã. Temos que usar o cabelo preso na apresentação, por isso o cabeleireiro deixou as camadas compridas o suficiente para fazer penteados e rabos-de-cavalo.

— Ei, Fera — Colby para em minha frente. — O que aconteceu com sua juba?

Não respondo e fico olhando para baixo. Observo o Nike novo que ele está usando. Com zíper. Sem cadarço. Horrível, mas nele fica legal. Todos vão querer um igual.

—Não é justo, Ferinha — dá um cutucão em meu ombro. — Você não devia fazer a gente olhar para esse rosto. Pegue — empurra alguma coisa fria e borrachenta para mim.

Eu não seguro, e a coisa cai no chão. Uma máscara verde de bruxa com verrugas cabeludas e lábios rachados está perto dos meus pés.

— Vamos, coloque.

Tenho que sair daqui. Começo a contornar a máscara vazia e os sapatos de Colby.

Ele me bloqueia e agarra meu braço.

— Não é assim que se recebe um presente.

Esforço-me para soltar o braço de sua mão, mas ele aperta com mais força. Olho para sua cara. Ele está rindo, adorando a situação. Seu olhar desvia e faz um sinal. Travis e Kurt aparecem, agarram meus braços com suas mãos pegajosas e os puxam para trás, imobilizando-me, esmagada contra eles. Posso sentir o calor de seus corpos e o cheiro de seu suor.

Tento encolher-me para sair de vista, mas não posso me esconder. Eles me pegaram.

Colby mexe na máscara com o pé.

— Faça-a pegar a máscara.

Travis e Kurt me forçam a abaixar e me seguram até que eu abra o punho e ponha os dedos em volta da máscara. O vinil liso e frio provoca um desejo de gritar e correr. Eles me obrigam a ficar parada.

Colby, o único garoto da escola mais alto que eu, pega a máscara empurra em minha cabeça, deslocando meus óculos e entortando-os.

— Use até seu cabelo crescer de novo.

Não consigo respirar. Nem enxergar. Os óculos estão machucando meu rosto. Estou louca para rasgar a máscara, mas meus braços ainda estão imobilizados.

Colby se inclina e sussurra em meu ouvido:

— Perfeito.

Ele tem um hálito quente e sensual que invade minha cabeça e envia dardos de desejo indesejável como raios direto para minhas entranhas. Isso me assusta muito mais que a máscara.

Seu corpo está encostado no meu.

Eu enlouqueço, luto para desvencilhar-me. Não posso gritar.

Por que não posso gritar?

Eles riem.

— Não se preocupe, Fera. Feia desse jeito, ninguém vai mexer com você — Colby recua e os meninos soltam meus braços.

Corro em direção ao banheiro feminino e dou de encontro com uma parede de observadores. Risos. Uma mão agarra minha bunda. Eu arranco a máscara, seguro os óculos e jogo-a no chão. Com a cabeça baixa e os braços cruzados, como se isso me impedisse de desmoronar, saio correndo pelo corredor.

Meu rosto está molhado. Droga. Não posso deixar que façam essas coisas. Entro no banheiro escancarando a porta e surpreendo algumas fumantes. Tranco-me em um dos boxes. A verdade de Colby palpita dentro de mim.

Sou eu, você não vê?

Chegar até o céu?

Quem estou enganando?

Corte minhas asas, faça-me descer

Pensei que minha vez havia chegado.

Mas o sonho virou poeira.

Ao curvar-me para seguir sua ordem,

Vejo a verdade — é tudo uma grande mentira.

Não deixo a segurança do boxe até ouvir o sinal. Aventuro-me a sair apenas quanto tenho certeza de que o banheiro está vazio.

Jogo água fria no rosto e olho para meu reflexo manchado e repugnante. Meadow e sua mãe estão iludidas. Como se um corte de cabelo e a maquiagem que elas não usam mais pudesse mudar qualquer coisa em minha feiura.

Durante toda a manhã, a máscara continua reaparecendo. Colada em meu armário. Colocada em minha cadeira antes da aula de economia. Quando cai em minha bandeja de almoço, Scott a pega e limpa a parte suja de pudim de chocolate.

— Eles só podem estar brincando.

Dobra a máscara e a enfia no bolso da blusa de moletom.

Pega um guardanapo limpo, e limpei as gotas de chocolate que respingaram em meu pescoço. Não tenta fazer brincadeiras.

Um peso terrível pressiona meu peito.

— Não vai funcionar, não é?

Colby deixou bem claro hoje. Eu sempre serei a Fera. Scott dá tapinhas em meu ombro.

— Apenas cante, Beth. Você só tem que se preocupar com isso.

Suas palavras fazem um furinho naquele peso e deixam sair à pressão que aumentava em meu coração. Não estou voando, O céu ainda é impossível, mas sei que ele tem razão. É uma coisa que sei fazer. Cantar. Nem todos os Colbys e suas máscaras de bruxa enverrugadas podem me tirar isso.

Capítulo 5

Brilho das luzes

Não acredite em quem dizer que os tratamentos a laser não doem.

Sabe quando o dentista diz que vai ser só uma picadinha e então espeta uma agulha no céu da sua boca, e você sente que ela atravessa o nariz, e chega até o topo da cabeça? Pelo que encontrei na internet, o laser é mais ou menos a mesma coisa.

Mamãe diz que o parto é assim com esteroides. Não sei se sou corajosa o bastante. Tanta dor? Valeria à pena, no entanto, por um bebê, um doce e lindo pacotinho arrulhando em meus braços. Vale à pena fazer qualquer coisa por isso. Mas mesmo com todas as intervenções de Meadow e sua mãe, nenhum homem se aproximará de mim. O cara cego, gordo e velho das minhas fantasias é apenas uma ilusão. *Feia desse jeito, ninguém vai mexer comigo*. Colby está certo. Penso em todo o tempo que tenho sido amiga de Scott e o máximo que já aconteceu entre nós, foi ele tocar meus lábios com a ponta do dedo. Acho que essas coisas não significam nada para Scott.

Como poderiam? Sou tão repulsiva. Ele está sendo legal. Para ele é só isso, mas eu sinto calor só de pensar. Ou será que são aquelas lâmpadas enormes lá em cima e essa mulher ao meu lado armada com um bastão de laser?

A cadeira em que estou sentada lembra a do dentista também, mas é grande, confortável e cheira a carne queimada.

— Relaxe — a técnica agita seu laser mágico. Acho que ela está sorrindo para me tranquilizar. Seus olhos parecem estar sorrindo. Não consigo ver o rosto porque está coberto por uma máscara cirúrgica rosa-claro. — Vamos queimar delicadamente a pele danificada — todas as minhas marcas de espinha. — A pele vai sair aos poucos. Nada com que se preocupar. Você notará uma grande diferença quando cicatrizar. Duas semanas, e você será uma misse — não; uma princesa!

Espere aí. *Queimar delicadamente?* Como uma queimadura pode ser delicada? Posso vencer essa mulher. Sou maior e mais forte, mas simplesmente fico deitada e concordo; a figura perfeita da cooperação. Faço isso no consultório do dentista também.

— Quer alguma coisa para relaxar?

Sim. Claro. Sim. Por favor.

—Não, estou bem.

Ela põe uma música com sons de ondas quebrando na praia, entrega-me os óculos de sol que vão proteger meus olhos da luz

parecida com a do dentista que ela aponta para meu rosto, e aperta uns botões que inclinam a cadeira para trás.

— Muito bem. Vamos começar. Tente ficar parada.

Prendo a respiração. Odeio isso. Odeio tudo isso. Todas olhando para mim. Tentando descobrir uma maneira de me consertar. Odeio ser lembrada de como sou patética e imperfeita e ver a aversão em seus olhos. Odeio ter que passar por uma transformação completa, com lasers e tudo mais, em vez de simplesmente ir ao salão de beleza e comprar um figurino de arrasar. Para elas, 'não sou uma pessoa. Principalmente para a mãe da Meadow. Sou seu mais novo projeto obsessivo. Ela deixou a filha desistir do solo por minha causa. Agora está pegando tudo que eu costumava ser e virando do avesso, cortando, aparando, disfarçando. E eu tenho que permitir. Devia inclusive ficar grata por isso.

— Você tem que respirar querida — a técnica esfrega uma substância viscosa com um toque de anestésico em todo o meu rosto.

Expiro e volto a sentir os pulmões.

— É o mesmo processo que usamos para remover tatuagens. É melhor você fechar os olhos.

Certo. Fechados.

É delicado. No começo. Mas quando ela atinge a epiderme, dói absurdamente. Queima. Meus olhos se enchem de lágrimas. Ainda bem que estou de óculos escuros.

— Pronto. Não foi tão ruim. Vamos para o próximo passo.

Droga. Ela está apenas começando. Há algo errado comigo.

Estou ficando meio zonza.

— Respire Beth.

Claro. Respirar. Inspiro e solto outra quantidade gigantesca de ar.

— Mas não tão fundo. Respire superficialmente para não se mexer.

Ela começa a trabalhar em outra cicatriz.

Preciso engolir. Será que posso? O líquido está se acumulando no fundo da boca, parece um pequeno reservatório. Não consigo respirar através dele. Nariz. Lógico. Eu tenho um nariz. Puxo um pouquinho de ar e expiro da mesma forma. Não suporto esse monte de saliva em minha boca. Se eu engolir inclinada para trás, vou engasgar. Sei disso. Ela me colocou quase de cabeça para baixo. É possível afogar-se próprio cuspe? Maldição, isso dói. Maldição. Detesto essa palavra. Por que pensei nela?

Não, não, não, não. A escuridão cresce dentro de mim. Tenho que respirar fundo, sentar direito e engolir, mas estou presa aqui. O que ela diria se eu a empurrasse e saísse correndo? Minha boca está cheia de saliva. Completamente. Respiro pelo nariz, com cuidado. Isso. Não pense na... ai, droga!

Devo ter feito algum barulho.

— Você quer fazer um intervalo? — ela levanta a cadeira.

Engulo toda aquela baba. Que nojo.

— Estamos quase acabando?

Ela balança a cabeça.

— Tome.

Tira duas cápsulas de uma embalagem e me oferece com um copo de água.

Devoro as drogas. Não me importa o que são.

— Relaxe um pouco — ela apaga as luzes ofuscantes e acende duas velas. — Volto em meia hora — sai da sala.

As ondas embatem na praia e eu olho ao redor procurando um espelho. Nada. Sujeitos espertos.

Como se adivinhasse, Meadow entra na sala.

— Mandaram-me fazer companhia.

— Você tem um espelho?

Ela olha para meu rosto.

— Acho que não é uma boa ideia.

— Preciso de um espelho — espere. Eu tenho um. Em minha bolsa. Na primeira consulta — aquela em que Scott ia segurar minha

mão —, decidiram que era necessário limpar meu rosto antes de usar o laser. Começaram a usar um novo tratamento para espinhas, algum segredo de spa da Europa. Aplicaram aqui e me deram um pote para levar para casa. De manhã, à tarde e à noite. Você não acreditaria se visse minha pele. Tenho que contar ao doutor Namar. Ele impediu que a acne tomasse conta de mim, como a tia Linda diz que aconteceu com meu pai biológico no segundo grau, mas havia várias erupções, sobretudo nas costas e no peito. Tão nojento. Tão... feio.

A equipe também me deu uns cosméticos europeus secretos, hipoalergênicos e não comedogênicos, ou seja, não causam alergia nem aumentam a acne. Os pós compactos e as bases são bonitos demais para usar. Tive uma aula sobre a técnica do pincel. Brinquei um pouco com ele. Todos os brilhos labiais têm sabor de alguma coisa. Vereda das amoras. Doce de canela. Sorvete de melancia. Ainda não consigo usar muito na escola. Mas o pó compacto ajuda bastante. E está em minha bolsa, ali naquele balcão.

Estico os braços, bocejo, inclino a cabeça para os dois lados para estalar o pescoço.

— Você pode pegar minha bolsa? Preciso mandar uma mensagem para a minha mãe.

Meadow joga a bolsa para mim.

Não é realmente minha bolsa. Nunca tive uma bolsa antes.

Mochila. Pasta de músicas. Bolsa? Meadow tem um armário cheio.

Ela me atirou essa de couro mole e marrom antes de irmos às compras.

— Você não pode ir a essas lojas com uma mochila no ombro. Eu ia deixar no carro. É sério.

Vasculho o imenso ventre da coisa e encontro o pó. Pego e abro com pressa.

— Não — ela tenta tirá-lo de mim.

Seguro o estojinho bem longe do seu alcance. Fico em pé e vou até a porta, onde ainda há uma luz suave acesa. Meu rosto está desfigurado por quatro ferimentos que descarnam a pele. Que porcaria. E isso não cicatrizar como deveria? E se formar marcas piores? Minha cara inteira será uma ferida horrenda.

— O que foi? Não está tão ruim quanto parece.

— É fácil falar.

— Minha mãe ficou bem pior que você. Quando cicatrizar, ia ser como se tivesse uma pele nova. E você é jovem. Vai sarar rápido.

Nesse momento eu decido que a Meadow é quase humana.

— Verdade?

— É — ela tira o estojinho da minha mão. — Deixe-me guardar isso para você.

Observo enquanto ela coloca o pó de volta na bolsa.

— Vá deitar-se um pouco, eu cuido disso.

Ela sai com a bolsa. Está muito mais empenhada no Projeto Beth do que estava em cantar aquele solo. Talvez eu o devolva para ela e vá rastejar em algum buraco por aí. Seria melhor que passar por isso, não seria? Minha estreia mundial vale tudo isso? Afundo novamente na cadeira macia, e depois não me lembro de mais nada.

Descarnar? Pois sim. Uma bela confusão pegajosa, viscosa, úmida e purulenta. E tenho que ir à escola. Ficaria em casa, mas meu grupo tem que fazer uma apresentação na aula de história avançada e, se eu não estiver lá, elas estragarão tudo. Minha média geral precisa da segurança do A que tenho nessa matéria.

Lavo o rosto para tirar a crosta que secou durante a noite, com água morna e o sabonete terapêutico especial que me deram, e examino o tubo de creme medicinal para as feridas e a linda coleção de cosméticos espalhados na pia do banheiro. Não tenho saída. O rosto ampliado no espelho de maquiagem que a Meadow me emprestou lembra uma vítima de acidente de carro do Driver Ed.

Passo um pouquinho do creme medicinal. Deve ter algum anestésico nele. Este machucado já dói bem menos. Espalho no restante do rosto que parece ter sido esmurrado. Mais uma camada

suave para ficar uniforme. Pincelo então a base em pó, dou umas batidinhas de ruge nas maçãs do rosto, como me ensinaram. Um toque do brilho labial sorvete de melancia. Tento até acertar os olhos. Corretivo. Sombra bege natural com um pouco de brilho. Só uma passadinha de rímel marrom. Autobronzeador para dar um ar de queimada de sol e combinar com minha nova cor de cabelo.

Ponho os óculos e dou um passo para trás. O efeito não é tão ruim. Contanto que minha cara não comece a derreter na aula, ficarei bem. Vou dar o fora depois. Não me importo.

— É você? — Scott começou a dizer isso quando tingiram meu cabelo de loiro. A cor está ficando desbotada. E o cabelo não é loiro claro. Não tem nada de Madonna. São só algumas mechas mais claras que meu castanho claro natural. O cabeleireiro da Meadow fez um trabalho incrível com as luzes. Quando Sarah e Leah me ajudam a secar e alisar, fica legal. Sarah diz que com minha altura eu poderia ser modelo. Claro, contanto que não vire de frente. Para a escola, tenho deixado o cabelo crespo para evitar novos ataques do Colby, mas hoje tenho que tirá-lo do rosto, portanto faço um rabo-de-cavalo e aliso a franja. Consegui atravessar o corredor sem que ele me visse, mas Scott não dá trégua.

Anda até onde estou, com os livros debaixo do braço, e encosta no armário ao lado do meu.

— Você disse que a maquiagem era só para o coro. Que se sentia estranha com ela.

— E me sinto estranha. Ficou muito feio?

— O que está tentando provar, Beth? — joga meu cabelo aloirado para trás com o dedo. — Cada vez que a vejo, você é uma pessoa diferente.

— O tratamento a laser fez um estrago — jogo a mochila no armário. — Tenho que cobrir. Estou tão horrível assim? — obrigo-me a virar o rosto para que ele possa avaliar.

Ele olha com calma.

— Você está bem — sua voz está baixa de novo. Não consigo ler a expressão em seu rosto. Ele olha para baixo, para os meus joelhos.

— Achei que você não gostasse dessa coisa de maquiagem.

— Sempre fazia minha acne piorar. Mas até que é divertido. Sei que nunca serei bonita, mas estou começando a gostar de ser menos repulsiva — tiro um brilho labial do bolso da blusa de moletom. — O que acha desta cor? — passo um pouco do sorvete de melancia rosa claro e cintilante.

— Parece saboroso.

Ofereço a ele.

— Você nunca vai adivinhar qual é o sabor.

— Prefiro provar em você.

Ele está fazendo de novo, deixando-me louca. Espero que meu rosto esteja à prova de suor. A maquiagem não pode esconder totalmente o quanto estou ficando vermelha.

Desta vez tenho coragem de dizer-lhe a verdade.

— Você devia arranjar uma namorada — vou sentir falta dos momentos que ele passa comigo, mas sou sua amiga. Ele precisa ouvir isso de alguém em quem confia. Alguém em quem acredita. — Você está ficando um gatinho, Scott. De verdade.

Ele me olha com frieza e vai embora, arrogante. Está tão sensível ultimamente. Eu estava tentando ser legal. Um ato de sacrifício. Heroísmo. Ele implica com cada coisinha que fazem comigo. Não é minha culpa. Só quero cantar. E então me provoca. Praticamente flerta comigo.

Ele ainda não entende o quando isso dói. Não estamos mais na terceira série. Tenho sentimentos, como qualquer outra menina. E ele é o único garoto em minha vida. Não é à toa que fico balançada. Estou tão desesperada. Preciso descarregar esses hormônios todos. Mas ele é meu amigo. Meu melhor amigo. Nunca vai pensar em mim como uma namorada. Nem quero que pense. Sério. Não quero. Sua amizade significa tudo para mim. Garoto metido.

Meu telefone toca. Meadow. Que ótimo. Ela adora brincar de mãe de artista. Acho que foi preparada para isso a vida inteira. Tal mãe, tal filha. A mãe dela queria uma diva famosa e tudo que conseguiu foi uma Mini-Mim.

Mamãe ligou para a mãe dela ontem à noite. Ela não está muito à vontade com a ideia de uma mulher praticamente desconhecida agir como se fosse minha mãe. Começou agradecendo pelo cuidado que ela tem tido comigo.

—Estou preocupada com as despesas.

Não estamos nadando no dinheiro como elas, mas mamãe é sócia da firma de contabilidade. Está indo bem. Pude usar aparelho nos dentes, como todo mundo. Temos seguro, e coisas do tipo. Eu escolhi usar Levi's e blusões de moletom o tempo todo, mas isso não significa que não posso comprar coisas elegantes se puder encontrá-las em tamanho magricela e extra-alto. Tenho meu próprio carro. A boa e velha Jeannette. Não ganho um novo a cada dois meses como a Meadow, não sonho em ficar mais tempo na Europa depois da Olimpíada de Coros e ir para a escola de automobilismo na Alemanha para poder ganhar um Porsche no Natal, mas tenho a Jeannette.

Mamãe fez uma pausa.

— Mas...

Mais uma.

— Patrocinadores do coro?

Outra pausa mais longa.

— Isso é maravilhoso. As roupas também? E todas as meninas vão ao salão de beleza? E a cirurgia estética? Eu gostaria de...

Ela percebeu que eu estava escutando e foi até o fim do corredor.

Sem chance, mãe. Fui atrás dela e parei bem em sua frente. Olhou-a com cara feia.

— Bem, está certo então. Não sabia que o coro tinha uma equipe tão grande de patrocinadores na área da beleza.

Lá se vão os escrúpulos da mamãe. A mãe da Meadow podia estar mentindo. Se os pais dela financiaram ou levantaram fundos para a minha transformação, não importa. Eles doam rios de dinheiro ao coro. Estão falando em usar a gente em umas inaugurações que terão em breve e gravar um comercial para a rádio. Coro de meninas e carros de luxo. Acho que funciona. De repente, sou uma Cantora da Juventude. Eles gostam do barulho do motor, mas eu preciso de muita funilaria.Vão ganhar dinheiro comigo. Não estou preocupada com eles.

Meu celular ainda está tocando.

— Oi, Meadow.

— Minha mãe disse para lembrá-la da prova de roupa esta noite. Não se esqueça de usar seu sutiã novo e colocar um enchimento nele.

Os juízes tiram pontos por roupas decotadas. Não preciso daquele sutiã idiota nem do enchimento. Incomoda demais. Prefiro usar meu sutiã esportivo todos os dias.

— Estou bem, aliás, e você?

— Ah, tudo bem. E seu rosto?

— Estava grudado ao travesseiro quando acordei hoje de manhã.

— Credo. E como está agora?

— Está dormente. Vai doer muito quando passar o efeito anestésico do creme.

— Tente passar um pouco de aloe.

Dou risada.

— Valerá à pena quando estiver bonita.

—Acho que isso não vai acontecer nesta vida. Talvez o agente funerário consiga. A menos que me enterrem com os óculos.

— Nossa, você é tão mórbida. Preste atenção: você nunca será bonita se não acreditar.

— Só quero melhorar o suficiente para não assustar as pessoas quando entrarmos no palco.

— Minha mãe diz que você deve enviar a si mesma mensagens positivas todos os dias. Foi assim que consegui chegar ao tamanho trinta e seis.

— Pode deixar.

Ela desliga. Tem que fazer mais ligações. Dar ordens a outras pessoas. Além de estar adorando isso, ela não tem que cantar. Eu fico com toda a pressão agora. Toda a dor. Toda a tristeza. Todo o trabalho. Mas valerá a pena.

Na metade do segundo período, meu celular vibra. Tiro do bolso e seguro embaixo da carteira. Meadow de novo. *Mensagem 1º dia: Sou sensacional. Repita 100X. Mando nº 2 amanhã.*

Sensacional? Meu Deus.

Sobrevivo à aula de história avançada. Todos os olhares voltados para mim enquanto apresento o trabalho. Entro em pânico achando que meu rosto está vazando e me atrapalho um pouco, mas ninguém percebe, a não ser minhas companheiras de grupo. Elas sabem que sua melhor nota no semestre depende de mim, portanto não ousam reclamar. Ah, a alegria dos trabalhos em grupo. Ao menos nunca sou colocada com meninos. Eles não querem trabalhar comigo. Não me importo em carregar nas costas algumas meninas menos capazes. Ainda que fiquem sentadas conversando enquanto eu faço tudo.

Corro até o banheiro para tentar consertar o que estão olhando, seja lá o que for. Mas está tudo bem com meu rosto. Na verdade, minha aparência está quase boa hoje. Os globos oculares ainda estão ampliados em proporções monstruosas, mas o resto de mim está apresentável. Principalmente meus lábios. Não me admira que Scott tenha ficado bobo daquele jeito. Estou muito longe de ser sensacional, mas não pareço mais a Fera. Talvez eu escreva uma canção sobre isso.

Não chego a compor uma canção totalmente nova, mas aqueles versos antigos, aos quais sempre recorro, ganham mais uma estrofe durante a aula de economia.

Mudanças.

Por que me surpreendem?

Eles podem ver

Que por dentro

Ainda sou a mesma garota?

Quem será ela agora?

Pode ser bonita?

Estará iludida também?

Por que estou ansiosa

Para deixar minha antiga casca?

Será possível?

Ás pessoas vão me amar?

Ainda não tem um refrão otimista. Mas fiquem ligados. Talvez a esperança não esteja longe.

Capítulo 6

Rubi

Leah me faz entrar na rede social que todas participam. Minha página é patética,

Não sei o que fazer em relação à foto. Essa seção ficou vazia. Está muito ruim. Todo o coro enviou pedidos de adicionar, até a Terry. Isso foi legal.

Vou rolando a lista e clicando em "Confirmar", até que, bem no meio dos rostos sorridentes das Cantoras da Juventude, vejo a foto de um garoto.

Levo um susto. Não achei que tivesse que lidar com garotos Talvez o Scott, mas não um garoto de verdade como este. Ele é bom Até demais para ser real. Cabelo escuro, pele clara, olhos castanhos melancólicos, nos quais uma garota poderia se perder. Derek. Soa artificial. Talvez ele seja o anfitrião da rede. O primeiro amigo de todos.

Clico na mensagem anexada à solicitação:

Bom dia, sou um dos solistas do CRA. Ouvi vc no site do Cantoras da Juventude. Bem-vinda Olimpíada de Coros. Quer conversar?

CRA? Ai, droga. Esse cara é do Coro de Rapazes do Amabile.

Culpa da Terry. Ela mudou o site. Começo a cantar assim que o site é aberto. Ela deve ter colocado meu nome lá. Ótimo. Esse menino lindo acha que sou uma corista bonita e quer conversar.

Movo o *mouse* até "Ignorar".

Sei como são os caras que têm essa aparência. Grosseiros nojentos. Mas esse canta. Ajeito os óculos e chego perto da tela para tentar ver além do rosto angelical, enxergar o demônio que deve estar por trás. Tenho que ligar para a Sarah. Ela entende de garotos. É sua especialista.

Não. Sarah me faria confirmar para que eu pudesse apresentá-lo.

É uma pena que Meadow tenha namorado. Eu devo algo assim a ela. Sua perfeição etérea combina muito bem com esse Derek.

Leah? Não. Isso não é assunto oficial do coro.

Vou apenas ignorar. Gosto desse botão. Dou um clique. Droga. A seta desviou para "Confirmar" quando eu estava devorando a foto dele

com os olhos. Tem que haver algum recurso de bloqueio. Enquanto estou procurando, abre-se a caixa de bate-papo.

Derek: oi, Beth... obrigado por me confirmar

Eu digito "Foi sem querer. Você pode me dizer como bloquear?". Em seguida apago tudo e envio um *"O que você quer?"* cauteloso e evasivo.

Derek: fui nomeado espião do nosso coro.

Beth: é mesmo?

E agora? Eu devia ter ligado para a Leah. Isso é um assunto oficial do coro.

Derek: é, estou sendo sincero

Beth: não vai conseguir tirar nada de mim

Derek: parece que vai ser divertido tentar

Beth: ah, fala sério

Eca. Agora minhas mãos estão suando. Seco-as em meu jeans enquanto espero a próxima mensagem dele.

Derek: não é comum um coro aparecer do nada, como vocês

Beth: estão com medo?

Derek: nem um pouco

Beth: então por que espionar?

Derek: todas as suas peças são boas como a que está no site?

Decido que uma mentira estratégica é necessária, para o bem do coro.

Beth: melhores

Derek: difícil acreditar

Beth: é verdade

Derek: os vocais daquela são lindos

Beth: é mesmo? você acha?

Ele está me fazendo corar. Sou tão tonta para essas coisas. Droga. Preciso me concentrar.

Derek: se as outras peças tiverem metade dessa força, seu coro vai se dar bem em Lausana

Beth: achamos que podemos vencer

Derek: Vencer? Não deposite suas esperanças nisso... Vão competir conosco

Beth: e vocês não perdem?

Derek: não ultimamente

Beth: mas estão preocupados

Derek: não estamos

Canadense arrogante e metido.

Beth: então por que nos espionar?

Derek: espionar você

Eu? O que ele quer dizer com isso? Eu devia simplesmente fechar a tela, mas não fecho. Não posso evitar. Essas coisas nunca aconteceram comigo. Vou entrar na brincadeira. Só para ver no que vai dar.

Beth: isso não parece um assunto oficial de coros

Derek: você tem uma voz tão linda... estou curioso para conhecer o resto

Beth: a conversa acabou!

Derek: não fique assim... Você não está curiosa em relação a mim?

Beth: não

Derek: é mesmo? Está falando sério?

Beth: por que a surpresa?

Derek: a maioria das meninas tem... Curiosidade

Beth: não sou como a maioria das meninas.

Derek: legal. A gente se vê em Lausana

Beth: onde vamos derrotar vocês

Derek: vai ser difícil

Para mim chega. Não sei como terminar a sessão de bate-papo, então fecho o site inteiro. Nunca mais quero entrar nele. Não me importa o que a Sarah e a Meadow vão dizer.

Que ótimo. Estamos desperdiçando metade do ensaio provando vestidos. Aquele garoto convencido do Amabile me fez perceber que

não estamos nem um pouco preparadas para competir. Para ter uma mínima chance em uma competição internacional, não podemos cantar separadas em seções como um coro tradicional; contraltos, primeiras e segundas sopranos. Temos que estar misturadas para obter uma boa fusão. Os jurados conseguem ouvir a diferença. Vamos sair da Suíça como motivos de riso se não fizermos isso.

É difícil cantar desse jeito. Os contraltos não conseguem me acompanhar. As outras seções não conseguem acompanhar as vozes mais potentes. Todas as coristas têm que ser capazes de cantar cada parte sozinhas. E tudo tem que ser perfeitamente memorizado. Está chegando, e estamos ficando sem tempo. Vamos competir com coros de escolas de música. Eles praticam durante horas todos os dias, não duas noites por semana. Nosso grande concerto de primavera é daqui a três semanas. Precisamos aproveitar cada minuto de cada ensaio. Terry acrescentou umas duas maratonas aos sábados depois que as aulas terminarem, mas não acho que chegaremos ao nível em que devíamos estar. Não quero apenas ir à Olimpíada de Coros. Depois de tudo que a mãe da Meadow me fez passar, quero o ouro. Quanto àquele garoto que mora atravessando a fronteira, naquele projeto de Londres em Ontário, é melhor ele ter cuidado.

Aqui estou então, na prática desta noite, irritada. Também estou zangada por ter me rendido e vestido aquele sutiã idiota. Mas sem enchimentos. Eles me dão arrepios, aquelas coisas de borracha mole que ainda não tirei do saquinho. Não vou tocar neles. O sutiã já é ruim o suficiente. Os arames estão se enterrando em mim, e não é

confortável ser apertada e espremida desse jeito. É muito estranho olhar para baixo e ver a linha que divide os seios. Sou tão covarde. Achei melhor não despertar a ira da mãe da Meadow aparecendo com meu sutiã esportivo em sua sofisticada prova de roupas.

Ela e Meadow entraram de corpo e alma na preparação das Tenho que continuar sendo uma boa menina para poder cantar. É tudo' irreal. Vou acordar um dia e tudo terá evaporado. Serei novamente a Fera que ancora o contralto, e não teremos nenhuma viagem marcada. Cada dia que passa sem que isso aconteça faz o próximo parecer menos real. Menos sólido. Um tecido fino que vai rasgar se eu fizer algo errado. A única viagem que farei, é sei lá que diabos Colby está planejando para mim.

Quero voltar a rabiscar letras no verso da última música da pasta. Acho que estava chegando a algum lugar, mas Leah e Sarah, ambas armadas com aquelas coisas de alisar cabelos, estão amansando o meu novamente.

—Ai.

Como era? Algo sobre margaridas e borboletas. Não, era assim.

Não é bem um girino,

Não é bem um cisne.

Uma flor desabrochando?

O sol ao amanhecer?

Não dá. É constrangedor demais para expressar em palavras. Tenho que apagar tudo. Rápido. Sarah me queima de novo.

— Desculpe.

— Não foi nada — a letra se desintegra na minha cabeça. — Obrigada pela ajuda.

— Não consigo segurar com firmeza. — Sarah abaixa a prancha alisadora. — Estou tão nervosa.

Leah solta o cacho que estava alisando.

— Por quê?

Sarah suspira.

— E se o vestido ficar feio em mim? Vermelho não é a minha cor.

— Mas não são vermelhos. — Leah prende a prancha em outra mecha de cabelo e desliza para baixo, lentamente. — São rubi. Tons de pedras preciosas ficam bem em qualquer pessoa.

— Você está começando a falar como a mãe da Meadow. — Sarah larga a prancha e escova sua parte do meu cabelo.

— Ela está certa. Os outros coros vão estar de preto, branco ou algum azul enjoativo — Leah solta o último fio alisado. — Seremos a sensação do concurso. Ninguém usa vermelho.

— Talvez porque seja vulgar. — Sarah está mal-humorada desde que chegou.

— É elegante — Leah pega a escova e arruma meu cabelo. — Você viu o tecido. Claro que não é vulgar — entrega o espelho para mim.

— Ficou bonito — não consigo me imaginar usando uma roupa com aquele tecido.

Meadow aparece na porta do santuário.

— Beth, você é a próxima.

— Esperem um pouco. Preciso contar uma coisa a vocês três.

Conto a elas sobre minha conversa com Derek. Meadow pega rapidamente seu iPhone, abre minha página e usa minha seção de amigos para chegar à página do Derek.

— Ah, querida. Reivindico direitos sobre ele.

— Você não pode fazer isso. Ele escreveu para a Beth. — Sarah espia minúscula por cima do ombro da Meadow. — É ela quem decide. Meadow examina a tela, navegando pela página dele.

— Obviamente, ele acha que sou eu. Eu sou a solista do Cantoras da Juventude.

Leah larga a escova e tenta dar uma olhada na tela.

— Você tem namorado, não tem?

Meadow dá de ombros.

— Ele está começando a me irritar. Esse Derek com certeza seria um upgrade.

— Meadow! — A voz de sua mãe berra das profundezas da igreja.

— Vamos, Beth. — Meadow me arrasta para o covil no subsolo.

Sua mãe transformou o sombrio porão da igreja. Lâmpadas enormes. Muitos espelhos. Quatro porta-cabides cintilando com vestidos rubi. Há um biombo no canto. Quatro meninas estão usando combinações compridas e colocando seus vestidos.

Depois de me juntar ao grupo, à mãe da Meadow me entrega uma combinação extralonga. Minha blusa está muito justa. Ponho os óculos de lado, tiro a blusa e me vejo de relance no espelho atrás do biombo. Volto a colocar os óculos para ver melhor. Fico bastante sensual com esse sutiã. Como pode um sutiã de renda que aproxima os seios transformar meu corpo magro desse jeito? Minhas pernas compridas estão lisinhas, graças à depilação, não tenho barriga e não há uma única espinha em lugar algum. Talvez eu possa ir à praia neste verão. No Lago Huron nunca faz muito calor, mas eu adoro entrar na água gelada em um dia abafado e úmido de julho. Não faço isso desde que era criança.

Visto a combinação de cetim por cima. O tecido desliza pelo meu corpo como um sussurro. Balanço o corpo para descer o jeans de marca que só uso nos ensaios do coro e nos passeios com a Meadow. O pano macio encosta em minha pele, e adere às curvas do meu corpo. Completamente voluptuoso. Sinto-me como no dia em que Scott tocou meus lábios.

Scott.

O que meu velho amigo – com seus dentes brancos, pele lisa, pescoço atraente e viril e aquelas mechas finas e loiras – pensaria ao ver-me assim? Quase consigo me imaginar com um cara como aquele Derek. Fico parada pensando em um refrão otimista para a música.

Um girino desajeitado

Vira um sapo gracioso.

O cisne pode nadar

Para além do pântano profundo.

Pétalas delicadas escapam da tempestade

Um belo príncipe que promete

Manter-me aquecida

— Beth — a mãe da Meadow me resgata dos meus pensamentos insanos.

Ela me puxa até uma das seis mulheres com fitas métricas no pescoço e alfinetes na boca que estão trabalhando com as meninas. Esta tem um monte de tecido rubi dobrado e pendurado no braço. *Oxicoco*. Se fosse Natal poderíamos chamá-lo assim. O tecido se transforma no meu vestido quando ela o desdobra.

Começo a vesti-lo pelos pés e passo os braços pelas mangas curtas e estilizadas que são pregueadas no ombro, armam um pouco e voltam a franzir o pano no braço, depois de alguns centímetros. Contorço-me um pouco para entrar nele. A mãe da Meadow sobe o zíper nas costas.

É um vestido simples. Decote redondo; não baixo o bastante para mostrar a linha dos seios criada pelo sutiã, mas deixa minha linda clavícula exposta. Cintura império, o que significa que o corpete é ajustado logo abaixo do busto e a saia se abre a partir daí. Nada apertando a barriga. Terry é tão prática. Podemos tirar fôlego de nossas entranhas sem arrebentar as costuras. E não nos deixa gordas. O efeito como um todo, das manguinhas delicadas, às pregas suaves que aumentam meus seios, até o drapeado perfeito do tecido cuja cor é magnífica, transmite elegância. Se cortasse minha cabeça, eu ficaria incrível. Deve estar bonito nas costas também, com meu cabelo primorosamente cortado, tingido, iluminado e alisado.

A mãe da Meadow bate palmas.

— Meadow, venha ver a Beth!

Meadow vem correndo.

— Tire os óculos para vermos o efeito completo.

Eu obedeço. Sua mãe fica sem fôlego. É uma artista vendo a própria criação pela primeira vez.

A costureira me faz subir em um banquinho para marcar a bainha. Anda a minha volta colocando alfinetes aqui e ali, onde o corte está fora da medida.

Olho de esguelha para Meadow.

— Tem como excluir aquele cara do Amabile do meu grupo de amigos?

— Não se atreva a fazer isso. Preciso ter acesso à página dele para preparar minha ofensiva.

— E se ele quiser conversar de novo?

— Ligue para mim, e eu direi o que você deve falar. Ou melhor, envie meu nome como sugestão de amigo.

— Como?

— Deixa para lá. Eu faço isso.

Sarah grita lá de cima

— Que pena, Meadow. Nós o encontramos também. Parece que ele tem namorada. Ela está por toda parte no perfil dele.

— Qual é o status dele? — pergunta Meadow.

— Complicado — responde Leah.

Meadow sorri.

— Perfeito.

— Ai — a costureira acaba de espetar o alfinete em mim, em vez da costura lateral. Não acredito que a Meadow vai continuar agindo assim. O namorado dela é maravilhoso.

— Você vai terminar o namoro por causa desse Derek?

Meadow olha para cima, indicando que eu disse uma bobagem.

— Ainda não. Não seja burra. Quando eu ficar com o Derek em Lausana...

Ela é tão segura — tão presunçosa — exatamente como ele. Serão perfeitos um para o outro.

— Posso enviar uma mensagem de texto ao Teddy terminando tudo.

— Um relacionamento a distância não vai ser difícil?

— Vou ganhar um Porsche, bobinha. Talvez eu o leve comigo para a escola de automobilismo. É melhor eu pedir ao papai para fazer uma reserva para ele, por precaução. O que você acha mãe?

A mãe da Meadow concorda distraidamente e a manda subir para pegar minha bolsa e mais duas meninas. Elas têm que marcar oitenta vestidos, e rápido, para que possamos ensaiar. A costureira termina e começa a abrir meu zíper.

— Ainda não — a mãe da Meadow procura e encontra em minha bolsa o brilho labial de amora, intacto. É escuro demais. Prefiro o de melancia. Lambuza meus lábios com a preciosa substância cor de vinho, retoca a base e o ruge e pinta meus olhos como uma profissional. Afasta-se um pouco. — As meninas têm que ver isso. E vai ficar ainda melhor quando seu rosto terminar de cicatrizar.

— Nós vamos subir?

— As meninas precisam ver como valeu a pena todo o nosso esforço.

Nosso esforço não será recompensado até estarmos no palco de Lausana cantando bem melhor do que aqueles caras do Amabile jamais sonharam em cantar.

— Preciso dos óculos.

— Não. Eu posso guiá-la.

— Não precisa. Não sou cega — odeio isso, no entanto. Ficar andando sem enxergar direito. Imagino se me deixarão colocar os óculos durante toda a estadia na Europa. O vestido faz barulho quando subo as escadas. Algumas meninas me veem. Em toda a sala,

ouve-se: "Olhem. Shhh. É a Beth". A mãe da Meadow, com a mão firme em minhas costas, guia-me até o tablado.

Meadow aparece ao meu lado.

— Então, meninas, o que acham da nossa solista?

Eu vejo apenas borrões, mas posso sentir. O assombro.

A voz de uma garota mais jovem diz abruptamente:

— Pode me dar seu autógrafo?

Isso quebra o silêncio e todas se aproximam de mim.

— Você está linda, Beth.

— Parece uma modelo.

— É incrível.

Eu fico atordoada, empolgada, rio e abraço-as, com cuidado por causa do vestido. Receando que a mãe da Meadow grite comigo se ficar amarrotado. Não podem estar falando sério. Linda? Eu? É claro que quero acreditar nelas. Acreditar nesta emoção que faz meu coração enlouquecer dentro do peito. Não pode ser verdade, mas elas continuam falando.

— Não sabia que seus olhos eram tão azuis.

— Você vai ser uma estrela.

— Você devia participar de concursos de beleza no ano que vem.

Concursos de beleza? Fala sério. É o vestido. Apenas o vestido.

Depois de umas cinquenta meninas dizerem que é verdade, começo a acreditar nelas só um pouquinho. Queria apenas poder ver o cisne também.

Capítulo 7

Conserto

Tive um pesadelo na noite passada

Estamos no palco em Lausana.

Todas estão deslumbrantes em seus vestidos vermelhos, menos eu. Estou vestindo apenas a combinação de cetim. E Scott está no meio da plateia, olhando para mim com aquela expressão no rosto, como na quinta-feira passada, no corredor. Se ele não arranjar logo uma namorada, vou ficar louca e atacá-lo na sala de música, não importa se é meu amigo. A lenda da Fera ficaria fora de controle depois disso.

Juntem-se, crianças

E façam suas orações.

Arregacem os pijamas

E fujam para o andar de cima.

A Fera estará rondando

Durante toda a noite,

Caçando rapazes meigos

Que também sejam bonitos.

Não sei como posso me sentir assim. Scott é como um irmão. Somos amigos desde pequenos. Não posso gostar dele de forma romântica, mas às vezes me pego reparando em coisas estranhas. Como o formato do ombro dele. Está fazendo calor esta semana, e hoje ele está usando uma camiseta sem mangas, e eu não consigo parar de olhar para o ombro dele. Não é mais cheio de espinhas como antes. E tem músculos.

Ele me flagra no coro.

— O que foi?

— Nada — obrigo-me a manter os olhos concentrados na música chata que cantamos até o fim do período. Saio apressada quando o sinal toca.

—Beth.

Não paro.

— A gente se vê, Scott. Estou com um pouco de pressa — ele não sabe que estou poupando-o de um destino pior que a morte.

Meu celular vibra, tiro-o do bolso e abro.

— O que é, Meadow?

— Sou eu, sua mãe.

— Desculpe. Estou meio atrapalhada hoje.

— O que aconteceu? Pensei que seu rosto estivesse melhorando.

Até parece que vou contar a minha mãe o que está passando por minha cabeça agora. Tenho certeza de que ela adoraria ter uma conversa sobre os ombros másculos do Scott.

— Só estou cansada. O ensaio de ontem à noite terminou tarde e depois tive que dirigir de Ann Arbor até minha casa. Cheguei à uma da manhã.

— Quer tirar à tarde de folga?

— Claro, adoraria.

— Ótimo. Vá até a secretaria e passe o telefone, vou pedir que a dispensem. Temos um compromisso, depois você pode dormir a tarde inteira.

— Um compromisso? Você também?

— Não vai demorar. Encontre-me em casa. Vou dirigindo.

Deve ser algo importante. Ela sairá do trabalho mais cedo.

— Mãe...

— Por favor, Beth. Faça uma vontade minha — pela voz parece entusiasmada. Tanto quanto uma contadora poderia estar.

— O que está acontecendo?

— Pensei em algo que elas esqueceram.

— Estou me sentindo como o Frankenstein.

— O monstro?

— É. Você e a mãe da Meadow podem brigar pelo papel do cientista louco.

— Talvez você ainda não tenha percebido, mas está passando por um momento muito importante. E farei parte dele.

— Aplaudir na plateia não é suficiente?

— Não estarei na Suíça como elas.

— Está com ciúme da mãe da Meadow?

— Ela tem feito tanto por você.

— Como pode comparar-se a ela? — é difícil dizer isso em uma droga de celular na porta da secretaria. — Você é tudo para mim, mãe. — minha voz falha e tenho que sussurrar. — Onde eu estaria sem você? — Ela respira fundo, chorosa.

— Sei que não tem sido fácil para você. Os garotos; você sempre vinha para casa chorando quando estava no primeiro grau — a terceira série. Depois disso, tinha o Scott para compartilhar meus problemas. Fez tanta diferença. — Você tenta esconder de mim, mas sei que eles a magoam.

Se ela soubesse do menino quase nu acorrentado ao meu armário, da máscara, do corredor lotado de meninos uivando quando eu passo, de todas as brincadeiras criativas usadas pelos garotos do ensino médio para lembrar a uma menina que ela é muito feia. Não é humano. Não vale a pena.

E o modo como as meninas me evitam. Ninguém quer ficar perto de mim. Se mamãe soubesse, ficaria arrasada.

— Agora minha aparência está melhor.

— E os óculos?

— Não vou usá-los na apresentação.

— Não basta.

— Você encontrou lentes com alguma tecnologia avançada?

— Melhor que isso.

Uma propaganda enorme que já vi centenas de vezes no caminho para o coro se desenrola em meu cérebro.

— Ah, não. Laser de novo, não.

— Será mais fácil que consertar o rosto. Leva apenas alguns segundos.

— Não, mãe, por favor. Queimar marcas de espinha é uma coisa, mas colocar aquele negócio em meus olhos?

A voz dela fica mais firme.

— Coragem, menina. Só mais um passo rumo a sua independência genética.

O cabelo. A acne. O problema de visão. Tudo dele. Agora entendi o que ela quer. Acabar com as lembranças. Acabar com a culpa. Libertar a filha de todas as maldições que ele deixou. Vitória dela. Não tenho como argumentar.

Na segunda-feira vou à escola pela primeira vez sem os óculos. É como se eu fosse invisível. Ninguém percebe. Ninguém diz nada.

Nem um latido sequer. Devo estar louca, mas a atenção negativa era um sinal de que notavam minha presença.

Não vejo Scott até o horário do coro.

— Está tentando usar lentes de novo? Não é uma boa ideia, Beth. Você vai acabar cega ou ter algum problema.

— Não — tento sorrir. — É algo mais permanente.

— Agora tingiram seus olhos? Estão muito azuis hoje.

— Talvez seja o colírio. Fiz uma cirurgia a laser nos olhos na sexta-feira. Legal, não acha? Estou um pouco tonta, mas o médico disse que meu cérebro vai se ajustar e minha visão será quase perfeita.

— Cuidado aí. Não precisa mesmo de óculos?

— Não me dê um sermão, por favor. Estou meio insegura. Devia ter ficado em casa.

— Não, é claro que não — ele põe o braço atrás de mim para amparar-me e, com a mão em minhas costas, sobe comigo entre as fileiras, até os assentos dos tenores. — Para dizer a verdade, acho ótimo. Isso vai mudar sua vida. Não acredito que a equipe da Cosmo teve essa ideia.

Antes de sentar, apoio-me um pouco mais em sua mão — a sensação é tão boa.

— Não foram elas. Foi minha mãe que insistiu nisso. Lembra de quando estávamos no primário?

Scott é solidário. Um "lembro" flutua até meu ouvido.

Cara de esquilo. Quatro-olhos. Garotos roubando meus óculos no recreio. Quatro pares foram quebrados. As lentes eram tão pesadas, sempre saíam da armação. Scott salvou um par no banheiro dos meninos e acabou apanhando.

— Aquilo ainda assombra minha mãe.

— E você? — sua mão vai até meu cotovelo e ele me ajuda a sentar na cadeira.

— Não tem como esquecer, sou a mesma pessoa.

— Não é mais, Beth — senta ao meu lado.

— Não é fácil não ser mais aquela menina. Entende o que quero dizer?

Ele assente com a cabeça. Já passou por isso também. E a desprezível aqui achou que ele podia simplesmente esquecer e agir como o senhor Conquistador para arrumar uma namorada. Ele é homem. Não pode ter sentimentos. Todos esperam que ele queira apenas ação.

— Vamos virar essa página juntos — sua mão volta às minhas costas e move-se para cima e para baixo, delicado e reconfortante. — O que você acha?

— Lembra de quando íamos fugir? Na quinta série? Vou preparar os sanduíches de novo, e podemos usar meu carro. Quanto dinheiro você tem?

— Estava pensando que desta vez devíamos enfrentar — sua mão para. — Vamos ao baile do colégio.

Eu rio.

— Como se eu pudesse arranjar um acompanhante.

Ele chega mais perto.

— Acabei de convidá-la, sua boba.

Arregalo os olhos para ele.

— Você quer ir comigo? — minha cabeça balança diante de tamanho absurdo. — Sou alta demais.

— E eu sou muito baixo — sorri.

Droga, ele está falando sério.

— Você vai me fazer dançar?

— Você sabe? — sua mão vai até meu ombro, do outro lado, e o braço vai junto. — Duvido — aperta um pouco o abraço, em uma fração de segundo. — Posso ensinar se quiser — Scott sabe dançar? — Já estive em milhares de casamentos da família.

— Não tem mais ninguém que você queira levar?

— Você está brincando, certo?

— Você é um amor, Scott, mas talvez não seja uma boa ideia — minha cabeça não para de balançar lentamente, dizendo de jeito nenhum. — Não quero estragar nossa amizade.

Seu braço cai e fica pendurado casualmente entre nós. Ele franze as sobrancelhas.

— Por que amigos não podem ir ao baile juntos?

— Você não vai achar esquisito? — não consigo olhar para o rosto dele. — Ir comigo?

— Impossível.

— Acho que preciso de um vestido — mostro a língua para ele. — Meadow vai ficar eufórica.

Scott se ajeita na cadeira para ficar o mais alto possível.

— Isso eu tenho que ver.

Capítulo 8

Baile

O baile acaba sendo na mesma noite do nosso concerto.

Que chato. Scott vem assistir à nossa apresentação com um smoking preto, bonito demais para ser meu velho amigo do primário. Vamos sair assim que terminar. É uma tradição do colégio fazer os bailes em um clube de campo. Vamos chegar bem atrasados, mas é bom. Como a festa vai estar bombando, podemos entrar pelos fundos sem que ninguém veja, escutar algumas músicas e ir embora.

Meadow espia pela porta lateral do santuário antes do início do concerto e vê Scott na plateia. Supõe que ele é um espião do Amabile e começa a procurar Derek ansiosamente.

— Não, aquele é meu amigo, Scott.

— Seu par no baile?

— É. Somos amigos há séculos.

— Ele é uma gracinha — Sarah entra na conversa. — Apresente-me depois.

Espere sentada. Eu jamais jogaria Sarah para cima do meu pobre e indefeso Scott.

Terry entra pela lateral e cumprimenta o público. Está usando um conjunto preto maravilhoso. Acho que foi a mãe da Meadow que comprou. Dá as boas-vindas a todos, faz um discurso sobre os sonhos dourados da Olimpíada em Lausana, e logo depois estamos cantando. Os números vão passando rapidamente. Todos recebem muitos aplausos. Na plateia estão nossos familiares e amigos. Eles aplaudiriam qualquer coisa.

O número final é *Leve-me para casa*. Dou um show no solo. O salão vai à loucura quando acaba. Estão todos em pé, batendo palmas enquanto agradecemos com reverências. Terry agradece. A pianista agradece. Tenho que dar um passo à frente e fazer a reverência sozinha. Depois todas fazemos juntas. O público ainda aplaude. Não ficam quietos até cantarmos novamente.

Sou cercada quando terminamos. Mamãe abre caminho aos empurrões e me dá um abraço forte.

— Você é linda. E não só por fora — é o dom dela que brilha em mim. A única coisa realmente extraordinária que eu tenho. Ela me aperta de novo. — Estou tão orgulhosa de você.

Scott está esperando nos fundos. Tenho que admitir, ele está bonito com esse *smoking*. Acentua seus ombros. Ai, esses ombros. Por que eles me atraem assim? Ele ia cortar o cabelo hoje, mas eu disse que não iria se ele fizesse isso. Ele gostou. Espero que eu consiga me controlar esta noite. Não quero fazer nada estúpido que possa assustá-lo. Ele está sendo tão legal levando-me ao baile.

Finalmente dou o último aperto de mão, abraço mais uma senhora e fujo para trocar de roupa.

Meu vestido é de seda creme, quase do mesmo estilo dos vestidos que usaremos na Olimpíada, exceto pela saia, que fica alguns centímetros acima do joelho, e pelo decote redondo que mostra mais do que a clavícula. Meadow insistiu. Estou feliz porque a acne que eu tinha no peito é passado. Caso contrário, essa roupa com certeza não ficaria bem. Usei um vidro inteiro de loção autobronzeadora nas pernas. Até que ficaram bonitas. Com esse vestido, elas parecem longas demais.

Minha mãe está esperando com o Scott quando saio do vestiário. Ela fica toda emocionada e diz ao Scott que é melhor voltarmos até uma hora da manhã.

Uma hora? Como se fôssemos ficar tanto tempo.

— É claro.

— E com que carro você vai? — ela chega perto o bastante para cheirar o hálito dele.

Fico vermelha como os vestidos do coro.

— Mãe. É o Scott. Dá um tempo.

Ele ri.

— Com o BMW do meu pai. Não se preocupe. Tomarei cuidado.

Saímos de lá, e então consigo relaxar no banco do carro. O couro tem um cheiro bom. Mais alguma coisa tem um cheiro bom. Acho que é o Scott. Loção pós-barba? É meio inebriante. Eu cheiro a spray de cabelo, ou pior. O concerto foi cansativo. Mas Scott nem sabe se estou ou não no carro. Está tão concentrado na direção. É fácil fazer um homem feliz. Um carro potente nas mãos, e ele está no paraíso.

— Ei — ele ajusta as mãos ao volante —, pegue aquela caixa térmica ali atrás.

Estou desapontada. Não esperava que Scott fosse trazer bebida. Ele não é assim. E sabe que eu não sou.

— Não acredito que você...

— Abra.

Pego a caixa atrás do banco, coloco-a no chão entre meus pés e ergo a tampa. Há um guardanapo de pano grande e rosa por cima.

— Minha mãe me fez colocar isso aí. Para o seu vestido.

Olho debaixo do guardanapo. Vejo uma garrafa de espumante de cidra, taças plásticas, dois sanduíches grossos envoltos em plástico e seis pedaços grandes de bolo.

— O que é isso?

— A comida favorita das garotas, segundo minhas irmãs mais velhas. Eu queria levá-la a um restaurante legal, mas com o concerto...

Sinto um nó na garganta.

— Isso é tão gentil.

— Pode comer. Você deve estar morrendo de fome.

Começo pelo bolo.

Chegamos ao hotel a tempo para as fotos.

— É melhor se apressarem — a professora que pega nossas entradas nos empurra pelo corredor. — Encerrarão em dez minutos.

— Vamos tirar fotos? — por que Scott está tão surpreso? Até eu sabia disso.

— Preciso dar um jeito no rosto.

Ele olha para mim com ar de reprovação.

— Não precisa.

Retoco rapidamente o brilho labial enquanto ele paga a fotógrafa.

— Se ficarem boas, podemos encomendar mais algumas?

— Scott!

— Estou só perguntando. Talvez minha avó queira uma cópia.

— Ela pode ficar com a minha.

Sua expressão entristece.

— Não por sua causa. Eu fico horrível em fotografias.

— Daqui a vinte anos, precisaremos dessas fotos para provar aos nossos filhos que fomos ao baile da escola.

— Nossos filhos?

Seu rosto fica vermelho.

—Seus filhos. Meus filhos. Futuros adolescentes infelizes e hipotéticos.

— Como nós?

A fotógrafa faz sinal para ficarmos na frente de um arco cafona enfeitado com folhas de seda e luzes piscando. Seu olhar desce de mim até o Scott.

— Acho que precisamos de uma cadeira. É melhor você ficar sentada, querida.

Scott olha para ela, irritado.

— De jeito nenhum — ele aponta para minhas pernas. — Quero que elas apareçam na foto.

— Seu moleque sem-vergonha.

— Eu nunca as vi antes. Não sei quando você vai exibi-las de novo. A fotógrafa está rindo de nós, mas Scott consegue o que quer.

Ela nos coloca de frente um para o outro e põe os braços dele em volta de mim, arrumando-os de forma que suas mãos fiquem na parte inferior das minhas costas. Pede então que eu ponha as mãos atrás do pescoço dele, balança a cabeça, e reposiciona meus braços como os do Scott.

— Agora virem o rosto para cá. Abaixe o queixo, querida. Endireite a postura. Sorria um pouco. Isto não é um funeral. Olhe para cá — ela levanta a mão e mexe os dedos. — Assim está bom — a câmera acende o clarão doflash.

Pisco os olhos para aliviar o incômodo.

O espertinho do Scott me faz cócegas. Eu rio, e ela bate outra foto.

— Ah — diz ela —, esta ficou boa.

Scott mantém uma mão em minhas costas e me leva até um salão azul e suntuoso, sob a luz fraca dos lustres. Estão tocando uma canção lenta.

— Vamos dançar.

Eu hesito. Ele sabe que nunca estive em um baile. Território inimigo. Ele foi quando estávamos no primeiro grau. Talvez tenha ido a alguns durante o ensino médio. Para os garotos é mais fácil, podem ficar de fora, só olhando. Vai ver ele até dançou. Não sei. Eu estava em casa escrevendo músicas tristes que depois rasgava em pedacinhos e jogava pela janela.

— Vamos, Bethie — ele tira o paletó e o pendura na cadeira de uma mesa vazia no fundo. — As lentas são fáceis — olha para a bolsinha de mão cintilante que a Meadow me emprestou. — Tem alguma coisa valiosa aí?

— Só meu rosto — nem imagino quanto ela vale. Mais de cem. Mais de mil. Jogo-a na mesa e olho ao redor. Duas professoras estão cuidando das coisas deixadas nas mesas. Uma delas acena com a cabeça.

Scott agarra meu cotovelo e me puxa até a pista de dança. Põe os braços em volta da minha cintura novamente. Eu coloco as mãos em seus ombros de leve, quase sem tocá-lo. Ele olha fixamente para o meu decote.

— Pare de olhar.

— Você não pôs esse vestido para que eu olhasse?

— Pus este vestido porque a Meadow me obrigou.

— Obrigado, Meadow.

— Você está me assustando. Pare com isso.

— Para onde devo olhar?

— Que tal meu rosto?

Ele inclina a cabeça para trás e começamos a mover-nos devagar, em um círculo.

— Isso não vai funcionar. Meu pescoço está ficando dolorido — seu olhar cai novamente em meu decote.

Piso em seu pé, com força.

— Olhe para o lado então.

— Nossa, todos estão olhando para nós.

— Droga — o calor se espalha por todo o meu corpo até chegar

— Continue dançando.

— Não, vamos sentar. Estou com sede.

— Você acabou de beber a garrafa inteira daquele negócio de cidra.

Olho em volta por cima da cabeça loira e macia do Scott.

— Ninguém está olhando — abaixo o olhar até ele. — Você é o único que está observando o que não devia.

— Chegue mais perto, daí não poderei olhar — ele me aperta e descansa o rosto em meu peito, sem perder o passo.

— Isso foi sutil.

— Dá para aprender muito observando de fora.

— Está confortável agora?

— Que saco, Beth. Fique quieta e dance.

Encosto o queixo em sua cabeça. Meu Deus, ele tem um cheiro tão bom. Fecho os olhos. Entramos no ritmo lento e sedutor da música.

Em nosso primeiro abraço, inesquecível,

Acreditei que o amor era possível.

Com seus lábios, meus sentidos despertaram.

Com você, minhas defesas se dissiparam.

Toco seus ombros. A sensação é tão boa. Minhas mãos deslizam para frente e para trás, explorando o formato de seus deltoides enquanto nos movemos juntos. O vestido é decotado nas costas também. Uma de suas mãos está tocando minha pele, e a outra está na cintura.

Ficarei aqui se tiver o seu amo,

Abra seu coração sem temor.

Volte para mim,

E nosso sonho não terá fim (‘ô-ô, ÔÔ, ô,).

Estou gostando disso mais do que uma amiga deveria gostar. Aproximo-o ainda mais de mim, acaricio suas costas, levo as mãos até seus cabelos e afago sua cabeça. Meio maternal, meio não.

— Isso é gostoso — seu hálito faz cócegas em minha pele.

Ruborizo outra vez. Será que ele sente o calor?

— Fique quieto e dance.

Seja o meu amor, e eu serei o seu amado.

Diga “para sempre estarei ao seu lado “.

Á verdade é que nosso destino estava traçado.

O refrão toca, volta e repete. Scott e eu não falamos muito durante o resto da música. Estamos envolvidos demais nos movimentos e no contato físico de nossos corpos. Por que ele está fazendo isso comigo? Por que estou deixando? A canção se dissolve em outra, depois em outra, e eu me dissolvo nas mãos do Scott.

Começa então uma música mais agitada e nos separamos, como se tivéssemos despertado. Constrangidos.

Ele olha para o relógio na parede, é quase meia-noite, e volta a olhar para mim.

— Você quer ir agora?

Balanço a cabeça.

— Quero dançar mais uma música lenta. Acho que estou pegando o jeito.

Ele sorri e segura minha mão.

— É claro.

Com todos esses toques e carinhos, está ficando cada vez mais difícil lembrar que ele é apenas meu amigo.

Voltamos para a mesa em que deixamos nossas coisas. Ele solta minha mão e puxa a cadeira para mim.

— Vou buscar um pouco de ponche. Agora você pode estar com sede.

— Veja se é seguro — não preciso de ponche batizado. Já estou alta o suficiente.

— Pode deixar.

Ele desaparece. Fico remexendo a bolsa. Meus lábios estão muito secos. Pego meu sorvete de melancia e passo um pouco.

— Com licença. Posso me sentar aqui?

Conheço essa voz. Meu corpo fica rígido. Não viro o rosto. Esperava ter paz ao menos nesta noite. Olho na direção contrária, à procura de um grupinho de meninos que estivesse assistindo a seja lá o que for que esses idiotas tenham planejado. Não os encontro. Devem estar atrás de mim.

Colby se senta.

Não olho para ele. Não dou abertura. A primeira regra de defesa das vítimas de intimidação.

— Então você está aqui com o Scott? Como isso aconteceu?

Silêncio.

— Quero dizer, que coisa terrível uma gatinha como você pode ter feito para ter que ir ao baile com o Scott? Você é prima dele? Amiga da família?

Perco a paciência.

— Você não tem um par? — cuspo as palavras naquela cara linda e arrogante.

— Ela bebeu muita cerveja antes do baile — ele indica com a cabeça uma garota dormindo na mesa ao lado. — Portanto posso resgatá-la — aproxima sua cadeira da minha.

Afasto-me dele.

— Você devia me agradecer.

— Pare com isso, Colby. Vamos logo para o final da piada.

— Como você sabe o meu nome?

Eu o encaro. Finalmente, meu cérebro processa o que está acontecendo.

— Você não sabe o meu?

— Se já tivéssemos nos encontrado antes, boneca — ele me olha dos pés à cabeça, e eu quero socá-lo —, me lembraria de você. Pernas assim... não dá para esquecer — sua voz está baixa. Ele está se esforçando para ser atraente. Inclina-se para a frente e observa meu vestido. — Meus pais são membros do clube. Posso entrar na piscina — volta a olhar para o meu rosto e levanta as sobrancelhas. — Quer conhecer a banheira de hidromassagem?

— Você devia me conhecer. Estudo no Port High.

— Desde quando?

— Desde sempre. Sou a Beth.

— Tem uma Beth na escola?

Fico em pé, revelando-me lentamente.

— Você me chama de "A Fera".

O monstro fica sem palavras.

Scott chega nesse instante, com um copo de ponche carmesim em cada mão. Pego os dois e despejo sobre Colby.

— Obrigada, Scott, mas não estou com sede.

Colby dá um salto da cadeira, pronto para me matar. Scott entra no meio e o empurra com força. Agora ele vai matar Scott. Agarro seu braço e puxo-o para a pista de dança. Colby não pode nos atacar ali, onde todos veriam.

Ele fica parado olhando, com dentes e punhos cerrados, e em seguida sai pisando duro.

Alguns apontam para ele e riem, mas a maioria está embriagada demais, muito ocupada rodando na pista, ou ficando com alguém lá no fundo para ter notado nossa rápida conversa. Convenientemente, as professoras que estão supervisionando o baile não viram nada.

Scott vai de um lado para o outro. Tenso. Apavorado.

— Ele deve ter ido ao banheiro para se limpar.

— Vamos sair daqui, rápido.

— De jeito nenhum — ele para de tentar dançar. —Não deixarei aquele imbecil arruinar nosso baile.

— Você está brincando? Já ganhei a noite. Obrigada.

— Não tenho medo dele.

— Como vai provar isso? Levando uma surra no caminho até o carro? Faltam só umas duas músicas.

— Autopreservação? É um pretexto para fugir dos problemas.

— Ele está bêbado e furioso. Temos que ir antes que ele encontre o Travis e o Kurt.

— Está bem, você venceu.

No caminho para casa, Scott diz:

— Prometa para mim, Beth. Ano que vem. Vamos fazer isso de novo sem o Colby.

Balanço a cabeça por achá-lo um maluco.

— Estou falando sério.

— Tudo bem. O que você quiser.

Quando nos aproximamos da minha casa, começo a ficar apreensiva. Tudo dentro de mim está morrendo de vontade de beijá-lo assim que o carro parar, mas será que isso o assustaria? É claro, nós dançamos juntinhos daquele jeito. Ele pareceu curtir tanto quanto eu. Acho que beijar está a anos-luz de distância. Se eu der um beijo nele e ele sentir repulsa, como podemos continuar sendo amigos?

Entramos na calçada de acesso à garagem.

— Não se mexa — ele sai, dá a volta no carro e abre minha porta. Pega minha mão e me ajuda a sair. Não solta. Fica ali, tão perto... seus lábios estão logo abaixo dos meus.

Só preciso me inclinar...

Virar o rosto para baixo...

Abraço-o rapidamente e sussurro:

— Obrigada, Scott, eu adorei.

Disparo até a porta.

Não acredito. Não, tudo bem, mamãe não trancou. Atravesso a porta e subo a escada, três degraus por vez, receando que Scott venha atrás de mim e continue aquela tortura sem sentido. Acendo a luz do quarto. Posso ver o carro pela abertura da cortina. Por que ele ainda está lá? Vá para casa, Scott. Salve-se. Entro no banheiro, ligo o chuveiro e conecto o iPod às caixinhas de som.

Logo que entro no banho, percebo que o iPod está no meio das músicas de divas. Realmente não preciso ouvir canções palpitantes e apaixonadas neste momento. Ponho a cabeça embaixo da água para bloquear o som. A terceira da lista é a primeira música que Scott e eu dançamos. Desligo o chuveiro para poder ouvi-la. Seleciono "repetir" enquanto estou me vestindo.

Espio pela janela. Ele foi embora. Estamos seguros.

— Beth? — ai, meu Deus, a mamãe. Eu a acordei. — Pode desligar isso aí?

— Desculpe — corro até o banheiro, pego o iPod, vasculho o quarto até encontrar os fones de ouvido e me jogo na cama. A música está começando de novo. Fico deitada, olhos fechados, deixando a música bater no lugar do meu coração.

Rolo para o lado, apanho o notebook e começo a escrever uma nova estrofe. Para mim.

Em meus dedos permanece

Seu perfume, que me enlouquece.

"Esqueça ", sussurra meu coração.

Por que meus lábios sentem tanta solidão?

Você poderia querer-me? Se for brincadeira,

Não me persiga... sonhos que viram poeira.

Tudo que passamos juntos...

Já devíamos saber, uou, uou, uou.

Você não vê o quanto mudou?

Medo de seguir em frente? É, eu também.

Desejos dentro de mim... poderei afastar-me novamente?

O refrão começa. Deito-me de costas e seguro o notebook no alto para tentar cantar minha estrofe na próxima oportunidade.

Canto as palavras baixinho, por cima da voz da diva que ressoa pelos fones. Por que o Scott faz isso comigo? Tenho que falar com ele, deixá-lo preparado. Explicar como ele me deixa perturbada. Se ele

souber com antecedência que eu posso perder o controle e atacá-lo, poderá se defender. Ele acharia engraçado, não é? Morreria de rir. Eu fingiria uma risada, deixaria para lá toda essa loucura e diria que ele precisa de uma namorada. Ele não entendeu a mensagem da ultima vez. Não dá para ficar andando com a velha amiga de escola para sempre.

A musica recomeça. Coloco a mão sobre o peito, onde o rosto do Scott estava encostado enquanto dançávamos. Quero aquilo de novo. Não posso evitar. Quero seus lábios também. Sou tão detestável. Desejo meu melhor amigo.

A culpa é dele. Foi ele quem começou. Por que ele está fazendo isso comigo? Como ousa ter um cheiro tão bom? Como se atreve a me segurar daquele jeito no baile? Como ousa deixar os lábios se aproximarem tanto dos meus?

Canto minha estrofe abafada pelo travesseiro, várias vezes, e caio no sono com a música tocando, sonhando em inclinar-me e pressionar minha boca contra a dele.

Capítulo 9

Estranho demais

O último ensaio do coro antes de viajarmos para a Suíça é um tormento.

O sábado inteiro. Uma hora a mais.

Sarah e Meadow só sabem falar do Derek nos intervalos. Até a Leah entra na delas. Ele não confirmou a Meadow. Depois do nosso papo, provavelmente me bloqueou. Melhor assim. Já estou de saco cheio dele.

Estou morrendo de fome no caminho para casa. Um dos pedaços de bolo do Scott cairia bem.

Scott. Minha relação com ele tem estado tão estranha desde o baile. Não tenho coragem de falar sobre o que sinto. Não confio em mim mesma. Ele anda calado. Está magoado? Não sei. Queria que ele falasse. Fico constrangida por ter fugido dele, mas teria sido pior se eu não tivesse feito isso. Nas últimas duas semanas de aula, sentamos um

ao lado do outro no coro e apenas... Cantamos. Eu sabia que essa coisa de baile era uma má ideia. Por outro lado, com exceção da noite em que virei solista, foi à melhor noite da minha vida.

Estamos de férias há duas semanas. Não vi mais o Scott, nem tive notícias. Tão estranho. No último verão passamos bastante tempo juntos. E sempre estudamos juntos. Não fizemos isso nem uma vez nas provas finais. Este verão ele está trabalhando no Save-A-Lot, uma cadeia de supermercados. Não vou procurá-lo. Viajo para a Europa em cinco dias. Talvez ele esteja normal quando eu voltar. Assim espero. Quero que seja como antes.

Apaguei da minha lista de divas aquela canção que dançamos no baile. Não posso ouvi-la nunca mais. Bastam algumas notas e não paro de pensar nele. De certa forma, acho empolgante sentir-me assim, apaixonada como a Meadow e a Sarah vivem dizendo, mas não posso. Nunca vai acontecer. Scott é meu amigo e eu sou a Fera.

— Oi, mãe — jogo a bolsa em um canto e vou para a cozinha. Espero que ela tenha cozinhado.

A cozinha está vazia. Que Ótimo. Abro a geladeira e arranco uma coxa do frango assado. Ouço um barulho no escritório da mamãe.

— Mãe? Você comeu sem mim? — atravesso o corredor e empurro a porta.

Mamãe está sentada na frente do computador, com lágrimas rolando pelo rosto. Corro até ela, inclino-me e abraço-a.

— O que foi'?

— Tia Linda perdeu o bebê.

Isso acontece muito com a Linda, coitada.

— Que coisa triste.

Conversas sobre gravidez e aborto costumavam deixar-me sem jeito, mas agora acho fascinante. Fico olhando para a mamãe. Ela gostaria de ter tido mais filhos, tenho certeza.

— Já é a sexta vez que acontece.

— Sinto muito — aperto seus ombros. — Quer um pouco de chá? Daquele de violeta, que você gosta?

— Não precisa. Pode se sentar um minuto?

Sento-me na borda de uma de suas cadeiras de escritório. Sinto-me ridícula com a coxa de frango na mão.

— Fizeram alguns exames no feto.

Perdi a fome. O cheiro do frango está revirando meu estômago.

— E alguns exames genéticos na Linda.

— Era só o que faltava. Deviam deixá-la em paz.

— Mas agora ela sabe o que está acontecendo.

— Descobriram alguma coisa?

Ela faz que sim.

— É genético — para um pouco e olha para mim, séria. — Linda tem o que chamam de trissomia, um cromossomo triplo. É muito raro.

— E isso causa os abortos?

— Os bebês que têm esse problema podem morrer — ela engole n seco —, ou nascer com sérias deficiências mentais e físicas. Os médicos aconselharam sua tia a não tentar mais.

— Mas a Anna — minha prima — não tem nada.

— Ela pode ser uma portadora.

Sinto um calafrio.

— É uma pena, mãe. Coitada da tia Linda. Ela não merecia isso.

— Querida — mamãe olha para as próprias mãos e obriga-se a arar-me novamente —, você terá que fazer o teste. Talvez você seja uma portadora.

— Como assim?

— Por causa... dele — meu pai? Mesmo desaparecendo, encontra uma forma de arruinar minha vida.

— Isso quer dizer que... Todos os meus bebês... — Morrerão? Ou nascerão com deficiências graves? Não entendi muito bem o que isso

significa. Na escola há um aluno que usa cadeira de rodas. Ele tem problemas físicos e fala de um jeito estranho, mas é inteligente. Eu poderia lidar com isso. Poderia amar uma criança assim. Mesmo que ela não fosse inteligente. Acho que acabamos amando-os ainda mais. Eles nunca crescem. Estão sempre conosco. Eu gostaria disso. Nunca mais ficaria sozinha.

Mas todos os bebês da tia Linda morreram. Exceto a Anna.

— Você teve abortos, mãe?

Ela balança a cabeça.

— Fiquei grávida apenas uma vez. De você.

Acho que a natureza teve motivos para me fazer assim, uma Fera. Feia demais para atrair um parceiro e passar a maldição adiante. Será que um bebê adotado me amaria ou ficaria com medo, como as crianças da biblioteca no verão passado? Será que dão crianças para feras solteiras?

Mamãe levanta e me abraça.

— Vai dar tudo certo. Não é nada para se preocupar.

Retribuo o abraço e tento acreditar, mas o tremor de seu corpo dificulta um pouco.

Por cima dela, vejo meu reflexo na janela atrás da mesa.

Cabelo loiro, liso e tingido.

Pele limpa, lisinha.

Sem óculos grossos.

Estou bonita.

Mas por dentro, não posso escapar. Sou o que sou.

Meu mundo estava prestes a mudar.

Quebrando estas correntes,

Minha busca por liberdade

Estava perto de terminar

Mas os grilhões me mantêm presa.

Todos os meus clamores

Por amor, por esperança

Esvaem-se na noite.

Simplesmente desaparecem.

É exatamente o que farei. Vou entrar naquele avião, voar para a Suíça, cantar para o mundo. Até essa nova maldição, esse novo e terrível poder que meu pai pode ter sobre mim, não me impedirá.

Capítulo 10

Contaminada

Querida, olhe aquilo.

Meadow acerta minhas costelas com o cotovelo.

Dois garotos maravilhosos, de *jeans* e blusões de *hockey* vermelhos e brancos, estão conversando com o cara que nos trouxe até a mesa. Um deles é um rapaz alto que me lembro de ter visto no site do Amabile, e o outro...

Percebe que estou olhando...

E sorri para mim.

Meus olhos voltam-se para o prato, e enfio um garfo de costeleta de porco e macarrão com manteiga na boca. Fico vermelha até as pontas dos dedos. Ele tem um magnetismo que não aparecia nas fotos online. Rosto angelical, altura mediana, magro, cabelos escuros e lisos. Pele bem clara. Não acredito que conversei com esse garoto. Não acredito que fui tão idiota. Ele não sabe quem sou, não tem a menor

ideia de que a menina estranha de rosto escarlate que está olhando para ele de boca aberta é a misteriosa solista do Cantoras da Juventude. Ele é terrível, não é? Horrendo. Tão mau quanto o Colby. Com certeza.

— É ele — Meadow empertiga-se na cadeira. — Derek.

Pobre Meadow. A viagem até aqui hoje de manhã foi brutal. O medo debilitante de palco é apenas um de seus problemas. E é tudo real, nada de fingimento. Agora ela está bem. Estamos sentadas em um restaurante aconchegante, o Crystal alguma coisa. Em todas as janelas, os picos cobertos de neve refletem tanta luz do sol que os olhos chegam a doer. Tudo isso equilibrado sobre o topo de um pico no meio de uma das mais famosas cadeias de montanhas dos Alpes Suíços. O Jungfraujoch. Não me pergunte como se pronuncia. Faz parte desta instalação gigante, digna do esconderijo de um vilão do James Bond. É chamada de "Topo Europa". Quando chegamos e vimos os picos imensos diante de nós, ramos todas ao mesmo tempo. Olhar fixo. Maravilhadas. Alpes sob efeito de esteroides.

Em Lausana, onde começamos a jornada de hoje, os Alpes do outro lado do lago são de um granito azul impressionante com pinceladas de neve no topo. A cidade, antiga e singular, é cheia de árvores e grama verde, o lago azul e o céu ainda mais azul, gerânios vermelhos brotando de cada peitoril de janela; verão perfeito, fresco e agradável, perto da água. É um alívio depois do calor de Roma. O lugar é como um conto de fadas que virou realidade quando

comparamos com o verão úmido e nublado dos Grandes Lagos que deixamos para trás.

Aqui em cima, na borda dos céus, onde vivem as nuvens os pássaros e as pontas das montanhas, é uma perfeição branca e gelada. As geleiras dos picos são puras e encantadoras, como uma queda de neve inédita e eterna.

Para chegar aqui, pegamos um trem depois do outro, e o último subiu direto por dentro da montanha sólida de granito. Só conseguíamos ver as paredes ásperas de pedra recortadas cem anos atrás para turistas como nós. Túneis e Meadow não combinam.

Sua respiração estava rápida e superficial, a cabeça baixa, um brilho de suor pingando pela maquiagem que cobria seu rosto.

Lembrei-me daquele pânico terrível que senti quando fiz o tratamento a laser no rosto. A mãe dela estava em outro vagão. Ela sempre some quando a Meadow está tendo um ataque. Acho que não gosta de assistir à própria obra.

Meadow solidarizou-se comigo quando eu estava surtando na sessão de laser. No passeio de trem, olhei para mim mesma na foto que estava no visor da minha câmera nova. Estava bonita. Ela fez isso por mim. Eu odiei cada segundo. Mas agora? Tenho que ser grata. Ao menos o suficiente para ajudá-la.

— Ei! — sacudi seu braço, e seu olhar apavorado grudou no meu rosto. — Olhe estas fotos que tiramos ontem em Genebra —

segurei a câmera digital fininha que mamãe e eu compramos depois da consulta com os caras do DNA e coloquei debaixo do nariz da Meadow. Minha mãe levou-me para fazer o teste dois dias antes da viagem. Cancelamento. Que sorte. Nós duas precisávamos de um pouco de alegria depois daquilo.

Ela observou a tela.

— Tem certeza de que é Genebra?

— Claro. Tem uma de você na ONTJ — cantamos na entrada, na frente de todas as bandeiras. — Vou procurar — fui passando as fotos até encontrar uma bonita dela.

— Não acredito que perdemos os caras do Amabile por dez minutos — ela memorizou o horário deles. Conversas sobre garotos funcionam melhor para animá-la, portanto tentei continuar o assunto.

— Não eram eles ontem à tarde? — desfilamos junto com todos os coros da competição pelo centro de Lausana, cantando e agitando bandeiras. Centenas de coros. Milhares de cantores. E uma massa de garotos vestidos com o vermelho e branco canadense que só podiam ser os do Amabile.

— Não vim para vê-los de costas, a quilômetros de distância.

Fui rolando as fotos devagar.

— Você vai vê-los amanhã.

— Não vai dar. Vamos competir. Terry vai prender a gente o dia todo. Mas o Amabile canta hoje à noite. Temos que sair e ir até lá.

Terry não vai deixar-nos ir à festa de abertura. Depois dessa longa viagem pela montanha, vai querer que todas durmam cedo. Agora a Meadow conseguiu ver o que queria, talvez eu consiga convencê-la a não sair escondida. Estou aqui para cantar, não perseguir garotos. E amanhã finalmente acontecerá.

Não que não tenhamos cantado nenhuma vez. Passamos uma semana na França, na Itália e agora na Suíça. Cantamos na base da Torre Eiffel, voamos para Roma e nos apresentamos no meio daquela praça enorme na frente da basílica de São Pedro, no Vaticano. Depois para Genebra. Agora estamos acomodadas em nosso pequeno e pitoresco hotel em Lausana. O quarto é bem pequeno, mas o lugar todo é extremamente limpo. Até a maníaca por limpeza da minha mãe aprovaria. O hotel na Itália era imundo. O de Paris era pior. Minha única queixa em relação a este é a placa na entrada. Uma enorme sereia que esqueceu as conchas. Ao menos ela facilita a localização. E não é nada parecida com as mulheres caídas de meia-idade que vimos tomando sol no lago. Não consigo me imaginar sendo vista daquele jeito. A mãe da Meadow disse que os banhos de sol as mantêm firmes. Eca. Parece que não funcionam para aquelas senhoras.

Quando o trem fez uma parada, Terry entrou em nosso vagão..

— Agasalhem-se, meninas.

Ao sairmos, fechei bem o casaco. Todas estão usando calças marrom-claras e casacos creme com o logotipo do coro bordado nocolarinho e forro de lã para aquecer-nos aqui em cima, nas montanhas.

Meadow agarrou meu braço.

— Pensei que fosse melhorar.

Ainda estamos no interior da montanha. Pedra escura e taciturna.Tão frio.

— Cachecóis — Terry enrolou o dela no rosto. — Rápido, vamos.

Meadow não se mexeu.

— Para onde vamos?

Leah aproximou-se de Meadow para apoiá-la.

— Obviamente não vamos cantar na estação de trem.

Descemos depressa um corredor de pedra, respirando pelos narizes cobertos pelos cachecóis para proteger a garganta. Atravessamos umas portas grandes de duas folhas e saímos em uma área aberta, arejada, quente e vítrea. Um lugar íntimo, com picos de montanhas por todos os lados. Mas isso não alegrou a Meadow.

Agora, no entanto, parece que ela acabou de fazer uma transfusão milagrosa. Uma visão não documentada do Amabile bem

aqui no nosso restaurante. Não era para eles estarem aqui. Devem ter mudado a programação para escapar das fãs.

— Rápido. Ele está indo embora — pobres garotos. Não escaparão da Meadow. Homens deslumbrantes são sua especialidade. Ela está empolgada, eu entendo, mas possuída, prestes a arremessar-se na direção deles. Agora sou eu que estou respirando com dificuldade.

Ela não pode estar esperando que eu vá junto.

— Pode esquecer — conheço a Meadow. Ela vai mesmo falar com eles.

— Vai sim, senhorita Estrela. Você fica com o Blake, aquele cara alto que está com ele. Esse eu encontrei especialmente para você.

— Por favor — Sarah desvia os olhos da porta pela qual eles desapareceram. — Você não vai fazer isso com a Beth. Ela não saberia o que fazer com ele.

— Obrigada, Sarah. Eu acho.

— Vamos, Beth — Meadow está em pé, dando pulinhos.

— Não causarei uma boa impressão se desmaiar quando estivermos cantando — continuo comendo, devagar, fingindo que estou calma, não estou envergonhada, nem nervosa. Totalmente indiferente. Digo a mim mesma que não estou interessada em garotos desse tipo. Garotos como o Derek me abominam. Ele é o inimigo. Olho pela janela atrás de mim para certificar-me de que aquelas

montanhas tão brancas não estão derretendo com o calor do sorriso do Derek, como eu estou. Eu devia estar horrorizada por sentir-me assim em relação a ele, girando em uma espiral de pânico.

Meadow observa cada mordida minha. Assim que ponho o ótimo fio de macarrão na boca, ela agarra meu braço, faz sinal com a cabeça para Leah e Sarah, e a perseguição começa.

Saindo do restaurante, há uma escadaria que leva até a entrada de uma área movimentada. De um lado, há bancas que vendem coisas para turistas e prateleiras de cartões postais. O restante é repleto de picos de montanhas duras, brancas e resplandecentes.

Meadow avista os dois olhando os cartões postais.

— Vamos.

Anda direto até eles e faz pontaria no Derek.

— Oi, vocês não são do Amabile? — eu teria vergonha de dizer algo tão estúpido, mas vindo da Meadow, soa como poesia.

O mais alto olha para as costas da blusa, onde está estampado o logotipo.

— Como adivinhou?

— Somos suas vizinhas.

Ele olha sem muito interesse. Acho que ouvem essas coisas o tempo todo.

Ela não hesita nem por um instante, e dirige-se ao alvo.

— De Ann Arbor. Michigan? Sabem, perto da fronteira? Cantoras da Juventude Bem-Aventurada.

Derek segura a mão que ela estendeu para ele.

— Vocês são mesmo do Cantoras da Juventude? — Meadow anima-se.

— Sim, somos nós.

Ele solta sua mão e olha para nós três, paradas atrás dela.

— Vocês conhecem a Beth? Aquela que canta o solo de "*Leve-me para casa" no site?*

Sarah e Leah me empurram para frente. Meadow não está contente. Nem eu.

— Oi — agora ele aperta minha mão. — Esse é o Blake. Meu nome é Derek. Prazer em finalmente conhecê-la.

Fico surpresa por não desmaiar, mas quase ponho para fora todo aquele macarrão que está revolvendo em meu estômago aflito. Minha resposta foi alguma coisa ininteligível. Não consigo falar, nem respirar, nem olhar para ele. Fico apenas fitando sua mão clara e macia tocando a minha mão áspera e bronzeada.

— Sinto muito por ter sido tão desagradável aquela noite, on-line — ele não está sorrindo com afetação. É um sorriso verdadeiro, de parar o coração.

Eu consigo gaguejar:

— Eu... hã, eu, também.

— Trégua?

— Claro — ele tira a mão da minha.

Blake vira para nosso lado e fica de costas para a pobre da Meadow.

— Derek está exagerando no serviço de contraespionagem.

Sarah ri da piada e aproxima-se. Ela tem belos atributos naturais e não tem medo de investir neles. Não sei como ela pode comunicar tanta coisa ao Blake com uma simples risadinha, mas sem dúvida ele entendeu a mensagem.

Derek abre outro sorriso para mim.

— Tenho uma confissão a fazer.

Mais calor espalha-se por meu rosto. Talvez a base não deixe transparecer.

— Baixei a música *"Leve-me para casa"* no seu *site*, que aliás — o sorriso amplia-se, incluindo as outras meninas — precisa de algumas fotos.

Leah contrai as sobrancelhas.

— Achei que não dava para fazer isso.

— Colocar fotos? É fácil.

— Baixar a música.

— Não dá, mas...

Sarah repete a risadinha.

— Você roubou nossa canção?

— Peguei emprestada? — ele me dirige um olhar adorável, aqueles que dizem "perdoe-me".

Blake desvia os olhos da Sarah e acrescenta:

— Para poder espioná-la.

— Cale a boca — Derek dá uma cotovelada nas costelas do Blake. — Sempre adorei aquela peça. Fizemos um concerto de câmara com ela. E o modo como vocês cantam, com tanto sentimento. Essa musica tem que entrar em seu próximo CD.

— CD? — estou tão perdida. Meadow e sua mãe esqueceram uma coisa quando me transformaram. Eu daria tudo por um transplante de personalidade neste exato momento. Estou sem chão.

Derek inclina a cabeça e fala baixinho, como se estivéssemos sozinhos.

— Nosso regente nos faz ouvir os números à noite, quando vamos para a cama. É uma dessas esquisitices de hipnose. Às vezes eu obedeço e ponho outra música, para relaxar — seus olhos castanhos e profundos capturam os meus. — Você canta para eu dormir.

Corando, suando... que situação. Ao menos o almoço ainda no estômago. Quem conseguiria responder a isso? Ele deve estar fazendo de propósito, deve sentir algum tipo de prazer perverso em derreter garotas altas e desajeitadas.

Sou salva pela Meadow.

— Agora você já conhece a Beth — ela dá um jeito de colocar-ir de lado. — Estas são Sarah e Leah e eu sou — faz uma pausa e sorri para ele como se fosse anunciar um prêmio de loteria — a Meadow.

Blake e Derek murmuram alguma coisa educada. Meadow continua falando com Derek.

— Tenho seu CD.

Blake diz:

— O novo ou o velho?

Sarah sorri na altura de seu cotovelo e prende sua atenção novamente.

— Os três. Tenho até a nova gravação do Primus — Primus é o nome do grupo especial que eles têm para os rapazes mais velhos.

Meadow pega um cartão postal.

— Todas nós temos.

Derek volta-se para o lugar onde finjo estar olhando umas luvas felpudas com o título "Topo da Europa" e alguns picos de montanha bordados.

— E você, Beth? Ouve nossas músicas?

Faço que sim.

— Tenho todos os CDs do CJA também — minha língua parece funcionar melhor quando não estou olhando para ele. — Elas... hã, são muito boas.

Ele dá de ombros.

— Nenhuma delas tem sua voz.

Meadow consegue um lugar do outro lado dele.

— Vocês cantarão aqui em cima?

Blake devolve à prateleira um cartão postal com um homem soprando uma trompa dos Alpes.

— Uh-huh. Acabamos de checar o horário — Sarah sorri ao ouvi-lo pronunciar "tchecar". Ele olha para ela e ergue as sobrancelhas.

Em trinta minutos.

Sarah pega um cartão que não consigo ver e mostra para ele.

— Deve ser logo depois de nós.

— Legal — Blake olha para todas nós. — Devíamos fazer uma peça juntos, em nome da harmonia internacional.

Derek fala comigo novamente, enquanto mexe em um gorro preto de veludo.

— Você vai cantar o solo? Eu adoraria ouvir ao vivo.

— Não — solto um grunhido, engulo, consigo encontrar uma voz um pouco menos trêmula. — Estamos guardando aquela peça para a competição.

— Arma secreta? — aquele sorriso de novo.

Droga. Morrerei aqui e agora. E eles vencerão, com certeza. Um homem com tanto charme misturado a essa doçura de menino não devia ter permissão de andar por aí livre e sem proteção. Pode contaminar alguém. Ele é uma epidemia.

Não consigo deixar de retribuir o sorriso.

— Pelo jeito, não tão secreta quanto imaginamos.

— Vocês querem tomar alguma coisa com a gente? — ele diz vocês", mas olha para mim. — Eles têm uma bebida quente de maçã que é boa para limpar a garganta. Ótima para a laringe.

Leah consulta o relógio.

— Acho que não temos tempo. Nosso aquecimento começa em cinco minutos.

Blake inclina-se e sussurra um "Não sabe o que está perdendo" no ouvido da Sarah, alto o suficiente para todas ouvirem. Ela mantém a compostura e reage de forma quase imperceptível, felinamente evasiva.

Meadow dá umas puxadinhas no gorro que Derek tem na mão.

— E depois?

Derek larga o gorro e dirige-se a mim novamente.

— Só se você prometer cantar a peça de teste com a gente.

Cantar com eles? Ai... meu... Deus.

— Mas nós cantamos com arranjo de soprano.

Estou suando de novo. Chego a sentir o suor nascendo em minhas costas.

Derek não parece notar.

— O arranjo baixo tem o mesmo tom. Funciona. Sempre cantamos no coro de câmara com o CJA.

Meadow joga os cabelos lisos e sensuais para trás, tirando-os do rosto. Consegue chamar a atenção do Derek. Do Blake também. Franze os lábios vermelhos e acetinados.

— O CJA não vai se incomodar se vocês cantarem com a gente? — Preciso memorizar o que ela faz com o corpo. Cabeça inclinada,

quadril para fora, alternar o peso, movimentar o peito. Tudo tão natural. Sinto-me uma tábua perto dela.

Blake agora não tira os olhos dela.

— Elas estão na China.

Sarah faz cara feia atrás dele.

Derek apanha as luvas que eu estava olhando.

— Vou dar um jeito — seu braço roça o meu. Não o da Meadow? Ele deve ser mágico, porque cinco minutos depois, quando nos reunimos para o aquecimento, a Terry está radiante.

— O Grupo de Jovens Amabile vai se apresentar depois de nós. O regente deles acabou de convidar-nos para cantar a peça de teste com eles.

Quando nossos coros cantam juntos, o som enche toda a instalação não acústica de vidro, cromo e cimento. São oitenta meninas e cinquenta rapazes. Estou na frente, bem no centro. Sou alta demais para ficar nos degraus de cima. Derek está atrás de mim, cantando em meu ouvido. Isso significa que ele é só alguns centímetros mais baixo que eu. Ele se exibe e canta a parte dos sopranos. Gostaria de ouvir sua voz de tenor. Aposto que derreteria as geleiras lá fora. Derreteria a pedra embaixo delas, isso sim. Fico feliz por ele estar fazendo graça. Seu tenor seria muito mais do que posso aguentar.

Talvez eu já tenha ouvido. Tem uma peça no último CD deles com um solo de tenor que transmite tanta paixão. Só pode ser o Derek. Meadow dá um jeito de ficar ao lado dele. Canta melhor que de costume. Acho que só precisa de um pouco de inspiração. O que ela está fazendo em um coro só de meninas?

Depois da apresentação, eles nos levam para conhecer alguns lugares interessantes, começando por um palácio de gelo cheio de esculturas bobas. Meadow escorrega no gelo e vai justamente ao encontro do Derek. Ele a ampara pelo braço.

— Cuidado aí.

Ela se segura nele.

— Obrigada.

Ele solta seu braço, e adianta-se a todos nós.

— Observem — corre no chão de gelo e vai deslizando por um corredor estreito que leva à saída. Seu verdadeiro "eu" canadense está aflorando. Talvez ele jogue aquele jogo esquisito com pedras. Não consigo vê-lo com um equipamento de hockey.

Em seguida, Blake faz a mesma coisa. Sarah tenta e quase cai, mas Blake a segura. Meadow sabe que vai acabar no chão, então apenas assiste. Eu resolvo tentar e acabo de bunda no chão.

Lá está o Derek, ajudando-me a levantar e tocando em mim de novo.

— Você está bem? Eu devia ter avisado. É escorregadio.

— Gelo escorregadio? Vou ter que me lembrar disso — olho para ele. Não posso evitar. Ele é mesmo tão legal? Tão diferente de qualquer outro que eu já conheci? Não é possível. Bom comportamento. Boa pressão. Harmonia internacional. É só isso. No fundo, ele é como os outros. Todos são; exceto Scott. Pobre Scott. Parece tão distante.

Pegamos o elevador para o topo do pico e saímos em um mirante ermo e açoitado pelo vento. Mesmo com tantas camadas de roupa, congelo em segundos. Até que é bom. Abafa um pouco as chamas que produzem tanto calor em meu corpo.

— É melhor não ficarmos expostos à friagem — alerta Leah.

Todos concordamos com ela e corremos encolhidos de volta para dentro. Então, os meninos nos levam ao restaurante self-service em que almoçaram com o coro enquanto monopolizávamos o lugar melhor.

Leah olha em volta com os cantos da boca caídos.

— O que vocês foram fazer no outro restaurante?

Blake olha para mim e depois para o Derek.

— Derek ouviu dizer que vocês estariam por aqui. Ele estava procurando a Beth.

Derek dá uma cotovelada nele com força.

— Cale a boca, idiota.

Sarah vira para o meu lado.

— Ooooh, Beth, você está sendo seguida...

Fico envergonhada a ponto de enrubescer até o pescoço, mas Derek não fica nem um pouco vermelho. Tosse como se tivesse algo na garganta e ri.

— Ela percebeu isso na primeira vez que conversamos.

Tento ficar calma enquanto ele e Blake juntam duas mesas.

Sarah aponta para a mesa ao lado.

— Olhem aquilo — xícaras grandes de chocolate quente transbordando de chantilly. — Chocolate suíço. Proibido. Também não podemos tomar chocolate comum. Nada de creme. Nada de queijo até depois da apresentação. Isso é uma tortura na Suíça.

Os meninos estão salivando também.

— Proibiram os laticínios para vocês também? — pego uma cadeira.

Derek senta-se ao meu lado.

— Sim. Hoje à noite temos a apresentação de abertura. Temos que manter a garganta limpa.

Blake olha para cima, inconformado.

— Isso é uma piada — bate o cardápio na mesa. — Que se dane a garganta limpa. Vou tomar.

Derek balança a cabeça e vira para mim.

— Você vai hoje à noite?

Começo a explicar, mas Meadow surge de repente ao lado dele e põe a mão em seu braço.

— Não perderíamos por nada.

— Ótimo — ele sorri para ela, mas volta a olhar para mim. — Vou procurá-la quando terminar.

Nós três saímos escondidas com a Meadow. Sinto-me um pouco culpada, mas o concerto é fantástico. Viemos de tão longe para ficar escondidas no quarto do hotel? Assim que o Amabile aparece no palco, todas as meninas da plateia esquecem que têm que poupar a voz e começam a gritar. Eles roubam a cena. Quero dizer, Derek rouba a cena. Ele é magnético. Todos naquele auditório gigante sintonizam na voz dele e adoram o espetáculo. Queria que eles fizessem mais de três números.

— Pronto, meninas — Leah está cheia de formalidades, mas está desobedecendo às regras tanto quanto nós. — Vamos voltar antes que alguém nos descubra.

— Ei — é ele, Derek, abria caminho entre as pessoas e vinha em nossa direção. — Você veio.

— Belo show — Meadow toca nele de novo.

— Todas gostaram? — esquiva-se da mão dela com elegância, olha ao redor e para em mim. — O que você achou?

— Aquele *spiritual* que vocês cantaram foi maravilhosa — consigo olhar para ele se estiver falando de música. — Bem diferente da nossa.

— Ela agita a plateia. Vocês são mais delicadas. Nós fazemos a casa vir abaixo.

Concordo.

— Os vocais do seu solo foram totalmente puros.

— Posso fazer gutural também, caso você goste desse tipo de som.

— Gutural? — Meadow se intromete. — Pode me incluir nessa.

— Nunca tinha ouvido aquela peça — tiro a Meadow da conversa literalmente, com o cotovelo. Isso é assunto oficial do coro. Sou eu que entendo disso. — De onde vocês tiraram?

Blake chega e pega o final da conversa. Dá um soquinho de brincadeira na cabeça do Derek.

— Do cérebro problemático desse cara.

— Você escreveu aquilo?

Derek olha para o chão.

— Só fiz os arranjos. É um *spiritual* antigo — um tom suave de rosa tinge suas bochechas. — Gosto de trabalhar com melodias e letras autênticas.

Blake põe os braços em volta dos pescoços da Sarah e da Leah e as abraça.

— Por falar em problemas no cérebro, vocês sabiam que podemos beber aqui? Só cerveja. Vinho também, para quem é mais chique — olha para a Meadow. — Tem que ter 16 anos para poder comprar. E se fôssemos à cidade para ver o que conseguimos? — dirige-se a mim e ao Derek. — Vocês vêm?

O rosto do Derek assume um ar tenso.

— Você sabe que eu não posso.

— É verdade — Blake pisca para nós. — Ele tem que cuidar do vício nas drogas.

Vício em drogas? Meu olhar desvia na hora para o Derek.

Ele olha zangado para o Blake.

— Cale a boca.

— Depois de tudo que fiz por você, cara. Você podia pelo menos dar uma volta comigo. Para que eu volte para casa com segurança — ele sussurra alguma coisa que faz Sarah rir.

Sarah parece estar pronta para sair dali com o Blake.

— Vamos competir amanhã — pareço uma mãe chata, mas é sério.

Derek volta-se para mim.

— Prefiro levar a Beth e... desculpe, qual é seu nome mesmo?

— Meadow.

— Isso. E a Sarah e a Leah para o hotel com segurança. Posso andar com vocês até lá?

— Traidor — Blake tira os braços da Sarah e da Leah e as empurra para o Derek. — Esse é o Derek. Sempre cuidando das mulheres.

— Cale a boca!

— Se eu não voltar para o hotel, será sua culpa.

Derek olha para cima.

— Posso conviver com isso.

Derek nos acompanha até o metrô. Meadow tenta a todo custo andar ao lado dele, mas ele sempre dá um jeito de incluir todas nós. Continua tossindo, como lá em cima, na montanha. Não o culpo. Trabalhou duro essa noite. Parece cansado também. Abatido, não apenas pálido. Mas mesmo assim vai conosco até Ouchy, a região de Lausana que fica perto do lago, e depois até o hotel.

— Obrigada, Derek — Meadow sobe os degraus impaciente.

Leah e Sarah dizem boa-noite e vão atrás. Estou indo também, mas Derek toca meu braço como se quisesse dizer alguma coisa. Volto atrás.

— Estou feliz por finalmente nos conhecermos.

— Eu também. Vocês são muito legais.

Derek balança a cabeça.

— Estou feliz por ter conhecido você — toca meu braço novamente, leve como o bater de asas de uma borboleta, e vai embora.

Eu fico ali, enlevada pela figura que se afasta, e sussurro:

—Eu também.

Capítulo 11

Em pedaços

“ Alcanço as meninas que esperam o elevador a tempo de ouvir a Meadow dizer.”

— Acho que Derek está a fim de mim.

Ela é perfeita como ele. Como ele não estaria?

A porta do elevador se abre e as quatro se espremem dentro da caixa minúscula. Leah aperta o botão do nosso andar.

— Ele é encantador demais para ser real. Acompanhou a gente até aqui.

— Escoltou — Sarah ri. — Estamos em quatro, e temos a Beth. Como se precisássemos de proteção.

Uma vez Amazona, sempre Amazona.

Meadow sai primeiro do elevador.

— É claro que ele queria ficar comigo o máximo que pudesse.

Conseguimos passar pelo corredor e entrar no quarto sem que ninguém veja. Terry, a mãe da Meadow e as outras mães responsáveis pelo coro têm quartos em outro andar, perto das meninas mais jovens. Nós temos quatro camas de solteiro apertadas em um quarto que mal dá para duas pessoas. As malas ficam em cima das camas durante o dia, senão não conseguimos entrar no banheiro.

Sarah ocupa o banheiro primeiro. Começo a trocar de roupa. Meadow joga a mala no chão, atira-se na cama, rola para o lado, espreguiça-se.

— Os olhos do Derek são tão azuis.

— São castanhos — ponho a camiseta comprida que uso para dormir e tiro o sutiã e a calça jeans por baixo dela. Não fomos estúpidas a ponto de ir escondidas ao concerto com os uniformes oficiais do coro.

Meadow senta-se.

— Que seja — suspira e cai sobre os travesseiros. — São perfeitos.

Sento-me na beirada da cama.

— Você acha que ele usa drogas?

Meadow arremessa o travesseiro em mim.

— Eu gosto dele. Não o insulte.

Pego o travesseiro, coloco em cima do meu e espreguiço-me.

— Também o acho legal — uma bela atenuação do que realmente acho. — Mas o Blake disse que ele tem um vício em drogas.

Sarah sai do banheiro com a escova de dente na boca.

— Blake estava brincando.

Leah, que estava mexendo na mala, olha para Sarah.

— O que você vê nele?

Sarah dá meia-volta e bate a porta do banheiro.

Meadow fica olhando para a porta.

— Blake e Sarah?

Leah balança a cabeça.

— Você é cega.

Meadow rola e fica deitada de lado.

— Estou cega.

Leah volta a remexer as roupas na mala.

— Alguém viu onde coloquei meu pijama? — encontra-o e começa a se trocar. — Sabe quem o Derek me lembra?

— Quem? — Meadow fica sentada e olha em volta, procurando o travesseiro. Jogo-o de volta. Acerto bem na cara.

Leah põe o pijama.

— Aquele cara do Fantasma da Ópera — ela adora a Broadway.

Sento-me direito.

— Raoul? Não acho — tudo bem, eu também adoro.

— Não. Aposto que debaixo daquele charme todo ele é perigoso.

Leah pula na cama.

— Vício em drogas. Aquele rosto branquinho e maravilhoso: E ele compõe. É o Fantasma.

Meadow contrai-se e suspira.

— Ele pode me arrastar para sua toca quando quiser.

— Mas eu acho que a Beth se parece mais com a Christine do que você.

— A Beth? Não — Meadow fica de lado novamente e observa minha cara.

Leah fecha a mala.

— É ela que tem a voz.

Lanço um olhar de advertência à Leah.

— O rosto do Derek é angelical demais para ser o Fantasma.

Meadow diz:

— Como será que ele fica tão branco?

Endireito as costas, fico de pernas cruzadas no meio da cama e inclino-me para a frente.

— Talvez ele volte para o quarto para injetar alguma coisa — juro que não quero acreditar nisso.

Meadow dá de ombros.

— Provavelmente ele só fuma um baseado.

— Isso não chega a ser um vício em drogas — mas ele não negou.

Não fez questão de explicar-se. Por trás daqueles olhos enternecedores e da pressão suave de sua mão em meu braço, ele poderia ser perigoso? — Talvez não devêssemos ficar tanto tempo com eles amanhã.

Meadow senta-se.

— Nem pensar. Se ele usa drogas, significa que gosta muito de mim. Um cara que abusa dessas substâncias precisa de muita motivação para recusar uma ida a um bar. Uma motivação como eu.

Ela lança um olhar à Leah — pensa que eu não vejo, mas vejo e entendo. Não faço parte do clube. Não sei nada sobre o comportamento dos homens. Um baseado. Ir aos bares. Admito que isso me assusta. Não quero nada disso.

Estico-me e olho de relance para Meadow e Leah.

— Vamos competir amanhã. Temos que nos concentrar — eu tenho que me concentrar e não pensar no Derek deitado em sua cama

ouvindo-me cantar... enquanto viaja com sei-lá-o-quê que ele toma. — Acho que não devíamos correr riscos.

Sarah abre a porta do banheiro.

— Vão almoçar com a gente amanhã, depois da nossa apresentação. Já combinei com o Blake.

— Muito bem, Sarah — Meadow dá um salto, abraça-a e toma conta do banheiro.

Leah e eu gememos. Ela aparece em minha cama ao meu lado.

— Agora nunca conseguiremos entrar lá.

Sarah pula em minha cama também. Sua pele perfeita tem um brilho especial.

Odeio ser estraga-prazeres, mas digo:

— Blake parece ser meio rebelde.

— Não mais que qualquer outro garoto — amarra a cara para mim. — Sei que você nunca esteve em uma festa, mas... é sério, não é grande coisa. Todos eles bebem.

Abaixo a voz para falar com elas.

— O que vocês acham desse negócio de drogas do Derek? — Leah balança a cabeça, cansada da minha persistência.

Sarah franze o nariz.

— Não sei. Ele não se encaixa no perfil de um drogado, mas muitos gênios da criação artística também usam drogas. Ele é pálido.

Concordo com a cabeça. Maravilhosamente pálido. Pele branquinha, branquinha. Cabelo escuro, escuro. E aqueles olhos castanhos e aquela boca delicada e sedutora. Parece ter um lado atormentado. Talvez seja aí que as drogas entram.

Toda essa coisa de cavalheiro que não frequenta bares pode ter sido uma representação para enganar a Meadow. Ou a mim. Fiz cara de reprovação quando Blake sugeriu o bar? Provavelmente. Derek podia estar lá naquele bar com o Blake, entornando uma gelada. Não, estamos na Europa, teria que ser uma ligeiramente fria, meio morna. Neste exato instante, rindo de como me fez de boba. De como o plano está indo bem. De como fiquei congelando no degrau do hotel, totalmente hipnotizada, enquanto ele ia embora. Sua aparência é perfeita, sua voz é perfeita, mas o que sabemos sobre ele? Pode estar escondendo o que quiser atrás daquele rosto encantador. Sei o que esse tipo de garoto faz.

Leah chega mais perto.

— Não sei se Derek é um viciado assustador, mas uma coisa nós sabemos — olha no fundo dos meus olhos, com um sorriso oscilando nos lábios. — Com certeza ele não está a fim da Meadow.

Deixo o aconchego do trio.

— Ele estava sendo simpático. Profissional — meu coração começa a acelerar. — Meninos não se interessam por mim.

Sarah põe os dedos nos lábios e sussurra:

— Agora se interessam.

— Acostume-se com isso — Leah faz cócegas em meus pés. — Você está bonita, Beth.

Empurro-a.

— Vocês estão delirando.

Sarah faz cócegas em mim do outro lado.

— Você consegue quem quiser.

Tento desvencilhar-me delas.

— E a Meadow?

— Blake me disse que o Derek só se interessa por meninas que sabem cantar — Sarah tira sua franja grossa da testa.

— Ela cantou muito bem hoje de manhã.

— Não como você canta aquele solo para ele toda noite.

Engulo em seco, balanço a cabeça.

— Essa não sou eu. Não sei como chamar a atenção dele — estico os braços para afastá-las. — Estou aqui para cantar.

Leah e Sarah trocam olhares. Sarah dá um tapinha em meu pé.

— Você só precisa fazer isso.

Não durmo bem. O dia mais importante da minha vida está prestes a amanhecer. Sem pressão.

Certo. Debato-me, levanto e passo por cima da cama da Meadow para ir ao banheiro. Abaixo a tampa do vaso e fico encarapitada em cima dele, com as pernas dobradas embaixo do queixo e os braços em volta delas, na posição fetal vertical de quem está a ponto de explodir.

Não vejo a hora de cantar. É meu jeito de extravasar o nervosismo. Ou mexendo os lábios em silêncio e cantando todas as peças. Quando chego ao final, volto para a cama, deito-me e fecho os olhos. Vejo Derek sozinho no quarto de hotel com uma lâmina de barbear e uma linha de pó branco, ou uma agulha na mão e uma tira de borracha amarrada no braço. A imagem esvai-se, substituída pela onda de emoção que me inundou quando ele disse:

Cante, cante para eu dormir.

Você pode cantar,

Por favor, cante para eu dormir..

Esta noite.

Se Derek conhecesse a Beth antes do cabelo tingido, da manicure, da maquiagem e do laser, a Fera, teria ficado tão feliz assim? Eu era desse jeito quando gravei. Ele poderia ser exatamente igual ao Colby, apenas um pouco mais civilizado. Um astro da música em vez de um astro do esporte. Colby soube ser legal quando teve vontade. Conseguiu ficar com todas as meninas bonitas que quis na escola. Se sua atitude no baile for um algum tipo de indício, talvez a arrogância seja a principal característica desse seu lado "legal". Derek não pareceu ser assim. Mas como saberei?

Tudo bem, ele me ouviu cantar, acompanhou-nos até o hotel e tocou meu braço. Isso significa que ele não é tão asqueroso quanto qualquer outro homem do universo? Menos o Scott. Mas Derek não é um nerd baixinho e fofo que foi perseguido a vida inteira. Ele é lindo e transpira talento, experiência, confiança. Não tem nada a ver com o Scott. Será que o Derek é tão bom quanto parece... Apesar do vício? Fecho os olhos e encontro algo novo em meu coração. Uma pequena fagulha de alguma coisa que não reconheço.

Acordadaà noite,

Rendo-me

E abraço a luz que você acendeu

Quando seus olhos prenderam os meus

E eu ouvi seu sussurro,

Cante, cante para eu dormir

Você pode cantar

Porfavor cante para eu dormir...

Esta noite.

Toda a minha vida

Espero

Um toque como asas roçando meu coração.

Esse rubor em meu rosto

É tudo que pretende me dar?

Cante, cante para eu dormir

Você pode cantar

Por favor, cante para eu dormir...

Esta noite.

Acordo cedo demais. Minha cabeça está latejando, e sinto que vou vomitar. O café da manhã e uns dois analgésicos ajudam. Aquecimentos e um ensaio rápido também ajudam. Abarrotadas no ônibus da excursão, vamos para a cidade, até a antiga igreja em que nos apresentaremos.

Agora tenho que tratar de me arrumar. Meu rosto já virou rotina. A mãe da Meadow enrola meu cabelo e prende-o com os grampos mais pontudos do planeta. Fixa o penteado com laquê. Em seguida, entro no vestido rubi. Fico nervosa de novo e, escondida no banheiro, fico repetindo meu solo até sermos chamadas.

Formamos fileiras nos degraus com nossos vestidos vermelhos sorridentes. Oitenta meninas elegantes. Sinto-me bem, quase confiante. Sei que minha voz não vai me desapontar. O local ajuda a me acalmar. Não é um auditório frio. É uma capela quente, repleta de madeira, como aquela em que cantamos em nossa cidade. Deve ter uma boa acústica.

Olho para o público. Os bancos atrás da mesa dos jurados estão cheios de rapazes de camisas polo brancas com um belo "A" vermelho bordado no bolso. O coro inteiro deles veio nos ouvir. Derek está olhando a mim. Nossos olhares se cruzam, e ele sorri. Nesse momento fico feliz por estar tão bonita. Viciado ou não, ele é irresistível. Retribuo sorriso. Ele faz um sinal de incentivo com o polegar. Respiro fundo e solto o ar lentamente enquanto a Terry está entrando. Aplausos educados.. Cantamos a peça de teste. Arrasamos. Mais palmas. Cantamos nos segunda peça técnica. Os aplausos são ainda mais altos.

O piano começa a tocar *"Leve-me para casa "*. Fecho os olhos. A música me transporta para a igreja em Ann Arbor. São só as menina e eu. Sem pressão. Mas Derek está lá também, aguardando, querendo se

apaixonar por minha música. Abro os olhos ao ouvir a deixa. Minha voz flui no ar. Desvio os olhos da Terry e encontro Derek observando-me, agarrando-se a cada nota, fascinado. Sinto um estremecimento. De alguma forma, continuo cantando, mas ele me arrebatou. Cada nota, cada pulsação silenciosa de paixão é para ele. *Leve-me para casa, Leve-me paracasa, Leve-me para casa*. Não sei bem como ele está fazendo isso, mas embora eu esteja aqui no palco com oitenta meninas, cantando para os jurados e a plateia, é completamente íntimo, só ele e eu. A intensidade aumenta quando canto *"O rapaz moreno que disse que me amava/E preenche meus sonhos à noite"*.

Ele é o rapaz moreno que preencheu meus sonhos ontem à noite. Quero que ele esteja lá de novo, esta noite e toda noite.

Ele é o primeiro a levantar quando a última nota se desvanece. Seu coro se junta a ele. O resto do público fica em pé. Sem gritos. O decoro reina na Olimpíada de Coros durante os julgamentos. Mas as palmas não param. Saímos, com os vestidos agitando-se de forma teatral em volta dos pés e a plateia ainda aplaudindo. Continuam até um dos jurados pedir silêncio.

As mães nos pastoreiam até o vestiário. Não podemos gritar como gostaríamos. Nem nos abraçar. Temos que nos contentar com alguns "toca-aqui" e beijinhos na bochecha.

A mãe da Meadow lidera as outras que nos ajudam a abrir o zíper e tirar os vestidos. Colocamos calças capri cor de creme, e blusas bailarina rosa com manguinhas bufantes e detalhes em renda. Até as

sandálias combinam. Vou me vestindo sem prestar atenção, extasiada pela ovação, pelo olhar satisfeito dos jurados e pelo modo como a boca do Derek tremia no fim da música. Queria soltar o cabelo, mas temos que deixá-lo preso.

Tiro o batom carregado que me fizeram usar na apresentação e passo o de melancia. Lembra-me o Scott. Pobre Scott. Está tão longe de mim agora. É tão diferente do Derek. Constante. Leal. Doce. Amigo.

Derek não parece ser nada disso. Principalmente a parte do "amigo". Doce? Sem dúvida. A noite passada mostrou sua doçura. E cantar para ele agora foi extremamente doce. Mas isso estava dentro de mim. Como ele se sentiu? O que ele poderia ver em mim? Talvez esteja só representando. Esses caras estão aqui há alguns dias. Ele já teve várias chances de conseguir uma garota para passar o tempo no festival. Nunca imaginei que algo assim pudesse acontecer aqui, mas que se dane, vou aproveitar. Por que não? Ele não sabe quem sou de verdade. Sou livre aqui. Ele acha que sou bonita.

Encontramos Derek e Blake na pizzaria em frente ao nosso hotel. Todas as pizzas têm nomes de estrelas do cinema; americanas, na maioria. Eles pegaram uma mesa do lado de fora, na calçada. Meio barulhento com os carros passando, mas bem europeu.

— Bom trabalho — Derek aperta minha mão com as duas mãos, e a segura enquanto diz: — Lindo, Beth. Primoroso. Como faz isso?

Puxo a mão de volta.

— Ouvi você cantar. Sabe como se faz.

— Não daquele jeito. Não sei cantar assim.

Blake apoia-se em seu ombro e observa-me dos pés à cabeça.

— Talvez você só precise da inspiração certa.

Recebe outra cotovelada no estômago e um "Cale a boca" do Derek.

Pedimos pizza para comemorar. Blake desobedece à regra dos laticínios outra vez, mas Derek pede massa com molho de carne. Quando o pedido chega, ele pega um punhado de cápsulas e engole. Nota que estou olhando e encolhe os ombros.

— Vitaminas. Minha mãe é fã da dieta macrobiótica.

Acredito nele. Em cada palavra. Sério.

Este lugar serve autênticas pizzas italianas. Massa fina e forno a lenha. Enfio na boca uma fatia com a mozarela derretendo. É tão diferente das nossas. Fresquinha e gostosa de mastigar. E os tomates são doces. Fecho os olhos para saborear melhor. Não acredito que estou comendo com ele. Estou aprendendo sobre homens o mais rápido que posso.

— Não é assim que se come — sentado de frente para mim na mesa estreita, Derek observa meu jeito de comer. Pega uma fatia da minha pizza e dobra. — Olha aqui — coloca em minha boca.

Obediente como sempre, mordo e consigo mastigar sem ficar muito vermelha. Ele está olhando... Parece estar morrendo de fome.

— Quer um pedaço? É muito para mim — aqui cada um pede sua própria minipizza, não aquelas imensas que servem uma mesa inteira como em casa, mas mesmo assim é muito.

Ele balança a cabeça.

— Tem queijo.

— Vocês cantam amanhã, não é?

— Espero que você vá — olha para mim como quando eu estava cantando.

— Eu não perderia por nada — devolvo o olhar e espero estar enviando a mensagem certa.

Estou perdida em algum lugar no fundo daqueles olhos castanhos e aveludados quando o celular toca dentro da bolsa. Hoje eu o trouxe. Mamãe disse que ligaria para saber como tinha sido a apresentação. Avisou-me que ligações da Europa custam uma fortuna em taxas de longa distância e transferência de área, então estamos só trocando e-mails, mas hoje vale a pena conversar por telefone.

Encontro-o antes que ela desligue.

— Mãe?

— Beth? — ela diz algo que não consigo ouvir.

— Espere um minuto — grito, levanto e ando pela calçada. — Acho que aqui está melhor.

— Como foi, querida?

— Foi ótimo, mãe. Cantei como nunca tinha cantado antes — olho de relance para Derek, recostado na cadeira, olhando para mim. Prende meu olhar, faz meu rosto ficar quente. — Conhecemos uns garotos legais do Amabile, aquele coro de Londres, em Ontário.

— Que bom, filha. Fico contente em saber que você está se divertindo — ela parece triste.

— Você está bem? — Fico preocupada por deixá-la sozinha.

— Claro — sua voz falha.

— O que está acontecendo, mãe?

— Nada que não possa esperar até você voltar na semana que vem.

Fecho os olhos. Não, hoje não. Concorde com ela. Desligue. Espere. Você não quer saber.

— É sobre aquele exame?

Ela não diz nada, mas ouço um choro baixinho.

— Deu positivo, não foi? — algo lá no fundo, dentro de mim, segura com força a dor que está apunhalando meu coração. Sou portadora.

— Vamos a um especialista em genética quando você chegar em casa — respira fundo, tenta controlar a voz. — Não queria contar desse jeito.

— Tudo bem. Tem mais alguma coisa que devo saber?

— Não deixe essa notícia estragar sua viagem. Esqueça e divirta-se. Vamos cuidar disso quando você voltar. Os médicos queriam que você começasse a tomar pílula imediatamente, mas eu disse a eles que não tínhamos que nos preocupar com isso. Tenho muito orgulho de você, querida.

— Obrigada, mãe.

— Amo você. Sinto muito. Sinto muito, muito — está chorando de novo.

— Também amo você — minha voz falha na última palavra. O telefone fica mudo. Meus olhos ardem. Percebo que tenho cerca de dois minutos antes de desabar. Não tenho como voltar para a mesa.

E para o lindo, calmo e adorável Derek. Vejo listras amarelas na rua, na minha frente. Faixa de pedestres. Que bom. Piso nela. Um carro freia com tudo. Eu pulo. Estaria morta em Detroit, mas os suíços param. Olho para o rosto cansado e envelhecido do homem dentro do carro levanto a mão para agradecer. Ele sorri e acena também. Um nó cresce em minha garganta.

Agora o trânsito está parado para mim, nos dois sentidos. Atravesso correndo, passo pelos pedalinhos e por um lugar que vende

sorvete e refrigerante, desço até o lago. Há um terminal de balsa na minha direita. Árvores grandes. Bancos. Encontro um praticamente escondido, atrás de um tronco largo e alguns arbustos.

Sento-me e tento compreender o que está acontecendo. O lago parece um espelho. Muito azul. O céu também. Algumas nuvens fofas e sol. Montanhas, azuis e distantes, com picos brancos e irregulares, erguem-se do outro lado. Tudo tão sereno. Não consigo olhar para isso. Preciso de nuvens. Anunciando chuva. Ondas quebrando. A beleza deste lugar zomba de mim, grita "Como é feia" em minha cara.

Quase escapei dele. Quase escapei de todos eles. Todos os homens que já me chamaram de Fera. Estava começando a criar alguma esperança, a tentar ter algo parecido a uma vida normal. Um relacionamento. Casamento. Uma família. Já havia me conformado com a ideia de encontrar um homem cego quando tivesse 40 anos, mas essa nova fachada transformou minhas fantasias.

Olhe para o Derek. Até mesmo o Scott.

Droga. No baile, Colby deu em cima de mim.

Eu poderia ser amada por alguém. Não sou mais repulsiva. A intervenção dolorida da Meadow me deu esse presente. Chega a ser espantoso.

Essa sentença de morte do filho que ainda não tive fecha completamente a porta. Vitória da seleção natural. Sou a Fera. Quem poderia amar a Fera? Os riscos são altos demais.

Talvez eu consiga que arranquem isso de mim, tudo isso. Tudo que faz de mim uma mulher, que me faz ansiar por amar alguém, tudo que me faz chorar agora por bebês que nunca existirão.

Vazia.

Deus, leve todos esses sentimentos,

Deixe-me ser apenas

Uma concha

Sozinha na praia

Enquanto a vida cresce ao meu redor

Dedinhos macios,

Aquele cheiro doce de bebê,

O sonho ainda perdura.

Por favor leve-me deste novo inferno...

Lágrimas rolam por meu rosto. Enxugo-as, zangada. Ele não devia ter o poder de me fazer chorar. Meu pai é uma sombra distante. Eu nem o conheci.

Um líquido quente escorre do meu nariz. Que nojo. Enterro o rosto dentro da bolsa.

Alguém senta no banco e me oferece um pacote de lenços de papel. Derek.

— Obrigada — murmuro, pego um lencinho branco e macio e limpo o nariz. Tento devolver o pacote a ele.

— Pode ficar. Tenho uma mala cheia.

Seguro a caixa e fico tateando para abri-la novamente.

— Más notícias?

— Mais ou menos — tiro outro lenço e seco o rosto.

— Sinto muito.

Ele parece sincero. Quero que ele seja, preciso desesperadamente ele seja.

— Obrigada por vir atrás de mim.

Põe a mão em meu ombro.

— Estava observando. Não consigo parar de olhar para você, Beth — está massageando minhas costas agora, como se eu fosse uma criança ferida. — Percebi que o telefonema não terminou bem.

Fecho os olhos. As lágrimas estão voltando.

— Sua família está bem?

Faço que sim e engulo em seco.

— Fiz uns exames antes de viajar. Minha mãe recebeu os resultados.

Sua mão para.

— Você não está doente, está?

Balanço a cabeça.

— Você não vai morrer e me deixar?

— Por que você se importa?

— Desculpe. Quer que eu vá embora?

— Não — ajeito-me no banco e olho para o lago, tentando entender. — Não posso ter filhos — dizer em voz alta, para esse garoto tão incrível, torna tudo real, sela meu destino. Eu começo a chorar, não consigo parar... mesmo na frente do Derek.

— Venha aqui — põe os braços em volta de mim, encosta meu rosto em seu ombro e me abraça. Continuo soluçando.

Ele sussurra palavras reconfortantes e cantarola alguma coisa que nunca ouvi enquanto me embala. Não diz nenhuma vez que "está tudo bem". Dá para amar um cara assim. Fácil.

Finalmente me controlo. Seu ombro está molhado embaixo do meu rosto. Levanto um pouco a cabeça.

— Nossa, sujei sua camisa.

— Tenho mais quatro iguais a esta.

— Sua massa vai esfriar.

— Gosto de massa fria.

Esboço um sorriso. Meu lábio inferior treme.

— Sinto muito — passo a mão onde a camisa está molhada.

Ele encosta minha cabeça novamente.

—Eu não.

— Devo estar horrível.

— Não estou olhando.

— Acho que você pode me soltar agora.

— Tenho que soltar?

— Não — minha garganta dói, indicando que as lágrimas vão recomeçar. — Se não se importar, está ajudando.

— Que bom — seus lábios roçam minha testa.

— Derek?

Agora ele está beijando minha têmpora.

— Ainda não o conheço bem — ele está se aproveitando de mim ou sabe que é exatamente disso que preciso?

Sua boca desliza por meu rosto.

— Claro que conhece.

Fecho os olhos. Não consigo respirar.

Sua boca encontra a minha. Ele me beija, suave e carinhoso, e diz baixinho:

— Isso também ajuda? — e me beija novamente. — Sonho com isso há semanas, desde que conversamos on-line — seus lábios acariciam e consolam como as mãos fizeram há pouco. — Você lançou ma espécie de feitiço em mim. Estou sendo precipitado?

— Acho que... — meus olhos se abrem. — Eu quero que você seja precipitado.

Minhas palavras trazem de volta o beijo. Meus lábios se movimentam com a suavidade de seu toque.

— Você é linda, Beth — murmura em meu ouvido.

— Não diga isso. Não hoje. Se você me conhecesse de verdade... por dentro.

Segura meu rosto com as duas mãos.

— Por quê? Você mata as pessoas com um machado?

— Como adivinhou?

— Eu sabia — morde meu lábio e puxa-o. — Adoro mulher perigosas.

Os beijos ficam mais rápidos, mais intensos.

Eu recuo.

— Muito rápido? — toca meu rosto e me beija devagar, acalmando-me outra vez. — Está se sentindo melhor?

Ponho a mão sobre a dele e digo:

— Não pare. É uma terapia maravilhosa.

— Para mim também.

— Você precisa de terapia?

— Também tenho problemas.

Vício em drogas. Terapia. Perigoso. Gênio. Artista. Quem é esse garoto que estou beijando em um banco de parque em plena luz do dia às margens do Lago Genebra em Lausana, Suíça? Não é nenhum Colby. Nem o Scott seria tão compreensivo. Ele parece um anjo, canta como um anjo. Encontrou meu coração em pedaços e o seduziu com um ritmo novo. Um ritmo tão doce, tão cativante, tão tentador que não me canso de querer mais.

Quem é ele?

Seus braços me envolvem, sua boca chega ao meu pescoço...

E não me incomodo.

Capítulo 12

Inteira

— Saia da frente, Meadow.

Ser uma fera tem uma vantagem.

Eu sei defender meu território. Chamo isso de instinto animal.

Ela estava no sofá do minúsculo saguão do hotel esperando-me. Está em pé e na minha frente antes que a porta se feche atrás de mim. É uma pena que não haja uma janela para a rua. Ela teria visto Derek beijando-me antes de ir embora.

— O que aconteceu com você? Seu rosto está péssimo.

— Recebi más notícias.

— E tinha que arrastar o Derek para longe porque...?

— Ele percebeu e foi me procurar para ver se eu estava bem.

— Você é tão ingênua. Devia ter ouvido o que Blake disse sobre ele depois que vocês sumiram.

— Blake é um idiota. Por que me importaria com o que ele diz?

— Derek faz esse joguinho em todo lugar que estão. Escolhe uma garota com antecedência, deixa-a aos seus pés, consegue o que quer, e então o festival acaba e ele desaparece em um avião.

— Parece alguém que conheço.

— Quer dizer eu? Imagine. Ann Arbor não é tão longe Londres. Quero mais do que uma semana.

— Até eu entrar em seu caminho.

— Exatamente. Você precisa sair do caminho e deixar isso para uma profissional. Não quero que você se machuque.

Machucar? Ela não faz ideia do que significa ser machucada.

— Tarde demais. Ele me beijou — ficamos juntos até o horário do ensaio dele, e se for só esta semana, farei isso de novo sempre que tiver uma oportunidade. Volte para seu namorado, Meadow.

— Eu fiz você, Beth. Lembre-se disso — calma aí. Agora ela parece uma fera protetora. Mantém o olhar ameaçador o suficiente para me fazer piscar.

Eu gostaria muito de arrancar este cabelo falso da cabeça, raspar a maquiagem do rosto e tirar cada roupa que tenha algum vestígio da Meadow. Odeio admitir que ela está certa. Derek pode amar minha voz, mas era a falsa Beth que ele estava beijando.

Meadow cruza os braços.

— E então, que notícia terrível foi essa?

Sou uma fera mutante cuja prole nascerá deformada. Não contarei isso à Meadow.

— É pessoal.

Passo por ela e subo as escadas.

— Mais três dias — diz ela atrás de mim —, e você vai dizer adeus a ele.

Todo o coro comparece ao concerto esta noite. Estamos no balcão. O coro do Derek tem lugares lá embaixo.

— Lá está ele — Sarah aponta-o para mim. Derek está em pé, procurando alguém no corredor. — Onde está o Blake?

Leah também o vê.

— Levante-se, Beth, e acene para ele.

Sinto-me tão ridícula.

— Ele nunca me enxergará aqui em cima.

Leah cutuca minhas costelas.

— Fique em pé.

Levanto-me para fazê-la ficar quieta, vejo-o procurando na ateia, seção por seção. Logo depois ele está acenando, sorrindo, mostrando a saída.

— Vá — diz Sarah. — Vou distrair a Meadow. Descubra onde Blake está.

A orquestra está aquecendo. Seria tão legal cantar com uma orquestra inteira apoiando-nos. — Vou dizer à Terry que vou ao banheiro e ir sem que a Meadow perceba.

Passo correndo pela saída, e lá está ele. Puxa-me para trás de um piiar e me beija. Em pé também é bom. Eu não tinha certeza. Só tenho que me curvar um pouco.

Deslizo as mãos pelos braços dele, explorando os músculos.

—Oi.

Ele segura minhas mãos.

—Oi.

Isso é tudo que conseguimos dizer. Ficamos perdidos em nossos lábios, não vemos os dois primeiros números.

— Você está bem?

Mordo o lábio e faço que sim.

— Mas é melhor eu voltar, antes que a Terry mande alguém atrás de mim.

Ele sorri.

— Qualquer coisa, menos isso. Ela me dá medo — seu sotaque é delicioso.

— Você não curte as bonitinhas mandonas?

Ele ri.

— Venha aqui... mais uma vez.

Perdemos o terceiro numero também.

— Tenho que ir.

— Encontre-me hoje à noite. Ficarei na frente do seu hotel até você poder sair. Podemos voltar ao nosso banco no lago.

Será que a Meadow tem razão? Ele já está querendo isso?

— Não sei se...

— Não tem nada a ver com sexo, Beth. Eu não a desrespeitaria desse jeito.

Estou queimando de tão vermelha.

— Sou assim tão fácil de decifrar?

— Confie em mim. Só quero passar mais tempo com você. Podemos caminhar e conversar. Sarah disse ao Blake que você escreve também.

Vou matá-la.

— Eu só rabisco umas letras. Ruins. Nada a ver com o que você faz.

— Quero ouvi-las.

— Nem pensar.

— Por favor — ele me beija.

—Não.

Outro beijo, lento e extremamente persuasivo.

— Vou sair com você, mas esqueça as letras — eu morreria se ele ouvisse o que inventei ontem à noite. E ninguém jamais ouvirá o que compus sentada naquele banco hoje à tarde. Mas isso foi antes. Antes de Derek me encontrar, me beijar e me transformar.

Ele sorri e se prepara para me beijar novamente.

— Aposto que consigo fazer você cantá-las para mim.

— Pode tentar — fecho os olhos, pronta para me perder nele mais uma preciosa vez.

— Levarei minha melhor música.

— Seus lábios já estão cansados? — sussurra em meu ouvido.

Estou nos braços do Derek, recostada em seu colo, joelhos dobrados, pés em cima do nosso banco. Uma brisa fresca está

soprando, então está fazendo um pouco de frio. Aconchego-me em seus braços quentes, feliz por ele estar vestindo o blusão de hockey.

— Eu poderia beijá-lo a noite inteira.

Amparando-me, ele fica em pé.

— Vamos andar um pouco.

Não quero interromper os beijos e os carinhos.

— Não — agarro sua mão e puxo-a.

Ele me faz levantar e me beija outra vez.

— Preciso de um intervalo... Ou vai ter tudo a ver com sexo.

Por que isso não me assusta? Droga. Sinto um desejo imenso de empurrá-lo de volta para o banco e ver o que acontece. A Fera quer se libertar. Quem diria que eu podia ser tão fácil? Talvez aqueles médicos imbecis realmente precisem se preocupar.

Derek pega minha mão e nós passeamos pelo caminho pavimentado que circunda o lago. Ele aponta para o outro lado.

— Aquelas luzes são a França. Evian, de onde vem a água.

— Como você sabe?

— Pesquisei para poder impressioná-la. O lago tem mais de trezentos metros de profundidade.

Paro de andar.

— Não é um passeio turístico que estou querendo agora — esforço-me para parecer sensual. Eu. Sensual.

Ele vira e indica três tufos enormes de penas brancas, azuladas sob a luz da lua.

— São cisnes. Quer que eu os acorde?

Balanço a cabeça e deixo-me levar pela mão dele.

— Por que os meninos são assim?

— Sou um menino? — olha para os lados e para mim, franzindo a testa.

— Não. Com certeza não é — chegamos a uma estátua cinza e damos as costas para o lago para observar a mulher congelada. — Estou tentando entender o que você é.

— Um homem fascinado — leva minha mão a sua boca e beija. Estou surpresa em ver que a estátua não derreteu. Eu estou. Tão derretida.

Ficamos assim, respirando um ao outro, afundando em nossos olhares, compartilhando o milagre de sentir o que estamos sentindo. Acho que vou ganhar outro beijo, mas ele vira, tossindo, e pega um pacote de lenços.

Suspiro. A noite está fria para o verão, sobretudo aqui no lago. Este ar não pode ser bom para a voz dele.

— Não gostei do som dessa tosse. Está ficando resfriado?

Tosse novamente.

— Você cantará amanhã. É melhor voltar.

— Não se preocupe — pega minha mão e caminhamos direção ao nosso banco. — Tenho permissão para dormir fora.

— Tratamento especial para astros da música?

— Olhe quem fala... A diva.

— Não tenho nada de diva.

— Eu sei — põe o braço em minhas costas sem soltar minha mão, então meu braço vai junto, e ele pode puxar-me para mais perto.

— Dá para perceber pelo modo como você canta — fala com calma, seu hálito quente em minha orelha. — Uma diva não teria a pureza e a emoção que você tem. Você é uma artista.

— Vindo de você... É um elogio e tanto. Obrigada.

— Só disse a verdade.

— Gosto da forma como você vê o mundo.

— Estou vendo de outra forma hoje.

— Falando assim, parece que sou a primeira garota para quem você diz isso.

Ele para de andar.

— Senti uma atração muito forte por você — dobrando o braço, aperta-me contra seu peito e afunda os lábios em meu pescoço.

Acaricio seu cabelo macio e perfeito e murmuro:

— Por minha voz. Você nem me conhece.

Ele levanta a cabeça e solta minha mão para poder segurar meu rosto entre suas palmas.

— Conheço sua alma. Está em cada nota da sua música — roça os lábios nos meus. — Não dá para fingir. Não é algo que você possa esconder — prende meus lábios durante um tempo. Não via a hora de encontrá-la — sua respiração está mais rápida.

Fica tudo irreal demais. Eu me afasto.

— Desculpe por decepcioná-lo.

— Muito engraçado. Você sabe do que os caras do coro a chamam?

Posso imaginar.

— "A deusa".

Seu olhar é tão pleno, tão profundo. Abaixo meu, fito o esmalte lascado nas unhas dos meus pés.

— Já fui chamada de muitas coisas, mas nunca disso.

Ele põe o dedo indicador sob o meu queixo e levanta delicadamente meu rosto, fazendo-me olhar para ele de novo.

— Obrigado por ficar com um simples mortal — ajeita atrás da minha orelha uma mecha de cabelo tingido de loiro e grudento de tanto laquê e aproxima-se para me beijar mais uma vez.

— Você imagina o quanto sou falsa? — viro o rosto. — Este Meu rosto. Se você me visse em casa...

— Mas não estamos em casa. Estamos aqui. Não temos que ser as pessoas que somos lá — há uma ferocidade em sua voz que me assusta. Ele está fugindo da realidade de casa como eu? É o que estou fazendo, comigo e com ele, substituindo o que sinto quando ele me beija pela desolação vazia que tenta voltar rastejando assim que ele para. Agarro-me a ele. Preciso dele. Ele me abraça com força. Será que precisa de mim também?

Ficamos ali abraçados, tentando parar o tempo, compactá-lo dentro deste momento para podermos flutuar neste sentimento para sempre.

Afasto a cabeça de seu ombro.

— Como é... para você... em casa?

— Vamos andar.

Fico esperando que ele me conte, mas não diz nada.

Torna-se desconfortável, ao menos para mim. Quero saber sobre as drogas. Será que é por isso que ele faz terapia? Ou é outra

coisa. Os músicos não costumam ser muito equilibrados. Até os perfeita como ele. No entanto, apenas digo:

— Quando você começou a compor?

Então, ele balança minha mão, pronto para fingir comigo.

— Faço os arranjos do coro há uns dois anos. Toco piano, e violão, também. Claro, tem as músicas do coro, mas gosto de Marley, e de música folclórica. Jazz, às vezes. Não gosto muito de pop ou rock puros. Mas ouço de vez em quando. Acho que sou um onívoro musica.

Olho para o lago negro e as luzes piscando do outro lado.

— Eu também. Não entendo muito de Marley, mas gosto da música folclórica. E sim, escuto a maioria das divas.

— Você toca?

Balanço a cabeça. Meu pai tocava violão na banda, gravou um acústico há muito tempo. Mamãe ainda tem. Estranho. Não sei por que ela não o queimou.

Paramos de andar e olhamos para o lago. Está passando uma balsa, toda acesa e com música tocando. Derek aperta minha mão.

— Vamos subir em uma balsa dessas. E fugir.

Gosto da ideia.

— Mas é um lago.

— Um lago grande.

— Precisamos voltar. Você tem que dormir.

— Primeiro cante alguma coisa que você escreveu. Preciso de uma canção de ninar.

Encolho os ombros.

— Você primeiro.

Ele põe o braço em volta de mim e começa a cantarolar alguns Ooohs. A textura da voz é tão rica. Nao é a voz pura que ele usou no concerto. A melodia é extasiante, conquista meu coração, faz-me querer sorrir e chorar ao mesmo tempo. Para.

— É tudo que tenho.

— Adorei. Como se chama?

— Canção da Beth.

Capítulo 13

Estrela de Rock

Derek mantém os olhos no regente durante toda a apresentação dacompetição, até começar seu solo.

Seus deliciosos olhos de chocolate me encontram na quinta fileira respirando cada nota. De algum modo, ele transforma uma "Ave Maria" em uma canção de amor. Perco-me no poder da música, dominada pela intensidade da emoção que jorra dele. Lágrimas se formam nos cantos dos meus olhos. O que é isso? Como posso me sentir assim?

Retiro tudo o que disse sobre divas e amor. Se o amor tiver alguma coisa a ver com o que sinto agora, é o que eu quero. Sinto-me feliz e viva cantando, mas esta sensação é inexplicável.

O solo termina, e o restante do coro se junta ao Derek, que volta a se concentrar no regente. Aplaudimos de pé, com todo o público, quando eles terminam.

Leah está com a expressão preocupada.

— Acho que ganharão de nós.

Meadow interrompe as palmas.

— Eles são praticamente profissionais. Não é justo.

Eu tinha esquecido que estamos competindo com eles. Medalha de ouro. Certo. O melhor coro de jovens do mundo. Tenho certeza de que estamos olhando para eles.

Sarah observa Blake descer os degraus do palco.

— Mesmo com você, Beth, não estamos no nível deles. Ninguém está.

Perco o desenrolar da conversa quando o coro seguinte forma fileiras nos degraus. Levanto e saio. Eles estão no salão de espera, cumprimentando-se. Derek me vê e começa a andar em minha direção.

Quando se aproxima de mim, segura minhas mãos. Fico olhando para ele. O que posso dizer depois daquilo?

Aperta minhas mãos, chega mais perto e diz:

— A que hora você estará livre hoje?

Minha garganta está tão seca, que tenho que engolir.

— Tenho umas duas horas depois do almoço.

— São minhas.

Andamos lentamente pelo centro de Lausana, de mãos dadas. Derek parece cansado. Afasta-se depressa quando ponho a mão em sua testa para checar se está com febre.

— Pensei que eu não fosse um menino.

O restante do meu coro está conhecendo a catedral. Evitamos passar por lá. Escadas demais, segundo ele. Há um mercado grande montado em frente às lojinhas, em antigas construções de pedra. Bancas de frutas frescas, verduras, mel e carrinhos vendendo queijo deixam as ruas estreitas e sinuosas ainda mais estreitas. Derek compra uma linguiça defumada nojenta e me faz experimentar. Muito salgada. Compro alguns morangos frescos para tirar o gosto da minha boca, e da dele. O centro da cidade é um labirinto. Ficamos totalmente perdidos e começamos a descer até encontrar placas do metrô, que pegamos para ir até Ouchy e acabar novamente em nosso banco.

Ele senta e eu assumo minha posição. Em vez de me beijar, ele me abraça. Afundo o rosto em seu pescoço. É como voltar para casa.

— Mais um dia e o conto de fadas termina.

— Não me lembre. Quero ficar aqui com você para sempre.

— Pode contar comigo.

— Está bem. Meus amigos e eu vamos ficar mais umas duas semanas, viajando de trem. Fique.

— Duas semanas inteiras sem distrações?

— Blake estaria por perto.

— Até isso seria muito melhor que... — a emoção afeta minha voz — dizer adeus na segunda de manhã — amaldiçoo o transtorno das passagens aéreas não reembolsáveis.

Ele acaricia meu cabelo. Lavei-o três vezes para tirar todo o grude e fiz uma hidratação com óleo aquecido antes do café da manhã. Está lindo hoje. Contanto que não chova e estrague a chapinha que as meninas fizeram. Continue mexendo nele, Derek. Por favor, continue mexendo.

Ele continua. Está vestindo uma camisa polo de manga curta, como aquela em que chorei. Noto pequenas marcas vermelhas no lado interno do braço dele. Picadas de agulha? Não quero vê-las. Todas as drogas do mundo não mudarão o que sinto por Derek. Fecho os olhos.

Ele passa os dedos entre meus cabelos.

— Não será adeus. Apenas até mais.

Meus olhos se abrem.

— Sério? — tome essa, Meadow.

— Como a Meadow disse, somos vizinhos. Londres fica a umas duas horas de Detroit. Ann Arbor é longe?

Uma sensação indescritível, de formigamento, toma conta de mim. Inclino a cabeça para trás e rio.

— O que foi?

— Moro em Port.

— Está brincando? Fica a meia hora da minha casa... se for rápido.

Então fico com medo. Isso não pode ser real. Ele não pode estar dizendo isso. Seguro comforça sua camisa.

— Você quer mesmo que isso continue... acontecendo?

— É claro. Você não quer?

Faço que sim.

Ele franze a testa.

— O que você pensou?

— Não sei. Que você estava passando o tempo. Sendo legal. Que não significa para você o que significa para mim.

— Isso foi um pouco insensível.

— Desculpe. Não sei como agir. Nada como você tinha acontecido comigo antes.

— Que bom — ele me puxa para poder me beijar. — Vamos deixar assim.

Vamos perdendo-nos em lábios e mãos e cabelos e rostos. Está diferente dessa vez; agora que sei que vai durar. Menos físico. Mais emocional. A cada beijo, meu sentimento por ele fica mais profundo. A

cada toque, ele é mais precioso. Serei sua viagem. Serei sua terapia. Se ele me tiver, não precisará de mais nada. Quero tanto cuidar dele.

Seus lábios fluem por cada centímetro do meu rosto, prometendo-me.

Centenas.

Milhares.

De momentos como este.

O Itinerário Oficial de Viagem do Cantoras da Juventude é grosso como um livro. A celebração de gala hoje à noite, a cerimônia de premiação amanhã de manhã, compras durante a tarde e o voo para casa na manhã seguinte. É tudo o que resta. A programação diz que devemos pegar o ônibus às cinco da manhã. É melhor Derek e eu dizermos nossos "até mais" na noite anterior. Ele não é muito madrugador.

Nós, que significa oitenta meninas e eu, não Derek e eu, chegamos à arena esportiva, onde será realizado o concerto de encerramento. Por sorte não choveu. As nuvens estavam passando à tarde, mas até agora o tempo está seco. Não tiveram que mudar o concerto para um espaço fechado. Terry entrega ao funcionário do local o cartão plástico com as indicações dos nossos lugares. Em vez de conduzir-nos às últimas fileiras da arquibancada, ele nos leva a duas filas longas e vazias no campo.

A orquestra dá início à noite. Derek disse que eles são todos húngaros. A Olimpíada de Coros não pôde pagar os suíços. Depois de algumas peças clássicas comoventes e uma da trilha sonora de um filme recente, um tenor vem à frente e canta. Ele é bonito para um homem de 30 e poucos anos.

Meadow fica entusiasmada com ele.

— No próximo verão, Hungria.

Só quero o Canadá. Logo depois da fronteira. E logo.

Um coro de adultos das Filipinas canta "O círculo de luz" do Rei leão. Sentam-se em um circulo gigante com um lado aberto para o público, e fazem todos aqueles sons de animais usando apenas suas vozes.

A noite vai passando. Vários coros. Adoro o dos escoceses, principalmente os kilts. Os rapazes do Amabile precisam comprar uns também. Derek ficaria lindo com um kilt. Uma soprano húngara canta uma ária impressionante. Eu queria saber fazer isso com a voz. O tenor se junta a ela. Ovação de pé. A primeira da noite.

Leah me cutuca com o cotovelo.

— Eles são os próximos.

Dou uma olhada em meu programa. Sabia que o Amabile fecharia o espetáculo, mas não percebi que já estava tão perto do final. Sinto um calafrio, e não estou com frio. Estou nas nuvens por ver

Derek no palco, mas quando acabar, estaremos mais perto da volta para casa. Espero que cantem a noite toda.

Eles formam as fileiras. Lá está Derek com o smoking novamente. Meu Derek. Como aquela criatura extraordinária pode estar comigo? Ele me abraçou, me beijou e escreveu uma canção para mim. Para mim. Talvez não seja real. No jantar, Meadow estava ansiosa para confirmar que ele tem uma namorada no Cantoras Jovens do Amabile. Ela disse que agora o status dele on-line é "solteiro", mas na foto que está no perfil da namorada, os dois estão bem juntinhos. O status dela é "complicado". Ignorei a Meadow. Meus lábios estavam macios e rosados de tanto beijá-lo. Minha cabeça repleta de promessas dele.

Eles começam a cantar e uma voz horrível murmura dentro de mim: Ele não prometeu nada a você. Só quer vê-la novamente. Sem compromisso. Esse pensamento me consome. Mal ouço os dois números que eles apresentam.

As luzes diminuem. Um refletor ilumina apenas o Derek vindo à frente, e muitas meninas berram. Ele canta os primeiros versos de "Weare the world". É tradição cantar essa canção em todas as Olimpíadas de Coros. As Olimpíadas originais têm a ver com paz nos esportes. Nós queremos a paz através da música. Derek canta devagar, com muito sentimento. Meu coração dá saltos dentro do peito. Esforço-me para respirar.

Uma meia dúzia dos coristas mais velhos, o núcleo do Primus, acompanham-no dos degraus até a beirada do palco. Mais gritos na plateia. Eles se juntam à voz do Derek. O andamento acelera. Derek e os outros rapazes batem palmas no alto, fazendo todos levantarem.

Milhares de vozes de várias partes do mundo cantam sobre dias melhores. Derek lidera, no centro de tudo. Um verdadeiro astro. Tão, tão longe de mim.

O lugar vem abaixo depois disso. Adeus, decoro. E tudo causa dele. Ele fez desse número o destaque da noite. Sem dúvida É pode contaminar. Intoxicar. Não sou a única que o sente. Ele co atingir todas as pessoas deste estádio.

Quando o público se acalma, Derek pega o microfone. Muitos gritos. Ele sorri e acena. Então anuncia:

— Senhoras e senhores, colegas coristas, famílias.., temos uma surpresa especial esta noite para encerrar o show.

A orquestra começa a tocar a melodia de um dueto *pop* cantado por um homem e uma mulher, muito romântico, bastante popular inverno passado. Já o cantei na frente do espelho com os olhos fechados mais de mil vezes. Não vejo a hora de ouvi-lo cantar.

Mas ele ainda não terminou de falar.

— Gostaria de apresentar a vocês uma nova voz que levou ao paraíso este festival e todos os que a ouviram cantar. Beth Evans,

solista do Cantoras da Juventude Bem-Aventurada, você poderia se juntar a mim no palco?

Estou grudada à cadeira. Leah e Sarah me colocam de pé e me empurram até o corredor. Tenho que me obrigar a manter uma boa postura e fingir um andar confiante. Um foco de luz me acompanha até o palco. Derek me entrega um microfone e sussurra:

— Você conhece essa, não é?

— Lembre-me de matá-lo depois.

Ele canta *Tenho que ficar, tenho que ficar com você* em minha frente.

Eu respondo *Você — eeeh, eeh.*

Em cima do palco, na frente de todo o universo dos coros de que se tem conhecimento, ele põe a mão delicadamente em minha cintura e me puxa para perto, e nossos microfones ficam juntos.

Seu jeito de andar, seu cabelo dourado. Ele toca meu cabelo. Eu a *vejo em todos os lugares./Meu amor não tenha medo... dê-me sua mão*. Segura minha mão antes de terminar, então eu tenho que cantar.

Minha estrofe é bem "direta", e é assim que a canto. *Seu hálito flutua em meu rosto.* Ele aperta minha mão. *Um fogo acende quando nos abraçamos*. Fico vermelha, mal consigo cantar o próximo verso. *Seus lábios nos meus prometem o que não me atrevo.*

Respiro fundo e fecho os olhos. O refrão começa comigo.

E agora... nosso amor é tão real,

Não darei nenhum passo sem você.

Graças a Deus, você chegou. Se me ama, por favor fique comigo até o final.

Cada palavra é verdadeira para mim. Será que é para ele? Foi por isso que escolheu esta música? Ele entra e nossas vozes se juntam.

Toda a minha vida, tenho que ficar com você.

Não durmo, nem sonho sem você.

É um conto de fadas para dois. É você. É você.

Meus olhos se abrem. Descanso enquanto ele canta.

Com um caleidoscópio diante dos olhos,

Agito uma vez e observo as cores vivas voarem, E a imagem é tão clara...

Ele toca minha bochecha com a mão livre. *Tem que ser você.*

Faz-me balançar com ele durante o interlúdio da orquestra. Provavelmente estou parecendo uma árvore. Cantamos *É você, você* um para o outro, para trás e para frente. Então ele faz uma volata.

Na segunda estrofe, já nos movemos em sincronia com a música, ando-nos. Sincero, apaixonado, Derek canta:

Seu jeito de beijar, seu jeito de cantar,

Seu jeito de dizer o que quero escutar,

Quer ficar com o meu coração?

Põe minha mão em seu peito e a segura. *Estou oferecendo a você.*

Posso sentir seu coração batendo. Ele brilha sob a luz do refletor.

Sinto seu amor... ele pulsa com tanta força,

Andarei com você até o amanhecer

Ele sorri. Deslizo a mão até seu rosto e contorno seus lábios ao cantar *Amarei enquanto cantar você, você.*

Derek pega minha mão e a balança ao ritmo da música. *Você, você,* repito suas palavras. Então cantamos novamente o refrão, juntos. Os rapazes do Primus Amabile fazem o fundo. Estou totalmente imersa neste momento. Em vez de temer o público, estou deliciando-me com a reação deles. Emoção incomparável. Poderosa. Ela se entrelaça ao sentimento que emana do Derek, e eu estou pronta para o segundo estribilho dramático.

Derek e eu não nos preocupamos com as palavras. O coro cuida disso. Improvisamos volatas, um perseguindo a voz do outro. Derek canta *É você meu amor.*

Eu respondo *Uo-o, uo-o.* No final, tudo se junta. Os rapazes do Amabile param. Minha voz e a do Derek se fundem no último verso, palpitando: *Tem que ser tem que ser com você.*

Aplausos inundam a plateia. Derek me beija, e o lugar vai à loucura.

Capítulo 14

Vencedoras

Derek e os outros coristas do Amabile acabam com qualquer decoro que restou após o concerto de ontem à noite antes mesmo de darem andamento à cerimônia final esta manhã.

Ela começa com todos os coros agitando bandeiras e tentando cantar melhor que os outros seus hinos nacionais. Derek e seus amigos causam um alvoroço quando se levantam e correm pela arena agitando uma enorme bandeira canadense. O pano vermelho vivo com a folha de bordo branca no meio é como a capa de um toureiro. E os touros não resistem ao ímpeto de ir atrás dela.

Os australianos se levantam. Depois os chineses. Os russos, italianos, irlandeses. Logo uma mini ONU se espalha pelo chão. Leah e Meadow me puxam com elas. Sarah e mais umas quinze meninas vão junto. Mergulhamos na confusão, somos levadas pela corrente de coristas e orgulho nacional. Leah e eu temos uma bandeira grande.

Todos têm as bandeiras pequenas da cerimônia de abertura. Muito vermelho, branco e azul.

A cantoria de hinos nacionais continua e fica mais alta. A correria mais desvairada. Muito empurra-empurra. Um tumulto total. Não chega nem perto do que senti no palco com o Derek ontem à noite, mas é legal correr no meio de uma porção feliz da humanidade. Só seria melhor se Derek estivesse ao meu lado nessa massa suada e pulsante. Seria perfeito. Acabo surpreendendo a mim mesma. Quem diria que eu podia pensar assim?

— Os jurados chegaram às suas decisões — retumba no sistema de som. — Dirijam-se aos seus lugares. — depois de três tentativas, nossa natureza competitiva fala mais alto, e a multidão flui para as filas de assentos.

Os anúncios começam com os coros mistos de jovens. SCTB — sopranos, contraltos, tenores e baixos —, meninos e meninas. O coro de uma escola de música da Polônia vence.

Um dos nossos jurados assume o microfone.

— As medalhas de bronze na categoria de coros não mistos vão para...

Prendo a respiração. Terry está de cabeça baixa. Todas estamos assim... unidas no nervosismo. Na Olimpíada de Coros todos ganham bronze, prata ou ouro. Seria tão humilhante ganhar bronze. Ufa. Ele

está anunciando as pratas agora. Vejo Terry relaxar. Levanta a cabeça. Prata seria respeitável.

Meadow dá um grito estridente quando o jurado diz:

— E agora, nossas medalhas de ouro... — sem ter anunciado Cantoras da Juventude Bem-Aventurada de Ann Arbor, Michigan, EUA. Terry manda Meadow ficar quieta, mas está sorrindo de orelha a orelha, com os dois polegares para cima.

Ouro. Ganhamos ouro. Terry está contando para descobrir em que lugar ficamos. Além da categoria da medalha, eles anunciam em sequência, dos piores aos melhores. Se terminarmos entre os dez melhores, ela acha que uma comissão de arte pode financiar a gravação do nosso CD.

Conforme o jurado prossegue sem dizer nosso nome, vai ficando mais difícil segurar a ansiedade. Contorção, choro, comemoração contida. Outro coro. Ainda não somos nós. Mais um. Ainda não.

Meadow se dobra com os braços segurando o estômago, entoando:

— Ganhamos. Ganhamos. Ganhamos.

O jurado faz uma pausa e olha para todo o público.

— Os três coros vencedores são: Grupo de Jovens Amabile de Londres, Ontário, Canadá; Expressamente Haiku de Quioto, Japão; e

Cantoras da Juventude Bem-Aventurada de Ann Arbor, Michigan, EUA.

Aplausos e vivas. Enlouquecemos pulando, abraçando e gritando.

— Gostaria de pedir que um representante de cada coro viesse à frente, por favor.

Meadow faz menção de ir até lá, mas Leah e Sarah a seguram. Terry faz sinal para mim.

— Suba lá, Beth!

Sigo uma japonesinha minúscula até o palco. Derek vai representar seu coro. O jurado nos reconhece da noite anterior.

— Vocês dois comportem-se hoje.

Meu rosto fica tão rubi quanto nossos vestidos. A plateia ri. Um dois uivam.

O jurado estica o braço, pedindo silêncio.

— A medalha de ouro do terceiro lugar vai para... Cantoras da Juventude Bem-Aventurada de Ann Arbor, Michigan.

O público aplaude enquanto sorrio timidamente e dou um passo á frente para receber a medalha e uma placa especial por conquistar o terceiro lugar. Recuo.

As meninas japonesas ficam em segundo lugar.

Os meninos do Amabile vencem. É claro que vencem. Ninguém tem chance contra eles. São muito bons. Bons demais.

Derek adianta-se, recebe a medalha e o troféu. Muitos aplausos. Quando ele vira e acena para o público, começa a gritaria. O cara é um imã de mulheres. Não tenho a menor dúvida. Como ele pode querer ficar comigo? Poderia ter a garota que quisesse. Quantas garotas quisesse. Será que sou mesmo a única que ele quer? Ou uma entre muitas?

O jurado acalma a plateia, dá as boas-vindas ao próximo apresentador e sai do palco conosco. Derek anda atrás de mim

aproxima-se e sussurra:

— Devia ter sido você.

Sua voz leva para longe minhas dúvidas ciumentas. Inclino-me para trás para que ele possa me ouvir.

— Terceira do mundo? Posso conviver com isso.

Seria bom se escapássemos para um canto e tivéssemos uma sessão ardente de beijos, mas ele volta para o coro dele, e eu para o meu.

Terry não consegue se controlar. Ponho a medalha de ouro em seu pescoço e entrego a placa a ela. Momento de abraços emocionados. Ambas estamos rindo e chorando. Droga. Temos que nos

sentar e ficar quietas enquanto leem os resultados das categorias de adultos e crianças.

Quando os anúncios terminam, todos cantam a peça de teste em uma apresentação conjunta, e então chega ao fim. Agora só no próximo verão. Os adultos começam a sair, mas os coros de jovens se aglomeram no chão da arena. Várias crianças vêm me congratular. Os meninos do Amabile são cercados. Alguns garotos gentis, meio nerds, que me lembram o Scott, me pedem para assinar seus programas. Não vejo o Derek no meio desse caos.

A loucura começa a diminuir. Terry e as mães já estão reunindo as meninas. Olho em volta. Sarah está beijando Blake. Derek ainda está rodeado por umas vinte meninas. Ele me vê e pede licença a elas. Está bem, ele foge delas.

Somos atraídos um ao outro. Estou desesperada para abraçá-lo, beijar aqueles lábios que desenham um sorriso tão amplo para mim. Corro para encontrá-lo, e ele faz o mesmo. Logo estou abraçando-o. Beijando aquela boca deliciosa. É real. Ele é meu.

— Vamos perder o almoço, meninas. — Terry já juntou todo mundo, menos Sarah e eu.

Derek me deixa ir.

— Hoje à tarde?

— Temos que fazer compras.

— Venha com a gente.

Sarah e Blake se juntam a nós.

— É, Beth. Sarah disse que topa.

— O quê?

— Acho que será legal. Venha também.

Olho para o Derek.

—O que é?

— Está na hora de termos um pouco de aventura.

Parque da Aventura. É como chamam este lugar. São cordas e redes em árvores. E tirolesas.

Estou usando o casaco de lã. — Está frio aqui em cima — Luvas grossas de couro, um capacete e, vejam só, um arnês. Uma argola presa a uma corda impedirá que eu caia. Derek e eu estamos em uma pequena plataforma de madeira construída a cerca de dez metros do chão, em uma árvore imensa. Preferia apenas caminhar com ele por esta antiga floresta, com sua folhagem sussurrante, de mãos dadas e olhando um para o outro, mas não. A aventura nos chama.

Estou parada na frente da primeira tirolesa, apavorada. Derek está atrás de mim.

— Você está enganchada, não está?

Ele passa a mão sob meu braço, roçando minhas costelas, e puxa a argola para me mostrar que não vai soltar.

Eu não pulo. Primeiro porque estou completamente amedrontada, e segundo porque gosto dessa sensação, ele atrás de mim, envolvendo-me com seu braço, cuidando de mim. Inclino-me para trás.

— Beije-me para dar sorte.

— Vá, Beth. Tem um monte de gente esperando.

Não pulo. Ele beija minha bochecha e me empurra da plataforma. Grito e fecho os olhos ao deslizar zunindo pelo cabo. Na metade do caminho, contudo, o grito de terror se transforma em um berro eufórico. Disseram que era veloz e não estavam brincando. Agarro a rede na outra extremidade e me jogo em cima dela. Desengancho a peça de metal para que Derek possa vir também. Ele se lança da plataforma e faz o percurso bem mais rápido que eu.

Estou tonta e rindo. Ele está feliz porque estou enfrentando o medo. Completamos o restante do trajeto. É muito divertido. No final, eu salto na última tirolesa e vou de olhos bem abertos.

Derek está pronto para repetir. Temos mais duas horas aqui, portanto podemos deslizar entre as árvores pelo caminho que quisermos e quantas vezes aguentarmos.

Batemos os punhos e ele diz:

— Vamos fazer o percurso mais alto. Você é demais.

Eu hesito.

— Aquele não era o percurso mais alto?

Ele aponta alguns amigos em uma plataforma no topo da árvore extremamente alta — de jeito nenhum vou subir lá —, gigantesca como um arranha-céu, que está do nosso lado.

— Aquele é o percurso alto.

Meus joelhos viram gelatina. Covardia total.

— Que tal se eu ficar olhando?

Ele pensa um pouco.

— Tem certeza?

— Só não se mate. Ainda não aproveitei o suficiente.

Ele ri, já que fiz uma piada, mas seu riso tem uma certa amargura que me pega de surpresa.

—O que foi?

Mas ele já saiu correndo.

Vou atrás e fico observando. Não foi uma boa ideia. Até o percurso mais baixo parece assustador olhando do chão. O mais alto é de gelar o sangue. Sei que ele está enganchado, mas é muito, muito,

muito alto. E ele simplesmente vai. Sem vacilar. Sem medo. Em um dos caminhos, há um garoto mais jovem do Amabile emperrado na frente dele. Derek desengancha completamente e contorna o garoto. Desengancha. Ele escorrega...

— Derek!

Mas se segura em vez de se estatelar aos meus pés: Engancha novamente e fica olhando para baixo até me encontrar. Lá em cima, consegue enxergar a expressão desesperada de terror em meu rosto.

— Talvez seja melhor você não assistir.

Saio para procurar a Sarah, mas ela e Blake desapareceram.

Eu poderia voltar e repetir a rota que fiz com o Derek, mas seria chato ir sozinha. Estou mimada, não estou? De repente, não quero fazer mais nada sozinha. É ele ou nada. Isso me deixa triste. Amanhã de manhã estarei em um avião, voando para longe dele. Ele estará em casa em duas semanas, e então vamos aproveitar cada minuto que passarmos juntos, mas nunca mais será assim. Como ele pode desperdiçar um minuto sequer?

O dueto que cantamos juntos ontem à noite não sai da minha cabeça. Fico cantarolando o refrão enquanto caminho no meio das arvores... *Nosso amor é tão real... não darei nenhum passo... graças a Deus, você chegou... É você. É você*. Contanto que não haja nenhuma arvore gigante para se pendurar.

Invento minha própria estrofe e me perco entre as árvores, concentrada na composição dos versos. Finalmente faço a canção dizer o que eu não consigo. Eu canto primeiro.

Quero você perto, a noite toda, o dia inteiro.

Preciso acreditar nas coisas que me diz

Você diz que sou eu...

mas como isso pode ser verdadeiro?

Imagino-o cantando a resposta para mim.

Não há mais ninguém, sempre serei verdadeiro.

Confie em mim, meu amor, com você estarei inteiro.

Não consigo terminar o último verso dele. Quando encontro a construção de madeira em que começam todos os percursos, Derek já está lá, esperando-me, virando uma enorme garrafa de Evian tépida.

— Como terminou tão rápido? — quantas outras vezes será que ele tirou o gancho para passar por alguém? — Você é maluco.

Ele dá de ombros.

— Tinha que sentir aquela adrenalina de qualquer jeito.

— Você me deixou em pânico.

— Que amor.

— Não foi muito agradável... para mim.

Ele limpa a garganta e toma um gole da água.

— Talvez seja bom você não estar por perto nas próximas duas semanas. — suando, ele tira o blusão de hockey. A camiseta de baixo levanta e revela um Band-Aid em sua barriga, do lado direito.

— Achei que vocês fossem excursionar — ando até ele e passo a mão em sua barriga, encontrando o Band-Aid. — Como se machucou?

— É uma picada de mosquito. Olhe esta em meu braço — ele ergue o braço. — Sempre fica inchado — há uma picada arranhada, inchada e feia em seu braço.

— Você não devia coçar. Tem outro Band-Aid? — a marca na barriga não estava tão vermelha e feia como a do braço.

Ele tira um do bolso. Despejo um pouco de água em seu braço, seco com um lenço de papel e colo o Band-Aid em cima.

— Agora não aguento de tanta coceira.

— Pare de tentar me distrair. Por que disse aquilo sobre eu não estar por perto?

— Não vamos visitar museus. Você sabia que há geleiras nos Alpes em que podemos esquiar durante o verão?

Droga. Preciso ligar para a mamãe e ver se ela pode comprar outra passagem de volta para mim. Ele vai se matar.

Devo estar com cara de assustada. Ele percebe.

— Desculpe, Beth — seus olhos se enchem de uma dor que não entendo. — Eu não devia me impor desse jeito a você — dá a impressão de que amanhã diremos adeus. — Não é justo.

— Não diga isso — agora estou assustada. — Eu ainda estaria chorando naquele banco do lago se não fosse você. Impor-se a mim? Você me salvou.

— Mas eu não fui totalmente honesto com você — está com a mão na cintura, cobrindo o ponto onde está o Band-Aid.

Não sei se quero ouvir isso. Será que é a história das drogas do Blake ou a teoria da namorada da Meadow?

—Fale.

—Eu tenho... é...

Seja o que for, vamos dar um jeito. Ao menos ele vai me contar. Posso ajudá-lo. Ele não se deu conta, mas eu devo isso a ele. Todas as vezes que ele me tocou, durante toda a semana, aquele exame idiota e meus genes arruinados realmente desapareceram. E ontem à noite, aqueles poucos minutos no palco com ele, eu fui uma estrela. Não

acredito que ele fez aquilo por mim. Sonhei com os aplausos à noite inteira. Nada de ruim pode acontecer com ele em minha vida. Não quero cantar com mais ninguém.

No entanto, tem o outro lado da história. Ele é o tipo de homem com quem me imagino tendo um filho. Ao menos tentando. Ou praticando. Isso me faz suar. Talvez eu precise daquela receita de pílula. Ele diz que não se trata de sexo, mas o que sinto quando nos beijamos é muito forte. Tenho certeza de que tem algo a ver com sexo. Ele sente a mesma coisa?

Seja o que for que o assombra, sempre que ele precisar de mim, estarei ao seu lado.

Aproximo-me dele para poder abaixar a voz. Falo com afobação.

— Pode me contar, Derek. Não mudará o que sinto por você.

Ele começa a tossir, toma outro gole longo de água e tosse novamente.

Encosto a cabeça em seu ombro.

— Admitir é o primeiro passo.

Ele balança a cabeça.

— Não é o caso.

Volta a vestir o blusão.

— Claro que é.

Bebe o restante da água, joga a garrafa e segura minha mão.

— Vamos. Estamos perdendo tempo.

Teimoso.

Frustrante.

Tolo.

Inebriante.

Ele me deixa assustada. Eletrizada. Confunde totalmente meu senso de direção. No alto das árvores. No chão. Nas luzes do palco. Em seus braços. Não faço ideia de onde estou.

Há uma fila na tirolesa, por isso temos que esperar. Ele está na frente desta vez. Abraço-o e chego mais perto para perguntar:

— Você sabe esquiar bem?

— Eu surfo na neve. Nível insano.

Solto-o e cutuco suas costas com o dedo.

— Agora você está fazendo de propósito.

— Não contarei o que faremos amanhã.

— Saltar de urna montanha?

— Não. Isso é na terça-feira.

Capítulo 15

Tão certo

Somos tediosos

Ele me encontrou na frente do hotel novamente esta noite. Está mais escuro. Mais nublado. Talvez chova. — Última noite em Lausana, e acabamos vindo para o mesmo banco.

— Adoro este banco — mas não quero entediá-lo. Crio coragem e deixo meus lábios descerem até seu pescoço. Ele fica sem fôlego. Sinto gosto de suor. Salgado. Saboroso. Excitante. Sugo com mais força, deslizo a boca, e faço de novo. Não estou nem um pouco entediada. Ele desgruda minha boca de seu pescoço e a leva até os lábios.

— A cidade só tem bares à noite — suas palavras fazem cócegas em meus lábios.

— E nós não estamos interessados.

— Só estou interessado em você.

Rio de tão delicioso que ele está.

— Isso soa como uma canção pop brega.

— Acho que é — seus lábios exploram a lateral do meu rosto. — ou você poderia escrevê-la.

— Quem faz isso é você — recuo um pouco para poder vê-lo melhor. Gosto dele no escuro. De alguma forma ele é mais suave, mais seguro. Acaricio seu rosto. — Terminou minha música?

— Não — franze a testa. — Fui distraído por este lindo anjo.

— O-ou — recosto-me em seu braço. — Não quero ficar entre você e sua arte.

Ele sorri.

— Quem disse que era você?

Dou um soquinho em seu peito. Ele se defende. Vem para cima de mim, tentando me beijar. Balanço a cabeça para frente e para trás. Quando ele finalmente alcança meus lábios, o beijo é louco e acelerado. Ansioso e desesperado. Mais língua. Mais paixão do que havíamos liberado antes. Sua boca quente vai até meu pescoço, meu ombro. Ele suga minha "clavícula proeminente". Agora está beijando meu esterno. Sua boca está descendo. Suas mãos subindo.

Eu devia estar nervosa e entrando em pânico, mas só quero que ele continue. Desejo que ele me toque. Quero tirar sua camisa... pôr as mãos em sua pele. Suas mãos na minha...

Mas ele para.

Afasta o rosto, ajuda-me a levantar e abaixa a cabeça com as mãos no rosto.

— Desculpe — está ofegante.

Chego perto dele.

— Não estou tão ofendida.

Meus dedos vão até os botões da minha blusa. Abro os três primeiros, e só consigo pensar que estou feliz com o efeito do sutiã meia-taça.

Derek olha para cima.

— Beth. Não. Estou tentando fazer o que é certo aqui — vira as costas para mim.

Faço carinho em suas costas.

— Nunca senti isso. Estou gostando.

— Não está certo.

Está escuro. Ninguém pode nos ver aqui.

— Existe certo e errado nisso?

— É claro que sim. Tem coisas que você não entende.

— Eu sinto que está certo.

Ele vai para o outro lado do banco, onde não posso alcançá-lo.

—Confie em mim. Não está. Você não entende.

— Volte, Derek — olho para baixo, espiando meu sutiã para fora da blusa. — Não entendo o quê?

— Você sabe o quanto é difícil parar? — olha para mim por cima do ombro, seus lábios hesitam. — O quanto é difícil não fazer sexo com você agora mesmo?

Engulo em seco.

— Isso seria tão horrível? — uma loucura poderosa toma conta de mim, e não quero que ela me deixe. Enfeitiçada? Não. Isso é mais forte que qualquer magia.

Ele vira de costas novamente. Vou para perto dele e dou-lhe um beijo atrás do pescoço. Levanto a parte de trás de sua camisa, tento tirá-la.

— Pare com isso — ele respira com dificuldade, como se estivesse sem ar, e se desvencilha de mim, levanta e caminha até a beira do lago.

Vou atrás dele, abraço-o por trás e mordo sua orelha.

Ele vira e me afasta.

— Eu disse a você. Não tem nada a ver com sexo.

— Poderia ter — a frase não sai como eu gostaria — provocante e convidativa. Falei com tom de medo. Súplica. Desespero.

Ele não consegue evitar que seu olhar desça até a minha blusa e me puxa para perto, encosta o rosto em meu peito, e murmura:

— E você tem preservativos na bolsa?

— Não — balbucio. — Não sou uma... quero dizer, eu não...

Ele levanta o rosto, seus olhos se fixam nos meus.

— Exatamente.

— Você não carrega... quero dizer... — não estou pronta para desistir —, você não devia estar preparado?

Ele me solta.

— Não. Estou preparado para me controlar.

—Mas...

Está olhando para minha blusa outra vez, praticamente tremendo.

— Você não está ajudando muito.

— E se nunca mais nos virmos? — engasgo nas palavras. — E se isso não for real? Se eu acordar amanhã e você tiver evaporado da minha vida? Não quero que seja tarde demais.

— Evaporar? — desvia o olhar do meu decote. — Você tem meu e-mail, meu celular — trocamos no caminho de volta das tirolesas.

— Já sabe como me encontrar on-line. O que mais você quer?

Parece meio óbvio, mas eu não respondo. A vergonha me invade e faz meu rosto corar e queimar.

— Desculpe — começo a tatear os botões. Para desabotoar foi tão fácil. Agora meus dedos estão suados e atrapalhados. — Sou muito boba nesses assuntos.

— Isso mexe com a cabeça da gente, Beth. Ficaríamos muito confusos. Não vou tratá-la assim. Já passei por isso, meu amor, confie em mim — ele afasta minhas mãos e fecha meus botões. Seus dedos também estão trêmulos.

Sou uma imbecil. Talvez tivesse chegado a um ponto em que eu não estaria à vontade e tentaria detê-lo, mas não havia nenhuma resistência em mim. Se ele não tivesse parado...

Droga. É errado eu querer me entregar a ele? Não é o homem que sempre quer sexo?

Respeito. Não tenho mais?

— Bom, agora sabemos. Eu não presto.

Ele está certo. Não é o que eu quero.

— Foi culpa minha, Beth. Você é uma menina muito legal.

— Queria sentir você tocando em mim — olho para a água batendo suavemente nas rochas. — Ainda quero.

Derek limpa a garganta, põe o braço em volta de mim.

— Isso não significa que você não presta. É assim que uma pessoa se sente quando ama alguém.

Ama? Ele disse, "ama".

— Mas se render a isso... — ele se aproxima e beija minha bochecha —, é perigoso.

Sobretudo quando estamos lidando com meu DNA — acho que preciso ser mais determinada ou levar sempre urna proteção.

— Sei o que quer dizer — é tão gentil da parte dele não insistir assunto. Não me obrigar a esmiuçar os detalhes.

Segura minha mão, e caminhamos até nossa estátua. As nuvens estão baixas o suficiente para obscurecer as luzes do outro lado do lago. Uma brisa fresca sopra ao nosso redor. É uma sensação boa. Estou com tanto calor.

Quero que ele volte a falar sobre o "amor", mas não sei como. Ele soltou a palavra de forma tão casual. Talvez não quisesse dizer realmente isso. Preciso ouvir novamente. Sei que antes de deixá-lo ir esta noite, preciso de algumas palavras. Quero que ele diga que é meu namorado. Que sou sua namorada. Não uma garota qualquer que está na China. Todos os endereços de e-mail enúmeros de celular do mundo não significam nada se ele não for meu de verdade. Mas não é isso eu digo. Sou muito, muito idiota.

— Hoje à tarde você ia me dizer alguma coisa.

— Não é importante — tira o cabelo escuro dos olhos. Sua testa está enrugada por uma preocupação que eu não compreendo.

— Você disse que não era justo.

— E não é.

— Então a Meadow tem razão. Você tem uma namorada no CJA? É por isso que não...

— Tinha uma namorada — vira e começa a me levar de volta para o banco. — Não vamos desperdiçar a noite com isso.

Paro de andar.

— Você não voltará para casa para ficar com ela?

— Ela não gostou da minha obsessão por você.

Minhas sobrancelhas se contraem.

— Você terminou com ela por minha causa... Antes mesmo de nos conhecermos?

— Que espécie de canalha você acha que sou?

Distancia-se de mim. Corro atrás dele.

— Todos os homens...

— Isso é bobagem — segura minha mão. Sua voz perde a rispidez. — Você me conhece. Acha que eu iria atrás de você desse jeito se tivesse uma namorada? Mesmo que ela esteja na China. Você deve ter namorado um monte de cretinos.

— Namorar? Não.

— Eu. Não sou assim.

Chegamos ao nosso banco.

— Mas se não tem nada a ver com sexo, por que você quer ficar comigo?

Sento, dobro os joelhos e abraço minhas pernas. Derek senta ao meu lado.

— Estou viciado — fico tensa ao ouvir essa palavra, mas ele não nota. — Não consigo tirar você da minha cabeça. Primeiro foi sua voz. Minha ex percebeu antes de mim, e me largou. Então eu a conheci...

— Você gosta desta embalagem bonita? É tudo falso. Tudo que você está vendo... cabelo, rosto, olhos, roupas... até meus dentes.

— Sua voz não é falsa. E seus lábios — ele quase encosta os dele nos meus — são incrivelmente reais.

Eu congelo, esperando ser beijada novamente, mas Derek põe a cabeça em meu ombro como o menino que ele disse que não era.

— Gosto do seu coração, Beth. Quando a encontrei neste banco, você o abriu e me tragou.

Acaricio seu cabelo.

— Gosto do fato de você não saber o quanto é boa, o quanto é linda, o quanto é pura e sincera.

Ele é tão convincente. Estou quase gostando de mim. No entanto digo algo que me' faz lembrar que sou a Fera.

— Aquela garota do Amabile, você dormiu com ela?

— Não. E nós saímos juntos por bastante tempo.

— Você se arrepende...

— Não. Escute, Beth. Não vou fingir que vai ser fácil quando voltarmos para casa. Você tem seu coro. Eu tenho o meu. Fazemos vários trabalhos, e estamos conseguindo cada vez mais patrocinadores. E passo um tempão... — ele pausa, procurando as palavras.

— Fazendo o quê? — injetando? Cheirando? Engolindo comprimidos? Não, Derek. Você não precisa de tempo para isso.

— Com minha família.

Não acredito nele. Ele sabe disso.

Inclina a cabeça para encostá-la em minha testa.

— Tenho coisas acontecendo em casa que... por favor, não quero que elas atinjam a gente. Quero algo puro, imaculado. Seja isso para mim, Beth — a agonia em sua voz corta meu coração.

Sento-me direito e abraço-o.

— É claro, é claro. Desculpe. É claro — é minha vez de tranquilizar, minha vez de embalar. Cantarolo meu solo e balanço suavemente.

Algo horrível o perturba. Ele está fugindo tanto quanto eu. Eu devia partir agora mesmo, mas estaria agindo como a Fera. Ele precisa de mim. Estou aqui. Não vou abandoná-lo. Beijo seu cabelo e canto:

Ah, a glória daquele dia lindo

Em que cruzei o rio Jordão.

Os anjos tocando banjo

Eo bom Senhor no violino.

Ele começa a tossir.

Paro de cantar e ponho as costas da mão em sua testa.

— Você pegou alguma coisa?

Ele não se esquiva desta vez.

— Só você — inclina a cabeça para beijar a palma da minha mão.

Coloco-o em pé.

— Hoje é melhor eu acompanhar você até o hotel.

— Só estou cansado da aventura de hoje à tarde — coloque-me na direção do Sereia.

— Não vai mesmo me contar o que você e o Blake farão amanhã?

— É confidencial.

Atravessamos a rua. Ótimo. Leah e Meadow estão sentadas nos degraus do hotel. Não quero me despedir do Derek na frente delas. Se estivéssemos sozinhos, talvez ele usasse a palavra "amar" novamente, sem querer.

Elas se levantam de um salto e correm até nós.

— Graças a Deus, vocês voltaram.

— O que foi?

Meadow olha de um jeito estranho para o Derek.

— Sarah sumiu com o Blake.

Derek xinga.

— Ele ia aos bares.

Leah confirma com a cabeça.

— Recebemos uma ligação esquisita dela. Com certeza estava bêbada. Não disse coisa com coisa. E falou para não esperarmos acordadas.

Meadow põe as mãos na cintura.

— Ela é bem crescidinha. Pode fazer o que quiser, mas tem que estar de volta antes do horário em que nos acordarão. Se eles estiverem no quarto de vocês...

— Em nosso quarto? — Derek fica nervoso. — Ela não pode entrar em nosso quarto — percebe o quanto isso soou estranho. — Regras do Amabile. Além disso, eu tenho a chave. Vou procurá-los.

Não solto sua mão

— Vou com você.

— Não — ele aperta minha mão e solta. — É melhor você ficar aqui, caso ela apareça.

Faz sinal para um táxi que está passando e vai embora.

Sento nos degraus e me resigno a ficar preocupada. Sarah, sua imbecil. Beth, sua imbecil. Imbecil, imbecil. Coitado do Derek. Tem que salvar todo mundo.

Meia hora depois, um táxi para na frente do Sereia. Derek sai.

Dou um pulo.

— Encontrou?

— Ela não está bem. Preciso de ajuda — ele abre a porta do carro Sarah estava apoiada nela. Consigo segurá-la antes que ela beije a calçada. Derek me ajuda a levantar o restante dela e colocá-la em pé.

Olho para ele por cima da cabeça da Sarah.

— Obrigada.

—Blake é um cara legal na maior parte do tempo. Mas não quando bebe.

— Não estou falando disso.

Ele entende o que quero dizer.

— Tudo bem.

— Onde está o Blake? — Sarah chega bem perto do Derek. — não é o Blake — cambaleia para o meu lado. — Eu prometi ao Blake esta noite.

Derek solta-a.

— Blake estava mais bêbado que ela. Estava tentando abrir a porta com a chave do carro. Ainda bem que não fizeram no corredor mesmo. Vocês cuidam dela agora?

— Claro. É melhor você voltar. Dê um chute na canela do Blake por nós, pode ser?

— Ele vomitou e desmaiou por cima no chão do banheiro.

— Que nojo. Coitado de você.

— Talvez acordar com o rosto grudado no vômito seco sirva de lição para ele.

Sarah balança de um lado para o outro e resmunga. Droga. È melhor nos apressarmos. Viro as costas para o Derek, e Leah me ajuda a colocar Sarah no elevador em que Meadow está esperando.

— Tchau, Beth — grita Derek.

Sarah, sua idiota. Ela estragou nosso "até mais"

As portas do elevador se fecham. Que droga. Derek disse "tchau".. Sarah tampa a boca.

Meadow diz:

— Aguente aí. Aqui não. Ou seremos banidas de próximas viagens.

Sarah pende para o lado.

Leah ampara-a.

— E o Blake estava pior que ela?

Pego a cabeça e os braços da Sarah. Leah e Meadow seguram as e a carregamos até o quarto pelo corredor velho e rangente. Ela chega até o banheiro, e vomita no bidê.

Nós a limpamos e tiramos sua roupa, e ela vomita novamente. Dessa vez na pia.

Vou escovar os dentes no chuveiro amanhã.

Já passa da uma quando a situação está controlada. O ônibus sai às cinco. Estou dominada por todos os hormônios que meu corpo pode

produzir. Parece inútil tentar dormir. Mesmo assim, deito-me e tento relaxar. Blake estúpido. Sarah estúpida. Não pude dizer adeus ao Derek.

Mas não é adeus. É apenas...

Até mais, querido...

Não diga adeus, meu amor

Para que eu sonhe com o dia

Em que você me abraçará novamente.

Fecho meus olhos,

E você está lá.

Engulo meu medo

De que você voe para longe de mim.

Agora me agarro

Às suas promessas.

Esqueça todas as minhas perguntas...

Apenas acredite...

Capítulo 16

Até mais

Quando vejo, uma das mães está na porta, batendo com força.

—Saímos em quinze minutos.

Rolo da cama e entro nas roupas que usamos para viajar — calça de moletom rosa, uma camiseta branca e a blusa de capuz velha e confortável do coro, caso faça frio no avião. Corro para conseguir minha vez no banheiro. Ainda fede a vômito.

— Que nojo, Sarah!

Faço o que tenho que fazer, escovo os dentes usando a torneira do chuveiro, e deixo o lugar livre para a Leah. Vou até a cama, pego um elástico e prendo o cabelo. Enfio a camiseta de dormir e os cosméticos na mala. A maquiagem está na bolsa. Posso arrumar o rosto depois. Quem se importa? Vamos tomar café da manhã no ônibus. Fecho o zíper da mala e estou pronta para ir.

Sarah está péssima. Arrumo sua mala enquanto Leah ajuda-a a colocar a roupa.

Meadow não sai do banheiro.

Terry bate à nossa porta.

— Vamos, meninas. O avião não vai esperar.

Amaldiçoo para sempre os voos das oito da manhã para Paris.

Pego minha mala; desisto do elevador, vou arrastando-a, pam-pam-pam, por três lances de escada. Deixo-a perto do ônibus e volto para buscar a Sarah.

E lá está ele. Derek. Parecendo mais pálido na brisa fresca da manhã, aconchegando-se no blusão de hockey do Amabile, tentando abafar aquela tosse. Está pior. Traz uma rosa cor-de-rosa na mão. Olha para a minha calça.

— Achei que você gostasse de rosa.

Faço uma careta.

— Meadow gosta de rosa.

Ele franze a testa.

— Desculpe.

Pego a flor e cheiro-a.

— Mas adoro isso.

— Eu queria...

— Obrigada.

— Ontem à noite...

— E.

Chegamos perto e damos o último beijo no país das maravilhas.

Ele sussurra:

— Até mais.

Eu o absorvo. Nossos corpos se enroscam e nossos lábios movimentam em harmonia.

Não o solto até o ônibus buzinar.

—Até.

As meninas não param de gritar "óóó" quando subo. Que saco. Todas assistiram àquele momento deliciosamente particular. Dou-me conta de como devo estar horrível. Derek nem vacilou. Faço uma dar meninas mais novas mudar de lugar para poder sentar na janela e vê-lo.. Encosto o rosto no vidro e procuro-o.

Ele acena. Tosse. Acena novamente.

Droga. Droga. Droga.

Espero que ele não esteja doente.

Como um croissant nojento com recheio de chocolate embalado em plástico enquanto o ônibus desce a autoestrada suíça. Contorna o lago e passa por alguns vinhedos. As meninas começam a contar quantos lugares parecidos com castelos encontramos pelo caminho.

Inclino-me sobre o fichário de música, prendo a rosa nos anéis e rabisco. Continuo rabiscando no aeroporto de Genebra enquanto esperamos nosso voo, e em todo o trajeto até Paris.

Meu coração é seu

E o seu é meu.

Você é o que desejo...

Não vou viver até ter o seu beijo.

Com o seu amor,

Posso mudar meu destino.

Circulo a data

Em que meus novos sonhos ganharão vida.

Você cairá das estrelas.

Felizes para sempre.

Como nas velhas histórias.

Você pode acreditar

Pousamos no Charles de Gaulle com tempo de sobra para pegar o voo, mas o lugar é tão confuso. Descemos daquele ônibus estúpido no lugar errado e esperamos uma eternidade em uma fila imensa de controle de passaportes que não vai dar em nosso portão. Terry está quase chorando quando as oitenta meninas descem correndo um dos corredores do aeroporto até nosso portão. Uma francesa atrás do balcão grita com ela porque tínhamos que chegar cedo. Depois o avião atrasa por algum problema mecânico, mas todos agem como se fosse nossa culpa. Perdemos a conexão em Nova York e temos que ir para Detroit passando por Chicago. Ficamos presas no O'Hare o dia todo. Ao chegarmos em Detroit, não faço ideia de que horas são, ou de que dia é. Só sei que está escuro lá fora. Úmido.

Vejo a mamãe.

Seus olhos cor de avelã se enchem de lágrimas. Seu cabelo castanho, que começa a ficar grisalho, está grudado nas laterais do rosto. Ai, meu Deus. Não posso aguentar isso agora.

Caio em seus braços, e ela começa a soluçar.

— Pare, mãe — dou palmadinhas em suas costas, esforço-me para não cair no choro como ela. — Minha vida é ótima — tenho um nó enorme na garganta, que me faz grasnar as palavras. Fungo e sacudo de leve seus ombros. — É sério.

— Ah, querida, você precisa encarar isso.

Não. Não. Não. Eu descobri uma forma de escapar. Derek.

Falei com ele on-line em Chicago. Combinamos um plano. Todas as manhãs, das oito às nove no horário da Suíça, ele é meu. Aqui será às duas da manhã. Olho meu relógio. Não faço ideia de quando o acertei pela última vez.

— Que horas são, mãe?

— Meia-noite e meia.

— Ótimo. Vai dar tempo.

— De quê?

No caminho para casa, ela ouve meu discurso efusivo sobre o Derek. As partes que me atrevo a contar. Nada de coisas particulares, ou de minha suspeita sobre seu vício. Ela explodiria.

— Você vai gostar muito dele. Não vejo a hora de vocês se conhecerem.

Ela sorri para mim e vai respondendo com gestos de cabeça enquanto se concentra na estrada.

— Vi o Scott no Save-A-Lot. Ele disse que tem alguma coisa para você.

Scott? O baile. Como eu queria beijá-lo naquela noite. Revejo toda a cena com qualidade HD. Mas agora tenho o Derek. Estou segura.

Scott e eu podemos voltar a ser amigos.

Estou cansada demais para carregar a mala até meu quarto.

— Deixe aí, Beth. Vá descansar.

Dou-lhe um beijo de boa-noite.

— Estou bem — ela demonstra saber do que estou falando. — Não vamos fazer uma tempestade em copo d'água.

Ela balança a cabeça.

Arrasto meu corpo exausto pela escada. Meu despertador marca uma e cinquenta da manhã. Dez minutos. Entro no chuveiro e visto uma camisola limpa. É tão bom. Não me lembro do último banho que tomei.

Entro no bate-papo. Derek está lá, esperando. Adiantado. Isso também é bom.

Derek: onde você está?

Beth: em casa

Derek: devia ir dormir

Beth: preciso falar com meu novo namorado

Envio antes de perceber o que escrevi. Namorado? Queria que ele

dissesse primeiro. Isso é o que trinta horas de viagem fazem com a gente.

Derek:já era hora de você ser minha dona

Beth: você nunca me disse isso

Derek: o-ou... três vezes

Como se eu pudesse não notar. Bocejo e balanço a cabeça para afastar o sono enquanto digito.

Beth: você está enganado

Derek: namorada... namorada... namorada

Beth: agora posso dormir

Espreguiço-me e bocejo, preparo-me para sair. Não sei bem o que escrever. Não sei como ele vai reagir se eu partir para o lado sentimental. Sinto-me tão quente, romântica, e apaixonada por ele, ainda que estejamos tão distantes agora.

Derek: não vai me interrogar de novo sobre meus planos para hoje?

Beth: não quero ter pesadelos

Derek: coitadinha... Relaxe... Decidimos pegar leve

Beth: que bom

Derek: alugamos bicicletas e pegamos o trem piara subir a montanha... Uma pequena... Estamos em um café com internet comendo aquele negócio de batata frita com ovos e queijo e presunto por cima... Está chovendo demais

Sinto um prazer perverso em saber que seu dia foi arruinado. Ótimo. Ele não correrá o risco de quebrar o pescoço em que deixei minha marca. Estou ávida por sugá-lo novamente. Estas duas semanas serão longas demais. Sou muito possessiva.

Beth; chovendo? ISSO... Podemos conversar mais

Derek: eles terminaram... Tenho que ir

Beth: INSERIR GRITO DE GELAR O SANGUE AQUI

Derek: vá descansar... Namorada

Beth: e o seu resfriado? Não vá piorá-lo

Ele já foi. Definitivamente, nada de sentimentalismo. Caio na cama, imagino-o andando de bicicleta a plena velocidade em uma trilha na montanha escorregadia de tanta lama. Ele começa a tossir e perde o equilíbrio. Adormeço. A visão é ainda pior em meus sonhos. Estou lá também. Balanço e esbarro nele, causando a batida. Ele está caído nas pedras; ensanguentado, enlameado. Rastejo até ele, e a coisa esquenta dentro da lama. Acordo cedo demais.

Capítulo 17

Amizade

A campainha toca.

Rolo para o lado e espio o despertador pela fresta do olho.

São quase duas da tarde. Rendi-me ao cansaço da viagem e da mudança de fuso horário. É verão. Quem se importa? Está nublado e úmido desde que cheguei em Port. Podia chover de uma vez e acabar com esse tempo. Quero que melhore até o Derek voltar para casa. Quero levá-lo para a praia, fazê-lo tomar um pouco de sol, namorar na areia. Nunca nos beijamos deitados. Nem na água. Nas últimas duas semanas fiquei imaginando todos os lugares possíveis em que poderíamos trocar beijos e carinhos. A lista não é pequena.

Derek ficou preso no aeroporto de Amsterdam ontem à noite. Conversamos até as quatro da manhã, em meu horário. Depois ele pegou o avião. Não tive coragem de falar sobre a lista. Mostrarei quando ele chegar.

A campainha toca novamente.

Droga. Quantas horas se passaram? Poderia ser ele?

Saio voando da cama. Camiseta larga, enorme. Sem maquiagem. Cabelo bagunçado. Um desastre total. Desço a escada correndo.

Escancaro a porta e vejo um garoto indo embora.

— Pare. Estou aqui.

Ele vira.

— Scott? — posso sentir a vermelhidão invadindo meu rosto.

— Então você voltou.

— Voltei.

— Achei que ligaria para mim — dá um passo em minha direção e para. — Disse à sua mãe...

— Ando meio desorientada. Por causa do fuso horário — e estou evitando-o. Ainda.

Com um gesto lento de cabeça, ele faz que entendeu.

— Estava dormindo?

Percebo que não estou vestida para receber visitas.

— Desculpe. Devo estar horrível.

Ele olha para minhas pernas expostas.

— Não me importo — dá aquele sorriso malicioso. — Sério — volta pelo caminho cimentado que atravessa nosso gramado seco até a

varanda pintada de branco, ainda olhando para minhas pernas. — É hm ver a Beth verdadeira — um carro passa zunindo atrás dele.

— Não seja mórbido — dou um tapa em um mosquito na minha coxa.

Ele sobe os degraus da varanda e me entrega um envelope..

— Eu trouxe, caso você ainda queira — está usando — camiseta curta sem mangas e shorts. Deve estar fazendo musculação com as pernas também. Legal. O pescoço está ainda mais grosso. Dá para ver aqueles músculos abdominais começando a aparecer. E ombros estão mais definidos.

Pego o envelope, tiro de dentro uma pasta marrom e abro. Lá está o Scott, todo elegante com seu smoking preto e os braços em volta de uma estranha alta e loira.

— Sou eu?

Ele faz que sim.

— É a outra Beth — fica me olhando por alguns instantes. — Acho que gosto mais desta.

Dou um sorriso constrangido.

— Aquela noite foi o máximo. Você foi um amor. Pensou em tudo.

— Do que você gostou mais?

— Do bolo... não, da dança — fico mais vermelha ainda lembrar de como dançamos a música lenta.

— Pena que o Colby é tão idiota.

Encosto no batente da porta com uma perna dobrada, como uma

— Temos que admitir que foi emocionante.

— Mas não pudemos dançar de novo.

— É verdade. Você me deve uma dança lenta completa — agora posso dizer essas coisas. Tenho o Derek. Posso provocar o Scott. Somos amigos.

— Tudo bem — ele não me olha como um amigo. É igual ao olhar do Derek. Ele parece mais alto. Será que finalmente está crescendo? E esteve na praia. Está com o cabelo mais claro e um belo bronzeado. Mexe no iPod, chega bem perto e me dá um dos fones. Está tocando a primeira música lenta que dançamos. Põe o outro em seu ouvido. — Dance comigo, Beth — sorri como se estivesse brincando, mas a intensidade que vejo no fundo azul de seus olhos diz outra coisa. Seus braços me envolvem. Ele me segura bem perto e apoia o rosto em meu peito. Droga, está usando a mesma loção pós-barba da noite do baile. Não resisto e toco seus ombros. Sua perna roça a minha enquanto nos movemos ao ritmo da música.

Fecho os olhos e a letra me leva de volta àquela noite:

Em nosso primeiro abraço, inesquecível,

Acreditei que o amor era possível.

Com seus lábios, meus sentidos despertaram.

Com você, minhas defesas se dissiparam.

— Você tem que me dizer uma coisa, Bethie. — Scott levanta a cabeça. — Não vou mais chateá-la com isso, mas está me enlouquecendo. Promete que não vai ficar zangada?

— Com você? Nunca fico zangada com você — acaricio seu cabelo, como no baile. Derek não vai se importar. Scott é meu amigo.

— Por que você não me deixou beijá-la? Um beijo. O que há de mal nisso?

Nossa, está calor. Abafado.

— Você queria me beijar?

Preciso de um ventilador. Como ele ainda consegue me deixar assim? Tenho namorado. Não estou mais desesperada.

— Não era óbvio? Por que você correu daquele jeito?

Não respondo. Sussurros das palavras que escrevi depois da fuga flutuam por minha memória.

Você não vê o quanto mudou?

Medo de seguir em frente? É, eu também.

Desejos dentro de mim.. .poderei afastar-me novamente?

— Bethie? — Scott para de dançar e segura meus ombros. Aquele garotinho desapareceu de seu rosto. Ele é um homem, não é mais engraçadinho. É bonito.

Inclino-me e digo baixinho:

— Achei que você não gostaria — é bom finalmente dizer isso. — Tive vontade de atacá-lo a noite toda.

— Atacar?

Faço que sim. Tenho que me desprender dele, me afastar dessa boca que está perto demais da minha. E desses ombros. Preciso fugir desses ombros.

— Não entendo — sua voz está baixa. Sedutora. Irresistível. — Acha que pode me mostrar? — ele fecha os olhos e fica na ponta dos pés, tentando alcançar meus lábios.

Esqueço tudo. Estamos no baile novamente. Ele me quer. Sempre me quis, mesmo quando eu era feia. Não sente nojo. Sente desejo. Inspiro seu cheiro, aperto seus ombros, fecho os olhos e deixo meus lábios tocarem os dele.

Você poderia querer-me? Se for brincadeira,

Não me persiga... sonhos que viram poeira.

Droga. Estou beijando meu melhor amigo.

E ele retribui o beijo. Com vontade. Não é suave e delicado como o Derek. Os lábios do Scott estão ávidos, muito intensos. Dentes demais. Mas eu ainda quero mais quando ele finalmente me larga.

Desenha meus lábios com os dedos.

— Encontro de lábios virgens. Tenho esperado por isso desde a quarta série.

Inclino a cabeça para beijá-lo de novo e de repente recuo, sobressaltada. Derek. Tenho que contar ao Scott. Tento começar, mas ele já está perto da minha boca. Está melhor dessa vez. Tento empurrá-lo, mas ele não deixa, pressiona o corpo contra o meu. Paro de resistir. Fico envolvida demais.

Ele finalmente me solta.

— Scott, Scottie — estou sem fôlego por causa do beijo e sentindo-me muito mal pelo que vou dizer. — Temos que parar.

Ele sorri e me abraça.

— É, eu saí mais tarde para o almoço. Tenho que voltar. Mas termino às cinco. Venho para cá e ficamos juntos mais um pouco. Talvez não chova, aí podemos ir à praia.

— Fique quieto um pouco. Meus lábios... não são... virgens.

— Não são mais — ele tenta me beijar de novo, mas dessa vez eu recuo e afasto seus braços para que ele não me segure.

— Conheci um cara na Olimpíada.

— Espere. O quê? — ele aperta meus ombros, com um olhar penetrante. — O que aconteceu? O que você quer dizer?

Dou um passo para trás, tentando evitá-lo.

— Recebi umas notícias ruins. Ele foi carinhoso e... simplesmente aconteceu.

— Mas eu sou seu...

— Amigo.

— Não. Beth. Não. Não sou mais. Estou cheio disso. Sempre fui apaixonado por você. Esse cretino, seja lá quem for, não está interessado na Beth verdadeira. Não como eu. Comigo você não precisa fingir. Quero ser seu namorado. Você também quer. Eu sei — suas mãos deslizam dos meus ombros para as minhas costas, e ele me puxa.

— Mas e...

— Não me interessa se você beijou mil garotos na Suíça — ele começa a deitar o rosto no meu ombro, mas volta subitamente. — Foi só isso que você fez com ele, não é?

— Scott!

— Não importa — seus braços ficam mais apertados em volta de mim, rígidos como pedra. — Agora somos só você e eu. Hoje. Amanhã. E depois, e depois. Sempre foi assim. Só demorou um pouco para nos aproximarmos desse jeito — ele me beija, e tem tanto amor nos lábios que me faz chorar.

Viro o rosto, chorando, e enxugo os olhos.

—Acontece que... esse cara e eu estamos... — como posso fazer isso com o Scott? Mas não tenho escolha. Estou com o Derek. Quero ficar com o Derek.

— É passado. Não tem importância. Não estou chateado — braços relaxam e uma das mãos sobe para fazer carinho em meu cabelo.

Tenho que me desvencilhar dele. Nós dois estamos com caçor, suados. Está quente demais. Mas não consigo. Com os dentes cerrados, digo:

— Estamos meio envolvidos.

— Que droga, Beth — sua mão congela. — Como assim?

— Estou com ele. Você é importante para mim, Scott, acredite, mas...

Meu celular toca. O som sai pela janela do meu quarto e paira no ar sobre nós. Sei que é o Derek. E mesmo com o Scott me abraçando e me oferecendo seu coração, o desejo que sinto pelo Derek faz meu corpo estremecer.

Scott olha para cima e xinga.

— Estou aqui, Beth. Sou real. Aquilo não é — sua boca está na minha outra vez. Quente. Faminta. Tão vulnerável.

Mas o celular continua tocando.

Consigo me soltar do Scott.

— Por favor, Bethie. Não vá.

Eu murmuro:

— Desculpe, Scottie — e corro até o quarto.

Chego tarde demais. Olho para a calçada trincada, com grama morrendo nas rachaduras. O carro do Scott ainda está lá. Fecho totalmente a janela. A campainha toca. Não atendo.

Pego o celular, entro no banheiro, tranco a porta e fico empoleirada na tampa do vaso como um pássaro gigante, fitando o telefone.

Toque.

Toque.

Toque.

Sou tão burra. Abro o celular, busco a chamada perdida e aperto o botão verde.

— Beth? — fecho os olhos ao ouvir a voz do Derek. Ainda estava dormindo?

Não consigo responder. O eco do que acabei de fazer com o

Scott ressoa dentro de mim.

— Beth? Está aí?

Enfim pergunto com a voz fraca:

— Onde você está?

— Esperando as malas, em Toronto.

— Não acredito que chegou tão rápido — cutuco a última lasca de esmalte rosa no dedão do pé.

— Voo direto do Schiphol.

— Isso não é justo — minha voz está muito alta, e vacila no final.

— O que foi? Você parece...

— Estamos no mesmo continente — ele consegue perceber o que eu fiz?

— Mesmo fuso horário.

Preciso vê-lo. Ele vai entender. Sempre sabe o que fazer.

— Os bancos de parque são bons em Londres?

— Acho que podemos encontrar um.

— Preciso muito vê-lo de novo. Aconteceu uma coisa maluca aqui — acabo contando todo o episódio com o Scott. —Não sei o que deu nele. Sinto muito. Não vai mais acontecer. Disse tudo sobre você. Somos amigos há séculos. É tão estranho.

Derek não diz nada. Droga. Sou tão estúpida. Por que fui contar?

— Tudo bem, Beth. Eu entendo. Entendo a atitude dele, pelo menos — sua voz está suave e reconfortante. Não está nem um pouco zangado. Não devia estar, nem que fosse um pouquinho? — E você? O que você quer?

— Como assim? — tento manter a máxima calma possível e aperto o telefone contra a orelha.

— Fico feliz que você tenha alguém tão verdadeiro. Talvez seja melhor você me largar. Sem dúvida sente alguma coisa por ele.

— O quê? Largá-lo? — sinto-me zonza. — Para ficar com Scott? Não. O quê? Não.

— Não quero magoá-la.

Respiro fundo para não cair do vaso.

— Você só vai me magoar se continuar falando desse jeito.

— Beth, eu...

— Por que está sendo tão compreensivo? — minha voz re uma ponta de desconfiança. — Devia estar furioso. E com muito ciúmes.

— Não disse que não estava com ciúme.

— Aquela garota. É isso. Você quer voltar para ela. Não, Derek por favor. Perdoe-me.

— Você está louca.

Ele tem razão, mas não consigo me controlar.

— Ela o quer de volta. Eu sei. Já se encontraram? — a tontura reaparece. Obrigo-me a respirar.

— Onde? Na esteira de bagagem do aeroporto?

— Não seria impossível.

— Eu liguei para você primeiro, antes até da minha mãe. É você que eu quero, Beth — sua voz fica mais intensa. — A questão é: você me quer?

— Que droga — fico em pé e estico as pernas.

— O que é agora?

— Isso significa que você tem que ir. Ligue para a sua mãe, seu idiota. Depois me ligue de novo e diga que não pode viver sem mim.

— Não posso viver sem você.

Estou me afogando na gostosura do Derek.

— E está com um ciúme insano do Scott.

— Estou. Chega de amassos com os amigos do jardim da infância.

— Pré-escola — vejo-me no espelho. Posso ficar perfeita como a Beth do coro em uma hora.

— Obrigado por me contar. É tão...

— Estúpido? — ponho o alisador de cabelo na tomada.

Ele ri.

— É tão você. Sem fingimento. Sem joguinhos.

Viro e me debruço na pia, concentrada no que ele está dizendo.

— Joguinhos? Não jogue comigo. Meu coração não aguentaria.

— O que ele aguentaria?

— Vê-lo hoje à noite? — se eu sair em uma hora, estarei em Londres a tempo de esperar o ônibus de Toronto.

— Estou morto de cansaço.

Ele quer dormir em vez de me ver?

— Amanhã?

— Depois eu dou a resposta.

Como ele suporta não me ver? Estamos tão perto.

— Vou até sua casa. Tenho carro...

— Não é uma boa ideia.

— Então, você pode vir aqui — se trabalhar a noite inteira, consigo deixar meu quarto limpo. Ele em meu quarto? Pensar nisso me deixa louca. — Vou entrar em crise se não nos virmos logo.

— Vou tentar emprestar um carro de alguém.

— Ligue para mim.

Ele perde o compasso.

— Derek?

— Tem certeza, Beth? — tosse. Sua voz assume o mesmo tom torturante de quando ele ficou nervoso no nosso banco na Suíça. — Não posso garantir que seu coração nunca vai sofrer se você se envolver demais comigo.

Por quê, Derek? Como você vai me machucar? Quando vai me contar tudo? Encubro minhas perguntas com uma risada trêmula.

— Então, você quer mesmo me deixar.

— Pense um pouco. Esse outro cara...

Ele não se lembra dos versos que cantou para mim em Lausana? Da promessa?

Seu jeito de beijar, seu jeito de cantar

Seu jeito de dizer o que quero escutar

Quer ficar com meu coração?

Estou oferecendo a você.

Eu me lembro. E canto minha resposta. Tem que ser, tem que ser com você.

Capítulo 18

Conversa com o travesseiro

Passo o resto do dia tentando fazer o celular tocar.

Ligo de volta duas vezes. Deixo um recado. Envio duas mensagens.

Até telefono para a Sarah.

— Eles voltaram. Você falou com o Blake?

— Blake é um cretino. Por que eu ia querer falar com ele?

— Você tem o celular dele?

Ela diz o número. Sabe de memória. Cretino? Acredito... Gravo na agenda do meu celular, disco, mas desligo antes de tocar. Ligar para o Blake é o cúmulo do desespero. Escrevo um e-mail para o Derek. Seu celular pode ter caído no vaso e sumido com a descarga ou algo assim. Acabo colocando o CD novo do Amabile e adormeço ouvindo Derek cantar, segurando o telefone perto do coração.

Ele dispara às duas da manhã. Acordo assustada, sem saber ao certo o que está acontecendo. Sento na cama, confusa. O celular esta pulando no lençol.

Derek. É ele. Derek.

—Oi.

— Está acordada?

— Claro.

— Peguei no sono no caminho de Toronto para cá. Nem me lembro de ter entrado em casa.

O que aconteceu com Não durmo, nem sonho sem você?

— Desculpe por não ter ligado — sua voz está grossa e áspera. Exausta.

Pelo menos ele pediu desculpa.

— Aquele seu resfriado voltou. Devia descansar mais um pouco.

— Estou bem acordado agora. Você não quer conversar?

Também estou bem acordada.

— Que tal fazermos mais do que conversar? Vou entrar no carro e você me guia até sua casa. Só não desligue — saio da cama e vasculho o monte de roupas no chão com o pé. Onde está você, jeans de marca?

Fico boba e começo a cantar para ele o refrão do nosso dueto.

E agora... nosso amor é tão real,

Não darei nenhum passo sem você.

Graças a Deus, você chegou. Se me ama, por favor

fique comigo até o final.

Derek não canta a parte dele.

— É quase uma hora de carro. Você não pode fazer isso às duas da manhã.

Se ele for o prêmio, posso fazer qualquer coisa.

— Encontre-me na metade do caminho então.

Eu canto: *Andarei com você até o amanhecer.*

Ele responde cantando: *Eu não tenho carro.*

— Isso não foi nada romântico. Roube o carro dos seus pais — desenterro o jeans. Está limpo. O suficiente. — Você estará de volta antes que eles notem.

— Meu pai trabalha no turno da noite. Eu seria pego.

— Não seja tão medroso — seguro o telefone com o ombro e me contorço para entrar na calça. — Você tem quase 18 anos, não tem? O que eles podem fazer?

— Na verdade — faz uma pausa —, tenho 19.

— É mesmo? — volto a sentar na cama. — Não parece tão velho.

— Velho demais para você?

— Não — só faço 18 na primavera, mas isso não importa.

— Não o imaginei começando a faculdade no outono. Vai para outra cidade? — isso não é bem um conto de fadas para dois, é?

— Não vou para a faculdade.

— O quê? — achei que Derek fosse o tipo de aluno que só tira A, e consegue créditos para entrar na universidade, enfim, como... o Scott.

— Não vai dar certo para mim.

— Mas tem que dar... — levanto e remexo as roupas, procurando alguma coisa para vestir em cima que não seja um blusão de moletom da atraente.

— Não vejo a hora de trabalhar com minha música em tempo integral. E tenho outros problemas para resolver.

Interrompo a caçada.

— O quê, por exemplo?

— Nada que seja importante — lá vai ele de novo. Esquivando-se das minhas perguntas. Mesmo cansado da viagem, ele consegue fazer isso.

— Mas um dia... Se você tiver a intenção de sustentar a família, vai precisar de um diploma e um emprego.

— Agora você é minha conselheira escolar?

— Claro — puxo da pilha de roupas uma blusa azul escura decote V, grudenta, que comprei com a Meadow. Ainda está com — etiqueta. Isso. — Faça faculdade de música. Estude composição.

— Dissecar a arte? — parece ofendido. — Partir em pedaços a música que flui de mim e depois tentar juntar tudo de novo? Não, obrigado.

— Não seja tão convencido. Aposto que até um gênio como você poderia aprender muito — encontro uma tesoura de unha na bagunça da pia do banheiro e corto a etiqueta da blusa. — E um curso de voz ou direção? Acho que tem a ver com você.

— Não estou gostando da conversa.

— Porque você sabe que estou certa.

— Eu não disse que não quero ir — limpa a garganta. — Não posso. Não este ano.

Penduro a blusa em um gancho para poder colocá-la assim que ele desligar.

— Não dão bolsas de estudo e empréstimos estudantis no Canadá?

— Não é por causa do dinheiro.

Será que são as drogas? É o que eu gostaria de perguntar. Você não vai para a faculdade por causa do seu vício nas drogas? Não quero essas suspeitas em minha cabeça. Canto com a voz mais sensual que tenho: *Seu hálito flutua em meu rosto. Um fogo acende quando...*

Ele me interrompe.

— Dá para falar sério?

Eu estava falando sério. Paro de cantar.

— Claro.

— Preciso contar uma coisa que você não vai gostar.

Droga. É ela. Ela o quer de volta, e ele vai me largar pelo telefone.

— Você já fez isso. Diga alguma coisa que eu vou gostar... que tal, por exemplo, dizer que você vai sair, pegar o carro da sua mãe, dar marcha a ré e sair da cidade para me encontrar na rodovia? — dou uma olhada no espelho sobre a pia. Cinco minutos para a maquiagem. Prendo meu cabelo eriçado em um rabo de cavalo e aliso a franja. Dez minutos e posso pegar a estrada. Vai estar escuro. Não

tenho tempo nem paciência para o trabalho que a verdadeira beleza exige. Canto Seus lábios nos meus...

— Meu Deus, Beth. Você fica insistindo no mesmo assunto.

Desisto da canção.

— Preciso tocá-lo. Não estou convencida de que você é real.

— Você está falando comigo no telefone. Isso não é real?

— Não o suficiente para mim. Você não quer ficar comigo de novo... como em Lausana? — estou muito chorona. Será que ele está se desinteressando? Tenho que ler o Namorado 101. Onde está a Sarah quando preciso dela? Não sou burra a ponto de pedir ajuda à Meadow. Ela me sabotaria, com certeza.

— Voltei e tirei fotos do nosso banco. Vou mandá-las por e-mail.

— Vou até aí para vê-las. — Acho que posso esperar até amanhã aí eu poderia lavar o jeans, tomar banho, alisar o cabelo, fazer a maquiagem completa... fasciná-lo. — Explique como chego em sua casa, e estarei aí. Sete da manhã é muito cedo? — queria que a Meadow tivesse me ajudado a comprar um perfume sexy. Não posso nem roubar o da minha mãe... ela é contadora.

— Não dá — começa a tossir novamente. Quando para, diz: — É o que estou tentando dizer desde o começo.

Fico em silêncio. Com medo. É ela. Droga. Eu sabia.

— Minha mãe alugou um chalé no lago. Ela sempre quis fazer isso, mas nunca tínhamos dinheiro, ou meu pai não podia tirar férias, ou estava muito... — drogado? Não quero ouvir isso. Pare, Derek. Pare. Cante para mim. Você sabe a música. Foi você que a escolheu.

Ele não canta.

— Nunca pudemos ir. Ela conheceu uma mulher que nos ofereceu um preço ótimo. Não poderá usar o chalé este ano. E não costuma alugar. Vamos poder ficar lá pelo resto do verão.

Falo sem pensar:

— Posso ir também? O que aconteceu com Não darei nenhum passo sem você? Durmo no sofá — saio do banheiro e fico andando pelo quarto.

— É muito pequeno, só tem um quarto. Vou dormir no sofá.

— Podíamos dividir. Somos bem magrinhos.

— Você acha que a minha mãe ou a sua concordariam?

Vejo a rosa que ele me deu quando dissemos nossos *até mais*. Guardei-a no meio das músicas depois que saímos de Paris. Tinha que escondê-la dos caras da alfândega, pois eles podiam achar que eu estava transportando uma fruta ou um vegetal. Agora está em uma prateleira perto do fichário do coro.

— Compro uma cama de lona, ou levo um saco de dormir. Posso até dormir em meu carro — desesperada? Sem dúvida. — É verdadeiro para mim. *Tem que ser, tem que ser com você.*

— Não — sua voz rouca está tentando me persuadir. — Meu pai está esperando essas férias há um tempão — sua voz falha. Ele limpa a garganta. — Tenho que fazer isso com eles.

— Está bem — não tem jeito. Pego a rosa, seguro perto do nariz e inalo seu perfume. Ela ainda tem um cheiro doce, mas com um toque de deterioração. — Quantos dias temos até você ir?

— Sairemos hoje de manhã.

Balanço a rosa seca como se fosse uma varinha mágica e entoo: *Fala sério.*

— Desculpe.

Não acredito. Ponho a rosa com cuidado na mesinha de cabeceira.

— Entrarei no carro agora mesmo.

— Por favor, Beth. Não. Se você aparecer aqui às três e meia da manhã minha mãe terá um ataque.

— Nada a ver. Não farei barulho — pego a blusa. Que se danem meu rosto e meu cabelo.

— Ela tem o sono incrivelmente leve.

— Então, poderei conhecê-la — saio do quarto. — Ela não está curiosa?

— Ela não sabe sobre você.

Sua resposta me paralisa no meio da escada.

— Por que não?

— Acabei de voltar para casa.

— Pare de mentir para mim, Derek. É ela, não é? Sua ex-namorada. Você não vai viajar — não é por minha causa. É por ela. Eu me odeio. E odeio o Derek.

— Por favor Beth. Pare de agir assim.

Desabo no degrau e começo a sussurrar.

— Se eu pudesse vê-lo de novo, não seria tão idiota.

— Tente entender. Isso é importante para minha mãe. O outono não será fácil.

— O que acontecerá com vocês no outono? Fale a verdade.

—A verdade?

— Do fundo do coração. Despeje tudo. Eu aguento. Estou acostumada a sofrer por causa dos homens.

— Do fundo do meu coração?

— Isso mesmo — fecho os olhos, aperto os dentes, prendo a respiração.

— Eu me apaixonei na Suíça por uma menina linda que me enlouquece com cada gesto. Quero estar com ela o tempo todo. Agora. Hoje. Amanhã e todos os dias depois de amanhã. Minha mãe planejou essa viagem o ano inteiro para fazer uma surpresa. Você quer que o coração dela fique em pedaços?

— E o meu coração?

— Está em boas mãos, confie em mim.

— Não foi o que você disse hoje à tarde. Quando nos veremos outra vez?

— Vou a sua casa assim que voltarmos.

— Ligará para mim várias vezes?

— Não tem telefone nem internet no chalé, mas usarei o celular sempre que tiver sinal.

Fico em pé e seguro o corrimão.

— Serão cinco semanas muito longas.

— Mais longas ainda para mim.

Viro e volto para o quarto na ponta do pé.

— É verdade... aquilo que você disse?

— Eu juro. Vou ligar — começa a tossir novamente. Sem dúvida é aquele resfriado. É melhor eu deixá-lo descansar.

Mas não deixo.

— Não. Que você se apaixonou na Suíça?

Ele nem hesita.

— Achei que isso estivesse claro.

— Você é tão frustrante... delicioso, mas frustrante — estou completamente louca por ele de novo.

— E você? — ele para, pensa um pouco. — Você se apaixonou? — sua voz falha.

Meu olhar desvia para a rosa na mesinha de cabeceira.

— Não tenho certeza se sei o que é amor, mas estou tomada por alguma coisa muito bonita — minha voz treme. — Não quero que acabe, nunca — deito na cama e me enrosco no travesseiro, desejando que fosse ele.

Ele diz devagar:

— Posso entender isso como um sim?

Estou derretendo outra vez.

— É claro que pode.

— Espere, Beth. Daremos um jeito. Estou pensando em um plano para você.

Rolo e fico deitada de costas.

— Para mim?

— Para nós.

— Nós? Gosto do som dessa palavra em sua boca — estico o braço e toco a rosa.

— Nós. Nós. Nós. Nós. Nós.

— Sentirei muita saudade — minha voz não aguenta, tenho que fungar.

—Eu amo você, Beth. Diga isso para mim, é fácil.

E agora... nosso amor é tão real. Cantar isso para ele me faz chorar.

— Meu Deus, eu o amo. Amo muito.

Encolho-me em uma bola, olhando para a rosa, tentando me agarrar à intensidade do sentimento que ele provoca em mim. Devia estar zangada, desconfiada, magoada, mas estou sentimental e devotada. Simplesmente o adoro. Não acredito muito na história do chalé, mas ele disse que me ama, duas vezes, não, três vezes. Até me fez dizer também.

Nunca ouvi um homem dizer que me amava.

Meu pai nunca disse, tenho certeza.

Mas o Scott sim. Ele disse, hoje à tarde. Como foi mesmo? *Sempre fui apaixonado por você*. Aquilo também me deu vontade de chorar. Será que amo o Scott? Como poderia, se o que sinto pelo Derek étão forte?

Droga. Scott. Eu o beijei hoje. E depois arranquei seu coração. Coitadinho. Acho que nunca mais poderei olhar na cara dele. Terei que mudar de escola ou algo assim.

Derek agiu com tanta calma quando soube.

Fecho os olhos. Não consigo dormir. Há muita coisa girando na minha cabeça.

Derek nem contou aos pais sobre você. Ele disse que a ama muito rápido, muito fácil, muito tranquilo. Você nunca o verá novamente. Ele vai evaporar. Como um garoto tão perfeito poderia existir? Deve ser um espírito ou um fantasma. Ou um artista atormentado com um sério vicio em drogas, como aqueles poetas malucos que minha professora á inglês adora.

Lembro-me da Sarah brincando a respeito do Derek em nosso quarto no Sereia. Fantasma da Ópera? De jeito nenhum. Aquele cara era um desequilibrado. Derek não é... que saco, como saberei se é ou não? Ele disse que queria ficar comigo, mas tem me evitado desde então.

Adormeço e sonho que sou Christine e Derek é o Fantasma. Estou usando um vestido branco de *voile* e renda e pareço aquela garota bonita que está com o Scott na foto do baile.

Derek estende a mão. Eu a seguro e imploro:

Leve-me para sua masmorra.

Prenda-me com suas correntes.

Guarde-me

Com você para sempre.

A solidão só traz terror

Ele me puxa por corredores escuros, cantando em tons românticos e sombrios.

Confie em mim na escuridão

Dê-me tempo... você verá

Não sou

Um mago louco,

Um encontro intangível.

Deixo-me envolver em seu abraço. Seus lábios estão em meu rosto, e eu canto em resposta.

Proteja-me em seus braços,

E manterei os olhos fechados.

Podemos esconder-nos do sol para sempre.

Aninho a cabeça em seu pescoço. No sonho, sou baixa o bastante para isso. Pequena. Muito pequena. Ele me aperta contra o coração.

Fique ao meu lado, meu amor e não faça perguntas.

Ele canta apenas um verso. Olho para ele e abaixo a canção para o pianíssimo...

Tenho medo... como seu amor pode ser real?

É verdadeiro ou ainda estou sonhando?

A música fica frenética. Scott está no sonho... correndo atrás de nós, mas o despistamos. Derek me arrasta para sua toca, e ficamos escondidos para sempre. Sem gritos de estilhaçar vidros. Sem lustres

caindo. Apenas Derek e eu e a música que cantamos. Não é um pesadelo. É o melhor sonho que já tive.

Capítulo 19

Realidade

De volta à escola hoje.

Está chovendo. As nuvens cinzentas combinam com os armários de metal que se enfileiram nos corredores. Pessoas que de certa forma eu conheço se aproximam de mim. Duas meninas da aula de história avançada da última primavera param e conversam comigo. Não se conformam com a minha aparência. Levantei cedo e me deixei bonita.

Não perdi tempo alisando o cabelo — não com essa chuva —, mas fiz o rosto quase tão bem quanto a mãe da Meadow, coloquei aquela blusa colante que vestir para encontrar Derek e meu jeans de marca justinho e estilizado. Por que não mostrar ao mundo o que me tornei?

Sem dúvida, a escola será melhor este ano. Colby não está aqui.

Todos os seus parasitas também se foram. Ainda assim, estou nervosa.

Derek disse que voltaria a ligar. Ele volta na sexta. De novo.

Pensei que Derek estaria em casa antes do início das aulas, mas ele me lembrou, um pouco antes de perder o sinal, que não estudaria este ano. Comecei minha argumentação de sempre sobre o assunto, e o telefone ficou mudo. Provavelmente ele desligou. Não gosta dessa discussão. Sabe que tenho razão. Quando tenta explicar, sempre emperra naquele ponto que não quer ultrapassar. Eu sei. Ele sabe. Isso me deixa irritada. Não quero ser uma namorada chata que viver pegando no pé dele, então mordo a língua e me lembro de quando o abracei e embalei como se ele fosse um garotinho.

Não quero que essas coisas atinjam a gente. Ainda posso ouvir a dor em sua voz. Quero algo puro, imaculado. Seja isso para mim, Beth, por favor.

E, então, sinto arrepios por imaginar o que está por trás das mentiras. Ele quer ser outra pessoa comigo. Se forem drogas, é um bom sinal. Ele pode estar em uma clínica de tratamento cheia de árvores para desintoxicar. Talvez me conte na sexta-feira. Estará limpo, curado e poderemos ser felizes juntos. Todos os dias. Todo o tempo. Sem pausas. Sem ficar longe como agora.

Meu Deus. Que saudade.

Scott não facilitou minha espera.

Consegui de volta meu trabalho de verão na biblioteca. Até me deixaram ajudar no programa infantil este ano. As crianças não têm

mais medo. Gostam de mim. Eu fazia uma sessão de histórias, e elas engatinhavam em volta e em cima de mim. As mães ficavam só olhando, porque os filhos estavam puxando o cabelo de outra pessoa por uns minutos. Eu adorei. Cada segundo.

Fiquei com raiva dessas mães. Por não darem valor ao que têm. Por terem o que nunca poderei ter.

Minha mãe me fez ir ao geneticista. Ele falou sobre as opções de esterilização, a pílula, e me deu um estojo discreto de plástico cheio de preservativos. Também mapeou minhas probabilidades genéticas.

Amassei o papel e joguei dentro da bolsa com as camisinhas.

— E se eu arriscasse?

Minha pergunta deixou-o consternado.

— Você é jovem demais para correr riscos.

— Mas um dia — olhei para o piso de cerâmica que cintilava.

— Acho que quero um bebê.

— Adotar é a melhor opção.

Mas quero um bebê com o cabelo e os olhos do Derek. A voz do

Derek. Dá para adotar isso?

Como se não bastasse essa agradável consulta, Scott começou a passar na biblioteca; diariamente. Uma ou duas vezes por dia. Achei que estaria estranho e chateado. No começo estava um pouco, mas

depois voltou a ser o bom e velho Scott, meu amigo, embora um pouco diferente. Acho que ele cresceu mais uns cinco centímetros antes do fim do verão. É isso que chamo de crescimento atrasado. Continuou me convidando para sair. Quase o beijei de novo, duas vezes. Cheguei perto de ceder e ir à praia com ele. Não tocou no nome do Derek. Eu sim, todas as vezes que recusei seus convites.

— Tenho namorado. O nome dele é Derek. Por que você continua com isso?

Ele se aproximava, abaixava a voz daquele jeito sexy, como fez na varanda da minha casa, e sussurrava:

— Não o vejo por perto. Ele lembra que você é namorada dele?

— Como você sabe que ele não está por perto?

— Tenho minhas fontes.

— Está me seguindo?

— Pretensiosa.

Ele é tão irritante. Sabe que está bonito agora. Sabe que eu o acho bonito, e não me deixa esquecer. Preciso fazer minha mãe parar de contar a ele os detalhes patéticos da minha existência solitária sempre que vai ao supermercado.

Isso vai mudar, senhor Scott-intrometido-que-não-me-deixa-em-paz. Derek voltará logo. Sexta-feira. A semana passará rápido.

Ficarei ocupada com a escola e não pensarei nos ombros musculosos e disponíveis do Scott ou em seu jeito terno de me olhar.

Os ensaios do Cantoras da Juventude recomeçam na quinta.

Hoje é terça. Já é quase sexta.

— Oi! — Scott para no armário ao lado do meu e o abre.

—Só pode estar de brincadeira.

—A resposta educada seria" Olá", "Bom dia", ou até um simples "Oi".

— Como você conseguiu? — fecho meu armário, e me encosto nele.

Que ótimo. Agora ele tem uma barba loira por fazer em todo o rosto, e é muito sexy.

Ele tira da testa a franja loira, descorada do sol e comprida demais.

— As aulas de Príncipe Encantado estão compensando — abre seu novo armário. — As senhoras da secretaria ficaram comovidas com minha história. Contei a elas tudo sobre você e eu, que estávamos sempre juntos no primário, que sempre podíamos contar um com o outro, que nossa amizade estava se transformando em algo mais profundo — sorri para mim com todos aqueles dentes brancos e alinhados.

— Mentiroso.

— Uma delas estava quase em prantos — joga a mochila dentro do armário.

— Ele voltará esta semana.

Scott dá de ombros.

— Vou acreditar quando puder vê-lo.

— Não quero que você fique magoado.

— Quando esse imbecil partir seu coração, eu estarei aqui. Do seu lado. O ano inteiro.

Endireito a postura.

— Ele não é assim. É tão diferente.

— Eu sou diferente, Beth. Não disse nenhuma mentira à secretaria. Você me quer tanto quanto eu a quero. Sei disso — ele chega mais perto, invade meu espaço. — Você é a mentirosa — toca meu cabelo.

— Está bem — recuo. — Eu admito. Você está muito atraente. Eu seria uma pedra fria se não notasse.

— É mais que isso — aproxima-se de mim novamente, põe a mão em minha cintura.

Fecho os olhos e murmuro:

—Eu sei.

— Você admite isso também?

— É claro, mas... — abro os olhos.

Ele coloca seus dedos quentes em meus lábios.

— Deixe os "mas" fora disso. Só dessa vez, fique quieta — ele está tão mais alto agora. Consegue alcançar meus lábios com os dele se quiser, sem que eu precise abaixar. Tem um cheiro bom. Como na noite do baile. Quero que ele me beije. Morro de vontade de beijá-lo. Bem aqui no corredor, com o sinal das oito e trinta e cinco prestes a tocar.

Derek. Sexta. Derek. Sexta.

Mas o Scott...

Meu celular toca.

Eu me afasto dos lábios do Scott.

— Não atenda Bethie — o modo como ele me olha... transparente, vulnerável, sozinho... Diz exatamente o quanto meu relacionamento com Derek o machuca. — Por favor, Bethie.

Abro o telefone.

— É só minha mãe — minto.

Scott toca meu rosto.

— Vejo você no coro — e me deixa com meu telefonema.

Ponho o celular no ouvido.

— Tem certeza de que não pode voltar hoje? Preciso de você.

— Estou a caminho.

— Não minta para mim.

— É sério. Minha mãe havia esquecido que tinha uma reunião no conselho do Amabile. Ligo para você quando chegar.

Agora estou meganervosa. Fico sentindo o celular vibrar, mas quando pego para olhar, era só impressão. Checo a bateria cem vezes. Mal noto o Scott no coro.

Ele percebe que estou animada.

— O que foi?

Encolho os ombros.

— Nada — é mais fácil mentir para ele. E, de fato, não é da conta dele.

Estou arrumando a mochila no armário, de cabeça baixa, evitando Scott, quando o celular vibra, dessa vez de verdade.

— Cheguei.

— Legal. Saio assim que puder. Mande as instruções do caminho por e-mail, certo? — atravesso o corredor, empurro a porta da frente.

Droga, está chovendo muito.

— Acho que você não precisará. Estou bem fácil de encontrar.

— Faça o que pedi. Não me confunda.

— Você é quem sabe. Como consegue deixar seu cabelo assim?

— Meu cabelo?

— Está lindo. Assim, ondulado.

Olho para frente e grito como uma líder de torcida abraçando o zagueiro depois de um *touchdown.*

Derek está sentado em uma motocicleta preta e lustrosa perto da escada da escola, com dois capacetes pendurados nos guidões. Nossa.

Ele fica bem de couro.

Voo até ele, quase o derrubo da moto. Não me interessa se está chovendo e estou ficando ensopada. Não paro de beijá-lo. Ele nem tem chance de dizer "oi". Ouço um celular cair no chão, não sei nem quero saber se é o meu ou o dele. Nada importa, contanto que ele esteja aqui. Sólido. Real. Beijando-me.

Então sinto um tapinha no ombro.

— Com licença — Scott? Como ele pode fazer isso? — vocês estão chamando a atenção. Demonstração pública de afeto nas dependências da escola — ele está parado sob um dos gigantescos guarda-chuvas azuis e amarelos da escola.

Enterro o rosto na jaqueta preta de couro do Derek.

Derek ri.

— Olá — estende a mão. — Meu nome é Derek.

— Scott — cumprimentam-se com um aperto de mãos. — Tem um minuto.

Derek olha para mim. Balanço a cabeça.

— Está chovendo.

Scott me entrega o guarda-chuva.

— Fique tranquila, Beth. Scott é nosso amigo — Derek desce da moto e anda alguns metros com Scott. Viram as costas para mim.

Quando voltam, estão encharcados. Derek está sorrindo. Scott não.

— Tchau, Beth. Até amanhã.

— Desculpe por isso. O que ele queria?

— Disse que se algo acontecer com você, ele me mata.

— Scott nunca mataria alguém.

— Só a mim. Ele não gosta da minha "armadilha da morte". Se ele soubesse...

Olho para baixo examino a moto. É revestida de cromo e tem um motor grande.

— Se algo acontecer com você nessa coisa, eu mesma vou matá-lo. De onde veio isso?

— Precisava arranjar um jeito de vir para cá. Com frequência.

— Eu tenho carro — aponto para a Jeannette, reluzindo na chuva no fundo do estacionamento.

Ele faz uma careta.

— Você não espera que eu fique andando naquilo, espera? Venha, suba — entrega um capacete para mim. — Vou levá-la para casa.

— Está chovendo.

— Já estamos molhados.

—E meu carro?

— Ainda estará aqui amanhã, quando eu vier trazê-la.

— Você ficará — engulo em seco — até amanhã?

— Se sua mãe me deixar dormir no sofá.

Dou um soquinho em seu ombro.

— Não faça isso comigo. Sinta meu coração — ponho a mão dele sobre meu esterno, para que ele sinta como está acelerado.

Ele desliza a mão até meu pescoço e acaricia minha bochecha com o polegar.

— Não faça isso comigo.

Abro o zíper de sua jaqueta e encosto o ouvido em seu peito. O

coração dele está igual ao meu. Batidas compassadas.

Ele tira o capacete da minha mão, coloca devagar na minha cabeça, fecha a tira de segurança, beija meu nariz e pisa no pedal da moto.

Subo na traseira, escorrego para perto dele, abraçando-o com as pernas, aperto os braços em volta de sua cintura e protejo o rosto no capuz molhado da blusa de moletom que ele tem por baixo da jaqueta.

— Até agora, tudo certo — berro por cima do barulho do motor. Ele ri.

— Segure-se.

Arrancamos para fora do estacionamento.

— Diminua. Há crianças por aqui.

Ele obedece. Percebe algo quando minha voz falha, e até consegue tocar minha mão sem perder o controle da moto.

Encosto o rosto em suas costas e penso nele, em mim e nas crianças que encontraremos no caminho para casa.

— Esquerda aqui. Direita. Isso. Agora pode ir mais rápido. Este trecho é livre.

Ele acelera e nós voamos. Entendo qual é o apelo. Velocidade.

Muita adrenalina. Ele acha que andará nessa coisa durante todo o inverno?

Talvez eu deva comprar um carro melhor. Pobre Jeannette. Imaginou o que conseguirei dando-a em troca.

— Ao chegarmos em casa, não quero descer da moto, não poso soltá-lo. Ele vira e me beija. Nossos capacetes se chocam.

Ele é real. Não o inventei. Não é um fantasma. Nem o da Ópera.

É só um garoto que corre riscos e que estou aprendendo a amar. Ele solta a faixa e puxa meu capacete com cuidado. Tira o dele também. Abaixa o estribo lateral da moto — eu acho. Sei lá. Estou perdida demais em suas mãos alisando meu cabelo molhado, em seu hálito em minha têmpora.

A boca dele se aproximando da minha outra vez.

Afasto o rosto por um segundo.

— Preciso que você me prometa uma coisa.

— Qualquer coisa, se você me beijar de novo.

— Não andar com essa coisa na neve.

Seu sorriso diz tudo.

— Que saco, Beth. Essa é a parte mais divertida.

Capítulo 20

Meu homem

Ficamos trocando beijos na traseira da moto, debaixo do aguaceiro, até minha mãe parar o carro na entrada da garagem.

Derek é tão fofo com ela.

— Oi, senhora Evans, sou o Derek — aperta a mão dela, descarrega todas as compras do porta-malas e ajuda a guardá-las enquanto me troco e seco o cabelo. Jogo uma Levi's velha e uma blusa seca para Derek.

— Beth, querida — mamãe grita para mim. — Quando descer, traga aquele travesseiro do seu guarda-roupa, alguns lençóis e um cobertor. Vou montar a cama no escritório para o Derek. Não quero que ele vá embora de moto com esse tempo.

Fico tão tentada a responder que não precisa, que ele dormirá em meu quarto, mas ela me conhece. Sabe que meu quarto está um caos, e sabe o quanto aquele velho sofá-cama do escritório está

rangendo. Meu Deus, será que eu a conheço? Como foi que ela ficou tão ardilosa?

Se Derek não estivesse determinado a me manter uma boa menina, eu aceitaria o desafio sorrateiro da mamãe. Talvez até limpasse meu quarto. Da próxima vez que ele vier, limparei. Só para ver a reação dela. Só para... ah, sei lá. É melhor não ir para esse lado. Ainda estou no *Seus lábios nos meus prometem o que não me atrevo.*

Ele cozinha o jantar com a mamãe enquanto faço o dever de casa.

Eu nunca consigo fazê-la cozinhar.

Mamãe trouxe trabalho para casa. Deixa-nos a sós na cozinha com os pratos sujos. Tiro a mesa enquanto ele liga a lava-louça.

— Você causou boa impressão — ponho os três pratos na bancada para que ele jogue os restos no triturador de lixo. Viro para colocar uma travessa de fatias de batata assada em uma embalagem plástica.

Derek vem e para atrás de mim. Seus braços envolvem minha cintura.

— Sempre causo.

Largo o saquinho de batatas na bancada e viro de frente para ele.

— Obrigada.

— Foi um prazer.

Fecho os olhos. Não consigo respirar. Ele beija minhas pálpebras. As duas, suavemente. Faço meus lábios serem pacientes. Sua boca vai até minha têmpora esquerda, minha bochecha, e agora está no pescoço. Eu fico com marcas facilmente. Devia avisá-lo, mas quero acordar de manhã e encontrar as impressões dos lábios dele em mim. Ponho os braços em sua cabeça, não o deixo sair do meu pescoço. Ele suga com mais e mais força, muda de lugar, e faz de novo.

Aí não suporto mais. Dobro um pouco os joelhos e chego aos lábios dele. Sinto tanto desejo. Um desejo insaciável. Não importa o quanto eu persiga sua boca com a minha, quero cada vez mais. Coloco a boca em seu pescoço, como em Lausana.

— Você anda fazendo exercício? — ele parece ter secado um pouco desde a estada na Suíça. — Tem gosto de suor — encontro um lugar fresquinho em seu pescoço para morder.

— Você gosta do meu sabor? — há um tom muito sério em sua voz, que até agora não tinha aparecido.

Paro de mordê-lo e faço carinho em seu pescoço, onde já está ficando vermelho.

— Gosto.

— Meu suor é meio salgado.

— Por quê?

Ele me puxa para mais perto.

— Não pare, Beth. Não pedi para você parar.

Fito seus olhos por um instante. Já estamos tremendo quando eu inclino a cabeça lentamente e ponho os lábios de leve em seu pescoço. Corro a língua por sua pele. Adoro o sabor que ele tem. Garoto misterioso, doce e salgado. Lambo o maxilar, sugo o queixo, mordo a orelha.

Quero ser a primeira a dizer isso cara a cara.

— Eu amo você.

Ele me levanta e coloca em cima da bancada. Ponho as pernas em volta de sua cintura.

— Você é louca, Beth. Não devia me amar.

— Não é o que eu esperava ouvir.

— Amo você. Posso repetir mil vezes, mas você não devia me amar. Ame o Scott.

É como se ele tivesse me dado um tapa. Solto-o, desço do balcão, viro de costas e me escondo atrás do cabelo.

— Foi isso que você veio me dizer? — meus olhos estão queimando. — Que quer terminar? Vai me largar?

— Não, não diga besteiras, não. Quero que você me largue. Pode ser feliz com ele. Eu sou...

— Quem eu quero. Você fez isso comigo. Fez com que eu me sentisse assim. Não vai se livrar de mim.

— Tem certeza?

— Achei que você tinha um plano. Estava esperando algo mais concreto que uma motocicleta.

— Que tal fugirmos juntos de moto?

— Esse é seu plano?

— Plano A.

— Tudo bem, vamos. Assim que minha mãe for para a cama. Tenho uns cinco mil guardados para a faculdade. Até onde podemos ir com essa quantia?

— Podíamos ir para a Nova Escócia e aprender a pescar. Ter um monte de filhos e ensinar a profissão a eles.

Eu desmorono por dentro quando ele fala em filhos. Fico curvada, com as mãos pressionando o estômago.

— Ah, Beth, desculpe. Esqueci, não tive a intenção.

— Sou um animal abominável, uma Fera.

Ele me leva até a mesa e puxa uma cadeira. Sentada, deito o rosto na mesa. Ele se agacha e faz carinho na minha cabeça.

— Não, não é. Eu sou o animal. Mas tenho um plano, de verdade. Estou acertando os detalhes. Está quase terminado. Vou saber até sexta.

— Devíamos falar sobre isso. Por que você está planejando sozinho?

— Vamos conversar quando eu voltar na sexta-feira. Você vai adorar. Sento direito na cadeira. Ele pega uma xícara no armário e esquenta um pouco de chá de camomila. Observo-o limpar o resto da cozinha, lustrar a pia e as bancadas, varrer o chão. Traz o chá para mim. Tomo um gole e acrescento mais mel.

— Eu tenho um plano.

Ele deixa a pá no lixo e vira para o meu lado.

— Por que não se muda de vez para o escritório? Você pode visitar seus pais nos feriados e alguns fins de semana.

Ele senta de frente para mim e entrelaça os dedos com os meus, que estavam tamborilando na mesa. Dá um sorriso cauteloso.

— Você não continuaria sendo uma boa menina por muito tempo se eu fizesse isso.

Eu bufo.

— Ah, mas agora estou preparada. Tive que ir ao médico por causa daquele exame. Queriam usar o laser em mim, mas tiveram que se contentar em me dar uma caixa de preservativos.

— Beth, não...

— Preciso falar com alguém. Por favor. Vou enlouquecer. Não posso conversar com minha mãe. Isso a faz lembrar do meu pai, e é tão doloroso. Ela se sente culpada, acha que fez besteira, que devia ter escolhido um cara com genes melhores, para o meu bem.

Ele acaricia minha bochecha com a mão livre.

— Aí você não seria você.

— Nunca tinha pensado dessa forma — olho para ele. — Tenho que ir ao especialista daqui a duas semanas. Vou levar meses para me recuperar daquela consulta.

Ele franze as sobrancelhas e olha para a mesa.

— Às vezes os médicos são uns idiotas. Mas nem todos. Acho que você devia procurar outro. Encontre alguém com quem se sinta à vontade — volta a olhar para mim. — Alguém em quem você confie. Sei que não quer ficar ouvindo conversa fiada nem cultivar falsas esperanças, mas também não precisa de um médico que a intimide.

— Você tem razão — concordo com a cabeça. — Nunca mais chegarei perto daquele homem.

— Mas procure um especialista — aperta minha mão. — Que seja competente.

— Como você entende tanto de médicos? — tomo um gole de chá. Já fui a muitos, e pensava em ser médico, até...

— Começar a compor.

Ele olha para nosso reflexo na janela escura da cozinha, atrás de mim.

— Eu adoraria ser um pesquisador. Sabe, o cara que descobre as curas.

— Faça isso, Derek. Cure-me.

Seus olhos voltam a encontrar os meus.

— Não desista, Beth. A medicina tem feito coisas incríveis. Principalmente na área de genética. Você terá quantos bebês quiser.

Sua voz me enche de esperança. Então me lembro daquele médico.

— Ele disse que tenho que revelar minha condição a todos os... como foi mesmo que ele falou? Ah, é, os meus parceiros potenciais.

Derek brinca com minha mão e me deixa continuar o discurso de indignação.

— E todos eles devem ser examinados. Como se eu fosse dormir com metade do time de futebol. Que bom que nossa relação não tem a ver com sexo. Se um dia você decidir parar de me respeitar, primeiro terá que colher uma amostra de muco da bochecha.

Ele não diz nada.

— Desculpe. Você deve estar cheio dessa conversa.

Ele levanta, vem até minha cadeira, me puxa e me abraça como se eu fosse quebrar.

— Quando chegar a hora certa, Beth — sua voz está rouca. — Você e eu. Sou seu homem. Não me interessa o que aquele médico idiota disse.

— Você me ama tanto assim? — encosto o rosto em sua bochecha.

— Claro que sim. Qualquer cara decente amaria — faz uma pausa. — Scott também a ama.

— Por que continua falando do Scott?

— Se a gente não der certo — acaricia meu cabelo — fico tranquilo sabendo que existe um cara legal que conhece a verdadeira Beth, a Beth que eu amo, e que vai amá-la melhor do que eu.

— O que poderia dar errado?

— Espero que nada, mas...

— Seja o que for, Derek. Você pode resolver. Sei que pode. Por mim. Amo você. Faça isso por mim.

Sua mão se afasta do meu cabelo. Ele me solta.

Ponho os braços em seus ombros e encosto o rosto em seu pescoço.

— Conte para mim, Derek. Preciso saber. Onde você esteve durante o verão?

— Estava no chalé.

— Não, não estava. Não sou burra.

Ele beija meu cabelo.

— Estava no chalé.

— Por favor, Derek. Deixe-me ajudar.

— Quer mesmo me ajudar?

Faço que sim.

— Então não me faça mais perguntas. E me beije de novo.

Ele consegue o que quer, como o Fantasma da Ópera em meu sonho.

Ele sempre consegue o que quer.

Capítulo 21

Plano B

De volta à escola hoje.

Derek estaciona a moto atrás da minivan de um professor, assim nos despedimos sem plateia. Sem o Scott, principalmente. Não queremos ficar esfregando na cara dele.

Atravesso o corredor olhando para o chão. Scott está encostado no armário com os braços cruzados e de cara feia.

— Que droga, Beth! Ele passou a noite com você?

— No escritório. Minha mãe estava lá. E não é da sua conta o que faço com meu namorado.

Scott começa a me interrogar.

— O que você dirá às nossas filhas quando elas quiserem dormir fora? "Vá em frente, contanto que ele seja bonito". Não tolerarei isso.

— Do que está falando?

Ele percebe o que disse.

— Quis dizer "suas filhas"

Minhas filhas? Meus filhos? Morrerão no útero. Todos aqueles abortos da tia Linda... eles serão meus filhos. O médico disse que se um bebê sobrevivesse, teria deficiências graves e passaria a vida morrendo aos poucos. E as outras crianças serão portadoras, como eu. Como a minha prima. Como o meu pai.

Scott está esperando que eu grite com ele, mas não grito. Solto meu peso no armário e toco seu braço.

— Você tem tudo planejado, não é? — Scott vem de uma família grande. — Ah, Scott, você ainda quer brincar de casinha.

Ele era tão meigo quando estávamos na pré-escola. Sempre queria dar comida para as bonecas. Seus passeios com o carrinho de bebê fariam qualquer criança de verdade vomitar as tripas, mas até isso era fofo.

— Agora isso ficou meio impossível.

Ele desvia o olhar.

— Por causa do Derek.

— Não. Não tem nada a ver com ele.

— Acha que acredito nisso? — a dor de me ver com o Derek vaza em cada palavra dele e respinga ao nosso redor em gotas pequenas e amargas.

Olho para o lado.

— Eu devia ter contado antes. Só me preocupei em fugir. Resistir a você não é fácil.

— Então, não resista.

— Foi o que ele falou — obrigo-me a encarar o Scott. — Derek me disse para largá-lo e ficar com você.

— Ele não é tão imbecil quanto parece — volta a cruzar os braços.

Respiro fundo.

— Neste verão...

— Ele não quer brincar de casinha?

Encolho os ombros.

— Acho que ele não é o tipo de homem que brinca de casinha.

— Mas você é Beth. Você é o tipo de menina que quer brincar

Concordo com a cabeça.

— Mas não posso mais brincar.

— Claro que pode — relaxa os braços. Um deles vem em minha direção. — Vamos nos casar e brincar o quanto quisermos — segura meu cotovelo e acaricia meu braço suavemente.

— Para mim não vai dar.

— Vai sim — segura meu outro braço também. — Quando o Derek se destruir, você cairá em si e voltará para mim. — chega mais perto e sussurra: —– Só não durma com ele, tá? Hoje quase o atropelei com minha picape quando vi você descendo da moto.

Engulo em seco.

— Até parece que eu contaria se dormisse com ele.

— Não acha que eu descobriria? Você não sabe mentir. Acabou dizer que não dormiu.

Afasto-me dele.

— Nosso relacionamento não tem a ver com sexo.

— Melhor assim, pois o nosso terá.

Ponho a mão em seu peito.

— Cale a boca e pare de me interromper, o assunto é importante.

— Desculpe — aperta minhas mãos.

Eu não reclamo. Até retribuo o gesto.

— É provável que eu não possa ter filhos — abaixo a cabeça.

Ele encosta a testa em minha cabeça.

— Quem disse isso?

— Um médico e um exame genético.

— Quando?

— Colheram o material um pouco antes da minha viagem.

Ele levanta a cabeça e recua.

— Era essa a má notícia? — aumenta o tom de voz. — Você não me disse nada e contou para um estranho?

— Depois do baile as coisas ficaram estranhas com você — ruborizo. A culpa foi toda minha. — E ele não era um estranho. Temos uma conexão que você não entenderia.

— Claro — solta minhas mãos. — Ele aproveitou a chance e atacou quando você estava fragilizada.

— Não foi assim.

— Você é tão ingênua — vira para o armário e começa a mexer nos livros com raiva.

— Não é por causa dele — pego seu braço e faço-o olhar para mim. — É por você. Não posso ser essa menina dos seus sonhos, que embala o bebê enquanto você brinca de pega-pega com nosso filho. É o que você quer. Encontre alguém que possa transformar isso em realidade.

Ele segura meus ombros e aperta com força.

— É isso que você pensa de mim? Que estou mais preocupado com uma fantasia estúpida do que com você? Os sonhos podem

mudar Bethie. Contanto que você faça parte deles. É só isso que importa.

— Sinto muito, Scottie — meus olhos ardem. — De verdade. Não faço parte deles.

— Você não tem como saber.

— Encontre uma garota bonita e carinhosa, que o adore.

— Não me faça ter ânsia de vômito.

Eu fungo.

— Por favor, Scottie, pare de se torturar. Pare de me torturar.

— Não — sua expressão fica séria. — Estou aqui, Bethie. Todos os dias. Amando você. Querendo você. Não fugirei para um buraco qualquer para lamber minhas feridas. Sangrarei em sua frente. Não viverei nada falso com outra pessoa. Estarei bem aqui, em sua cara, até o dia em que eu morrer.

— Vai para a faculdade comigo?

— Vou.

— E se Derek e eu decidirmos nos casar? Você me acompanhará até o altar?

— Você não se casará com ele. Ele não vai durar. Eu vou. Você se casará comigo.

Tiro suas mãos de mim.

— Sua bola de cristal precisa de uns ajustes.

Ele fica parado, com o rosto cheio de dor.

— Eu amo você também.

—Eu não...

— Não minta para mim, Bethie. Você me ama.

— Desculpe Scottie. Se eu o faço sangrar, sinto muito mesmo. Não tenho como evitar. Eu o amo. Vou amá-lo para sempre.

Scott não fala comigo pelo resto do dia. Cada vez que o vejo, tenho vontade de segurar sua mão e dizer que vai dar tudo certo, mas não vai. Não posso.

Na quinta é a mesma coisa, mas pelo menos estou animada com o ensaio do coro. Vou até Ann Arbor ouvindo o CD do Derek. Terry planeja nos contar suas ideias para esta temporada. Eu adoro a primeira prática do ano, quando ela apresenta as novas músicas. O desafio de leras partituras à primeira vista e de acertar todos os contraltos. Mas o Cantoras da Juventude não é bom o bastante para assumir desafios maiores.

As meninas do Amabile cantam umas peças modernas que são atonais e superdificeis. Adoraria experimentar. Até hoje só vi mais um coro fazer isso, e foi uma droga comparado ao CJA. Seria legal se cantássemos esse tipo de peça. Talvez na faculdade eu consiga.

Ainda não escolhi o curso, mas será na área de música. Não tenho dinheiro para estudar em uma faculdade de elite. Terei que ficar no estado e cursar uma pública. Se Derek ficar em Londres, talvez seja melhor eu ir para a Universidade de Michigan, em Ann Arbor. Mas ainda estaria tão longe dele. Há uma universidade grande em Londres. Eu podia ir para lá. Podíamos começar juntos no ano que vem. Graduação em música, juntos. É um pouco estranho ele já ter pensado em ser médico, mas agora está compondo. Não pode desperdiçar esse dom. Outra pessoa pode me curar.

A sexta-feira é duas vezes mais longa que a quarta e a quinta somadas. Scott está duas vezes mais irritado. Tenho que mudar de armário.

Quando toca o último sinal, saio correndo da escola e voo para casa.

Derek está lá.

Esperando na frente da garagem.

Como disse que estaria.

Não consigo sair do carro tão rápido quanto queria. Ele abre minha porta e estende a mão. Não posso beijá-lo aqui. Seria muito parecido com Scott e a noite do baile.

Saio do carro, empurro a porta com o bumbum e encosto nela. Derek vem para cima de mim com voracidade, me prende contra o

carro com seu corpo e me cumprimenta com os lábios. Depois de dez minutos, ele recua um pouco.

— Oi.

Derek me perfura com seus olhos castanhos de chocolate e brinca com urna mecha do meu cabelo crespo, que ele achou bonito.

— Senti sua falta.

Ele me derreteu de novo. Estou virando líquido na calçada de casa.

— Precisamos conversar.

— Plano B?

— Pronto para ser executado.

— Devo fazer as malas? A caderneta bancária está na bolsa.

— Esse era o Plano A.

— Tem razão — levo-o para dentro. Ambos olhamos para a escada que leva até meu quarto. — Podemos conversar no quarto se quiser — eu limpei, por precaução. Quero estar preparada quando chegar a hora.

Ele balança a cabeça e me puxa para a sala. Senta no sofá de dois lugares e me coloca no maior.

— Se ficar muito perto, não vamos conseguir conversar.

Ergo as sobrancelhas.

Ele olha para o relógio, e depois para mim, sozinha no meio do sofá.

Passo as mãos nas almofadas de couro.

— Nunca namoramos deitados — quero que ele se deite ao meu lado, quero sentir seu peso em mim, mesmo que seja só para beijar.

— Primeiro, você tem que concordar com o Plano B.

— Claro, desculpe. Fico distraída quando olho para você.

Ele inclina o corpo para frente, com os braços nos joelhos e as mãos juntas.

— Falei com minha diretora, e ela conversou com as regentes do CJA. Querem você. Já foi aceita.

— O CJA? — balanço a cabeça, atordoada. — Do que está falando?

— As diretoras das meninas do Amabile ouviram sua versão de *"Leve-me para casa"*. Os testes foram feitos na primavera, mas abrirão uma exceção para você.

— E como isso nos ajudará?

— Os ensaios são às terças. Podemos ficar juntos antes e depois.. Nas sextas à noite temos a prática de câmara, com os melhores meninos e meninas. Você e eu sentados juntos e cantando. Podemos ir a algum lugar depois. Toda sexta, sem falta. Estaremos juntos nos festivais e ensaios extras.

Fico apreensiva.

— Por que não podemos simplesmente nos encontrar nos fins de semana?

Ele se recosta no sofá e olha para a televisão desligada.

— Meus fins de semana são muito cheios. Depois da vitória na Olimpíada, todos nos querem. Será uma correria. Quero que você esteja lá o máximo possível.

Cruzo os braços.

— Não posso ser uma fã na plateia?

— Não. Quero que você participe. Não quer cantar comigo de novo?

Fecho os olhos e me lembro daqueles momentos maravilhosos de improviso com ele no palco. O gosto do microfone. A magia da multidão gritando nossos nomes. O elixir dos lábios dele nos meus. Quem resistiria? Abro os olhos e faço que sim.

— Claro que quero cantar com você.

— Minha música.

— Sim.

— Faremos juntos.

— Claro — faço que sim.

Ele mexe a cabeça junto comigo.

— E você poderá cantar com o CJA. Faremos uma turnê juntos no próximo verão. Pense em como seria legal.

Uma turnê juntos. Um voo internacional juntos. Dias e dias. Parece tão bom. Mas...

— Eu? Cantando com o CJA? — não entra em minha cabeça.

Derek sorri e eu continuo concordando.

— Mas tenho os ensaios do meu coro às terças. Não posso...

— Ficar com os dois.

— Tenho que sair do meu coro? — sinto-me culpada por ter sido impaciente com elas ontem à noite. Por achar que sou boa demais. Terry planejou a temporada inteira pensando em mim. Tenho quatro peças com solos este ano. Não só uma.

— Elas não são boas o bastante para você. Você deve isso ao seu talento. Cantar no melhor coro que puder.

— O CJA é o coro mais importante do mundo.

Ele se inclina para frente de novo e junta às mãos, tão sério, lindo, tão devastador.

— E querem você.

Viro de costas. Não posso decidir se continuar olhando para ele.

— Terei que pensar. A estrada...

— Londres fica bem mais perto de Port do que Ann Arbor.

— Como é no inverno? Vocês estão no cinturão de neve do lago.

— A estrada é nova e bem cuidada. Não quero mais você dirigindo por Detroit.

O tom protetor de sua voz não me enerva como deveria. Dá vontade de ir para o outro sofá e dizer que farei o que ele quiser. Então, lembro-me do Cantoras da Juventude. Ele quer que eu as abandone.

— Terry ficará arrasada. Sou a única estrela do coro. Ela escolheu várias músicas legais para mim.

— Isso passa. Ela devia ficar feliz por você.

Odeio admitir, mas suas respostas sempre têm sentido.

— O CJA me detestará.

— Claro que não.

— Não seja ingênuo. Primeiro, roubo você. Depois entro no coro delas sem fazer nenhum teste e roubo a vaga de solista.

— Eu não disse que elas dariam os solos para você. Isso você terá que conquistar sozinha. Elas têm umas seis solistas. A concorrência é dura, mas será bom para você.

— Sentarei junto com a sua ex toda terça-feira? Ela me cederá o lugar do seu lado na câmara?

— Ela vai gostar de você tanto quanto eu. Todas vão. Direi que elas têm que gostar.

Eu viro e amarro a cara.

— Você tem todo esse poder sobre um coro inteiro de mulheres megatalentosas?

— É claro — ele se esforça para não dar um sorriso afetado.

— Você é tão convencido.

Ele senta direito e faz cara de inocente.

— Elas querem que eu seja feliz. Quando virem como estou feliz com você, vão recebê-la como se fossem irmãs que não se viam há muito tempo.

Balanço a cabeça.

— Não posso fazer isso. Não posso abandonar o meu coro.

Ele fica em pé.

— Coma alguma coisa. O ensaio de câmara começa em uma hora e meia, e você vai comigo.

— Hoje? — nem me mexo. — Agora?

— É — faz que sim.

Estou colada ao sofá.

—Não.

— Já disse a elas que você iria. É uma espécie de teste informal.

— Ótimo — recosto-me no sofá e olho para ele, começando finalmente a me irritar. — Que bom que não tem pressão.

— Pressão é uma coisa boa. Faz a gente crescer.

— Já sou bastante alta, obrigada.

— Você ficaria muito sexy com mais uns cinco centímetros.

Cinco centímetros? Seria um arranha-céu.

— Vamos ficar por aqui hoje. Ir ao cinema. Assistir à TV. Eu limpei meu quarto.

Ele balança a cabeça.

— Eu tenho que ir ao ensaio. Prometi que você estaria lá.

— Devia ter falado comigo primeiro.

— Achei que não teria problema. Que você cairia em cima de mim cheia de gratidão — senta ao meu lado no sofá. — Por favor, Beth — segura meu rosto com as duas mãos e me dáum beijo longo e lento. — Quero estar com você — outro beijo. — É a melhor solução — ele me puxa para perto do peito. — Venha cantar comigo.

— Esse tipo de persuasão não é justo.

Continua me beijando e me aperta contra o sofá com o corpo. Meus sentidos femininos enlouquecem. Ele me beija mais uma vez e fica empé.

— Você vai? — estende a mão.

É claro que eu a seguro.

Odeio essa autoconfiança que ele tem.

Odeio o fato de ele achar que concordarei com qualquer coisa

Odeio não saber seus segredos.

— Se eu for, você tem que me contar...

Seus olhos entristecem.

—Não comece Beth.

Odeio a mim mesma por me intrometer, tocar em seu ponto fraco, magoá-lo, mas mesmo assim continuo.

— O que você anda tomando?

— Não temos tempo para isso.

— Eu tenho.

— Pare com isso, Beth. Não vai dar certo se você continuar fazendo perguntas.

Isso me assusta. Suporto qualquer coisa para que dê certo. Até as drogas. Até a dúvida. Até ir em frente com esse plano maluco.

Fazemos uns sanduíches, ligo para a mamãe e partimos noite afora, Derek na moto e eu em meu carro. Sigo-o pela Ponte Rainbow sobre o Rio Saint Clair, que mais à frente deságua no Lago Huron. Só

temos que esperar na fronteira por cerca de dez minutos. Uma vez dentro do Canadá, caímos naquela nova via expressa que Derek alardeou. Realmente está bem cuidada. Aqui é Ontário. Bem diferente das estradas esburacadas de Detroit. Sem muito trânsito. Perfeita para o Derek se matar. Não consigo acompanhá-lo. Nem tento. Não vou encorajá-lo acelerando também. Ele faz vários retornos para me encontrar, e depois corre de novo. Jeannette sofre acima dos cento e dez por hora. Ele está indo muito mais rápido do que isso. Eu não poderia disputar com ele se quisesse.

O zunido da moto se transforma na melodia de um órgão, e sou levada de volta àquele sonho. Dessa vez é um pesadelo.

Estou usando o vestido branco de renda da Christine novamente, ajoelhada na lateral da estrada, com o corpo quebrado do Derek nos braços, e os faróis se chocando contra nós. O órgão fica mais alto e agudo, a orquestra entra, os pratos batem e os violinos tocam com entusiasmo. Olho para o céu e canto, mas não como a Christine. Minha voz é o som do desespero e da angústia.

Não, Deus, não o leve.

O Senhor deu-o para mim.

Ele é meu.

É só o que imploro.

Este menino que eu adoro.

Imagino ambulâncias chegando e paramédicos correndo até nós. Estendo a mão e grito:

Ninguém mais deve aproximar-se.

Sou a única que ele vê.

Meu amor

Não pode machucá-lo.

Meu toque sempre vai confortá-lo.

Os olhos do Derek se abrem. Enchem-se de terror. Não sou mais a Christine. Sou o Fantasma, e é melhor que todas aquelas meninas do Amabile, principalmente sua ex-namorada perfeita, prestem atenção. Nunca vou deixá-lo, não importa quantos lustres eu tenha que destruir.

O farol dianteiro do Derek corta a noite. Ele faz uma curva em U, me alcança e me passa. Suspiro, frustrada. Ligo o rádio velho e estalante da Jeannette para encurralar os fantasmas, e fico cada vez mais tensa com toda essa situação. O que estou fazendo? Amabile? Quem estou enganando? Nem sou canadense. Tenho que voltar

correndo para o meu lugar, com a cabeça baixa e o rabo entre as pernas. Droga. Ele já sumiu de novo.

Está escurecendo. E se ele não estiver por perto quando eu chegar à saída? E se eu não vir nenhuma placa indicando Londres? E se eu frear com tudo e capotar meu pobre, barulhento, feio e velho carrinho? Vá para casa. Agora. Jeannette gagueja. Eu concordo e diminuo para dar um descanso a ela.

Droga. Ele está de volta. Não há como escapar. Aquele farol solitário atrás de mim só pode ser ele. Leu meus pensamentos. Esse cara deve ter algum tipo de poder. Certamente tem controle sobre mim. Sim, Derek. Como quiser Derek. Por favor, Derek. Não conte nada para mim, não tem problema. Vou apenas suspirar e deixar que me beije novamente. Ele é perfeito demais para ser contrariado. Isso é tão injusto.

E agora ele é o Evel Knievel na motocicleta. Tenho que sabotar essa coisa. E se ele se drogar e sair com ela?

Quando o Derek se destruir. Scott sacou assim que viu Derek. Aquele idiota do Scott. Se Derek ousar se destruir, o Scott não terá que cumprir suas ameaças estúpidas de homem das cavernas. Quem vai matar o Derek sou eu.

Capítulo 22

Camâras

Derek diminui quando nos aproximamos de Londres.

Liga a seta e vai bem em minha frente, como um segurança de uma estrela do pop. Não tenho como errar a saída. E ele continua ali enquanto rodamos pela cidade rumo à igreja em que eles ensaiam.

Estaciona a moto ao lado do meu carro. Eu saio.

— Nunca mais seguirei você.

— O quê?

— Cada vez que você desaparecia, tinha certeza de que encontraria seu corpo amassado no meio da estrada. Não faça isso comigo — vou andando na frente e empurro a porta da igreja antes que ele possa dar alguma desculpa.

Ele me apresenta a todos os diretores. Há dois do coro dele e duas do CJA. Sorrio, aperto suas mãos e agradeço por me deixarem cantar com eles esta noite.

Ela está aqui. A ex. Reconheço-a do perfil do Derek. Ele tirou as fotos em que estavam juntos, mas ela ainda aparece por todo o mural. Que ótimo. Ela é menor do que aparenta nas fotos. Está parada no centro do coro, ao lado de um lugar vazio que, obviamente, pertence ao Derek. Sai dali em silêncio e encontra outra posição. Nossos olhares se encontram e ela sorri.

Droga. Ela é legal.

Meu rosto esquenta e eu olho para o regente alto de barba rala com quem devo falar.

— Por que você não tenta o solo nesta primeira peça? — ele me entrega a partitura.

O nome do Derek está no canto, ao lado de Arranjo:.

— Derek escreveu o solo para um cantor.

— Quando eu ainda conseguia alcançar as notas altas.

— Nós a dividimos em contraltos e sopranos. Com que linha você se sente mais à vontade?

O cara espera minha resposta.

Não respondo. Derek se intromete:

— Ela consegue cantar qualquer coisa.

— Derek — lá vai ele de novo. Folheio a música, lendo à primeira vista em minha cabeça e checando os altos e baixos. Ele tem razão. Como sempre. Eu consigo. — Vou tentar.

Derek me conduz até nossos lugares no coro.

— Não fique nervosa.

— Só você me deixa nervosa. Cantar me acalma.

— Então, vamos começar antes que você arranque minha cabeça.

Uma das diretoras do CJA cuida dos aquecimentos. Sem massagens nas costas Acho que é coisa de coros de meninas. Derek tenta me acompanhar nas notas altas, fica estridente demais e desiste. Na escala baixa, vou bem além da nota mais baixa do solo. Derek está impressionado.

— Eu canto a parte dos tenores na escola.

Ele ri.

Ambos ficamos de fora quando cai para a escala dos baixos. Noto que Blake faz o baixo contínuo.

Agora o cara alto de barba rala assume a batuta.

— Certo, senhoras e senhores. Bem-vindos. É bom estar com vocês novamente. Vamos começar a trabalhar imediatamente com o arranjo do Derek, que nos trouxe uma solista capaz de cantar a escala impossível que ele escreveu. Por favor, cumprimentem a Beth.

Faz uma pausa enquanto todos se viram e acenam com a cabeça.

Levanto a mão timidamente e mexo uns dois dedos.

— Ela cantará conosco nesta temporada. Por favor, façam com que ela se sinta bem-vinda.

Nossa. Já está tudo acertado. Olho para o Derek. Ele está me evitando. Tem que manter o olhar fixo no diretor, e eu também, aliás. Mesmo assim. Não tem desculpa. Ele deve saber que estou fumegando. Abro minha música, seguro-a de forma que possa observar o diretor e piso com vontade no pé do Derek.

Ele leva um susto.

Agora posso cantar.

Fico com os contraltos. Esta é a primeira leitura da peça, e o som já é impressionante. Os baixos são muito bons, suaves e ricos. As vibrações baixas formam a base. A voz pura do Derek ao meu lado lidera os tenores. Todos os contraltos acertam sua parte, não apenas eu e meu ouvido absoluto. E os sopranos não vacilam no harmônico que Derek incluiu para eles na segunda página.

A primeira estrofe e o refrão são SCTB (sopranos, contraltos, tenores e baixos). Depois há um interlúdio instrumental com cordas, e em seguida eu entro. Minha primeira tentativa no solo não perfeita, mas fica muito boa. No final da peça, várias meninas viram para o meu lado e aplaudem discretamente. Não de forma arrogante, mas amigável. E a ex do Derek está sorrindo para mim outra vez. É legal.

Essas garotas são legais. Tudo isso é arrebatador e agradável, ao estilo dos canadenses.

A mão do Derek em minhas costas e seu breve "Muito bem" são de deixar as pernas bambas.

Derek faz o solo de tenor na peça seguinte. Erra algumas vezes, mas por fim acerta. Outra menina canta o soprano desta vez. É baixo, porém, pungente; e ela interpreta muito bem.

Todos, sobretudo as meninas, possuem uma beleza autêntica no tom de suas vozes. Ninguém é fraco. E a fusão é impecável. Ninguém tenta se destacar. Não posso negar que é emocionante misturar minha voz com esse grupo. Seria maravilhoso cantar com eles o tempo todo. Não acredito que Derek convenceu-os a me dar essa chance. Sem dúvida, ele exerce sobre todos aqui o mesmo controle que tem sobre mim.

Como ele faz isso? Por que eles permitem? Talvez saibam. Seja lá o que for que ele não quer me contar. Pode ser que todos conheçam cada detalhe sujo e sórdido. Talvez eu deva fazer amizade com todas essas garotas simpáticas. Principalmente com a ex-garota simpática do Derek.

Depois da prática, Derek me apresenta a algumas delas. Inclusive a ex. Ela realmente é bacana.

— A gente se vê na terça, então — nenhum sinal de raiva na voz dela. — O ensaio começa às seis e meia.

— Não tenho certeza...

— Ela estará lá — Derek decide por mim novamente. — Guarde um lugar para ela, hein?

Ela dá um sorriso jovial e ofuscante.

— Claro Derek. Tornarei conta dela.

Uma das diretoras do CJA me entrega um fichário pesado de partituras.

— Faremos as dez primeiras na terça-feira — dez? Meu Deus.

— Estude sua parte, certo? Derek disse que você gosta de cantar como contralto.

Faço que sim.

— Ótimo. Tivemos que aposentar algumas das nossas melhores no ano passado — ela fala como se suas cantoras fossem cavalos de corrida, não meninas. — Você pode competir na categoria de coros jovens até os 22 anos. Depois tem que se aposentar? Espero que não.

Não posso vir na terça. Tenho que ir ao meu coro. As palavras estão lá, prontas para escapar dos meus lábios, mas eu simplesmente concordo.

Deixamos a moto do Derek e vamos com a Jeannette a um restaurante Tim Hortons perto dali. Estou morrendo de fome. Peço uma sopa e um sanduíche grande com pão tipo croissant. Derek devora quatro rosquinhas com cobertura rosa e confeitos.

— Não é uma escolha muito máscula.

— Você é tão sexista — pega a última rosquinha e dá uma mordida. — Rosa? Achei que você fosse entender. Em homenagem à Meadow. Ela poderá ser a solista novamente

— Coitada da Terry.

— Ela vai se recuperar.

— Coitada da Meadow. E dos pais dela — abaixo a colher e me inclino para frente. — Eles investiram muito em mim na primavera.

— E você retribuiu em Lausana. Não deve nada a eles.

— Para você é fácil falar — eles estavam contando comigo para os comerciais de rádio e a festa de Natal deste ano.

Derek indica minha pasta de músicas com a cabeça.

— Vá para casa e dê uma olhada nas músicas. Se depois disso você me disser honestamente que prefere cantar aquelas coisas infantis da Terry em vez das peças que o CJA está fazendo e das fantásticas criações para o coro de câmara, tudo bem.

Ergo uma colher cheia de sopa e despejo de volta no prato.

— Você sabe que não tem comparação.

— Ótimo. Que tal nos encontrarmos aqui na terça, às cinco e meia, para um jantar rápido antes do seu ensaio?

Olho em volta e faço cara de quem não gostou muito.

— Este é o único restaurante de Londres?

— Que eu possa pagar?

— Agora quem está sendo sexista? Eu posso pagar, principalmente se for para comer melhor.

Derek limpa os dedos lambuzados em um guardanapo.

— Não gostou do ambiente?

— Não gostei da sopa — chega a ser pior que o Dunkin' Donuts perto da minha casa.

— As rosquinhas são as melhores.

— Se você engordar...

— Eu? Impossível.

Ele está certo. Observo-o com atenção. Ele não está só mais "enxuto", como pensei na segunda-feira. Perdeu no mínimo cinco quilos, eu acho. As drogas fazem emagrecer. Até eu sei disso. Ele pega algumas pílulas e engole, como fez em Lausana. Bem em minha frente. Quem toma vitaminas à noite?

— Você acha uma boa ideia? Tem que ir de moto até sua casa.

— São para meu estômago.

Estudo sua expressão.

— Não são vitaminas?

— Vitaminas para meu estômago.

— Estou preocupada com você.

— Não fique. Meu resfriado está bem melhor.

—Mas...

— Estou bem — levanta e vai ao banheiro.

Quando volta, dou um sorriso de trégua e digo:

— Por que a sua ex-namorada está sendo tão simpática comigo? Ela me flagrou olhando e sorriu. É estranho.

— Está namorando outra pessoa. Somos amigos. Ela é legal com você e comigo.

— Pensando bem, ela é legal demais. Tem algo meio esquisito nisso.

Ele balança o dedo para mim.

— Isso não foi nada gentil.

— Eu moro perto de Detroit, onde as pessoas atiram em você se cortá-las no trânsito.

— Aqui as pessoas param e fazem sinal para você entrar.

— Sua ex parece ser esse tipo de pessoa — mexo minha sopa.

Seus olhos acompanham meus movimentos.

— Eu já disse. Ela quer o melhor para mim, e sabe que é você.

— Como ela pode saber? — largo a colher, recosto-me na cadeira e encaro-o. — Por que ela não é o melhor para você? Eu acho que sou melhor. Mas ela devia achar isso de si mesma.

— É complicado. Uma velha história. Não quero falar disso hoje.

— Claro que não quer — encho uma colher de sopa e fico olhando com desgosto. Não consigo tomá-la.

Derek limpa nossa bandeja. Sigo-o até a saída. Ele segura a porta aberta e diz:

— Apenas deixe que eu... Que nós sejamos legais com você. Quero que isso dê certo. Precisamos fazer isso dar certo — segura minha mão e faz carinho com o polegar enquanto fala baixinho em meu ouvido. — Adoro cantar com você. Quero escrever com você.

Balanço a cabeça.

— Podemos voltar ao Plano A quando quisermos.

— Não quero ser pescador.

— Ponha a guitarra na mala e vamos para Nashville.

Ele pega minhas chaves e abre o carro.

— Com a Motown do lado da sua casa? Você tem a garganta de uma diva. Podia ser a próxima Mariah — abre a porta para mim.

— Por que não a Whitney?

— Podia ser qualquer uma delas.

Entro no carro e espero Derek dar a volta e entrar do lado do passageiro.

— A Motown é muito perto. Não seria uma fuga.

— Não posso fugir. Tenho...

— Muitos vínculos? Não sou suficiente? Não estou muito segura em relação ao Plano B. Quero você só para mim. Lá tem muitas tietes suas.

— Você é a única que ganha meu beijo de boa-noite.

Meu olhar é atraído pelos lábios dele e o calor se espalha por meu corpo.

— Então prove.

Derek inclina o banco para trás, o máximo que consegue.

— Venha aqui — estende os braços para mim.

Passo por cima do freio de mão no console central e vou para o colo dele. Seguro seu rosto entre minhas mãos e beijo-o.

Ele me beija também.

— Quero o melhor para você.

— E seria você?

— Provavelmente não. Mas se eu puder convencê-la a cantar com o Amabile, já é alguma coisa. O melhor que posso oferecer.

Balanço a cabeça e ponho os lábios em seu peito.

— Seu coração. É tudo que quero. É a melhor coisa que você pode me dar.

— Você o roubou antes mesmo de nos conhecermos.

— Não quero ser uma ladra. Quero que seja dado por você.

Seus braços me apertam e sua boca toca a minha outra vez.

— É seu, Beth — suas palavras fluem em minha alma e me entrelaçam em um monte de nós. — Você sabe que é seu.

Capítulo 23

Desistências

Você diz que é meu.

E que seu coração é sincero.

Acredito em cada verso seu,

Quando seus olhos me trazem o que espero.

E embora as dúvidas me causem temor,

Não posso viver sem seu amor.

Seus lábios afastam o medo,

E seu abraço compensa qualquer segredo.

Fecho os olhos e digo "sim".

Diga "sim" para toda a eternidade.

Se eu fizer parte de sua canção,

Não haverá meu amor, nenhuma decepção.

Nossa melodia será cheia de felicidade,

Vou saltar e voar com você,

Voar com você pela eternidade.

Não pude dormir depois de chegar ontem à noite, e acrescentei esses versos à minha canção favorita da oitava série. Fiquei com sono antes de terminar. Precisa de mais duas estrofes e uma ponte. Com luz fria e o cereal frio desta manhã, releio o que rabisquei, tento entender as linhas que risquei e me lembro do que ele quer que eu faça. O Plano B do Derek é incrivelmente maravilhoso. De verdade. Mas não queria ligar para a Terry. Será constrangedor demais. Disco três vezes antes de ter coragem de deixar o telefone tocar. Ela não atende. Obrigo-me a deixar tocar cinco vezes e me preparo para desligar antes que caia no correio de voz.

—Alô?

Droga.

— Oi, Terry.

— Beth? É você?

— Uh-huh — sento em um banquinho da cozinha e logo em seguida fico em pé novamente.

— Desculpe incomodá-la.

— Imagine.

— Eu só queria... tenho que...

— Você parece nervosa. Aconteceu alguma coisa?

— Hã... não exatamente — ando em volta da bancada.

— Precisa de ajuda? — faz uma pausa e continua, com uma voz grave. — Você está segura?

— É, sim, estou. Não é nada disso.

— Você me assustou. Eu sei que seus pais são divorciados e...

— Não, não. Não tem nada a ver com isso.

— Bom, como posso ajudá-la? — sua voz volta ao normal. — Espero que esteja gostando das nossas peças — seu entusiasmo atravessa a conexão estática entre os nossos celulares.

— São ótimas. Obrigada por me dar tanto destaque — apoio os cotovelos no balcão. — Mas, é... talvez as outras meninas não gostem disso.

— Bobagem.

— Estive pensando... talvez eu deva... — fico sem palavras.

— Não se preocupe com isso nem um segundo. No ano que vem você vai embora para a faculdade. Desperdiçamos tantas temporadas escondendo sua voz nos contraltos. Farei esta última valer à pena.

Noto que uma mecha de cabelo tingido e crespo está sendo espremida com força em minha mão.

— Tenho ouvido bastante os CDs do Amabile.

— Dos rapazes ou das meninas?

Ela me pegou.

— Ambos.

— Se você for para a faculdade certa no próximo ano, poderá cantar peças como aquelas. Para qual instituição vai se candidatar?

Devíamos conversar sobre isso.

— Claro, obrigada, devíamos mesmo — tento começar a contar sobre o CJA, mas ela se adianta.

— Teve notícias do Derek? Desde que voltamos?

— Tive.

— E como estão?

— Ele é intenso — por que falo dele assim? Devia dizer que ele é maravilhoso, que me ama e quer cuidar de mim.

— Gentil?

— Muito.

— Tenha cuidado, Beth. Sei que você não está acostumada com o assédio dos rapazes. Não deve fazer nada que não tenha vontade.

— Sério? — sei que está falando da parte física, mas talvez o conselho se aplique a outras situações.

— Claro.

— Obrigada.

— Não está com nenhum problema mesmo?

— Nenhum. Tchau.

Disco o número do Derek.

— Já falou com a Terry?

Aperto os dentes.

— Uh-huh. Acabei de falar.

— Como ela reagiu?

Meu rosto se contorce.

— Ela ainda não sabe — não falo muito alto.

— O quê?

Afundo no banquinho e inclino a cabeça para frente, fazendo cabelo cair sobre meu rosto.

— Não consegui dizer.

—Você não pode simplesmente não aparecer lá na terça. Ligue de novo. Ela merece essa consideração.

— Não posso abandoná-las por telefone. E nunca mais vê-las — falo como uma derrotada. — Todas me odiarão.

— E daí? Estão usando você.

A autoconfiança dele me faz aprumar a postura.

— O Amabile não me usará também? — de repente minha voz sai um tanto ríspida.

— Não — inflexível. Áspero. Autoritário. Tudo em uma única e sólida negativa.

Sua resposta me faz ficar em pé.

— E você não está me usando?

Fico feliz por não estar vendo sua cara.

— O que está querendo dizer?

— Terry perguntou de você. De nós. Disse que não devo concordar com nada se não me sentir à vontade.

— Essa é boa.

A cabeça da mamãe aparece na porta.

— Está tudo bem? — devo estar falando muito alto.

Aceno para ela, indicando que estou bem, e subo a escada correndo e sibilando no telefone.

— Talvez eu não esteja à vontade com a ideia de deixar meu coro. Talvez eu não queira cantar com todas aquelas meninas simpáticas do CJA. Talvez eu não esteja feliz com você planejando a minha vida.

Silêncio. Ele começa a dizer alguma coisa e para. Limpa a garganta. Duas vezes.

— As pessoas valorizam demais essa coisa de "estar à vontade". Participar do CJA não será fácil. Exigirá muito trabalho e esforço. Não achei que você tivesse medo de trabalhar. Pensei que fosse agarrar com unhas e dentes.

— Não é pelo trabalho — entro no quarto, fecho a porta e encosto nela.

Ele diz:

— Está com medo de passar mais tempo comigo? É com isso que não se sente à vontade?

Será? Não sei. Achei que era isso que eu queria. Tudo o que eu queria.

— Às vezes tenho medo — escorrego lentamente até o chão. — Não de você, mas por você.

— Não se preocupe comigo — seu tom de voz é cortante.

Droga. Ele está zangado. Mas eu continuo cutucando.

— Em Lausana... Blake disse que...

— Blake é um idiota.

— Está me consumindo. Quando estamos juntos, você me domina. Não consigo pensar. Mas quando estou sozinha, é só isso que eu faço — estou falando alto demais novamente.

— Então precisamos passar mais tempo juntos — estou a um passo de me dissolver outra vez nessa voz sexy, densa e bajuladora.

Bato a cabeça na porta para desanuviá-la.

— Você está desviando o assunto de novo.

— Você tem um monte de músicas para aprender. Isso vai mantê-la ocupada até terça. Chega de se preocupar.

Sua tática mandona me enche de determinação.

— Não irei lá na terça.

— Você tem que ir.

— Não. Não tenho.

Ele fica nervoso.

— Você ficará para trás. Não é bom perder nem uma semana de prática. Elas começaram esta semana. Se você não for na próxima terça, estará atrasada em duas semanas. E perderá os testes de solo.

— Se quiserem que eu faça o solo, já sabem como eu canto — fico em pé e olho em volta, procurando aquele fichário de músicas em meio à bagunça do meu quarto.

— Mas você tem que disputar com as outras.

Eu rio.

— Quer dizer que existem garras por baixo de toda aquela simpatia?

— Não, todas têm oportunidades iguais.

— Então não farei o solo nessas dez peças — abro o fichário em cima da cômoda e folheio as músicas. Algumas parecem ser muito boas.

— Eu garanti a eles que você iria. Minha reputação está em jogo. Pare de besteiras e ligue para a Terry.

Fecho a pasta com raiva.

— Não gosto que me digam o que fazer. Não pedi para você arriscar seu precioso nome por mim — está calor demais aqui. Vou até o outro lado e abro a janela. Está quente e úmido lá fora. Fecho-a de novo e fico olhando para a tarde nublada e os carros passando no asfalto rachado.

— Por favor, Beth. Estou com saudade — sua voz está provocante outra vez. — Não vamos brigar por causa disso.

Droga. Estamos brigando. Estou sendo resistente demais. Não quero brigar com ele.

— Não existe um Plano C?

— O Amabile será tão bom para você. Por favor. Venha cantar comigo.

— Vai partir o coração da Terry.

— Se ela se importa com você, ficará feliz — ele tem razão. Mais uma vez.

— Não posso contar a ela por telefone.

Ele suspira.

— Então, fale com ela na terça. Enviarei um e-mail às diretoras do CJA dizendo que você precisa encerrar o compromisso com o Cantoras da Juventude.

— Obrigada — tomo um banho de alívio. — Desculpe. Acho que estou assustada.

— Não fique — para ele é fácil falar. Nunca teve medo na vida.

— Vejo você na sexta então.

Sexta? Vai demorar muito.

— E se eu for até sua casa amanhã à tarde? Não está ocupado aos domingos, está? Não posso conhecer seus pais?

Rápido demais, ele responde:

— Desculpe. Não vai dar

— Você conheceu minha mãe. Ela gostou muito de você.

— É bom saber. Do jeito que você está falando hoje, posso precisar de uma aliada. O que ela acha de você entrar para o Amabile?

Viro de costas para a janela.

— Não disse nada a ela. Até ontem à noite eu não sabia que já estava tudo tão definido. Não queria enchê-la de esperanças por nada — essa é a verdade? Não sei.

Derek não acredita em mim.

— A única indecisa aqui é você. Deixe-me falar com ela.

— Nem pensar.

— Você sairá do coro na terça?

— Claro que sim.

— Então, se comprometa. Conte à sua mãe, senão vou contar.

— Você daria um bom ditador da América Central.

— É muito pouco para mim.

— Dominação global?

— Agora está falando minha língua.

Sento com as pernas cruzadas no meio da cama. Ele me fez sorrir de novo.

— Tem certeza de que não existe um Plano C revolvendo nos recônditos maníacos da sua genialidade?

— Converse comigo on-line. Mande mensagens de texto. Compre um plano de ligações internacionais. Recebi a conta do celular. As chamadas para você acabaram com minha poupança da faculdade.

— Mas você não vai para a faculdade.

— Este ano. Eu não disse que nunca iria.

Meu sorriso se esvai.

— Quer dizer que sacrificarei o meu coro e entrarei no Amabile para poder ficar com você, e você vai embora para longe de mim?

— É mais provável que você vá embora e me deixe.

Uma resposta exasperada escapa de mim.

— Não tenho dinheiro para isso.

— E eu tenho? Com ou sem escola, terei que morar aqui em casa. Neste momento, só quero sobreviver a este outono.

— Você vive dizendo essas coisas. Não entendo. O que há de tão difícil? Tudo que você faz é sentar para compor suas músicas, cantar com o seu coro e mover minhas cordinhas de fantoche.

— Não quero falar sobre isso por telefone.

Você nunca quer.

— Preciso ir.

— Espere um pouco.

— É sério Beth.

— Pare — percebo que finalmente o poder da barganha está do meu lado. — Vamos fazer um trato. Eu deixo meu coro na terça, e você me conta tudo na sexta.

— Por favor, Beth. Não me ponha contra a parede desse jeito. Confie em mim.

O telefone fica mudo.

Euberro palavras que a ex-namorada simpática do Derek não conhece e arremesso o celular para o outro lado do quarto. Ele bate na parede onde fica a cama e cai entre as duas.

Que saco. O que vou fazer se tiver quebrado? Fico de barriga no chão e começo a puxar as tralhas que estão debaixo da cama para poder chegar ao telefone. Quando fiz a limpeza na semana passada, evitei este pedaço do quarto. Na verdade, empurrei mais um monte de roupa suja, revistas e outras porcarias para debaixo da cama.

Lá está minha pasta da Olimpíada de Coros. Eu tinha que entregá-la na semana passada. Sento, cruzo as pernas, abro a pasta e viro as folhas com calma. Sentirei saudade delas. Terry. Leah. A tonta da Sarah. Meus contraltos, que sempre me acompanham. Sentirei falta

até da Meadow. Elas não são mais as meninas do coro que mal falam comigo. São minhas amigas.

Nunca tive amigas antes. As garotas normais da escola jamais teriam qualquer coisa a ver comigo. E as outras rejeitadas — as gordinhas e as mutantes como eu — ficavam sozinhas, cada uma na sua. Burra. Eu sei. Devia ter falado com elas, formado uma poderosa aliança das excluídas e dominado a escola inteira. Será tão difícil entrar na igreja na terça-feira à noite e dizer a elas que entrarei para o Cantoras Jovens do Amabile.

Abro a partitura de *Leve-me para casa* e encontro dois lencinhos do Derek com a marca da rosa que ele me deu entre as páginas do meu solo. Fico de joelhos, encontro a flor amassada na mesinha de cabeceira e cheiro sua doçura, agora mais fraca. Por que não podemos voltar? Passar nossas vidas naquele banco às margens do Lago Genebra, olhando as nuvens flutuarem pelos Alpes do outro lado do lençol azul e macio de água, descobrindo um ao outro.

Aqueles momentos foram mágicos. Quando me lembro, parece que estou assistindo a uma peça de teatro. É outra pessoa que está chorando no peito do Derek, outra pessoa cantando aquele dueto pop excitante com ele, outra pessoa despedindo-se dele com um beijo na frente do ônibus, outra pessoa vendo-o tossir na luz daquela manhã fria enquanto partiríamos.

Ele devia estar com aquela menina do Amabile. Ela conhece as falas, já dominou a arte do palco. Não surtará e destruirá todo o cenário.

Apenas piscará os olhos e assentirá com a cabeça. "Sim, Derek. É claro. Derek. Como quiser Derek"

Ele está apaixonado por ela. No por mim. Sou uma sombra.

Sobras. Faminta e ávida, querendo mais do que ele está preparado para dar. Com medo de dar o que ele quer.

Devia ser fácil. A maioria dos garotos ia simplesmente querer meu corpo e pronto. Usar-me e dar o fora, como meu pai biológico fez com a mamãe. Tudo que Derek quer é cantar comigo. Ele está em um plano de existência totalmente diferente. Se isso tivesse a ver com sexo, seria muito mais fácil.

Mas não é o que ele quer.

Ele quer minha alma.

Capítulo 24

Esquisito

Passo o domingo inteiro estudando as musicas do CJA

Sento na frente do piano e escolho algumas das partes mais complicadas. Quatro peças estão nos CDs mais velhos que carreguei para o iPod, portanto seleciono uma lista de prática e ando pela escola na segunda e na terça com os fones no ouvido. Há um solo fantástico, em uma das peças novas, que eu quero.

Ainda não contei à mamãe o que pretendo fazer. E se ela quiser que eu saia do Cantoras da Juventude? Ela não entende do mundo dos coros jovens. Não se daria conta do tamanho da oportunidade. Quero dizer, poderia participar de um daqueles CDs. Se não fosse tão covarde, cantaria com eles esta noite em vez de dirigir até Ann Arbor de novo. Se não fosse tão medrosa, poderia ver o Derek outra vez. Conversamos um pouco on-line ontem à noite, aí ele teve que sair com um "boa sorte amanhã à noite". Precisarei de mais do que sorte.

—Oi — Scott bate em meu braço ao sentar-se ao meu lado no coro.

— Hoje não, por favor.

Ele põe as duas mãos para cima.

— Nossa, desculpe.

— Não, eu peço desculpas. Tenho que tomar uma decisão importante hoje à noite.

— Não aceite.

— Honestamente, você só pensa nisso? — arrasto-me até a outra ponta da cadeira. — Já pensou que pode existir mais de um tipo de decisão importante em um relacionamento?

— É bom ouvir isso.

— O coro de meninas do Amabile me ofereceu um lugar — por que estou contando ao Scott? — Tenho que falar com a Terry hoje.

— E você não tem certeza?

— Não, eu tenho. É uma oportunidade incrível e...

— Foi ideia do Derek.

— Não.

— Então, por que é uma "decisão importante"?

— Você está distorcendo o que eu disse.

— Não. Você está negando o que disse. Meu Deus... — ele passa as mãos no cabelo. — Não o deixe controlá-la desse jeito. É esquisito.

— Cale a boca. Você não sabe do que está falando — viro o ombro para ele e me concentro na música que vamos cantar.

No caminho para Ann Arbor, as palavras do Scott ressoam nos zumbidos da autoestrada. Esquisito. Sinto um arrepio estranho. Balanço o corpo tentando me livrar dele. Lembro a mim mesma que o trajeto até Ann Arbor leva noventa minutos — quando dou sorte. Londres é bem mais perto. E a paisagem é bonita. Todos aqueles campos e árvores. Quando as folhas caírem no outono, será como dirigir em um cartão postal. Aí chegarei lá e verei o Derek. As sextas vamos cantar juntos metade da noite. Namorar durante o resto do tempo. Isso quase me faz virar o carro e rumar para a ponte que leva ao Canadá. Ele ficaria tão feliz se eu ligasse e marcasse um encontro depois do ensaio do CJA. Poderia cair nos braços dele novamente esta noite. Falo com a Terry na quinta. Não tem problema.

Droga. Já desci um bom pedaço. Acabei de passar pela placa de Windsor. Estou a duas horas de Londres. E o CJA começa cedo. Se eu tentar mudar o curso, acabarei perdendo os dois.

Tenho que me controlar. Só consigo pensar em agarrar o Derek.

Isso parece guiar minhas decisões mais que qualquer outra coisa. Não é fútil demais?

Conseguirei. Engolir a covardia, os receios, a ânsia de enxergar atrás da fachada perfeita do Derek e descobrir o problema que ele se recusa a compartilhar comigo, e silenciar a voz do Scott, que diz:

Ele não a trata como eu, meu amor...

Sua felicidade será plena ao meu lado.

Serei sua salvação no horizonte,

O príncipe que espera ajoelhado.

Seus muros escalarei,

Eos dragões enfrentarei,

Se você ficar aqui, meu amor, comigo.

Ele é esquisito, tão esquisito, fique comigo.

Você é a bela da fera que sou,

Beije-me e o encanto se desfará.

É meia-noite, garota, o baile terminou,

E ao despertar você verá

Qual dos amores para sempre durará.

Ele é esquisito...

Não, não é. Cale a boca, Scott. Você nem sabe cantar.

Entro na prática pronta para contar ao mundo que entrarei no Terry está na frente com um sorriso cintilando e borbulhando de orelha a orelha.

— Que bom, Beth. Não queria fazer este anúncio sem você.

Passo no meio dos contraltos e sento ao lado da Sarah.

—O que está acontecendo?

Ela dá de ombros.

— Muito bem — Terry respira fundo e abana o rosto. Ela está vermelha. Nossa. Talvez ela tenha conhecido um cara. Vai se casar e nos deixar. Apresentará uma nova diretora, à qual não devo nenhuma lealdade. O Cantoras da Juventude acabará sem a Terry. Sorte minha que sairei. — Todas estão prontas?

— Fale logo — Meadow ecoa o que todas estamos pensando.

— Fui até a caixa de correio hoje de manhã e olhem o que encontrei. — Terry balança um envelope creme no ar. — Algum palpite?

— Não! — gritamos.

— Meninas, meninas, lembrem-se, cuidado com a voz — lentamente, ela tira uma carta do envelope e abre. — Querida senhorita Bolton, agradecemos o envio do pedido de subsídio. Nossa comissão está impressionada com o desempenho do Cantoras da

Juventude Bem-Aventurada na competição internacional e tem muito prazer em aprovar sua solicitação.

Subsídio? Oobaaa. Ganharemos novos laços de cabelo. Estou tão feliz por estar saindo.

Terry faz uma pausa, olha para todas nós e continua lendo.

— Gostaríamos muito de ouvir o CD que vocês planejam

CD? Vamos gravar nosso próprio CD?

— O que me dizem, meninas? — ela está olhando diretamente para mim. — Vocês topam?

Como Derek não está on-line quando chego, resolvo telefonar para ele. Não me importa quanto custa. Mas uso a linha fixa. Talvez mamãe não note quando aparecer na conta. E ela gosta dele. Continua falando do Scott, mas gosta do Derek. O bastante para financiar algumas ligações de longa distância internacionais. Temos que adquirir um plano barato.

Derek não atende. Está tarde. Ficamos lá até o final do ensaio. Cantamos todas as nossas preferidas para resolver quais entrarão no CD. *Leve-me para casa*, com certeza. As outras peças da competição. E todas as novas que Terry escolheu para mim este ano.

— Sabem o que seria legal? — Leah começou a sugerir. — Se Beth conseguisse fazer o Derek vir aqui e cantar aquele dueto com ela.

Nós faríamos as vozes de fundo.

Fiquei no mínimo vermelha. Provavelmente roxa.

Terry piscou para mim.

— Posso dar entrada na autorização. Você acha que ele viria?

— Não sei. Ele anda muito ocupado. Perguntarei — sou tão mentirosa. Mas o que eu podia fazer?

Quando entra o correio de voz do Derek, eu desligo. Talvez ele esteja dormindo. Achei que esperaria acordado. Para conversar. Checo a tela do computador novamente. Nada do Derek. Não posso fazer isso por e-mail. Não dá.

Decido então não contar nada até nos encontrarmos. Vou lá na sexta. lnfiltrar-me mais uma noite no ar rarefeito do Amabile.

Chego tarde. Derek está esperando do lado de fora da igreja. Ele me beija rápido demais e me empurra até a porta, com pressa.

— Como foi na terça?

— Depois eu conto.

Não consigo relaxar e deixar-me envolver pela música. Sou uma intrusa. O que estou fazendo aqui? O diretor de barba rala faz um contralto e uma soprano tentarem o solo que cantei na semana passada. Funciona. Eles não precisam de mim.

Derek inclina a cabeça para o meu lado e sussurra:

— Você foi bem melhor.

Balanço a cabeça

Ele olha para cima e acrescenta:

— Nem se compara.

Sua ex canta a próxima canção com um solo. A voz dela é delicada. Não entrecortada pela respiração como a da Meadow, mas feminina e bonita. Fadas cantam assim quando dançam à meia-noite. Mantenho os olhos concentrados na música. Não ouso olhar para o Derek. E se os olhos dele descobrirem meu remorso?

Ele a perdeu por minha causa? Não faz sentido. Poderia tê-la de volta fácil. Talvez, depois desta noite, ele queira isso.

Depois do coro, ele me faz subir na traseira da moto.

— Você a bordo é a melhor forma de garantir minha segurança.

Não tenho como discutir.

Encosto o rosto em suas costas cobertas pela jaqueta de couro e curto a sensação de me segurar nele. Derek atravessa uma ponte e pega uma rua estreita que leva a um parque. É cheio de bordos antigos. Quando ele desliga a moto, ouço barulho de água perto dali.

— Encontrei um novo banco para nós — ele me leva a um banco verde de madeira perto do rio que divide Londres em duas. — Este é o Tâmisa. Não é como o Lago Genebra, mas...

—Adorei.

— Está com fome?

— Não de rosquinhas.

Ele senta e me puxa para o seu lado. Logo estamos em nossas posições de namoro de Lausana. É tão natural. Passo os dedos em seu cabelo escuro e sedoso para tirá-lo dos olhos.

— Está tudo bem? A terça-feira não foi muito traumática?

Ponho minha boca na dele. Preciso disso primeiro. Preciso da segurança de seus lábios nos meus, cada vez mais fortes. Preciso de seus braços, ombros e peito. Preciso me agarrar a ele e beijá-lo. Meu desejo aumenta cada vez mais.

— Calma, calma. Vá devagar — ele encosta o rosto no meu. — Hoje temos todo o tempo que você quiser.

Descanso a cabeça em seu ombro.

— Não está com frio, está? — seus dedos deslizam por meu cabelo.

Usei uma tonelada de condicionador, não tirei tudo ao enxaguar e deixei ondulado. Queria que ficasse macio, para ele. Noto que ele gostou.

— Obrigado, Beth. Eu disse que daria tudo certo — ele me muda de posição, apoiando minha cabeça em seus braços, e se curva para me beijar novamente.

Coloco os dedos em seus lábios.

— Terça-feira. Eu tentei, mas...

Sai tudo de uma vez. Seu corpo enrijece e seus braços se soltam, interrompendo o acalento. Ao menos ele não me derruba no chão.

— Desculpe. Terry não poderia gravar o CD se eu saísse — abraço seu pescoço. — Não me odeie. Por favor.

Ele fica quieto por um longo tempo. Não o solto. Mantenho o rosto em seu pescoço. Fico esperando que ele me jogue na terra, mas isso não acontece.

— Por que você veio hoje?

— Para sentir o gostinho mais uma vez e falar com você cara a cara.

— Demorou a me contar.

— Queria suavizar o choque — ponho os lábios em seu pescoço e mordo sua doçura salgada. — Se não pudermos cantar juntos, talvez...

— Que droga, Beth. Pare com isso — ele me empurra e fica em pé para me fazer parar. Começa a voltar para o lugar onde deixou a moto. — O Plano C não será nada divertido.

Corro atrás dele.

— Não fique zangado. Não pude fazer nada.

— Ficarei com cara de idiota diante de toda a organização Amabile.

— Eles não precisam de mim.

Ele para e vira para o meu lado.

— Você está certa. Eles permitiram sua entrada porque eu preciso de você.

— Por quê, Derek? Ela é linda. E ainda o ama, tenho certeza. Por que você está comigo?

Sons de asas batendo e grasnidos vêm da direção do rio. Ele olha para lá, e não para mim.

— Ela me conhece bem demais.

— E eu sou especial porque não o conheço? — odeio isso.

Odeio. Odeio.

— Você me vê de um jeito que ela nunca veria — volta a olhar para mim. — Quero ser quem você pensa que sou. Quando estamos juntos, quase acredito que é real.

Estendo a mão para segurar a dele.

— Quero ficar com a pessoa que você é.

— Não, não quer — aperta minha mão, solta-a e volta a caminhar na direção da moto.

— Por que não, Derek? — grito atrás dele. — Fui paciente esse tempo todo. Você tem que me dizer o motivo.

Ele continua andando.

— Não era esse o trato.

Vou atrás novamente.

— Eu que devia estar zangada — alcanço-o, agarro seu braço e puxo-o para que ele olhe para mim. — Esta sou eu na realidade. Uma fera furiosa. Pode perguntar a qualquer um.

— Isso é um monte de besteira que você diz a si mesma para não ter que se esforçar.

— Estou tentando. Estou me esforçando muito, mas você tem que se esforçar também. Eu vi seus braços, Derek. Em Lausana. Aquelas pílulas que você vive engolindo. Nós dois sabemos que não são vitaminas. O que são?

— Você não entenderia.

— Elas o ajudam a escrever? As drogas? É daí que vem sua música?

— Minha música? Você acha que preciso me drogar para escrever? Como você é insensível.

— Então, por que faz isso?

— O quê? Usar drogas?

— É. Seja lá o que for que você cheira, engole, inala ou injeta.

— Eu não uso drogas.

Quero acreditar no Derek que está em minha frente. Não quero ouvir o Blake dizendo que ele é viciado. Não quero vê-lo engolindo pílulas. Não quero tocar nas marcas de picada em seus braços.

— Não sou cega.

— Pare com essa bobagem. Por acaso eu tenho a aparência de um usuário do submundo que vive fritando o cérebro?

— Aparência? — eu sei o quanto isso pode ser falso. Vejo toda vez que passo por um espelho. — Você é um gênio, Derek. Você me faria ver o que quisesse.

Ele recua como se eu tivesse dado um soco em seu estômago, vira as costas para mim e sobe na moto. Pisa no pedal de partida como se estivesse matando alguma coisa Sento atrás dele. Ele acelera o motor e decola. Seguro-me com mais força do que deveria. Chegamos ao meu carro rápido demais. Ele para, e não desce para me ajudar ou dar um beijo de despedida.

Desço da moto.

— Eu ligo para você — ele arranca veloz para dentro da noite.

Dirijo para casa devagar e com cuidado, imaginando o corpo do Derek dilacerado sob aquela moto estúpida o caminho inteiro.

Capítulo 25

Reprise

Ele não telefona.

Duas semanas. Nada. Se terminamos, ele devia pelo menos me dizer. Eu resisto a ligar para ele. Praticamente um pedido para ser deixada. Ele não está mais on-line. Acho que está me bloqueando. Está com ela de novo, eu sei. Estão juntos e falando sobre mim. Rindo. Aquela canção que comecei ganha mais uma estrofe.

Não leve nosso amor embora.

Não desapareça deixando-me tanta dor

O que posso dizer agora?

Mais uma vez? Posso ser seu amor?

Á única garota que o agrada...

Você disse, não precisa de mais nada.

Não destrua nosso romance.

Por favor dê-me mais uma chance.

Não combina nem um pouco com o outro refrão. Preciso fazer uma fogueira. Meu olhar pousa na rosa do Derek em cima da escrivaninha. Não. Não vou queimá-la. Nunca vou queimá-la. Mas todas essas letras horríveis e estúpidas, essas porcarias que rabisquei em pedaços de papel e capas de cadernos... está na hora da incineração.

Scott continua flertando comigo na escola. Meu coração está partindo, e ele não diminui a pressão. Não contei a ele que meu coração está partindo, é claro. Sem dúvida, ele tiraria proveito da situação. Pirralho. Ele é legal com todos na escola, menos comigo. Outro dia ele estava conversando com um garoto que tinha jeito de nerd e parecia familiar.

— Vejo você na prática então — o garoto saiu andando pelo corredor.

— Quem era? — vejo-o desaparecer no meio da multidão, tentando descobrir quem ele me lembra.

— Não o reconhece vestido?

— Aquele menino era a oferenda? — tenho pavor só de pensar naquela manhã terrível. — Por que estava conversando com ele?

Scott enfia as mãos nos bolsos e encolhe os ombros.

— Eu o ajudei a entrar no Campeonato de Perguntas e Respostas. Ele é mais inteligente do que parece.

— Obrigada por nos salvar na última primavera — encosto-me em meu armário e olho bem para o Scott. — Quem mais você resgatou?

Suas orelhas ficam vermelhas.

— Queria que você me deixasse resgatá-la de novo.

— Por quê? A escola está bem melhor este ano sem os Cavaleiros — como em um transe, meus olhos seguem os movimentos fluidos de seus músculos quando ele ergue o braço para pegar um texto na última prateleira do armário.

Ele vira a cabeça e percebe que estou olhando. Seus olhos azuis capturam os meus e não soltam mais.

— Mesmo assim você precisa ser salva.

Viro para o lado.

— Derek não é o Colby — jogo o caderno no fundo do armário.

— Ele é pior — Scott segura meu cotovelo e me faz girar para o lado dele. — Ele vai magoá-la muito mais que o Colby. Não deixe...

— Cale a boca — puxo o braço e bato a porta do armário. — Você não sabe de nada — saio muito irritada.

Quem estou enganando? Scott sabe sim. Ele vê a dor que estou sentindo. Ele vê tudo. Como aquele garoto, a oferenda. Tudo o que vi foi um instrumento do Colby. Scott viu uma pessoa. E cuidou para que essa alma infeliz e humilhada encontrasse uma forma de sarar.

Foi uma atitude muito bonita. Linda, eu diria. Lembro-me de quando dancei com ele no baile. Seu rosto em meu peito. Ele empurrando o Colby para me proteger. Nosso beijo na varanda de casa. Como me senti bem quando finalmente me dei conta de que ele queria aquele beijo. A expressão em seu rosto quando contei a ele sobre o Derek.

Derek. Estou comprometida com ele. Eu o amo. Não estou preparada para desistir dele. Ele vai curar meu coração. Não preciso do Scott. Derek voltará? Não. Seja positiva. Ele voltará.

Na segunda-feira, depois da aula, subo na calçada para entrar na garagem e Derek para a moto atrás de mim.

Saio do carro e pulo em cima dele antes que ele consiga tirar o capacete. Ele também demonstra estar com saudade.

— Você me assustou.

Ele beija minha orelha e sussurra:

— Desculpe.

Beijo sua bochecha.

— Nunca mais faça isso.

— Tive que viajar.

— Para uma terra sem telefone e internet?

Ele faz que sim, e estou tão ansiosa para sentir seus lábios de que acredito em cada palavra.

— Achei que tinha estragado tudo.

— É melhor sairmos da rua.

Levo-o para dentro de casa.

Ainda estamos nos agarrando, um nos braços do outro no sofá da sala, quando a mamãe estaciona o carro. Levanto e corro para falar com ela, ofegante e zonza.

— Derek está aqui. Ele pode ficar?

— Passar a noite? — desta vez ela fica nervosa com isso.

— Para o jantar?

— É claro.

Derek e eu embromamos um pouco preparando o jantar na cozinha enquanto a mamãe assistia ao noticiário. Ele está brincalhão e carinhoso, e faz um macarrão muito bom. Nenhum dos dois fala muito. Palavras são perigosas. Estou tão feliz em vê-lo aqui que não me importo com mais nada.

Depois do jantar ele vai até o piano. A pasta do Amabile está no banco. Ele a põe de lado e olha para mim.

— Eu queria. Juro que queria.

Ele assente com a cabeça. Senta e começa a tocar. Seus dedos acariciam as teclas e uma melodia delicada emerge. Já ouvi esta música antes. Afundo no sofá, fecho os olhos e me lembro dele cantarolando-a para mim em nosso banco em Lausana. Desta vez ele não para na metade. É completa, rica e maravilhosa.

— Você terminou de escrevê-la.

Mamãe está parada na cozinha com um prato sujo na mão.

— É uma música encantadora. Não a conheço.

Derek levanta do piano.

— É só uma coisa em que ando trabalhando.

— É muito bonita.

— Obrigado — ele olha para mim com um ar pensativo. — Só falta a letra.

— Derek compõe e arranja peças para o coro dele.

— Tem alguma coisa que o Derek não faz? — mamãe olha dele para mim e novamente para ele. Põe aquele último prato na lava-louça e vai para o escritório. — Comportem-se — avisa no final do corredor.

Ligamos a TV, encontramos um filme antigo, tentamos assistir, desistimos e voltamos aos beijos até minha mãe nos interromper.

— Tem escola amanhã, Beth.

— Está bem.

Acompanho o Derek até a moto.

— Por que você voltou?

— Nunca a deixei, Beth — ele me abraça. — É sério. Eu ia ligar no dia seguinte. — Suas palavras parecem gritar que são sinceras.

Eu acredito. Não devia, mas há amor demais em sua voz para que a dúvida sobreviva.

— Então — eu expiro —, o que faremos agora?

— Não sei quando posso fugir para cá de novo. Temos uns trabalhos legais nos próximos dias. Talvez você possa assistir a alguns — ele acaricia meu rosto.

Claro que estarei lá. Vou concordando com a cabeça enquanto ele fala, mas então me lembro.

— Droga. Temos gravação nos dois próximos fins de semana.

— Acho que teremos que nos contentar com os encontros on-line — seus lábios pressionam minha têmpora. — Obrigado por hoje. Você não sabe como eu precisava vê-la.

—Eu também.

— Não acredito que você não me mandou cair fora.

— Nem eu.

Derek me beija e eu me agarro a ele. Quando vou vê-lo novamente? Não consigo me separar de seus lábios. Enlouqueço mordendo sua boca e sugando seus lábios e sua língua, ávida e arrebatada. Aperto meu corpo ao dele.

Ele geme, segura meus braços e me balança.

— Você sabe o que está fazendo comigo?

Prendo sua boca outra vez.

Ele me puxa com força. Seus beijos ficam mais intensos e opressivos. Meus braços doem onde ele está segurando. O que aconteceu com meu namorado gentil?

Eu devia detê-lo, dizer que está me machucando, mas não faço nada disso. Estou mole, completamente dominada. Ele me assusta, selvagem desse jeito. Sempre foi tão delicado, tão cuidadoso. Mas estou adorando isso também. Não quero que ele pare. Minha fera se solta da coleira. Fico tão feroz quanto ele. Droga. Por que minha mãe está em casa?

Ela acende a luz da varanda.

A cabeça do Derek se afasta do meu pescoço com um solavanco.

Ele me empurra. Eu cambaleio e consigo me equilibrar.

Terei marcas nos braços de manhã, O pescoço dele estará todo vermelho. A respiração dos dois está acelerada.

Ele tosse ao subir na moto. Sequer olha para mim.

O que foi que eu fiz?

Estamos perdendo o controle?

Eu sou a Fera.

Ele liga a moto com um pisão e vai embora. Sem tchau. Sem até mais.

Sem amo você.

De repente, a noite amena de outubro ficou amargamente fria.

Protejo-me bem com a jaqueta, caminho devagar até a varanda, subo os degraus e empurro a porta da frente.

Mamãe está me esperando na sala.

— Precisamos conversar, Beth.

— Agora não — estou esgotada, mãe. Por favor. Subo a escada para o meu quarto e caio de cara na cama.

Ela me segue, senta na beirada da cama e faz carinho em meu cabelo.

— Estou preocupada com você.

Não estou com a menor disposição para essa conversa.

— O Derek me lembra tanto seu pai.

Viro o rosto com a rapidez de uma chicotada e olho indignada

— Como você pode dizer isso?

— É verdade.

Ela está me dando arrepios.

— Derek não é como ele — estremeço com essa ideia. — Derek é perfeito.

— Eu pensava que seu pai era perfeito.

— Mas você estava errada. Eu não estou. Vá embora puxo um travesseiro para cima da cabeça.

— Não — ela tira meu travesseiro e o abraça, como se precisasse de um apoio. — Ouça, estou vendo que seu relacionamento está ficando mais sério. Que vocês podem estar pensando em...

— Não quero falar sobre isso.

— Nem eu.

— Você não é muito entendida no assunto.

— Acho que mereço ouvir isso. Devíamos ter tido essa conversa há muito tempo.

— Devíamos ter conversado sobre muitas coisas — mas não conversamos. Eu nunca quis aborrecê-la. Ela sempre me pareceu tão frágil.

— Linda e eu éramos grandes amigas no final do primário e no ensino médio. Seu pai era dois anos mais velho que nós. Sempre me senti atraída por ele. Ele era tão interessante... cabelo comprido,

guitarra, tão irresistível quanto o Derek, cada um ao seu modo. Muitas garotas. Ele tinha fama de conseguir o que quisesse, quando quisesse.

— E você gostava disso?

— Eu sabia que ele não tinha juízo, mas isso o deixava ainda mais atraente. Eu, como você pode imaginar, não tinha nada de rebelde. Ele nem sabia que eu existia. Eu ficava na casa da Linda o máximo que podia só para vê-lo, nem que fosse de relance.

Não sei aonde ela pretende chegar. Não tem nada a ver comigo e com o Derek.

— No verão depois da nossa formatura, ele estava em casa, de férias da faculdade. Entediado, eu acho. Linda e eu estávamos no quintal tomando sol um dia. Entrei para beber água e ele me viu. Eu estava usando um biquíni novo. "Olhem só quem cresceu". Acho que ele nem se lembrava do meu nome. "Você ainda é louca por mim?"

— Ele sabia que você gostava dele?

— Linda deve ter contado. Fiquei vermelha. Ele estendeu a mão e, quando me dei conta, estávamos nos agarrando no quarto dele. Ele tirou meu biquíni antes que eu entendesse o que estava acontecendo.

— Não quero ouvir isso.

— Daquela primeira vez, só me lembro da dor que senti e do quanto sangrei...

— Não queria mesmo ouvir isso.

— Então, ele a estuprou? — como ela pode achar que ele tem alguma semelhança com meu Derek?

— Não. Aproveitou-se de mim? Sim. Mas eu não tentei impedi-lo.

— Você engravidou dessa única vez? — o casamento inteiro era só uma lenda?

Ela olha para baixo, para o travesseiro.

—Não.

— Você voltou?

— Durante todo o verão. Existe um lado emocional que anda de mãos dadas com o físico. Ele disse que me amava, e eu...

— Sentia um desejo insaciável por ele?

— Achei que você entenderia essa parte. É assim que você se sente em relação ao Derek, não é?

Faço que sim. Estou começando a perceber aonde ela quer chegar. Derek não é como meu pai. Eu sou como ela. Agora preciso do resto da história.

— O que aconteceu? Depois do verão?

— Ele voltou para a faculdade, e eu descobri que estava grávida. Liguei para contar, e ele me deu o endereço de uma clínica de aborto.

Eu não podia fazer isso. Não com meu bebê. O Nosso bebê. Eu ainda o amava.

— O que você fez?

— Fiquei desesperada e contei aos meus pais. Eles contaram aos pais dele, que o obrigaram a se casar comigo.

—E aí eu nasci, e ele me odiou — entra *a filha muito feia.*

— Ele não tinha amor por você. Não tinha amor por mim. Estava totalmente consumido por si mesmo.

— Derek não é assim.

— Tem certeza? Eu não sei se gosto do que está acontecendo com você e ele.

Ela enxerga bem mais do que eu pensava. Não quero discutir isso com ela. Mantenho-a na defensiva.

— Quantos anos eu tinha quando meu pai nos abandonou?

Ela afofa o travesseiro, vira e o ajeita delicadamente em minha cama.

— Ele não nos abandonou — tira meu cabelo da testa e engole em seco. — Nós o deixamos.

—O quê? — acho que não ouvi direito. — Sempre pensei que...

—Você era um bebê tão lindo. Tão doce. Tão meigo. Um anjinho em meus braços. Não podia criá-la naquele ambiente. Tentei, passei

por cima de muita coisa. Era apaixonada por ele. Finalmente percebi que só tínhamos uma opção. Voltei para casa, fui para a faculdade e...

— Aqui estamos — uma parte de mim está de cabeça para baixo e em movimento. Essa mudança repentina me deixou meio tonta.

Ela faz que sim.

Observo seu rosto e finalmente vejo quem ela é.

— Amo você, mãe — abraço-a. — Obrigada por me fazer escutar — lágrimas pingam dos meus olhos. Eu sempre achei que ela era fraca, mas ela é forte. Mais forte do que eu sonhava. Tenho que reescrever uma música antiga que fiz sobre eles. Tomá-la verdadeira.

Agora vá embora.

Fuja deste inferno no tapete mágico.

Voe pela noite,

Construa um lugar onde cresceremos juntas.

Simplesmente vá embora.

Mantenha sua linda filha longe,

Bem longe do alcance dele.

Ele não é o homem que queríamos

Amar

Vá embora.

Capítulo 26

Anotações

Os dois meses seguintes são uma loucura.

Começamos a gravar o CD.

Leva uma eternidade. Sempre que Derek me convida para uma apresentação, tenho mais uma sessão de gravação. Conseguimos nos encontrar apenas uma vez. Continuamos conectados on-line, mas há períodos em que ele some, às vezes por alguns dias, às vezes por mais de uma semana.

Não pergunto mais. Tudo está tão delicado no momento. Não quero irritá-lo. Não posso correr o risco de perdê-lo. Decidi que não quero saber. Fecharei os olhos e saborearei o que ele me oferece. Não é suficiente. Talvez um dia encontremos uma forma de tirar mais um do outro. Conforme as semanas passam, fico cada vez mais grata por cada sussurro no telefone, cada linha que ele escreve, cada segundo roubado que temos.

Não sei por que tem que ser roubado e do que estou roubando-o.

Nosso único encontro foi aqui. Ele não me deixa ir à sua casa. Ainda não conheço seus pais.

Uma noite on-line ele me pega de surpresa.

Derek: o que acha de passar um fim de semana inteiro comigo em Toronto?

Beth: de repente não é mais errado?

Derek: eu sabia que você levaria para esse lado

Beth: não tem a ver com sexo?

Derek: pare com essas besteiras

Beth: só se você me disser como saberá quando finalmente for a hora certa

Derek: fácil.., minha mãe diz que só é certo depois do casamento

Beth: você é bem crescidinho... Não tem que fazer o que a mamãe diz

Derek: você não conhece minha mãe

E por que será?, pergunto à tela. Não digito, contudo. Queixas só o fazem desaparecer.

Beth: então está me pedindo para fugir e casar com você em Toronto? Vou checar minha agenda

Derek: quem sabe da próxima vez... Agora estou pedindo para você cantar comigo de novo

Já estou morrendo de calor. Cantar com ele é uma emoção tão grande... Mas como farei isso? Olho para a tela, imaginando-me no palco com ele novamente, deixando nossa paixão preencher a música. Tenho tanta coisa reprimida dentro de mim. Isso precisa ser liberado de alguma maneira. Mas eu estraguei tudo. Derek não me contou os detalhes, mas eu sei que as diretoras do CJA ficaram zangadas.

Beth: não posso mais aparecer na frente do Ama bile

Derek: são só os rapazes... Todos eles ainda acham que você é a deusa

Beth: eu e todos esses homens?

Derek: você e EU e todos esses homens... No sábado temos a estreia de um filme no centro de TO, e domingo vamos estar ao vivo na rádio CBC

Ele ficou louco se acha que posso fazer isso.

Beth: e você quer que eu vá atrapalhar?

Derek: fiz os arranjos da "Canção da Beth" como um dueto com fundo de tenores e baixos... Quero que você escreva a letra e venha cantar comigo

Beth: não posso escrever uma letra à altura daquela música

Derek: não seja boba

Beth: escreva você

Derek: já fiz minha parte... é sua vez a digitar.

Não posso. Não posso. De jeito nenhum. Não posso. Não estou mais com calor. De repente fiquei com muito frio. Congelando. Começo

Beth: tenho provas na escola e um projeto grande para entregar... O concerto de lançamento do nosso CD está chegando.

Derek: isso é importante

Beth: não posso... Até hoje só escrevi coisas pequenas... fragmentos... e a maior parte é horrível e enjoativa

Derek: faça um esforço... Está desperdiçando seu talento

Só porque ele consegue escrever, não significa que eu consiga. Ele diz que a música flui de dentro dele. Eu tenho que espremer cada palavra. E ainda assim não fica bom.

Beth: que talento? Eu arruinaria sua canção

Derek: que nada... você tem bastante tempo... Se ficar ruim, eu falo e tenta de novo

Beth: nossa, que divertido

Derek: é assim que funciona... Não me lembro da data, mas é depois do Dia de Ação de Graças... O segundo fim de semana de dezembro, eu acho

Estou aliviada? Desapontada? Uma mistura de sentimentos agita em uma confusão encapelada.

Beth: nosso concerto é bem nessa data... Vamos repeti-lo no concerto de Natal

Derek: que chato... Você fez de propósito

Tenho que ceder em alguma coisa. Abro o calendário. Domingo está totalmente livre.

Beth: e se eu pegar o trem para Toronto no domingo e assistir à sua transmissão na rádio? Seria legal

Derek: venha no domingo e cante comigo

Beth: por favor, deixe-me ficar escondida na plateia... Adoraria ser sua tiete

Derek: NÃO... Vou mandar a música por email

Beth: não posso

Ele ignora essa última mensagem, tenho certeza. Depois de três minutos há um e-mail na minha caixa de entrada com um anexo.

Clico em responder e digito: *"Não existe a menor possibilidade de isso acontecer".*

Está tarde. Fui derrotada, e essa hiperconfiança que ele tem em mim me irrita. Acho que seria legal, ele e eu cantando no rádio uma música que nós escrevemos. O que eu não daria para poder fazer isso. Mas essa canção é bonita demais, significa muito. Minhas palavras soariam como batidas metálicas contra a música dele. Eu Não tenho

beleza dentro de mim, como ele. Sou a Fera. Feia. É só isso que sei escrever.

Desde aquela noite em que disse a ele que não podia sair do Cantoras da Juventude e nós brigamos no parque, tenho sido paciente e compreensiva. Droga. Ainda nem conheci a mãe dele. E ele sempre sai impune. Tudo é exatamente como ele quer. Ele não me obrigará a fazer isso.

Na manhã seguinte, recebo uma mensagem de texto do Derek no caminho para deixar a mochila no armário: *tente 2 linhas*

Jogo a bolsa dentro do armário.

— Que saco — digito: "*O linhas*" e aperto o botão "*Enviar*".

Scott chega a tempo de presenciar a cena.

— Não gosto da forma como ele a trata.

— Não é da sua conta.

— Tenho que vê-la assim todo dia.

— Assim como? — viro a cabeça na hora e olho furiosa para ele. —. Estou bem.

Ele franze as sobrancelhas e se apoia no armário.

— Irritada. Nervosa. Isolada... Até de mim.

Olho para ele de cara feia.

— Estou muito feliz com o Derek.

— Loucamente feliz. Estou vendo — Scott cruza os braços.

— Quando estamos juntos...

— Não parece acontecer muita coisa — chega mais perto de mim. — O que esse cara tem?

Nós dois andamos muito ocupados.

— É uma pena. Talvez você devesse procurar mais perto de casa.

— Você adoraria, não é?

Scott fica surpreso. Faz semanas que não dou uma abertura dessas para ele. Aproxima-se.

— Ficaríamos juntos sempre que quiséssemos. Na escola e depois. Nos fins de semana — seus olhos azuis escuros ficam intensos.

— Você só tem que me dar uma chance.

— Estou cheia de coisas para fazer. Meu coro e o CD. Sem falar em todas essas matérias que peguei este ano para conseguir créditos para a faculdade.

— Nós estudamos bem juntos. Você não sente falta? Não posso mentir. Sinto falta.

— E se eu for à sua casa hoje à tarde e nós estudarmos para a prova de economia da quinta-feira?

— Não sei se é uma boa ideia.

— Por que, Beth? Ele não é seu dono. Você não é um fantoche.

Exatamente.

— É só para estudar?

— Como nos velhos tempos.

— Sabe, Scottie — meu jeito antigo de chamá-lo escorrega da boca facilmente. — Seria legal. Tenho sentido sua falta.

— Estou aqui. Todos os dias. Estou aqui.

O sinal toca e vamos para aulas diferentes. É bom ter o Scott agindo como amigo novamente. Estou até ansiosa para vê-lo no coro hoje. E ele é muito melhor que eu em economia. Sua ajuda cairá bem.

Meu celular vibra quando estou sentando. Derek.

"1 linha"

Digito "*Não sou seu fantoche"* cuidadosamente, com todas as letras, e envio para ele.

Depois da aula, Scott e eu vamos até meu carro juntos.

— Como está indo seu projeto de história? — pergunto para quebrar o silêncio enervante.

— Está mais ou menos. É um projeto meio bobo.

Temos que fazer uma pesquisa sobre como a política ou os governos foram influenciados pela arte ou vice-versa.

— Gostei. Estou pesquisando a influência do jazz na política durante a Grande Depressão.

Scott abre a porta para mim.

— Empaquei na arte soviética da era stalinista — fecha a porta e dá a volta para sentar no banco do passageiro.

— A arte stalinista parece ser interessante ajusto o espelho enquanto ele se ajeita. — Você podia relacioná-la com a propaganda comunista.

— Chato. Não é justo. Você ficou com a música, e é especialista no assunto.

— Em jazz? — ligo o motor da Jeannette e dou marcha a ré. Está brincando? Eu canto músicas de coro.

Ele ri.

— Algumas lembram bastante o jazz.

Um spiritual gospel não é jazz — saio do estacionamento.

Quer trocar pelo meu tema?

— Não, de jeito nenhum.

— Encerro minhas alegações.

Quando paramos o carro na frente de casa, que droga, Derek está sentado na moto, na calçada. Scott me lança um olhar acusador.

— Eu Não sabia que ele estaria aqui. Não quero...

— Esfregar em minha cara?

Derek abre a minha porta antes que eu possa responder, me puxa para fora e me beija.

Scott sai do carro rapidamente.

— Ainda vamos estudar? — está com a mochila na mão e parece ponto para dar o fora.

Contorço-me para olhar para o Scott. Derek não tira os braços demim.

— É claro — dou uma palmadinha no braço do Derek. — Scott e eu temos um exame importante de economia e precisamos fazer uma revisão geral.

Scott olha de cara feia para o Derek.

— Você é bom em economia?

— Não. Deve ser por isso que estou sempre sem dinheiro — me aperta. — Se você está ocupada, vou embora.

—Não.

Scott fica desanimado. Que ótimo. Posso passar as próximas três horas estudando com o Scott ou namorando o Derek. E os dois sabem disso.

Derek põe a mão dentro da jaqueta.

—Só vim deixar isso — tira algumas páginas em branco dobra ao meio. — Não tenho que ficar — olha de mim para o Scott. — Não quero atrapalhar.

Ele está entendendo tudo errado.

— Que besteira. Vamos apenas estudar — entro na frente. — Venha, Scott. Estamos perdendo tempo.

Espalhamos nossos livros e anotações na mesa da cozinha e começamos a trabalhar.

Derek vai para a sala e senta no piano. Brinca um pouco, improvisando um jazz, algo lento e sedutor que dificulta incrivelmente a minha concentração no material de economia.

Scott desvia o olhar de suas anotações.

—*Jazz?* Que coincidência...

Fico vermelha e vou para o final do capítulo, à procura de questões de revisão.

— Faça essas perguntas para mim.

Derek continua tocando. Depois de um tempo, vem para a cozinha.

— A que hora sua mãe chega hoje? — olha para o relógio.

— Ela vem mais tarde porque tem uma reunião.

Derek abre o armário embaixo do fogão e pega uma panela alta.

— Que tal uma massa então?

Provavelmente Scott não está gostando de ver o Derek tão à vontade em minha cozinha.

— Claro — viro para o Scott. — Quer ficar? O macarrão do Derek é muito bom.

Derek põe a panela na pia e abre a torneira.

— O segredo é cozinhar a massa ai dente e terminar o cozimento com o molho, para pegar bem o sabor.

— Não — Scott me encara com raiva. — Minha mãe está me esperando.

— Ele não vai envenená-lo, eu prometo.

Derek ri.

— Então, o que farei com toda essa cicuta que já piquei?

— Você — aponto para o Derek. — Cale-se e nos deixe estudar.

Scott e eu nos esforçamos por mais meia hora, tentando decifrar as anotações das aulas com o Derek cantarolando e cortando e fritando atrás de nós.

— Esta é uma verdadeira obra-prima da culinária — Derek anda em volta da bancada central com um prato de macarrão fumegante em cada mão. — Tem certeza de que não quer um pouco, Scott?

— Acho que é melhor eu ir embora.

Derek põe os pratos na outra ponta da mesa.

— É, acho que é melhor.

Scott fecha o livro com uma pancada e apanha as anotações e a mochila.

Olho para o Derek.

— Ainda não terminamos.

Scott empurra as coisas para dentro da bolsa.

— Vejo você na escola — ele não olha para mim.

Acompanho-o até a porta.

— Obrigada. Podíamos continuar na quarta-feira. Amanhã tenho coro.

Seus olhos estão cheios de mágoa.

— Você quer?

— Não consigo entender aquelas coisas do Capítulo Seis.

A dor em seus olhos diminui.

— Tudo bem — abaixa a voz. — Em minha casa?

— Claro.

Derek está sentado, olhando para o vapor que sobe do macarrão.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Isso o quê?

— As aulas particulares.

Pego uma boa garfada de macarrão e mastigo.

— Ao menos agora eu sei por que você diz que está ocupada demais para trabalhar nisso comigo — ele coloca as folhas de papel dobradas na mesa, entre nós.

Eu engulo.

— A escola está muito difícil este semestre. E economia é a pior matéria para mim.

— Você parecia estar gostando de economia com o Scott.

— Por que você foi tão desagradável com ele? Achei que gostasse do Scott, ou ao menos de saber que tenho um amigo tão bom.

— Pensei que você era sincera comigo. Agindo pelas minhas costas? Essa não é você.

— Tenho que pedir uma pré-aprovação dos meus planos de estudo para você?

Ele bufa.

—Estudo?

— Só fizemos isso — ponho o garfo na mesa e olho nervosa para o prato de macarrão.

Derek inclina o corpo para se aproximar.

— E o que você fez na noite passada e na outra, quando eu não estava aqui?

— Que comentário maldoso — viro o rosto, vejo a tempestade em seus olhos e dou início à minha também. — Não sou eu que o mantenho distante. Não sou eu que nunca posso me encontrar com você. Não sou eu que não levo a namorada para minha casa para conhecer meus pais. Não sou eu que desapareço da face da terra durante vários dias sem dar explicações. Não sou eu que invento planos malucos e impossíveis. Não sou eu...

— Desculpe. Pensei que fosse — põe o garfo na mesa e pega os papéis. — Vou parar de incomodá-la — levanta e olha em volta procurando a jaqueta.

— O que acha que está fazendo?

— Saindo do seu caminho. Ligue para o Scott e diga que me largou e que vocês podem terminar o que realmente planejavam fazer — seu rosto vai de zangado até um garotinho sincero e desolado. Bela atuação.

— Nada disso — olho para ele furiosa. — Você não vai se livrar de mim tão fácil. Sente aí e coma.

Ele obedece.

Damos outra garfada no macarrão e mastigamos.

Ele engole primeiro.

—Está muito claro. Você está infeliz comigo.

— Não é verdade.

Ele estica o braço por cima da mesa e toca minha bochecha.

— Esse não é um rosto feliz, Beth.

Seguro sua mão encostada em meu rosto.

— Se você apenas...

— Provavelmente vai piorar antes de melhorar — ele sai da cadeira e se agacha perto da minha.

Olho para seus olhos profundos e angustiados e vejo a preocupação espalhada em sua fronte.

— Vai melhorar?

— Talvez. Sem garantias — ele fica em pé. — Vá ser feliz com o Scott, e eu desapareço.

Também me levanto.

— Não se atreva — coloco as duas mãos em seu peito. — Eu não saberia viver se você me deixasse.

— Não. Não diga isso — ele segura minhas mãos. As dele estão frias. — Não posso ter essa responsabilidade.

— Tarde demais — aproximo-me de seus lábios trêmulos. — você não tem saída — ele me deixa beijá-lo. — Prefiro ser infeliz namorando você do que feliz com qualquer outra pessoa.

Neste momento ele me devora. Que bom que a mamãe mantém o chão da cozinha tão limpo, porque não chegamos ao sofá. Caímos, rolamos e nos perdemos em lábios como em Lausana, durante o concerto.

Sento-me e tiro a blusa de frio, ficando apenas com uma de mangas. Hoje não coloquei sutiã. Ele não tira os olhos. Depois me puxa e me deita novamente ao seu lado. Encontro seus lábios e ponho as pernas em volta dele. Ele me beija também, morde meu ombro descoberto, desliza as mãos por minhas costas. Seus lábios vão parar no meu pescoço e descem. Ele aperta o rosto ao meu peito. Quero sentir a pele dele. Preciso pôr os lábios em seu corpo. Abro o zíper de sua blusa de moletom e estou prestes a tirar sua camiseta.

Ele agarra meus pulsos.

— Não faça isso.

Luto para soltar minhas mãos. Ele me distrai, beijando meus lábios de novo. Paro de lutar. Ele relaxa as mãos, mas não chega a soltar. Estamos presos um ao outro. Rolo para ficar deitada de costas e trago-o junto, para que ele fique por cima. Estico os braços, ainda presos aos dele, para cima da minha cabeça, e enlouqueço beijando-o.. Ele solta meus pulsos, corre as mãos por meus braços...

Seguro a parte de trás de sua camiseta, rápido, e puxo com força.

Ele se solta com um movimento brusco e se afasta de mim.

— Que droga, Beth — abaixa a camiseta, mas eu vejo o Band-Aid em sua barriga, no mesmo lugar que estava em Lausana. — Eu disse não.

Fico no chão, atordoada. Uma tristeza gelada me invade, transformando em uma dor forte aquela paixão feroz que pulsava em mim.

Que droga, Beth.

Que droga, Beth.

Que droga, Beth.

Logo Derek está em cima de mim novamente, mas não é a mesma pessoa agora. Seus beijos são profundos demais, fora de controle. Ele pressiona o corpo contra o meu, com muita força, comprimindo-me no chão duro de ladrilhos. Fico apavorada e tento empurrá-lo. Ele resiste e me subjuga.

Eu grito:

— Você está me machucando, Derek!

Ele geme e rola para o lado.

— Que droga, Beth. Não quero machucá-la — segura o cabelo e parece engasgar. — Não quero machucá-la, mas...

Levanto com pressa e recolho minha blusa de moletom. Corro para o outro lado da cozinha e viro, segurando a blusa como um escudo. Meu outro braço está esticado e a mão erguida, para repeli-lo. Estou tremendo, amedrontada. *Que droga, Beth. Que droga, Beth.* Só ouço isso. Ele está dizendo outra coisa, mas não penetra meus ouvidos.

Não é exatamente isso que eu quero? O que sonhei? O que implorei a ele? Por que estou reagindo assim? Quero que o calor reapareça, mas está congelado em forma de adaga, cortando-me por dentro.

— Vá embora, Derek.

— Que droga, Beth. Não podemos deixar como está — começa a tossir.

Subo a escada correndo para meu quarto, tranco a porta e encosto atrás dela. Imagino que ele virá atrás e bater, sabendo que vou deixá-lo entrar, lembrando que o amo, confirmando que é isso que eu quero. Ele será carinhoso. Será doce. Não me machucará.

Vai me contar tudo depois disso. Compartilharemos tudo.

Espero e espero.

Nada de passos na escada.

Nada de batidas gentis na porta.

Nenhuma voz sussurrando que me ama, me quer e precisa de mim.

Apenas o rangido da porta da cozinha e o som brutal da moto rasgando o silêncio da noite.

Capítulo 27

Tratamento?

Odeio minha mãe por me contar toda aquela sujeira sobre meu pai.

Odeio meu pai por me chamar de muito feia.

Odeio o Derek.

Odeio música.

Odeio cantar.

Odeio macarrão.

Odeio Lausana e o Lago Genebra e os bancos de pedra.

Odeio o Scott.

Odeio especialmente a aula de economia avançada.

Caio no sono antes de terminar a lista. Antes de chegar à única pessoa que realmente odeio. Esta manhã olho para ela no espelho e vejo a verdade.

Isso mexe com a cabeça da gente. O famoso conselho do Derek sobre sexo. Nem chegamos a fazê-lo, e estamos completamente confusos. Estou tremendamente confusa.

E o Derek? Como ele está? Droga, ele também está confuso. Por que se zangaria tanto por causa da camiseta? Será que ele não quer fazer sexo comigo? Sou mesmo tão repugnante? Fico relembrando tudo que aconteceu, repetidamente.

Teria sido o Band-Aid na barriga, exatamente no mesmo lugar que estava em Lausana, que o deixou nervoso? Não é picada de mosquito, tenho certeza. Poderia ser uma cicatriz? Por que o Band-Aid então? É uma marca de agulha que ele não quer que eu veja? Que tipo de droga assustadora é injetada no estômago? Uma vez após a outra, sempre no mesmo lugar?

A coisa toda é tão, tão perturbadora. Nem sei mais como me sentir. O que eu não daria para espiar embaixo daquela tirinha de vinil cor da pele.

Quando vejo Scott na escola, desmarco nossa reunião de estudo.

— Ele não deixa?

— Não estou sendo justa com você. Estou com o Derek. Nada mudará isso.

Scott faz a porta do armário tinir ao fechá-la, chega tão perto que posso sentir o cheiro de sua colônia cítrica, e sussurra:

— Veremos.

No restante do dia ele volta a ser o Scott engraçado, fofo e amigo de sempre. Traz as anotações de economia no almoço e repassa o Capítulo Seis comigo. No coro ele não consegue acertar a parte do tenor. Põe a cadeira de frente para a minha e se inclina de modo que quase colamos as bochechas, para me ouvir cantar melhor sua parte.

— Por que você não me odeia?

Ele encolhe os ombros.

— Sou masoquista.

Eu rio.

— Obrigada, Príncipe Encantado.

— Às suas ordens, Bela.

Aqui está ele me salvando mais uma vez. Devia estar apaixonada por ele. Devia mesmo. Não teria aguentado o dia de hoje se não fosse ele.

Dirigindo para o coro, só consigo pensar naquele Band-Aid — barriga do Derek. Homens não usam Band-Aids. Se fosse um corte ou uma picada de mosquito, por que ele não ia querer que eu visse? Por que ainda está lá?

Tudo parece estar relacionado... a algum problema de saúde.

O Band-Aid.

A tosse.

A perda de peso.

A pele tão pálida.

As desaparições misteriosas.

Até os conselhos dele sobre médicos. Aquelas pílulas que ele está sempre tomando.

O comentário idiota do Blake sobre o tal *vício em drogas.*

Os sinais apontam não para uma dependência, mas para uma enfermidade.

Eu não saberia viver se você me deixasse. E o que ele disse? *Não posso ter essa responsabilidade.*

Ele estaria planejando me deixar porque está...

Não, não pode ser isso. Ah, meu Deus. Ele pode estar doente.

Muito doente. Não são apenas alergias ou um resfriado passageiro.

Por um segundo muito feio, fico aflita com a possibilidade de ter pegado a doença. O que será que é? Ele poderia ter HIV? É por isso que ele não quer... não, não. Não é isso. Diabetes. Eles se espetam o tempo todo. Provavelmente é só isso. Os diabéticos são pálidos? Tossem? Talvez seja leucemia. Ele pode ir a um hospital e fazer um

tratamento. Ficará bem. As pessoas se recuperam da leucemia. Medula óssea. Ele só precisa de uma nova medula óssea.

Vai piorar antes de melhorar

Isso encaixa.

Mas ele não pode estar tão doente. Na maior parte do tempo, está bem. Só tosse. É bronquite ou algo assim. Talvez mononucleose.

Mas essa é contagiosa. Ele me diria se tivesse mononucleose.

Que doença faz a pessoa tossir?

Só coisas bobas como resfriados, gripe, pneumonia. Já tive isso uma vez. Tossia sem parar. Fumantes antigos tossem. Mas não é o caso do Derek.

Por que ele simplesmente não me conta?

Não posso perguntar. Confrontá-lo. Não por enquanto. Não depois da última noite. Temos que voltar ao ponto em que estávamos antes de eu expulsá-lo. Ai, droga, eu o expulsei.

Mais tarde, depois do coro, procuro o Derek on-line, mas ele não entrou. Escrevo uma mensagem sobre como desejo seu corpo.

Ainda estou meio insana. Apago. Envio apenas *"Estou com saudade"* e vou dormir.

De manhã, checo o celular. Nenhuma resposta doce e sentimental. Nenhuma mensagem no correio de voz. Nenhuma

postagem. Nenhum e-mail. Estou com medo. Depois de tudo o que aconteceu na segunda à noite, preciso saber como ele está comigo, saber se estamos bem antes que ele desapareça naquele vazio horrível. Prometo não perguntar nada sobre a aparição do Band-Aid em sua barriga. Droga. Talvez estivesse esse tempo todo. Ele sempre está com uma blusa de moletom. Ou uma jaqueta grossa de couro. Estamos namorando há alguns meses, e eu nunca tive intimidade suficiente com ele para ver seu peito nu. Não tem algo errado nisso? Sinto um pavor na boca do estômago. Aquela raiva. Aquela violência, inclusive. Tem tanta coisa sobre o Derek que não sei.

Mas não perguntarei. Prometo ser a coisa pura e perfeita me pediu para ser quando estávamos na Suíça.

O que mais posso fazer? Eu o amo.

Passam-se dias.

Semanas.

Como ele pode esperar que eu aguente isto? Estou impotente imaginando coisas, não sei onde ele está, o que aconteceu com ele, o que aconteceu conosco. Estragamos tudo, para sempre? Este silêncio

está acabando comigo. É muito mais longo e intenso que antes. Não tenho como rompê-lo.

Começam a aparecer algumas coisas em seu perfil. Ele não posta nada desde antes daquela noite comigo, mas seus amigos começam a enviar mensagens. Há uma de sua ex: "Você vai conseguir. Amo você"... Essa me faz gritar.

Blake escreve "Aguente firme, amigo. Vai dar certo desta vez".

Tem um monte de mensagens do tipo "Volte logo!" e "Sentimos sua falta!"

Ao menos sei que ele está vivo em algum lugar. Não posto nada. Nem pensar. Público demais. É humilhante demais não saber o que está acontecendo. Ele não querer que eu saiba. Não permitir que eu saiba. Encho sua caixa de entrada com mensagens particulares que ficam cada vez mais patéticas com o passar dos dias.

A suspeita do problema de saúde está ficando mais forte; assustadoramente. Sou tão burra. Se tivesse entrado no CJA como o Derek queria, seria íntima o bastante daquelas meninas para ter um vínculo independente dele que me ajudasse a descobrir o que está havendo, seja lá o que for que ele contou a elas e eu não posso saber.

Penso em ligar para o Blake. Tento uma vez. Ele não atende.

Ordens do Derek? Não sei.

Como ele pode fazer isso comigo? Simplesmente me excluir.

Sou a namorada dele, não sou? Talvez não.

Sua ex postou "Amo você" no mural para todo mundo ver.

Vai ver ele voltou para ela. Deve achar que estou com o Scott.

Talvez esteja me dando o troco.

Não. Ele acreditou em mim naquela noite. Tenho certeza.

Preciso continuar acreditando nisso.

Ele aparecerá em minha calçada com a moto, como sempre fez.

Seja paciente, continue amando-o. Continue resistindo ao Scott.

Scott não está facilitando. Está lá na escola, todos os dias, afetuoso, amigo e real. Seus ombros musculosos estão bem do meu lado o tempo todo, esbarrando em mim. Ele está sempre brincando. Não posso deixar que ele perceba o que está acontecendo com o Derek. Se quisesse me consolar, eu aceitaria, e aí o que diria ao Derek?

Fico me iludindo, fingindo que está tudo bem e que sei onde ele está e o que está acontecendo. Envio uma dúzia de mensagens de texto todos os dias, mando e-mails contando como estou. Sem perguntas. Sem queixas. Ele voltará. Qualquer dia desses. Qualquer segundo. Quase me convenço disso.

Baixo a partitura da Canção da Beth que ele me enviou, estudo-a, cantarolo a melodia com uma caneta pronta para a inspiração, mas não consigo me enganar tanto assim. Jogo a caneta e olho para a parede.

Vasculho meu quarto e junto todas as minhas tentativas patéticas de composição que disse que queimaria. Talvez eu encontre alguma coisa nelas. Leio meus rabiscos.

Sou de carne, osso e sangue,

Não de barro para ser triturada

Também sangro quando sou ferida...

Sou eu mesma?

Conquistando o palco com sonhos dourados...

Chegar até o céu?

Quem estou enganando?... O sonho virou poeira

ao curvar-me para seguir sua ordem...

Pode ser bonita?

As pessoas vão me amar?...

Um belo príncipe que promete

Manter-me aquecida...

Chego à estrofe que escrevi depois do baile sobre o Scott: *Em meus dedos permanece/Seu perfume, que me enlouquece.*

Scott me ama. Scott me quer como sou. Não espera que eu faça coisas que não posso fazer. É muito difícil continuar com esse disfarce.

Pego a Canção da Beth e rasgo as páginas várias vezes.

De qualquer forma, é tarde demais. A apresentação do Derek é neste fim de semana.

Entro no site dos meninos do Amabile e imprimo os detalhes. Eu disse a ele que iria de trem. Se ele estiver em algum lugar, será lá. Não sei se tenho coragem de confrontá-lo, talvez perdê-lo, mas tenho que vê-lo logo ou perderei a cabeça. Pesquiso no Google e compro uma passagem de ida on-line. Pegarei um táxi para ir ao lugar onde eles cantarão, aí faço o Derek me levar para casa.

O que ele fará quando me vir na plateia, invadindo seu "território"? É a sensação que tenho. Sei que é besteira. Por que vou? Por que simplesmente não o deixo em paz? Ligue para o Scott. Não. Derek me queria lá. Correção: ele me quer lá.

No sábado à noite, nosso concerto de Natal antecipado para celebrar o lançamento do primeiro CD está lotado. Na metade do primeiro número, Scott entra de fininho no fundo e fica perto do lanterninha. Sorri para mim e faz um sinal de incentivo com o polegar. Retribuo o sorriso e sinto que estou traindo o Derek.

Terminamos a primeira parte e descemos os degraus, uma massa carmesim e cintilante roçando no chão os vestidos que ainda parecem novos e especiais. Saímos do salão em fila. Espero que as

pessoas na plateia não queiram o dinheiro de volta. Estou cantando bem, mas não encontro a mágica que me transforma e faz todos se emocionarem junto comigo. Nosso CD está à venda no *foyer*. Talvez eu tenha acabado de destruir nossas chances de sucesso.

Todas se reúnem na sala grande dos fundos que usamos como vestiário. Há algumas pinturas desbotadas da Bíblia coladas nas paredes.

É melhor que o porão, mas não muito.

Pego uma garrafinha de água, vou até a janela e observo o crepúsculo enquanto bebo alguns goles. Ponho a garrafa no peitoril e encosto a testa no vidro frio.

— Beth, olhe o que eu encontrei — Sarah está apontando uma TV velha no canto. — São eles. Ai, meu Deus, o Blake está lá.

Viro e fico olhando para ela.

— O Derek disse a você que eles apareceriam na TV?

Sinto como se estivesse submergindo, mas é um líquido grosso, como mel, que não me deixa afundar. De alguma forma, já estou do outro lado da sala vendo, através da imagem tremida da TV, o Derek com seu smoking parado no meio do coro, cantando na estreia do filme em Toronto. Está incrivelmente pálido. Quase azul. Talvez seja a iluminação. Também está extremamente magro.

Que droga. Ele parece tão doente. Como posso ter sido tão-cega esse tempo todo? Cega de paixão. É isso. Ele me cegou totalmente. Eu via o que ele queria que eu visse.

Sarah vira para mim.

— Derek está com uma aparência horrível. O que ele tem?

—Não sei.

Ela me olha de um jeito engraçado. Outras meninas estão rodeando, empurrando-se para poder ver. Enquanto estamos assistindo, Derek oscila e pende para frente. Cairia de cara no- chão se os dois pazes ao lado dele não tivessem reflexos rápidos. Faço um som ranho e assustado.

A câmera corta para o diretor. O Senhor Alto de Barba Rala continua como se o homem que eu amo não tivesse acabado de ficar branco como a morte e desmaiado. Quando a câmera volta, os meninos estão cantando como se nada tivesse acontecido, só que Derek e os que o seguraram não aparecem na imagem.

O coro inteiro crava os olhos em mim. Estou paralisada. Tenho que me mexer. Tenho que ir até lá. Agora. Qual é a distância? Jeannette consegue me levar até Toronto? Claro. Ela é forte, mas vou encontrá-lo?

Não importa. Não importa. Não importa.

Descongelo o suficiente para estender as mãos.

— Preciso de dinheiro.

Meninas com longos vestidos vermelhos e brilhantes correm para suas bolsas e depositam notas de cinco e dez em minhas mãos.

Meadow tem um monte de notas de vinte.

Apanho a bolsa e a jaqueta e corro para a porta dos fundos.

— Digam à Terry que sinto muito. Vocês conseguem continuar sem mim.

— Seu vestido! — grita Leah. Não posso sair com ele, mas que se dane. Tentarei não arrastá-lo na neve e na lama do estacionamento.

Empurro a porta e dou de cara com o Scott.

Ele me segura pelos cotovelos.

— Como sabia que eu estava aqui fora?

— Solte-me, Scott — tento puxar os braços. — Tenho que sair.

—Você está bem?

Não consigo responder.

Ele ainda não me soltou.

— Escute, Beth. Só vou dizer mais uma vez. Estou aqui. Olhe à sua volta.

— Solte-me! — balanço os braços e consigo me desvencilhar.

— Não tenho tempo para você, Scott — viro e corro, encolhendo-me pela crueldade com que ecoam essas palavras no silêncio perplexo do Scott atrás de mim.

Ele não devia ter entrado em meu caminho.

Ele não devia ter entrado em meu caminho.

Ele não devia ter entrado em meu caminho.

Se eu repetir bastante, vou acreditar. Talvez até ele acredite também. Por mais que meu coração esteja disparado pelo Derek, não quero magoar Scott. Gosto dele, mais do que devia. E devo muito a ele. Ele nunca saberá, mas me salvou várias vezes durante esse período vazio e insuportável.

Enquanto acelero na 1-94, o choque paralisante que me fez sair do concerto e pegar a estrada, forçando a Jeannette ao seu limite máximo de velocidade, transforma-se em absoluto terror. O que destruiu o Derek daquele jeito? O que está tirando-o de mim? Ele disse que melhoraria. Eu acreditei e acreditei e acreditei. Droga. Ele acabou de desmaiar na TV, e todos continuaram cantando.

Vou encontrá-lo e obrigá-lo a me contar tudo. Chega de ser a Beth boazinha que fica ronronando e fingindo que está tudo bem, esperando e esperando e esperando. A Fera está solta, e não voltará para a jaula.

Meu celular toca quando estou passando por aquele pneu gigante idiota nos arredores de Detroit.

— Mas o que foi que...

— Nem eu sei, mãe. É o Derek. Provavelmente ficará lá.

— Onde?

— Ligo de volta quando souber.

Já estou na fronteira quando me dou conta de que não sei onde estou indo. Há uma fila bastante longa de carros, então ligo para o celular do Blake. Várias vezes. Finalmente ele atende.

Eu grito:

— Para onde o levaram?

— Beth?

— Estou ã caminho. Qual hospital?

— Estão voltando para Londres — a voz do Blake está irritantemente calma.

Bato no volante com a mão livre.

— Vão até Londres? Estão loucos?

— A hemorragia parou. Ele está bem.

— Hemorragia? — ah, meu Deus. — Você está na ambulância com ele.

— Que ambulância?

Um carro buzina atrás de mim.

— Pare de me confundir — faço Jeannette avançar.

— Os pais dele o levaram de volta para a prisão em Londres.

— O quê? Ele está preso? — será que são drogas mesmo?

— Nossa, você está por fora, hein? — Blake ri. O cretino ri. — É assim que ele chama o hospital.

— De prisão?

— Nós o ajudamos a fugir para o fim de semana. Ele não queria a apresentação.

Estou apertando tanto o celular na orelha que chega a doer:

— Ele estava no hospital! — grito no telefone.

— Como você não sabe disso? — Blake grita também. — Ele praticamente mora lá.

Avanço novamente enquanto um sedan preto e polido atravessa a fronteira.

Blake ainda está falando alto comigo.

— Que espécie de namorada você é? — seu tom cruel está me rasgando ao meio. — Você devia ter ficado lá com ele cada segundo que pudesse. Ele precisa de motivação para suportar tudo isso. Olhe o que aconteceu hoje.

— Eu não tive culpa — soco o volante. — Você não pode me culpar. Ele não me conta nada.

— Ah, sem essa — Blake não diz nada durante algum tempo. — Você não sabe.

O celular escorrega na minha mão suada. Seguro-o firme e volto a comprimi-lo contra a orelha.

— Diga-me o que ele tem, Blake — minha voz falha. — Vou enlouquecer — estou tremendo, tentando me controlar e não sucumbir ao golpe que começa a me atingir.

— Esqueça que eu disse alguma coisa — o idiota desliga na minha cara.

Jogo o telefone no banco do passageiro e avanço. Mais três carros na frente. Dois. Um. Minha vez. Paro na cabine da fronteira canadense e abaixo o vidro.

Um cara de expressão amigável e uns 20 e poucos anos põe a mão em cima do carro e se inclina para falar comigo.

— Passaporte, por favor.

— Passaporte? — na ponte de Port os canadenses raramente pedem alguma identificação.

— O povo daqui nunca aprende.

Remexo a bolsa e pego minha carteira.

— Por favor — mostro minha habilitação para ele. — Meu namorado está no hospital.

— Você está apaixonada por um canadense? — ai, meu Deus... ele está dando em cima de mim?

Apenas faço que sim.

Ele devolve a carteira de motorista.

— Espero que ele esteja bem. Boa viagem.

Sinto um nó na garganta ao sair com o carro. Fungo e enxugo os olhos. Controle-se, garota. Você tem que dirigir. Olho para o indicador de combustível. Droga. Só tenho dólares americanos. Paro em um dos postos de gasolina de Windsor, logo depois da fronteira. Fico feliz por aceitarem os dólares, mas me enganam no troco. Compro uma garrafa grande de água e umas gomas de mascar. Eu devia comer, mas o cheiro de batata velha, biscoitos e carne seca misturado ao do óleo diesel revira meu estômago nervoso.

Vou em frente na 401, no frio intenso desta noite escura, e tento me acalmar, mas o cara da fronteira me deixou muito tensa. As lágrimas atacam. Queimam meus olhos e meu rosto. Começa a nevar. Porcaria de cinturão da neve. Grandes Lagos idiotas. Droga de inverno. Era só o que faltava. Sigo as placas para Londres, forço a Jeannette até cento e vinte por hora, e a neve cai grossa e rápida, abafando o som da nossa passagem, mas não o do meu choro. O muco do nariz desce pela garganta e por cima dos lábios. Limpo antes que pingue do queixo e manche o vestido vermelho sangue.

Tenho que parar com isso. Vou assustar o Derek se aparecer lá assim. Não quero que ele saiba...

Mas eu sei.

Ele precisa saber.

Ele tem que ver a destruição. Todo esse tempo tenho me sentido como uma bola de lágrimas e muco por dentro. Por que não colocar tudo para fora? Deixar que ele veja. Chega de fazer de conta. Chega de fingir. Ele tem que me deixar entrar em sua vida.

Se ele me ama de verdade, tem que ver isso. Esse caos em que me transformei. Xingo, choro e grito coisas estúpidas. Derek está doente, e eu estou louca e furiosa com ele. Acerto um monte de neve que espirra iluminada pela luz do farol. Jeannette desliza para a lateral da estrada, mas eu giro o volante e faço minha velha amiga endireitar e voltar a correr.

Jeannette e eu vencemos um monte de neve após o outro, eu soluçando, o motor dela palpitando, durante as duas horas inteiras que separam Londres da fronteira. Minha voz já está arruinada quando ligo a seta e pego a saída para a Estrada Wonderland.

Pretendo parar em um posto e procurar hospitais nas páginas amarelas, mas o vejo antes mesmo de encontrar um telefone público. Um gigante de tijolos vermelhos estendido à minha direita. Diminuo, entro, sigo o labirinto até o estacionamento de visitantes e desligo o carro. Pego a camiseta rosa do coro na bolsa e limpo o rosto com ela.

Dou uma olhada no retrovisor. Toda a maquiagem saiu. Tenho que passar pelo menos o corretivo. Olho para ele. Uma risada amarga irrompe da minha garganta. Jogo a varinha mágica de lado.

Atravesso desesperada as portas de vidro, chego ao saguão iluminado por lâmpadas fluorescentes e ando até um homem rechonchudo de meia-idade e rosto vermelho que está parado embaixo da placa "Informações"

— Derek Collins, por favor.

— Derek, hein? — ele digita o nome — só os familiares podem subir — ele nota meu vestido e ergue as sobrancelhas. — O horário de visitas já terminou.

— Sou irmã dele.

— Mais uma? Meu velho amigo Derek tem que me contar como faz isso ele me entrega um mapa com um asterisco marcado em uma das salas. Em seguida repara em meu rosto e na jaqueta de esqui jogada por cima do vestido, e seus olhos se enchem de compaixão. — Sinto muito. Suba e anime o rapaz.

Sou a única garota do planeta que nunca esteve aqui?

— Diga a ele que me deve três barras de chocolate por isso.

Corro e deixo sua voz simpática para trás. Entro no elevador. Observo o mapa. Droga. Não pode estar certo. Peço ajuda a um jovem ruivo que entra no elevador no andar seguinte empurrando um

carrinho de medicamentos. Mostro o número do quarto a ele, sem saber o que fazer.

— É o quarto do Derek.

— Por que todos aqui o conhecem tão bem?

— Temos nossos favoritos. E aquele garoto... sempre volta e canta para todo mundo, traz os amigos. Estamos torcendo por ele.

Meus olhos estão embaçando novamente. Ele observa meu rosto repulsivo, manchado de vermelho e inchado, e vê que tenho que morder os lábios para que parem de tremer.

— Venha. Vou levá-la.

Estende o braço sardento para mim e me conduz por um corredor comprido e depois por outro. Passamos por várias portas e entramos em outro elevador. Ele me empurra com pressa pela área das enfermeiras.

Sinto vontade de abraçá-lo quando chegamos à porta cujo número corresponde ao do mapa. Ele abre a porta, me faz entrar e a fecha atrás de mim.

Derek está lá, deitado em uma cama de hospital, com uma máscara presa ao rosto. Cada respiração sua exige um grande esforço. Seu rosto parece azul em contraste com os lençóis brancos. Seu cabelo úmido e preto se destaca contra a pele pálida. Os olhos estão fechados. As pálpebras estão roxas, e ele tem manchas escuras embaixo dos

olhos. Os cílios pretos e longos parecem molhados. Há uma bolsa com um líquido claro pendurada em um suporte de soro. Meu olhar segue o tubo estreito que sai dela até o ponto em que vira uma seringa espetada em seu peito. Há outro suporte cuja bolsa tem uma coisa amarelada e turva. Também tem um tubo. Um pouco mais grosso. Este desaparece embaixo dos lençóis. É nojento. Acho que vai até o estômago, onde estava aquele Band-Aid. Observo seu rosto. Tubos claros minúsculos saem de cada narina.

Devo ter feito algum barulho. Talvez tenha puxado o ar com mais força ou fungado.

Seus olhos abrem e se fixam em mim.

— Não, Beth — fecha-os novamente.

— Não? — falo alto demais, ríspido demais.

— Você não.

— Quem então? — estou perdendo o controle.

Ele abaixa a máscara em que estava respirando para poder falar melhor.

— Você não podia ver isso — sua voz está grossa e áspera. — Vá embora.

— Olhe para mim — vou até o pé da cama. — Abra os olhos, droga — é minha vez de xingar. Minha vez de gritar.

Ele não abre os olhos.

Dou a volta até a lateral da cama e tento abrir uma de suas pálpebras. A pele está quente e escorregadia, mas eu persisto.

Ele me enxerga bem o suficiente. Vira o rosto.

Meus dedos deslizam em seu cabelo escuro e úmido. Inclino-me e falo em seu ouvido.

— É isso que você está fazendo comigo?

— Vá embora.

— Não é tão simples assim.

Ele olha para mim, passa os dedos em meu rosto. O amor no fundo de seus olhos febris me mantém ali parada até que não consigo mais suportar.

Eu viro o rosto dessa vez, vou cambaleando até uma cadeira perto da porta e começo a chorar.

— Ah, Beth — ele luta para conseguir falar. — Por favor, Beth. Não chore assim.

Pulo da cadeira, tomada pelo medo e pela raiva que descobri quando estava no carro.

— O que devo fazer? — berro na cara dele. — Diga, Derek. Seja o que for, tenho que saber.

— Não queria que isso acontecesse.

— Isso é uma estupidez — grito. — Eu amo você. Como pode ser tão insensível? — balanço a cabeça para frente e para trás e continuo gritando. — Odeio você por isso. Odeio — atiro-me nele com os punhos cerrados, berrando. — Pare de mentir. Que droga, Derek. Pare!

Aporta é escancarada. Uma mulher baixa e robusta, com os olhos do Derek, entra voando no quarto e para entre mim e a cama do Derek.

— Controle-se, mocinha — ela agarra meus pulsos. — Não sei quem você pensa que é ou o que pensa que está fazendo aqui, mas vai sair do quarto do meu filho agora mesmo com seus gritos teatrais e seu vestido de noite.

Fico olhando para ela.

— Mas eu sou a Beth.

Ela solta meus braços.

— Não conhecemos nenhuma Beth — ela me empurra em direção à porta.

— Derek! — ele não pode ficar deitado lá e deixá-la fazer isso comigo.

— Pare, mãe.

— Ela nem sabe quem eu sou — meus joelhos dobram e eu caio no chão, com vestido vermelho e tudo.

Sua mãe vira para falar com ele.

— Você conhece esta menina?

— Nós nos conhecemos em Lausana.

— Não. Você disse que o Blake conheceu uma menina em Lausana.

— Não como a que eu conheci — ele suga o ar e fala baixo. — a melhor coisa que já me aconteceu.

Ouvir isso faz minhas lágrimas brotarem de novo. A mãe dele olha para mim e depois para ele.

— Você não contou a ela? Ah, Derek. Como pôde fazer isso?

Ela volta até onde estou, me ajuda a levantar e me abraça.

— Sinto muito, querida — mantém um braço me amparando, e eu me apoio nessa mulher que não conheço. Talvez ela me conte, se o Derek não o fizer.

De sua cama, Derek se apoia em um cotovelo com muita dificuldade.

— Eu ia contar assim que voltasse para a lista ativa, mas está demorando muito. Vá embora, Beth. Esqueça que esteve aqui. Não quero você dentro deste mundo.

Lista ativa? O que é isso? Sem dúvida ele acha que vou deixá-lo aqui desse jeito, ou que algum dia vou deixá-lo.

— Como você pode...

— Calma, querida, ele não quis dizer isso — sua mãe se volta para ele. — Pode ser que nunca aconteça. Você tem que contar, agora.

— gosto dessa mulher. Muito. Ela emana bom senso e força.

Ela me leva de volta até a cama do Derek, inclina-se e afasta o cabelo dele da testa para beijá-la.

Aperta meu braço, morde o lábio inferior, e nos deixa a sós.

Capítulo 28

Verdade

Não estou mais zangada o terror voltou.

—Você pode voltar para a cadeira e esperar um pouco? — a única coisa que ouço em sua voz é uma exaustão total. — Preciso terminar isso — ele recoloca a máscara, deita no travesseiro e respira dentro dela, com dificuldade e um ronco no peito.

Levo a cadeira para perto da cama e seguro sua mão. Ele a tira para poder me dar os lenços que estão na mesinha de cabeceira. Uso um da caixa enxugando meu rosto, que está pingando. Depois me abaixo, descanso o rosto na palma da mão dele, que está virada para cima.

Depois de alguns instantes ele começa a falar.

— Alguma vez você se perguntou por que minha pele tinha um gosto tão salgado?

— Não — beijo sua mão e passo a língua nos lábios. Eu simplesmente gosto — não passei a boca no Scott. Derek é o único garoto que já provei.

— Fui um bebê muito doente. Sempre tinha um resfriado ou uma pneumonia. Gritava o tempo todo e não queria comer. Depois comia, comia, comia até começar a berrar de novo.

— Coitadinho.

— Coitada da minha mãe. Meu pai trabalhava à noite, já naquela época. Ela não conseguia me fazer ficar quieto para que ele pudesse dormir. E eu gritava a noite inteira também.

— O que havia de errado?

— Ninguém sabia. O médico disse que ela não estava produzindo suficiente. Receitou uma fórmula que substitui o leite materno.

Meu olhar desvia para a bolsa pendurada no segundo suporte. É isso que parece o líquido dentro dela, uma fórmula para bebês.

Derek se descobre até a cintura e puxa a camisola hospitalar. O tubo está ligado a um disco plástico colocado em seu estômago.

— Agora você sabe por que eu sempre usava blusas de moletom folgadas, recuava quando você chegava muito perto, explodia quando você tentava tirar minha camisa — ele nota meus olhos seguindo o tubo até a bolsa pendurada no suporte. — É um tubo de alimentação.

Quem tem esse problema precisa de muito mais calorias que as pessoas

— Mas você come. Eujá vi.

— Não o suficiente. Eu era um bebê esquelético quando o médico finalmente me internou no hospital. Um outro médico desconfiou e testou meu suor — fez um gesto de confirmação com a cabeça. — Tenho FC. É por isso que minha pele tem um gosto tão salgado.

Levanto a cabeça. Meu rosto mostra que estou confusa.

— Mas você não usa cadeira de rodas. E não acredito que seu cérebro tenha algum problema.

— Não, você está pensando em paralisia cerebral (PC). A fibrose cística (FC), faz com que todo o muco do corpo seja extremamente grosso e viscoso. É por isso que tusso tanto.

— Pode ser uma alergia, ou asma.

— Não, Beth. É FC. Ela bloqueia meu pâncreas e prejudica o fígado também. Tenho que tomar um monte de enzimas para poder digerir qualquer coisa. Eu era um moleque de nariz sujo que não queria comer, então minha mãe me colocou no tubo — olha de relance para o suporte e a bolsa. — Faço sessões de alimentação noturnas em casa desde criança para manter o peso e o crescimento normais.

— Então por que tem que ficar no hospital agora?

Ele fecha os olhos por um minuto para tomar coragem e os abre novamente.

— Tenho uma colônia de bactérias raras crescendo nos pulmões.

— Por que eles não dão antibióticos?

— Como aqueles? — ele olha para a bolsa no primeiro suporte.

— E é isso que eu estava inalando também. Eu vivo de antibióticos — sua expressão fica amarga. — Antibióticos demais.

— Esse é seu vício em drogas?

Ele faz um esforço para erguer as sobrancelhas.

— Isso é só o começo.

Ajeito-me na cadeira e enxugo o rosto, me sentindo estúpida por não ter percebido que ele estava doente, por não estar ao lado dele antes. Blake estava certo. Que tipo de namorada eu sou? Mas agora ficará tudo bem. Ele está são e salvo no hospital, recebendo tratamento. Os antibióticos darão um jeito. Aperto sua mão.

— Por que você não me contou? Você não acreditaria no quanto tenho sofrido.

— Durante minha vida inteira, sempre fui o menino que morreria. — ele luta para puxar o ar para os pulmões.

Morrer? Ele não morrerá.

Sua voz arranhada continua:

— Todos os meus amigos sabem que morrerei. Minha ex uma heroína no Amabile porque amava o menino que morreria. Toda as meninas que gostaram de mim desde o ensino fundamental sabiam que eu morreria — tosse e deita mais para trás nos travesseiros.

Ponho um sorriso corajoso no rosto.

— Mas você está no hospital. Estão cuidando de você. Você não morrerá.

Ele aperta minha mão. Mas não há muita força em seu gesto.

— Eu precisava de um lugar em que não fosse um doente. Onde pudesse ser apenas o garoto que a ama.

— Eu o amaria mesmo assim.

— Não da mesma forma. Eu queria um coração inteiro uma vez na vida. Será que estou tão errado?

— Você tem meu coração — levanto para me inclinar sobre ele. Inteirinho — aliso seu cabelo como sua mãe fez. — E você vai melhorar. Agora posso ajudá-lo.

— Minha FC é grave. Entrei na lista de transplante duplo de pulmão dois anos atrás.

Dou um passo para trás, assustada.

— Querem cortá-lo e tirar seus pulmões?

Ele faz que sim.

— Na primavera, depois que fomos convidados para a Olimpíada de Coros, fiquei muito mal. Uma hemoptise séria... Estava tossindo sangue.

Tento não me encolher. Acho que ele não notou.

— As bactérias se espalharam. Tive uma infecção generalizada. Eles quase me perderam duas vezes.

Meus lábios começam a tremer. Esforço-me para mantê-los parados. Mordo-os. Com força.

— É melhor você sentar.

Deixo-me cair na cadeira, confusa. Exceto por um pouco de tosse, ele estava bem na Suíça. E todas as vezes que nos vimos desde então. Sempre estava cansado. Tossia um pouco. Fora isso, parecia estar bem. Mas até que ponto é possível notar essas coisas em telefonemas e bate-papos on-line?

— Minha mãe me colocou em um programa que estava testando um novo coquetel de tratamentos, incluindo uma dose pesada de um antibiótico bastante avançado. Sobrevivi. Isso normalmente não acontece sem um transplante de pulmão. É quase um milagre eu ter ido para Lausana. Meu coro, o desejo de fazer a viagem, ouvir sua voz e decidir que eu tinha que encontrá-la... tudo

isso me fez sair do hospital e subir naquele avião. Coitado do Blake — ele tenta balançar a cabeça, mas mal consegue movê-la. — Nosso quarto parecia uma clínica.

Eu mexo a cabeça, começando a compreender.

— Foi por isso que você ficou nervoso ao saber que ele tinha levado a Sarah para lá.

Ele toca os tubos que saem de seu nariz.

— Tive que usar o oxigênio no avião, e durante a noite e as manhãs, menos quando nos apresentávamos.

Com muita fraqueza, ele ergue a mão e aponta para um Kevlar preto em cima de um balcão.

— Levei meu colete e a máscara de inalação. Três vezes por dia, inalava antibióticos e esse negócio que afina o muco, e depois ficava com o colete por vinte minutos.

— O que ele faz?

— Move a secreção das passagens menores do pulmão para as maiores, para que eu possa expirá-lo.

— Expirar?

— É como uma tosse sem tosse — fecha os olhos. — Antes de comprarmos o colete, eles costumavam colocar um banco de piano em uma escada e bater em meu tórax. Blake tem quase tanta prática quanto minha mãe.

Não estou entendendo.

— Mas você cantava. Sua voz estava completamente pura.

— Eu fazia tratamentos extras antes das apresentações. Passei a noite no hospital duas vezes para tomar antibióticos intravenosos. A medicina moderna é ótima.

Ele não estava fraco desse jeito. Ainda estou confusa.

— Como você fazia isso sem atrapalhar a programação?

— Faltava à maioria dos ensaios. Ficava só com as apresentações e com você.

— Mas depois você ficou tão ativo.

— Talvez aquilo tenha sido um erro. Quero dizer, fazer exercícios é bom. Minha paixão pela adrenalina me manteve forte e vivo durante anos. Eu tinha estado tão fraco e doente, e de repente tinha energia de novo, estava relativamente saudável. Era você que injetava saúde em mim. Você é melhor que qualquer remédio, Beth.

Balanço a cabeça.

— Depois que você foi embora, passei dos limites tentando acompanhar Blake. Topos de montanhas não são o lugar ideal para pessoas que não conseguem respirar. Tive que levar meu tanque portátil de O2 quando fomos surfar na neve. Consegui fazer uns percursos bons, mas tinha que sugar oxigênio entre um e outro. Era minha última chance de viver.

Ele também passou dos limites naquela última noite comigo.

— Ficamos fora até tarde. E depois você teve que buscar a Sarah.

— Isso não me prejudicou tanto. Eu peguei um táxi. Peguei táxis em Lausana. A única vez que andei foi com você. Você pensou que eu estava ficando resfriado.

— Você me enganou direitinho.

— Depois que deixei a Sarah com vocês, não voltei para o hotel. Fui direto para o hospital. Os médicos suíços foram excelentes.

Lembro-me dele tossindo quando nosso ônibus estava partindo na manhã seguinte.

— Eu estava péssimo quando voltei. Tive que vir para o hospital.

—Não tinha chalé nenhum?

—Eu menti Beth — não resta quase nada de sua voz. — Menti muito — fecha os olhos, exausto por falar tanto. — Não espero que você me perdoe — há lágrimas por trás de suas palavras. — Mande um oi para o Scott— não consegue parar a dor que está estampada em seu rosto.

— Quer que eu vá embora? — eu devia estar zangada. Furiosa. Magoada. Assustada. Olho para seu rosto magro, pálido, com manchas e um tom meio azulado, seus lábios mais roxos que rosados, e observo-o respirar com dificuldade e tentar controlar as emoções. Ele parece tão jovem, principalmente com o cabelo lustroso e para trás

desse jeito. Não sobrou nada do cantor confiante, do compositor intimidador, do namorado sensível que quer me manter uma boa menina. Agora ele é apenas um garotinho, e eu só quero cuidar dele. Deixou de ser bonito; e eu também. Mas o que sinto por dentro não. Eu o amo mais que nunca.

Inclino-me sobre ele novamente.

— Agora você ficará bem. Estou aqui.

Seus olhos abrem, tremulando.

— Eu ia ver você assim que me deixavam sair. Sempre que eu conseguia escapar... — seu olhar abrange o equipamento ao redor — disso.

— Como você esconderia tudo isso de mim se eu entrasse no CJA?

— Acho que uma parte de mim queria que você descobrisse. Eles me deixam sair para os ensaios quando tenho condições. Eu planejava melhorar, não...

— Sinto muito. Teria ficado ao seu lado, Derek. Todos os dias.

— Eu sei — ele me puxa para perto para que eu possa ouvi-lo sussurrar. — A expectativa de vida média dos pacientes com FC é de 37 anos.

Engulo em seco.

— Então, temos muito tempo. Lembra? Você me disse que estão fazendo maravilhas com a genética.

— Trinta e sete é a idade média. Isso significa que metade de nós morre bem mais cedo.

— Mas não você.

Ele põe a mão em meu rosto.

— Só posso ser pai se gerar o bebê em um tubo de ensaio.

— Você não pode...

— Não, isso funciona. Mas o esperma não consegue passar por meus canais obstruídos.

— Então, não teremos que nos preocupar muito com o risco da gravidez. Você é o cara perfeito para uma mutante como eu.

— Na primavera, depois que me salvaram, os exames indicaram que eu estava resistente aos antibióticos. Acho que usaram muito daquele medicamento novo. Então, tive que ficar inativo na lista de transplantes até que consigam corrigir o problema.

— Você vai melhorar sem que precisem abri-lo? — gosto da ideia.

— Impossível.

— O quê? — não estou acreditando nele. — Você conseguiu na primavera...

— Aquilo me ajudou... por um tempo. Minha mãe está tentando me reintegrar à lista ativa. Acho que não aguentarei.

Deito o rosto em seu travesseiro.

— Você vai sim — Derek morrendo? De jeito nenhum. Isto não é real. Não permitirei. Beijo seu rosto salgado. — Você vai ficar aqui e fazer tudo que os médicos mandarem.

— Fiz isso à vida inteira — diz ele balançando a cabeça.

— Você nunca mais andará naquela moto. Ficarei do seu lado para garantir que isso não aconteça.

Ele abre um olho.

— Com esse vestido?

Olho para baixo.

— Estou ridícula?

— Você está linda. Não precisa ficar. Já tenho uma mãe.

Fico em pé.

— Mas você foi tão bobo. Olhe só quanto tempo perdemos.

— Achei que você tinha a escola e seu coro.

— Se temos apenas até seus 37 anos...

— Beth, pare... — ele estica o braço, e minha mão fria encontra a sua, febril.

Curvo-me sobre ele e ponho os lábios em sua boca seca e salgada.

— Sua mãe não pode fazer isso — beijo-o novamente. — Não queira ver a cena que vou armar se alguém tentar me tirar daqui.

— Você ficará em meus banhos de esponja?

— Se me deixarem ajudar.

— Pedirei às enfermeiras que a treinem, imediatamente.

— Você não devia dizer essas sem-vergonhices estando fraco desse jeito.

— É o máximo que consigo fazer — ele sorri, mas a dor e a amargura estão de volta em sua voz. Aperta um botão branco instalado na cama, onde pode alcançar facilmente.

Aparece uma enfermeira.

— Oi, Meg. Esta é a Beth. Você consegue arrumar umas roupas de enfermeira para ela? Ela disse que se mudará para minha toca.

A enfermeira Meg sorri para mim.

— Volto já.

Troco-me no banheiro do Derek. A calça fica curta, e o verde cirúrgico não valoriza muito meu rosto vermelho vivo. Encaro meu reflexo horrendo e prometo a mim mesma que Derek nunca mais vai

me ver chorar. Lavo o rosto e conserto-o da melhor forma possível. Nem chega perto de ficar bonito.

Ligo para casa. Que bom, mamãe não atende. Consigo dizer:

— Derek está no hospital em Londres. Conheci a mãe dele. Ela me deixou ficar. Ele ficará bem — tudo com uma voz razoavelmente normal. Desligo o celular. Regras do hospital.

Penduro o vestido no armário dele, ao lado do smoking.

Meg está mexendo no tubo intravenoso do Derek, e desvia o olhar por um instante.

— Eu gostaria de ver vocês dois no baile.

— Nós cantamos — explica Derek.

— Juntos?

Engulo o nó em minha garganta e faço que sim. Espero possamos fazer isso novamente. Onde e quando ele quiser.

Meg nos deixa a sós.

— Minha mãe voltou enquanto você estava se trocando. Ficou aliviada por você não ter me estrangulado.

Sento na cadeira. Ainda está onde deixei, perto da cama dele.

— Eu disse a ela que você não ia embora.

— O que ela disse?

— "Obrigada". Ela vai para casa, para dormir na própria cama.

Meu olhar percorre a sala, esperando encontrar a mãe dele escondida em algum lugar.

— Como ela pode deixá-lo aqui sozinho desse jeito? E se...

— Você está aqui.

— Eu? — ela nem me conhece.

Derek tosse. Dá para perceber que dói. Fica ofegante por um tempinho.

Eu fico ali, sem ação.

Ele diz baixinho:

— Se eu ficar azul no meio da noite chame a Meg.

— Você já está azul, meu amor.

— Mais azul.

— Isso não tem graça — quero bater no braço dele, mas não me atrevo. — Não ficarei se você agir assim.

— Mas minha mãe está contando com você — ele não está brincando. — Ela precisa descansar. Sabia que você estava blefando.

Vou até a porta e olho para os dois lados do corredor. Está vazio.

Volto-me para ele.

Ele aperta um botão e as luzes se apagam.

Beijo sua testa.

— Vão nos deixar juntos... A noite toda? Isso é permitido?

— Estou meio impotente aqui. Com certeza eles acham que você está segura.

— E você? — fecho a porta e encosto-me nela com as mãos para trás. — Você está fraco demais para fugir de mim de novo.

— Você fugiu de mim.

Olho para o chão.

— Não a culpo, Beth. Quem ia querer isso?

Cruzo a sala até a cama dele.

— Desta vez não fugirei — planto os lábios em seu pescoço salgado.

Ele sussurra em meu ouvido:

— Acho que seria um pouco excitante demais para mim.

Eu recuo. Será que estou machucando-o?

Ele consegue dar um sorriso fraco.

— Mas seria um bom jeito de morrer. Você quer tirar meu cateter ou eu mesmo tiro?

Não sei se estou rindo ou chorando.

— Você é nojento.

— Tentei protegê-la o máximo que pude.

Deslizo para trás na cadeira, tento ficar confortável, cruzo os braços e me preparo para olhar para ele a noite inteira.

— O que está fazendo?

— Ajeitando-me para ficar de olho em sua cor.

Ele abre um espaço na cama.

— Vamos dividir.

— E se eu me enrolar em seu cateter?

— Fique do seu lado.

Subo na cama e deito perto dele, de lado, para poder observar seu rosto.

— Boa noite.

— Não consigo dormir. Você acha que...

— Não tocarei nesse cateter.

— Você cantaria para mim? — acaricia meu rosto.

Fecho os olhos. E canto.

Vou descendo o rio,

O doce, doce rio Jordão,

Olho para a água turva

E anseio chegar ao outro lado.

Seus dedos vão desenhando as maçãs do meu rosto e minhas sobrancelhas, e brincam em meus lábios quando canto *Leve-mepara casa, doce, doce Jesus/Envolva-me em seu abraço...* Sua mão se afasta. Faço uma pausa, abro os olhos, ele faz um gesto com a cabeça e eu canto *Senhor eu anseio chegar ao outro lado*.

Ele está esperando a salvação, como aquela escrava? É por isso que ele adora esta canção? É por isso que ama minha voz*? Leve-me para casa, Leve-me para casa, Leve-me para casa.*

Não. Eu não permito. Ele não vai a lugar algum. Mudo o tom e começo a cantarolar nosso dueto. Canto para ele:

Tenho que ficar, tenho que ficar com você, você, você, você...

Com um caleidoscópio diante dos olhos,

Agito uma vez e observo as cores vivas voarem,

E a imagem é tão clara...

Tem que ser você.

Ele dorme. Eu não. Fico ali deitada, desejando nunca ter fugido dele, desejando que ele tivesse subido a escada até meu quarto, que eu

não tivesse mexido em sua camiseta. Meu coração se enche com a enormidade do que sinto por ele. Passo a mão em seu cabelo e acalento-o como se ele fosse uma criança, cantando novamente com a menina escrava. *Mas meu bebê, Senhor minha doce criança/Envolve meu coração em seus doces, doces dedoscom tanta força.* Olho para o teto, fecho os olhos e sussurro: *Ele não está pronto para o Jordão.*

Será que alguém está pronto, algum dia? Estarei pronta para deixá-lo partir? Não. Nunca. Ele ficará aqui comigo.

Puxa-me de volta, puxa-me de volta, puxa-me de volta.

Capítulo 29

Realidade

Acordo. O quarto ainda está escuro.

Derek está deitado com a cabeça escorada em uma das mãos. Está traçando os contornos do meu rosto suavemente, quase sem me tocar. Está perto o bastante para beijar, então tomo a iniciativa. Não está mais tão quente.

—Oi.

— Oi — beijo-o novamente.

— Você não tem um gosto muito bom de manhã.

Afasto-me dele e cubro a boca.

— Recuperou-se o suficiente para ser malcriado. Gostava mais de você quando estava fraco.

Dou um beijo em sua cabeça. Ele levanta o rosto e alcança minha boca. Não está com um gosto muito bom também.

— Que tal escovarmos os dentes?

Corro para o banheiro. Tenho uma escova de dente e outras coisas na bolsa por causa do concerto. Escovo meus dentes rápido. Meu cabelo está um horror, mas não tenho tempo para ele. Encontro a escova do Derek em um estojo de barbear na pia, coloco a pasta de dentes, encho um copo de água, molho um pano em água morna, torço e volto para perto dele.

Encontro-o desconectando o tubo que vai para o estômago. Fico parada com o pano pingando enquanto ele termina.

— Você faz isso sozinho?

— Fiz isso metade da minha vida — puxa o lençol para cobrir a porta de plástico no estômago. — Antes eu tinha que enfiar um tubo pelo nariz até a garganta. Isso aqui é fácil.

Vou até ele e ponho a escova em sua boca.

Ele a tira da minha mão.

— Não estou paralisado — aperta um botão e a cabeceira da cama levanta até que ele esteja sentado. Leva um tempo enorme escovando os dentes. — Onde devo cuspir?

Pego um copo plástico na mesinha e entrego a ele. Ele me devolve a escova. Vou ao banheiro para enxaguá-la, assim não preciso vê-lo cuspindo. Não seria muito estimulante. O furo no estômago também não é. Nem a seringa colada ao peito.

Quando volto, ele está enchendo a boca com um último gole de água limpa. Pego o pano de lavar — que bom que ainda está morno — e limpo seu rosto. Devagar. Isto é muito excitante. Compensa todo o resto.

— Isso é muito gostoso.

Desço até o pescoço, passo em um dos ombros.

— Sobre aquele banho de esponja...

Ele me puxa e nossos lábios se juntam. Consigo subir na cama sem interromper o beijo. A cabeceira da cama abaixa, lentamente, enquanto sua língua entra com suavidade em minha boca.

Estou deitada meio de lado, com metade do corpo em cima dele. Tento ser cuidadosa. Ele ainda está tão fraco, e eu não quero bater naquela seringa que fica conectada à veia o tempo todo através de uma porta oculta sob a pele.

— Você é muito bom em dar amassos em camas de hospital.

— Vantagem do anfitrião — sua boca prende a minha outra vez. Sua mão entra debaixo da blusa solta que estou vestindo e acaricia minhas costas. Não dormi de sutiã. Saboreio a sensação do toque dele em minha pele, beijo-o com mais força, deito de costas sem cair da cama e fico esperando-o.

Ele deita de lado e faz carinho na minha barriga. Fecho os olhos... Cada parte do meu corpo está concentrada em seus dedos ternos e vibrantes.

— Você morreria se fizéssemos isso hoje?

— Você e sua insistência no mesmo assunto — seu rosto entristece. — Não comece Beth — afasta a mão.

Eu suspiro.

Ele deixa a máscara cair. Vejo seu desejo e sua frustração.

— Dói muito — suas feições se contorcem. — Pensar em tudo que nunca teremos.

Deito de lado, seguro seu rosto entre as mãos e beijo-o delicadamente, com a máxima doçura possível, e digo:

— Quando chegar a hora certa.

Ele vira o rosto.

— Não acontecerá, Beth. Não passo de uma doença.

Ele me deixa beijá-lo outra vez. Eu sussurro:

— Era uma vez uma fera terrível que conheceu um lindo príncipe. O príncipe viu o sofrimento da fera e deu-lhe um beijo mágico.

— Eu sou a Fera, Beth.

— Shhh — ponho os dedos sobre sua boca. — O beijo mágico mudou a Fera para sempre. Ela se tornou humana. Aprendeu a amar e amou o príncipe com todo seu coração.

— E ele a amou também.

Prendo seu olhar no meu e acrescento:

— E eles viverão felizes para sempre.

Ele não discute e me deixa beijá-lo. Várias vezes.

Ouço um barulho na porta e dou um pulo, ruborizada e sem fôlego. Sua mãe, acompanhada por um homem forte, mais ou menos da altura do Derek e com cabelo castanho escuro e grisalho, entram na sala. Meu rosto queima e meu antitranspirante já era.

— Oi, pai — Derek relaxa e se ajeita nos travesseiros, como se eles não tivessem acabado de dar um flagra em nosso "amasso" na cama do hospital. — Esta é a Beth.

Seu pai me cumprimenta com a cabeça e pisca. Por que essas pessoas gostam tanto de mim? Depois anda até onde estou e me beija na bochecha.

— Bem-vinda à equipe — aperta meu cotovelo e dá o mesmo sorriso enternecedor do Derek.

Volta-se para o filho e ergue uma sobrancelha.

— Noite difícil?

Derek segura minha mão.

— Dormi como um bebê.

Sua mãe assume o posto do outro lado da cama. Examina a bolsa vazia de fórmula no suporte intravenoso de alimentação.

— Já tomou seus remédios?

— Não, mãe. Você ganha até da Meg aqui.

— Ela está atrasada — ela sai do quarto para procurar a enfermeira.

Seu pai se senta em minha cadeira.

Derek levanta de novo a cabeceira da cama.

— Como foi o trabalho?

Seu pai encolhe os ombros.

— O mesmo de sempre.

Retiro-me para o banheiro. Quando volto, a mãe dele está com a Meg e um monte de comprimidos. Derek engole tudo, obediente.

Sua mãe me vê parada perto do armário.

— Vou levar a Beth para casa enquanto você faz sua terapia. O papai ficará.

Eu não quero sair.

— Não posso ficar?

Derek fica bem à vontade, com as mãos atrás da cabeça, me desafiando a dar aquele ataque que eu havia prometido.

— Você vai descansar um pouco, mocinha — o pai dele não consegue evitar um bocejo. Pega o colete e sacode para desdobrar.

— Não preciso descansar. O senhor não está cansado?

Ele balança a cabeça.

— Vamos, Beth — sua mãe põe o braço em minha cintura. — Você já fez bastante por enquanto.

— Eu quero...

— Temos muito que conversar.

Olho por cima da cabeça dela, para o Derek. Ele cobre os olhos e balança a cabeça.

Mostro a língua para ele.

— Se é assim, tudo bem.

— Quando você volta? — o tom ansioso de sua voz faz meu coração saltar.

Olho para a mãe dele.

— Dentro de umas duas horas.

Ele aponta o dedo para ela.

— Não vá assustá-la.

A mãe dele me faz telefonar para a minha no trajeto até sua casa.

Minha mãe não grita comigo, mas diz que tenho que voltar hoje à noite e ir à escola amanhã.

—Mas... é uma emergência. Preciso ficar com ele.

A mãe do Derek estende a mão, pedindo o telefone. Eu obedeço.

— Vamos cuidar para que ela volte. Não, não. Acho que não vai demorar. Ela tem sido maravilhosa. Certo. Tchau — devolve o celular para mim.

Coloco-o na bolsa. Não ouso argumentar. Ela está no controle e quer que eu saiba disso.

— Não fui maravilhosa ontem à noite... Parecia mais um desastre. Por que você está tornando tudo tão fácil para mim?

— Ele diz que a ama. Você ama meu filho?

Faço que sim.

— Então, por que eu não faria tudo que estiver ao meu alcance para mantê-la por perto? Preciso de uma aliada.

— Contra ele?

— A favor dele. Quando ele tinha quase 5 anos, um médico me disse que ele só duraria mais dois, talvez três anos. Tenho lutado desde então para provar que aquele homem estava errado.

— E o Derek... Resiste?

Paramos em um sinal vermelho.

— Ele não aceitava a terapia e os remédios quando era pequeno. Dava a fórmula para o cachorro, coisas desse tipo. Mas tudo isso já virou rotina agora. Ele resiste de outras maneiras... Perigosas. Por um tempo foram as garotas. Depois ele namorou uma menina legal do coro. Mas ainda sentia a necessidade de se rebelar. Conviveu com as drogas a vida inteira, então não foi por esse caminho — o semáforo fica verde. Ela acelera.

— Por que você deixou que ele comprasse aquela moto?

— Ele tem 19 anos — ela estremece. — O pai dele foi a favor. O que eu podia fazer?

— Ele enlouqueceu na Suíça.

— Já o viu andando de skate?

Adrenalina estúpida.

— Você devia...

— Amarrá-lo em casa?

— Colocá-lo em uma cela acolchoada.

Ela liga a seta para a esquerda.

— Quando percebi, esperava ansiosa pelas internações dele no hospital, pois assim eu podia observá-lo o tempo todo — ela faz a curva e me dá um sorriso amargo.

— A prisão?

Ela faz que sim.

— Mas ultimamente ele tem levado a vida a sério — ela desvia o olhar da rua. — Obrigada.

— Eu? — olho para cima e encosto a cabeça no apoio do banco.

— Eu entendi tudo tão errado.

— Não concordo.

— Preciso ajudar.

— Você já ajudou — ela estica o braço e dá palmadinhas em meu joelho. — Ontem à noite eu estava muito mais que exausta... Mas como podia deixá-lo? E aí você chegou. O anjo do Derek.

— Eu não agi como um anjo.

Ela ri.

— Tive que acreditar na palavra dele — ela se concentra no trânsito, dirige, em silêncio por alguns instantes. — Derek não devia ter brincado com sua felicidade desse jeito. A maioria das meninas não teria ficado. Será muito doloroso.

— Não pode ser pior do que não saber.

— Pode sim, Beth — seus olhos encontram os meus. — Será.

Recolho-me aos meus próprios pensamentos... Recuso-me a escutá-la. Ele ficará bem.

Chegamos a uma casa pequena de dois andares em uma cidadezinha a oeste de Londres. A moto do Derek está estacionada perto da porta lateral. Ambas olhamos para ela com raiva ao entrarmos na casa. Ela me conduz por uma lavanderia cheia de roupa suja — como se eu fosse da família — até uma cozinha integrada à sala de estar. Há uma espécie de mesa comprida, preta, da altura da cintura, estreita e inclinada atrás do sofá.

Ela percebe que estou olhando.

— Às vezes o colete precisa de uma ajuda. Costumava bater naquela pobre criança durante quarenta e cinco minutos, quatro vezes por dia, para fazê-lo tossir aquela secreção dos pulmões. Você pode imaginar o quanto ele gostava disso.

No balcão da cozinha há alguns pacotes de fórmula. Ela abre a lava-louça, que está cheia de todos os tipos de utensílios médicos.

Encontra duas canecas lá dentro.

— Vá para o chuveiro, e eu farei um chocolate quente para nós.

Ela me leva até o quarto do Derek.

— Não repare na bagunça.

Vou pulando por cima das roupas sujas, paro no pé da cama desarrumada e olho para a marca do corpo dele nos lençóis. Há um suporte intravenoso ao lado da cama, com roupas jogadas por cima. O computador está quase enterrado sob papéis e pilhas de partituras. No caminho para o banheiro, topo o dedão em um teclado que estava boiando em meio à bagunça. O banheiro está bastante limpo. A mãe dele deve ter arrumado para mim. Duvido que Derek tenha deixado aquelas toalhas limpas estendidas na bancada na última vez que esteve aqui.

Tiro o uniforme de enfermeira emprestado e entro no chuveiro dele. A água quente é tão gostosa. Tenho lágrimas, suor e muco secos por todo o corpo. Meu cabelo está duro por causa do spray que usei no penteado para a apresentação. Vou encontrando grampos enquanto o lavo com seu xampu. Ensaboo o corpo com seu sabonete, esfrego até estar formigando de tão limpa, e deixo a água levar tudo pelo ralo. O cheiro dele permanece em minha pele mesmo depois que me enxugo com a toalha.

Visto o jeans que estava na bolsa. Abro mão da calcinha. Não é meu estilo, mas aquela que acabei de tirar está suja. Dá para usar o sutiã por mais um dia, mas a camiseta rosa está manchada e encrostada. Que nojo. O que eu estava pensando? Pego emprestada uma branca pilha de roupas dobradas em cima da cômoda do Derek. Sua mãe não diz nada quando saio do quarto.

Meu cabelo seca e fica crespo enquanto estou sentada na cozinha bebendo chocolate com marshmallow.

A mãe dele se inclina sobre a caneca fumegante.

— Conte-me como vocês se conheceram, como tudo aconteceu. eu perguntar ao Derek, ele só resmungará.

Sopro meu chocolate e tento resolver por onde começar.

— Por favor? — ela ergue as sobrancelhas. — Não é verdade o que dizem sobre as mães. Nós não odiamos as namoradas dos nossos filhos. Talvez as vulgares. Mas ficamos felizes e um pouco assustadas quando uma menina maravilhosa está apaixonada por nosso filho. E aliviadas por ele ser inteligente o bastante para amá-la também. Sou grata, Beth.

— Não sou maravilhosa.

— Tenho certeza de que é. Derek tem muito bom gosto.

Faço barulho ao beber um marshmallow derretido, muito mais alto do que eu pretendia, e ambas damos risada.

— Tudo começou com a Meadow, eu acho — conto a ela sobre o medo de palco da Meadow e como eu a substituí. Minha transformação absurda. Derek lá nó topo daquela montanha depois de ter conhecido minha voz. Ele vindo atrás de mim e me encontrando naquele banco. Ela faz um gesto com a cabeça quando explico meu

problema genético, demonstrando entender minha dor como ninguém com quem eu já tenha conversado antes.

— De certa forma, você tem sorte. Nós não sabíamos até o Derek ser diagnosticado. Eu queria uma casa cheia de filhos, mas os riscos...

— Eu sei — nossos olhares se encontram. — Foi muito difícil.

—Derek foi... incrivelmente reconfortante. — Fico vermelha e minhas mãos suam. A xícara quente de chocolate que estou segurando não ajuda muito. Coloco-a na mesa e recosto-me na cadeira.

A mãe dele sorri e balança a cabeça.

— Aquele diabinho oportunista.

— Não — como posso explicar o quanto aquilo foi importante?

— Nunca um cara lindo como ele tinha feito mais que me insultar. Então, os médicos disseram que todos esses garotos tinham razão. Eu realmente era abominável.

Ela balança a cabeça e mexe o chocolate.

— Aí esse menino incrível estava lá me abraçando enquanto eu chorava. Quando ele me beijou, meu mundo mudou para sempre. Nunca mais serei a mesma. Fibrose cística? Que diferença isso podia fazer para mim?

Seus olhos ficam lacrimosos quando conto como foi mágico o resto do tempo que passamos em Lausana, como fiquei com medo quando acabou, e aliviada quando ele apareceu naquela moto... Até ele

me levar para dar uma volta nela. Olho ao redor, para todos os objetos da decoração que estão relacionados ao problema de saúde dele.

— Agora sei por que ele me mantinha longe.

— E por que não me contou sobre você.

— O que fazemos agora?

— Eu cuido da parte médica. Você cuida dele.

— Ele não vai gostar de ficar recebendo ordens minhas.

— Não quis dizer isso. Ele quer viver... por você. Quer vida. Com você. Mantenha-o confiante. Mantenha-o lutando. Até que possam salvá-lo.

Meu coração fica apertado, mas olho para ela e concordo com a cabeça.

— Tudo bem. Será fácil.

Ela estica o braço em cima da mesa e põe a mão em cima da minha.

— Pode ser a coisa mais difícil que você fará na vida. Tem certeza?

— Não estou com medo.

Sua máscara de calma cai por um segundo, e ela murmura.

— Eu estou.

Capítulo 30

Existência

Dói ter que sair da cama na segunda-feira de manhã

Bato no despertador três vezes.

Mamãe tem que me arrastar para fora das cobertas. Visto um moletom velho e entro em minha Levi's. Seguro o cabelo e prendo-o com um elástico preto. Faço o tratamento do rosto para que os pontos doloridos em meu queixo e testa não entrem em erupção, mas deixo a maquiagem para lá.

Pego uma banana para o café da manhã. Minha mãe enche um copo de suco para mim.

— Por favor... não posso voltar para o hospital?

— Depois da escola. Mas leve seu dever de casa.

— É dezembro. As férias de Natal começam em duas semanas.

— E você tem as provas finais em todas as matérias do semestre.

— Quem se importa?

— Todas as faculdades às quais você se candidatará daqui a dois meses.

Candidaturas? Faculdades? Em que planeta ela está?

— Acorde mãe. Não posso pensar nisso até o Derek ficar bem — contei tudo a ela quando cheguei ontem à noite. Ela ficou muito preocupada.

Ela olha para baixo e mexe o café.

— E se ele não ficar bem?

Bato o copo de suco na bancada.

— Por que você está sendo tão má?

— A realidade é uma droga, mas você precisa enfrentá-la, querida.

— Ele não vai morrer.

— Ele a enganou. Enganou a nós duas.

— Pare. Não fale assim dele. Ele precisa de mim, e é só isso que importa.

— Não quero que você jogue fora sua felicidade — ela fecha os olhos e abaixa o tom de voz. — Como eu.

— Você disse que amava meu pai.

Ela faz que sim e suspira.

— Você precisa fazer isso. Eu entendo.

— Ótimo — volto correndo para o quarto, puxo a mala do verão que estava embaixo da cama, tiro as tralhas que ainda estão no fundo, e começo a jogar roupas de baixo e camisetas dentro dela.

— Ei — mamãe entra sem pedir licença. — Espere aí — segura meu braço. — Vá com calma — tira uma pilha de jeans das minhas mãos e me puxa para perto. — Vamos analisar isso por um minuto.

Ponho a cabeça em seu ombro.

— Tenho que voltar para lá. E se...

— Ele está tão mal assim? — ela me solta.

Eu sento na cama.

— Como posso perder tempo na escola quando ele... — respiro fundo e tomo coragem para dizer. — Quando ele pode estar morto amanhã?

— Está tão perto?

Luto para controlar minhas emoções.

— Ninguém sabe. Pode ser. Esse novo medicamento que estão dando para ele parece estar ajudando — a mãe dele me explicou tudo quando voltamos para o hospital ontem. — Quanto e até quando ele vai ajudar, é um mistério. Eles têm que mantê-lo vivo até ele poder

fazer o transplante. O único problema é que primeiro precisam descobrir uma forma de vencer a resistência dele aos antibióticos.

— E como está indo?

— Não está — eu fungo e começo a piscar por causa das lágrimas. — Se o tirarem dos antibióticos, as infecções vencerão.

Mamãe senta ao meu lado.

— Sinto muito — ela também está lutando contra as lágrimas.

— Muito, muito mesmo — põe o braço em volta de mim e me aperta.

— Certo. Vamos viver um dia de cada vez. Vá à escola hoje. Pegue as tarefas, e aí você pode viajar depois.

— Sério?

— Claro. A gente se vê amanhã à noite. Tente voltar antes da meia-noite — foi difícil deixar o Derek ontem. — Amo você, Beth — ela encosta a cabeça na minha. — Estou aqui. Para o que precisar. Estou aqui.

Beijo sua bochecha, abraço-a, ponho uma troca de roupa e meus cremes para espinhas na bolsa, e saio correndo de lá.

Chego à escola tarde, mas Scott ainda está no armário dele. Fui tão chata com ele no sábado à noite. Preciso me desculpar, explicar.

— Oi, Scott. Desculp...

Ele vira com os braços cheios de livros.

— Dane-se, Beth — passa por mim e vai até o final do corredor.

O armário ao lado do meu está vazio.

Ouço um barulho de livros sendo jogados e de alguém batendo a porta de um armário. Sinto como se ele tivesse atirado os livros na minha cara.

Ele não está no coro.

No almoço eu o vejo com uma menina da oitava série, que entrou este ano. Quando saio depois da aula, ele está beijando a garota na porta da frente.

Droga. Ele está seguindo meu conselho idiota. Eu devia estar feliz por ele. Tenho que me preocupar com Derek. Não há espaço para um amigo que quer mais do que posso dar. Eu contava com a presença dele, e isso não é justo. É melhor que o Scott se ocupe com alguma coisa. No momento ele está mais ocupado do que eu queria saber, mas tem direito. Ele não pode estar gostando dela. Ela é pequena e bonita e perfeita para ele, mas ele não pode amá-la. Ele me ama. Provavelmente ela gosta dele desde o início das aulas. E agora, ai meu Deus, ele pôs as mãos na bunda dela.

Passo correndo por eles, jogo a bolsa no banco do passageiro da Jeannette e dirijo rápido para Londres. Sem fila na fronteira entre Port e Sarnia. Hoje trouxe meu passaporte, mas o cara só olha a placa do carro e me deixa passar. Está nevando de novo, mas a estrada está boa.

Chego ao hospital em menos de uma hora. É mais fácil que dirigir até o coro. Droga de coro. Temos ensaio amanhã. Vou ter que ligar para a Terry. Ou posso atualizar meu status em minha página. Todos entenderão o recado assim...

Ai, meu Deus. Minha página.

Derek querendo ser meu amigo, curioso para conhecer o resto de mim.

Que moleque. Mas ele tinha razão. Os caras do Amabile nos venceram. E ele conseguiu o que queria de mim também. Ele sempre consegue o que quer.

Ele vai conseguir os pulmões. É o Derek.

Entro no quarto dele apressada. Ele está dormindo com o inalador preso ao rosto. Sua mãe, coitada, está cabeceando também, equilibrada naquela cadeira desconfortável. Balanço o ombro dela delicadamente. Seus olhos se abrem.

— Ele está bem? — pergunto baixinho.

Ela pisca e faz que sim.

— Faça-o terminar a inalação. Depois o colete.

— Eu posso ficar. Dormir aqui.

Ela pega a bolsa e o tricô e deixa uma pilha de livros sobre fibrose cística para mim.

— Veja se ele faz os tratamentos direitinho amanhã de manhã — me abraça e sai cambaleando.

Roubo a mesa que se move sobre a cama do Derek para as refeições, empurro-a até ajanela, diminuo sua altura e espalho os livros.

Pego a cadeira, e vejo que ele está me espiando com um dos olhos.

— Está acordado?

— Não.

Largo a cadeira e, com muito cuidado, atenta ao tubo intravenoso e à sua fraqueza, ataco-o.

Ele me beija também e sussurra em meu ouvido:

— Você vai fazer meus monitores dispararem.

Ponho o ouvido em seu peito. O coração responde, acelerado.

— Excitação demais?

Ele aperta os botões mágicos e a cama sobe.

— Traga a mesa de volta para cá.

— Não até você terminar com o colete.

Trago-o para ele e ajudo a amarrá-lo. Ele vibra por vinte minutos, e então Derek expele a secreção em uma bacia.

Meg põe a cabeça na porta.

— Precisam de ajuda? — ela nota a coloração verde em meu rosto e entra. — Eu assumo. Vá tomar um ar fresco. Não exija tanto de si mesma tão rápido.

Eu ando para um lado e para o outro no corredor, repreendendo-me, até a Meg sair.

— Ele quer que você volte. Disse alguma coisa sobre um banho de esponja.

Isso me faz sorrir. Volto para o quarto, empurro a mesa de volta para a cama e estudo obedientemente com a cabeça dele descansando em meu ombro. Ele cai no sono assim, e baba em meu pescoço. Não ouso me mexer, e continuo estudando até tarde.

Ele acorda quando tento abaixar a cama. Assume os controles e faz a cabeceira abaixar e o pé levantar.

— Acho que meus tornozelos estão inchados.

— Como uma mulher grávida?

— Não sou uma mulher grávida.

— Eu percebi.

— Vire-se. Não conseguirei dormir de novo com você me olhando desse jeito.

Dou um beijo nele.

— Tem certeza?

— A cama portátil da minha mãe está aqui embaixo. Se você não parar de me torturar, terá que dormir nela.

— Você não me ofereceu a cama portátil no sábado. Achei que sua mãe dormia na cadeira.

— Não consigo ficar de olhos abertos. A Meg aumentou minha morfina — ele tem umas dores de cabeça terríveis.

— Tenho que ficar de olho em você. Não tem nada a ver com sexo. Achei que você soubesse.

Ele consegue dar uma risada sonolenta, se ajeita na cama, fecha os olhos e apaga.

Deito no meu lado da cama, querendo-o, e fico me perguntando como posso me sentir assim com ele tão doente.

Nas duas semanas seguintes, só vou à escola para fazer as provas. Mamãe arranja tudo com os professores. Consigo estudar muito mais no quarto de hospital do Derek do que perdendo tempo nas aulas. As dores de cabeça dele pioram. Agora ele está tomando tanta morfina que só dorme, dorme e dorme. Fico cuidando dele e estudando. Tiro A em tudo, menos em economia.

Tento falar com o Scott depois da prova, mas ele me dá um gelo.

A semana antes do Natal é tranquila. Mamãe me deixa passar o feriado em Londres. A mãe do Derek aproveita que estou lá para fazer

as compras e colocar umas coisas no correio. Ajudo a embrulhar os presentes do Derek. Compro luvas de couro pretas para combinar com sua jaqueta.

Durmo na cama portátil da mãe dele. Não posso deitar na mesma cama que ele noite após noite e não enlouquecer. Amo-o mais a cada dia e com esse amor vêm outros sentimentos que não sei se posso controlar. Não ao lado dele durante toda a noite longa e silenciosa.

O cara do balcão de informações traz um fluxo contínuo de recados, presentes e cartões de pessoas que ele não pode deixar subir. Amabile. Pelo jeito, todos os membros da admirável família estão passando por aqui.

Antes do concerto de Natal deles, o coro do Derek — todos aqueles rapazes de smoking — se posiciona na neve embaixo da nossa janela e canta no pôr do sol. Abro uma fresta do vidro para deixar o som entrar. Primeiro eles cantam apenas "Oh" em uma harmonia esplêndida, tão antiga quanto os monges e as catedrais. Depois desenrolam lentamente o nobre hino. Vejam, como uma Rosa desabrochando eternamente do tenro caule nasceu! A harmonia cresce, se dissipa e se transforma em uma celebração do nascimento e da salvação solenes. Encerram com uma única voz que ecoa na noite.

Ó, Salvador Rei da glória, que faz de nossa fraqueza saber;

Leve-nos enfim, rogamos,

Aos esplendorosos palácios do Céu, e à eternidade!

Foi à única vez que vi os duos do Derek molhados de lágrimas. Meg passeia comigo pelo hospital para cantar cânticos de Natal com mais algumas enfermeiras.

— No ano passado, Derek trouxe os amigos do coro e o violão e cantou para todas as crianças.

Penso nele lá no quarto, deitado na cama, com a mãe sentada na cadeira tricotando um cachecol de lã roxa.

Cantamos para pessoas idosas, pessoas doentes e pessoas mais doentes. Não quero deixar as crianças. Uma delas sobe em meu colo e canta junto, batendo as mãozinhas minúsculas e ásperas em minhas bochechas para acompanhar o ritmo da música.

Minha mãe vem no Natal. Vamos celebrar no quarto de hospital do Derek. Ela traz peru recheado, molho e batatas. Uma torta grande de abóbora. Ele faz a Meg diminuir um pouco a morfina para ficar mais alerta por pelo menos uma hora. Com dor, mas alerta. Dou um beijo de despedida nele nessa tarde e vou com minha mãe para casa. É Natal. Ela também precisa de mim.

Mamãe acende a lareira. É a gás, mas mesmo assim é aconchegante com toda essa neve. Comemos pipoca de micro-ondas

com manteiga e assistimos ao filme A felicidade não se compra. Minha mãe adora o Jimmy Stewart.

Nós duas choramos no final.

A sensação é tão boa.

Enquanto vemos os créditos e assoamos o nariz, mamãe põe o braço em volta de mim e me puxa para debaixo de sua asa.

— Como ele está... de verdade?

— Vivo.

— E o transplante?

— Ele continua na lista inativa.

— Nenhuma alteração na resistência aos antibióticos?

Respondo que não com a cabeça.

Capítulo 31

Esperança?

A semana depois do Natal é um desastre.

A bactéria nefasta dos pulmões do Derek resolve lutar contra o tratamento. Por alguma razão que ninguém pode explicar, o antibiótico que estavam dando para ele não consegue mais contê-la. Seus pulmões enchem e sua temperatura sobe muito. Ele engasga e tosse o tempo todo. Já estive ao lado dele durante a terapia tantas vezes que me acostumei a vê-lo tossindo o muco. Mas agora é muito pior. Sangue. Muito. Daria para encher vários copos.

Quase o perdem duas vezes.

Não estou lá em nenhuma dessas ocasiões. Sua mãe está ao seu lado, em tempo integral. Eu durmo no sofá na antessala de visitantes, no final do corredor. Fico com medo só de pensar em pegar a estrada para casa.

Ele está encolhendo. Por mais que injetem a fórmula nele, seu peso continua caindo. Um pedacinho dele vai embora todos os dias.

Finalmente começam a ministrar um medicamento experimental de uma pesquisa médica europeia. A mãe dele teve que mover céus e terra para conseguir. No início não há mudança alguma. As aulas começam, mas não volto para a escola. A febre dele abaixa.

— Beth? — é um sussurro tênue.

Corro até sua cama e seguro sua mão esquelética.

— Oi.

— Estou fazendo isso por você.

Beijo-o delicadamente e saio para que a mãe dele se aproxime. Fico no banheiro até conseguir me acalmar. Jogo água fria no rosto e vou sentar ao lado da cama.

Seguro sua mão a noite inteira.

Na manhã seguinte, minha mãe vem me pegar. A mãe do Derek ligou para ela. Durmo durante todo o trajeto para casa, caio na cama e durmo o resto do dia. Arrasto-me para a escola depois da aula para pegar os livros e conversar com os professores.

— Quando você voltará? — meu orientador quer saber.

— Depois que ele... — faço uma pausa e aperto os dentes. — Depois do transplante.

Vai acontecer. Tem que acontecer. A mãe do Derek fará acontecer.

Estou mantendo-o vivo, por mais doloroso que seja. Estou mantendo-o vivo.

Minha mãe não me deixa voltar para o hospital. A mãe dele nos passou um relatório completo por telefone. Eu desabo em minha cama, acordo com um resfriado, e eles não me deixam chegar perto dele.

Duas longas semanas.

E não me deixam chegar perto dele.

Nem estou tão doente depois dos primeiros dois dias. Vou à escola, ligo para a mãe dele no hospital cem vezes por dia. Ele parece estar melhorando. Sua mãe o deixa falar comigo no celular. Dizemos apenas "Oi" e ele começa a tossir.

Compenso os trabalhos que perdi e adianto outros.

Reparo que Scott está com outra garota. Ele é bom demais para ela. "Vulgar" seria um eufemismo para descrevê-la.

Ele me chama na saída da aula de inglês. Estamos fazendo essa matéria juntos neste semestre.

— Beth.

Paro e viro para o lado dele. Ergo uma sobrancelha — não dá para evitar.

— Soube que ele está no hospital.

Faço que sim.

— Sinto muito.

Abaixo a cabeça e vou embora.

Quando finalmente consigo voltar para o hospital, a mãe do Derek está totalmente esgotada e me deixa cuidando dele. Ele está com uma aparência muito melhor do que na última vez que o vi. Assim que ficamos sozinhos, ele me puxa para a cama.

Parece tão certo sentir seus lábios escorregando por meu rosto e descendo por meu pescoço, voltando para meus lábios, respondendo à minha boca aberta e faminta com sua língua macia e doce. Ele está fraco não aguenta fazer isso por muito tempo —, mas me faz pensar. Será que é muito difícil retirar um cateter?

— Você está me deixando louca — mordo seu lóbulo.

— Desculpe. Não pude evitar.

— Você está melhor mesmo?

— Acho que não me mataria.

Começo a ficar excitada, beijo-o longa e lentamente, pressionando o corpo com força contra o dele.

— O problema — diz ele depois de um tempo —, é que este medicamento que está salvando minha vida... faz minhas extremidades ficarem dormentes — passa as mãos em meu ombro. — Não consigo sentir isso.

Pego sua mão e dou um beijo na palma.

— Nem isso. Não faz sentido violá-la se não vou sentir nada.

— Mas eu vou — começo a me despir mas ele me detém.

— Guarde-se para o Scott, Beth — há uma resignação em sua voz que me assusta. — Devo isso a ele por me deixar ficar com você esse tempo todo.

— Do que está falando? — aconchego-me em seu peito. Ele não sabe nada sobre meu desentendimento com o Scott.

— Quando eu me for... — há raiva, dor e tristeza nessas três palavras que nenhum de nós dois pode admitir.

— Pare com isso. Você ficará bem.

— Beth, escute...

— Não. Vai dar tudo certo. Eles vão colocá-lo de volta na lista ativa.

Essa história do transplante me deixa nervosa. Eles põem fumantes na lista. Pessoas que estragaram seus pulmões de propósito, mas não colocam meu Derek. Dizem que é muito arriscado porque têm que dar muitos imunossupressores para ele depois da operação. Muitos pacientes têm infecções pós-operatórias. Uma pessoa resistente a todos os antibióticos morre. Mas qual é a alternativa? Eles podiam tentar. Por que os pulmões novos seriam resistentes? Não entendo.

— Ouça — desenho espirais em seu peito. — Tenho dois pulmões com cinco lóbulos rosados e saudáveis ser uma Amazona tem

suas vantagens. Só as pessoas muito altas podem ser doadoras vivas. — Você pode ficar com um deles.

Ele me ignora. Derek me viu lendo aqueles livros que sua mãe deixou. Já li cada um deles três vezes. Se eu doar um lóbulo para o Derek, só precisaríamos de um tio ou amigo gigante para doar o outro. Geralmente só fazem transplantes lobulares com doadores vivos em crianças e mulheres pequenas, que têm a caixa torácica pequena e podem receber pulmões menores, mas não seria melhor o Derek ter pulmões pequenos do que não ter nenhum?

— Farei o teste. Se você não quiser, doarei para outra pessoa.

— Ninguém vai cortá-la.

Isso me deixa emocionada. Não posso falar mais ou vou quebrar aquela promessa de não perder o controle na frente dele. Não quero que ele saiba que tem um nó na minha garganta grande demais para engolir. Seus braços me envolvem, e eu descanso em seu peito. Ele adormece abraçando e confortando a mim. Acho que ele sabe.

Não quero me mexer. Ele acordará. Não posso dormir. E se eu relaxar e ele for embora sem que eu perceba? Fico deitada ali, hora após hora, ouvindo-o lutar por cada respiração. Meg e outra enfermeira vão e voltam a noite toda, como se eu não existisse. Isso é estranho. Por que não me dizem nada? Aumentam o fluxo do oxigênio, colocam uma bolsa nova no suporte, conectam o tubo de alimentação na abertura do estômago e bombeiam mais morfina.

Todas essas coisas que o mantêm vivo costumavam me assustar.

Agora eu amo esse suporte intravenoso. Amo os tubos. Devia ficar nervosa com a ideia de abrirem seu peito e tirarem seus pulmões, mas meu coração só diz depressa, depressa, depressa. Ponham o nome dele na lista ativa de novo. Mandem-no para Toronto. Vamos fazer isso logo. Peguem um pedaço de mim se servir para alguma coisa.

Às quatro da manhã, ele para de respirar.

Aperto o botão de emergência e começo a sacudi-lo.

— Derek. Acorde. Por favor.

As enfermeiras entram correndo com uma equipe médica logo

Meg me tira do caminho.

Vou tombando até o banheiro, suando frio, e paro perto do vaso com ânsia de vômito.

Meg aparece atrás de mim e me dá um pano úmido.

— Quanto tempo ele ficou sem respirar antes de você nos chamar?

— Segundos. Ele está...

— Perguntando por você. Você salvou a vida dele.

— Desta vez.

Ela sai para ligar para os pais dele. Sua mãe deixou instruções rigorosas para que a avisassem de qualquer coisa.

Sento do lado da cama e seguro sua mão, enquanto os terapeutas trabalham para limpar seus pulmões, suavemente. Viram-no de lado e batem em suas costas com as mãos em forma de concha, como a mãe dele fazia todos os dias, quatro vezes, de manhã, depois do almoço, à tarde e à noite. Seja o que for que estava obstruindo sua garganta, já saiu, mas ele começa a tossir sangue e um catarro verde e grosso. Engasga com tudo isso, perde o fôlego, e consegue respirar novamente de alguma forma. Começam uma inalação de antibiótico e dão mais medicamento para afinar o muco.

As coisas ficam mais calmas quando ele termina o tratamento. Meg checa os monitores mais uma vez.

— Chame-me — ela ordena e deixa a porta aberta.

Olho para o Derek e seguro sua mão novamente. Está tremendo. Observo seu rosto acinzentado e seus olhos fechados. Percebo que as duas últimas semanas foram cheias de relatórios falsos. Ele fingiu muito bem hoje à tarde. Mais ou menos como fez comigo desde que nos conhecemos A que preço ele saiu do hospital todas aquelas noites para me ver? E hoje à tarde, que consequência tiveram aqueles poucos minutos de esforço? Será que eu o matei?

Seus dedos se mexem em minha mão e ele abre os olhos.

— Você me trouxe de volta.

Balanço a cabeça.

— Foram eles.

— Não. Foi você — seus olhos se fecham outra vez.

Debruço-me sobre ele.

— Derek. Derek. Volte.

— Eu estava esperando... Você. Da próxima vez... — abre os olhos e os fixa em mim.

Faço que não com a cabeça, não posso parar de negar o que ele está dizendo.

— Descanse. Você ficará bem.

Seus olhos se fecham.

— Você precisa me deixar partir.

Beijo sua testa e sussurro:

— Não posso — não estou preparada. Não estou nem um pouco preparada.

— O lugar aonde estou indo... já estive lá umas duas vezes. Há uma paz, um amor, uma alegria que não sei explicar. Deixe-me ficar. Da próxima vez... Estou pronto para ficar lá.

Leve-me para casa, Leve-me para casa, Leve-me para casa.

Ele quer ir, mas não posso deixá-lo.

— Então me leve com você.

Ele franze a testa.

— Não é permitido.

— Você contou para sua mãe?

— Você pode contar?

Inclino a cabeça sobre sua mão. A dor pulsa em meu peito. Não posso fazer isso. Não posso deixá-lo ir. Só sei continuar insistindo. Queria saber rezar alguma coisa, ter a força daquela menina escrava do meu solo, cantando no rio Jordão.

Ah, a glória daquele dia lindo

Em que cruzei o rio Jordão.

Ela sabia algo que eu não sei.

— Ensine-me — sussurro. — Por favor.

O peso em meu coração não diminui, mas uma sensação de calma e alívio flui da mão do Derek para a minha. Uma espécie de conforto toma conta de mim.

— Como está fazendo isso?

— Não estou.

— Talvez seja a redenção.

— Cante para mim, Beth.

— Meu solo?

Está na gaveta — ele fecha os olhos. Cante para eu dormir.

Abro a gaveta da mesinha de cabeceira. Vejo alguns papéis com uma música sem letra. "Canção da Beth".

— Não tenho letra.

Ele não responde.

Eu queria encontrar versos para a música que dissessem o quanto eu o amo, mas só consigo cantarolar a melodia, acrescentar "oohs" e "aahs". Seus pais chegam quando estou cantando. Faço menção de sair. A mãe do Derek não precisa que eu conte nada a ela. Ela sabe. Mas não me deixa ir. Faz com que eu continue ali com eles, cantando para o Derek.

Canto sua música várias vezes, desejando encontrar algum tipo de significado à altura desta melodia tão delicada, tão cheia de vida e amor. Tenho medo de parar de cantar. Medo de deixá-lo partir.

Uma luz fraca da aurora entra no quarto. Seus olhos se abrem, sua boca desenha um sorriso. Ele já parece um anjo.

Ninguém se mexe quando sua respiração para.

—Adeus, meu menino — sua mãe abaixa e beija sua testa.

Encosto meus lábios nos dele pela última vez.

Seu pai dá palmadinhas em sua cabeça, de um jeito constrangido e masculino.

— Você lutou bem, filho.

As máquinas silenciam. Meg vem correndo. A mãe do Derek tira seu cabelo da testa.

— Ele descansará.

Meg sai do quarto com lágrimas rolando pelo rosto.

Eu queria poder chorar assim. Não é justo. Ela é apenas a enfermeira dele. Dê para mim essas lágrimas para aliviar a desolação que estou sentindo. Sua mãe está chorando. Seu pai também, O que há de errado comigo? Por que sou tão fria? Para onde foi a música?

Olho para Derek. A mão que estou segurando não está mais quente. Ah, meu Deus, não é mais ele.

Solto sua mão e a coloco delicadamente embaixo dos lençóis.

Sinto um calafrio e tenho que apertar os dentes para impedi-los de tiritar. Estou com tanto frio, tanto, tanto, tanto frio.

Médicos e enfermeiras aparecem à nossa volta como dentes-de-leão na grama. Meg nos tira gentilmente do quarto.

Eu paro e olho para trás.

— O que vão fazer com ele?

— Nada.

Minha mãe está na sala de espera. Não sei como chegou aqui. Ela me abraça e chora. Dou tapinhas em suas costas e tento me lembrar do que sentia ao segurar a mão dele.

Capítulo 32

Pior

Está escuro, mesmo com meus olhos bem abertos,

Um foco de luz cai sobre meu rosto. Fecho os olhos na hora.

— Beth, querida, por que você não tenta ir à escola hoje? Eu a levo. Vai ajudá-la a se sentir melhor.

Uma pilha de livros na escrivaninha. Recados dos professores.

Todos esperam ansiosamente o meu retomo, assim que eu estiver melhor.

Sarah, Leah e Meadow aparecem perto do pé da cama. Como a mamãe ousa deixá-las entrar? Não restou música alguma dentro de mim.

— Sentimos sua falta, Beth. Venha cantar com a gente. Vai ajudá-la a se sentir melhor

Melhor? Eu não quero me sentir melhor. Até o ministro idiota daquele borrão confuso que foi o funeral do Derek tantos dias atrás disse que ele estava melhor agora. Não sofreria mais. Até o Derek disse isso. Deixar-me era melhor.

Estou pior. Enterrada no pior. Apegada à penumbra e às quatro paredes do meu quarto sombrio. Não paro de tocar sua música para ouvir sua voz. Abraço-o em meus sonhos, mas ele se dissolve, e eu fico no escuro, me transformando em pedra.

Nenhuma lágrima vem para lavar meu sofrimento e levá-lo de mim. Estou preenchida por um vazio frio e inerte que começou na noite em que ele morreu e cresce a cada dia.

Ouço um sussurro ao acordar no meio da noite e olhar pela janela, para a escuridão das nevascas de fevereiro. *Vá atrás dele, Beth. Você vai se sentir muito melhor*

Enterro essa voz. Ouço o mal que ela carrega. Derek ficaria tão zangado se eu fizesse isso. Tenho que viver. Quero viver. Mas como, sem ele? Se ele me visse agora... droga, e se estiver vendo? Vai me odiar.

Mamãe outra vez. Luz tênue.

— Não sei se ela vai querer falar com você.

Rolo para o lado e cubro os olhos por causa da claridade. Ela me entrega o telefone. Ele encontra meu ouvido. A mãe dele de novo? Não. Voz de homem. Quem é esse homem?

— ... Você participaria?

— É o Blake?

— Isso.

— Pode repetir?

— O Amabile vai fazer um concerto beneficente para os pacientes de FC em homenagem ao Derek. Você não é a única, Beth. Todos sentimos falta dele.

— Vocês querem que eu vá? — que eu deixe a segurança da minha escuridão? As sombras? Essa dor intensa que mantém a realidade acuada.

— Queremos que você cante.

— Pelo Derek?

— Você topa?

— Sim. Sim. Sim. Obrigada, Blake. Sim.

Com as mãos trêmulas, puxo a colcha pesada que está bloqueando a janela. O dia cinzento de inverno entra pelas frestas e fendas do meu esconderijo. A primeira coisa que vejo — meio soterrada embaixo das tarefas escolares que não fiz — é a rosa desbotada do Derek, seca, delicada, mas real. Tão real quanto meu amor. Tão real quanto minha perda.

Resgato a flor, seguro-a com cuidado e a trago até os lábios. O perfume fraco, doce, mas morto, encontra o caminho até meus sentidos. Olho em volta, para a bagunça, procurando um lugar seguro. Não existe neste caos. Piso em um rolo de fita. Uso-a para colar a rosa

no pedaço da parede que vejo quando me encolho de lado na cama. Experimento, fico deitada, olhando para a rosa do Derek.

Algo me faz levantar e cambalear no meio da bagunça novamente e vasculhar a bolsa que não toco desde que mamãe me trouxe do hospital, escureceu minha janela e me colocou na cama.

Encontro papéis brancos dobrados cuidadosamente. Aperto-os contra o coração e volto correndo para a cama. Surge um lápis na gaveta do meu criado-mudo. Pego o fichário do coro que está no chão. Sento de pernas cruzadas sobre os cobertores enrolados, ponho o fichário sobre os joelhos, desdobro a música e aliso-a com um carinho.

"Canção da Beth"

Escrevo "para Derek" sob as palavras impressas.

Meus olhos se fecham quando sua melodia envolve minha alma. As palavras vêm devagar no início e logo em uma torrente. Peso-as, escolhendo, descartando, procurando novamente, encaixando as peças do quebra-cabeças, vestindo minhas palavras nuas com a riqueza da música dele.

Meu quarto se enche de luz quando as nuvens cinza e pesadas lá de fora se deslocam o suficiente para que o sol possa atravessá-las.

Capítulo 33

Para Derek

O concerto com os meninos do Amabile cantando 'Cante para me levar ao céu.

As pessoas conversam sobre Derek. Alguém dá uma palestra sobre o apoio à lei do consentimento presumido e a importância de guardar na carteira o cartão de doador de órgãos. O CJA canta. E a câmara. O coro dos garotos jovens arrebata o coração de todos com a altura ascendente de suas vozes tão puras. Até os Amabiles mais jovens se apresentam. Eu escuto de longe, em pé com meu vestido rubi para não amarrotá-lo.

Meu nome é anunciado e meus pés me carregam ao palco. Eu ensaiei. Posso fazer isso por ele esta noite, O piano toca uma introdução tilintante. Entra um violino. Olho para o mar de pessoas que já o amavam quando meu solo o trouxe magicamente para minha vida.

Meus olhos se fecham e eu começo a cantar.

Não leve para longe o seu amor

Não leve para longe o seu toque.

Sem seu sorriso, nunca encontrarei

A estrela em que você brilha.

Respiro fundo, balanço a cabeça e abro os olhos para a imagem indistinta diante de mim.

Não me deixe vazia aqui.

Não me deixe sem esperança.

Não diga que é melhor assim, meu amor,

Se agora só tenho a sua lembrança.

Por favor, fique, pois não posso continuar sozinha.

Inspiro uma grande quantidade de ar antes de entrar no refrão. Não estou neste palco. Não há ninguém assistindo. Somos apenas Derek e eu.

Quem será o menino que vai curar meu coração?

Quem será o menino que vai alimentar a minha canção?

Onde encontrarei um amigo?

Quem será o menino que vai me salvar?

Quem será o menino que me fará cantar?

Você me fez viver me fez ser quem sou.

Se for embora, leve-me com você,

Pegue a minha mão.

Minha voz vacila. Respiro fundo e sinto um toque na palma da mão. Sua mão, sua força, sua paz fluem para dentro de mim outra vez, como na noite em que ele morreu.

Você falou em paz e descanso,

De uma alegria que invadiu o seu peito,

E então fechou seus olhos preciosos.

Deus o libertou.

Conforme canto, Derek me preenche e promete que nunca me deixará.

Então vou continuar,

Para sempre cantar á sua canção.

Se tenho que viver sem você agora,

Vou amar o melhor que puder,

Mas sussurre quando estiver perto de mim, e estarei em casa.

Vou para a repetição do refrão e enxergo a plateia com nitidez. Estão comigo, lágrimas riscam seus rostos, e eu percebo que também estão à procura. De beleza. De amor. De vida. Encontrei tudo isso quando Derek segurou minha mão, sorriu e disse: *"Você canta para eu dormir".* Eu sei o que é beleza agora, por causa dele. Sei o que é o amor graças a ele. Sei que posso ser forte. Por favor, Deus, ajude-me a ser forte.

A escala muda na ponte, e de alguma forma minha voz se eleva, tomada por uma força que não é minha.

Juntos, meu amor, encontraremos alguém que...

Possa nos ajudar a continuar respirando sem você...

A nota se estende. Agarro-me a ela o máximo que consigo. O mar de estranhos fica embaçado e um rosto emerge.

Scott está aqui, com o rosto cheio de dor, testemunhando o quanto eu amava Derek. Meus olhos encontram os dele e meu refrão muda.

Você pode ser o menino que vai curar meu coração?

Pode ser o menino que vai alimentar a minha canção?

Por favor, você pode ser meu amigo?

Pode ser o menino que vai me salvar?

Pode ser o menino que me fará cantar?

Pode me ajudar a viver como a pessoa que realmente sou?

Se for embora, leve-me com você,

Pegue a minha mão.

Se for embora, leve-me com você,

Pegue a minha mão.

Termino a canção. Os aplausos são reverentes. Todos ainda estão chorando. Passo em meio à multidão para chegar até o Scott. As pessoas que me param e me abraçam eram o mundo real do Derek. As pessoas que ele deixava entrar. Aquelas que o conheciam de verdade.

Sua ex-namorada do CJA. Meg e os médicos. Blake. Os diretores do Amabile. Todos os rapazes. Essa família imensa e maravilhosa na qual ele cresceu.

Eu sou uma fantasia. Um mito. Uma gravação digital, que pode ser apagada facilmente. Sou outra coisa. Outro lugar. Não pertenço a este mundo.

Mas estou aqui. Eu teria amado o Derek e cuidado dele para o resto da vida. Segurei sua mão enquanto ele partia para o outro lado. A dor que sinto tão real quanto aquela menina pequena e bonita de quem o roubei sem saber. Eu o amava. Ainda o amo. Estou obstruída pela dor desse amor. Não suporto olhar para trás.

Quando olho para frente, lá está o Scott, e ele segura meu braço, amparando-me como, se eu fosse desmaiar.

Apoio-me nele.

— Por que está aqui?

— Sua mãe.

Posso vê-la agora, em pé no fundo.

— Pode ir para casa comigo? Não sei se consigo dirigir.

Ele faz que sim.

— É claro — pega as chaves e me leva para fora dali.

Em todo o caminho, fico de ombros caídos e cabeça baixa no banco.

Scott não fala. Sinto-me grata pelo silêncio.

Chegamos à minha casa. Ainda estou sentada como um zumbi. Ele dá a volta no carro e abre minha porta. Uma brisa fresca e revigorante me arrepia. Scott pega minha mão e me ajuda a levantar.

Já estivemos aqui antes. Seus braços me envolvem e aquecem.

É como estar em casa.

Descanso a cabeça em seu ombro.

As lágrimas vêm. Lentas e quentes. Cada uma que a agonia pode produzir.

Scott acaricia minhas costas e diz:

— Sinto muito, Bethie. Sinto muito, muito mesmo.

Não faz sentido algum. Por que ele sente muito? Tudo que fez foi me amar. Mas faz sentido em meu coração. Sua mão e sua voz reconfortantes... seu ombro emudece meus soluços, abre meu coração e o arranca dele todas as lágrimas contidas.

Não posso controlar a cascata que sua ternura faz brotar em mim.

Mamãe chega.

— Beth, não...

Scott a interrompe. Ele sabe que preciso disso. Sabe que precisarei de seu ombro muitas vezes. Depois de tudo que fiz, ele ainda está disposto a oferecê-lo a mim.

Mamãe nos deixa.

Levanto o rosto. A frente da jaqueta do Scott está ensopada.

— Fiz isso com ele também. Em Lausana. E ele me abraçou... exatamente assim.

— Não me importo em ser o segundo, Bethie. Contanto que seja o último.

— Você não é o segundo, Scottie — eu o beijo. O toque de seus lábios me faz chorar ainda mais.

Ele me beija também, carinhoso, suave, como se eu fosse tão frágil quanto às rosa morta do Derek colada na parede ao lado da minha cama.

Contorno seus lábios com as pontas dos dedos, maravilhada por ele estar aqui, uma pessoa inteira e sólida, com os braços em volta de mim. Este menino com quem cresci, que me conhecia antes de tudo isso. Que me amava como eu era... E como sou. Ele devia me odiar, mas eu sei, pela dor em seus olhos, que ele ainda me ama, e sempre vai me amar.

E agora eu posso amá-lo.

Aprendi com Derek.

Agarro-me ao Scott. Ele me puxa para perto, me abraça com força, seu perfume familiar me cerca e me acalma. Estou em casa.

— Não me deixe — aperto os lábios aos dele para selar meu apelo. — Por favor, Scottie, não me deixe nunca.

Nota da Autora

Cante para eu dormir proporcionou-me a oportunidade de lembrar Matt Quaife e compartilhar seu espírito. Derek não é Matt. Tentar recriar o Matt na ficção teria sido presunçoso e impossível. A vida e a morte de Matt são sagradas e privadas. Mas o Matt inspirou esta história, e é em homenagem à memória dele que a compartilho com você.

Matt cresceu cantando em Londres, Ontário, lar da mundialmente renomada família de coros Amabile (www.amabile.com). Lembro-me dele arrotando o alfabeto em um festival, quando era membro do Coro para Concerto de Meninos (Boys ConcertChoir). Mais tarde, assumiu um posto fixo no famoso Coro de Jovens (Young MenChoir) do Amabile.

Matt não falava muito sobre sua fibrose cística. Ele era muito cheio de vida para isso. Não reclamava da terapia, dos remédios e das idas constantes ao hospital. Faleceu em 25 de novembro de 2007. Tinha apenas dezoito anos.

Trinta mil pessoas em todo o mundo vivem com fibrose cística. Para saber mais sobre sua luta e sobre as notáveis pesquisas que

caminham para a descoberta de uma cura, visite as páginas www.cff.org e www.cysticfibrosis.ca.

Em Memória de Matt

Apêndice de Fotos

Matt, à esquerda com seu smoking do Amabile.

Coro dos Amabile reunidos

Meninos do Amabile. Matt está na frente no canto esquerdo.